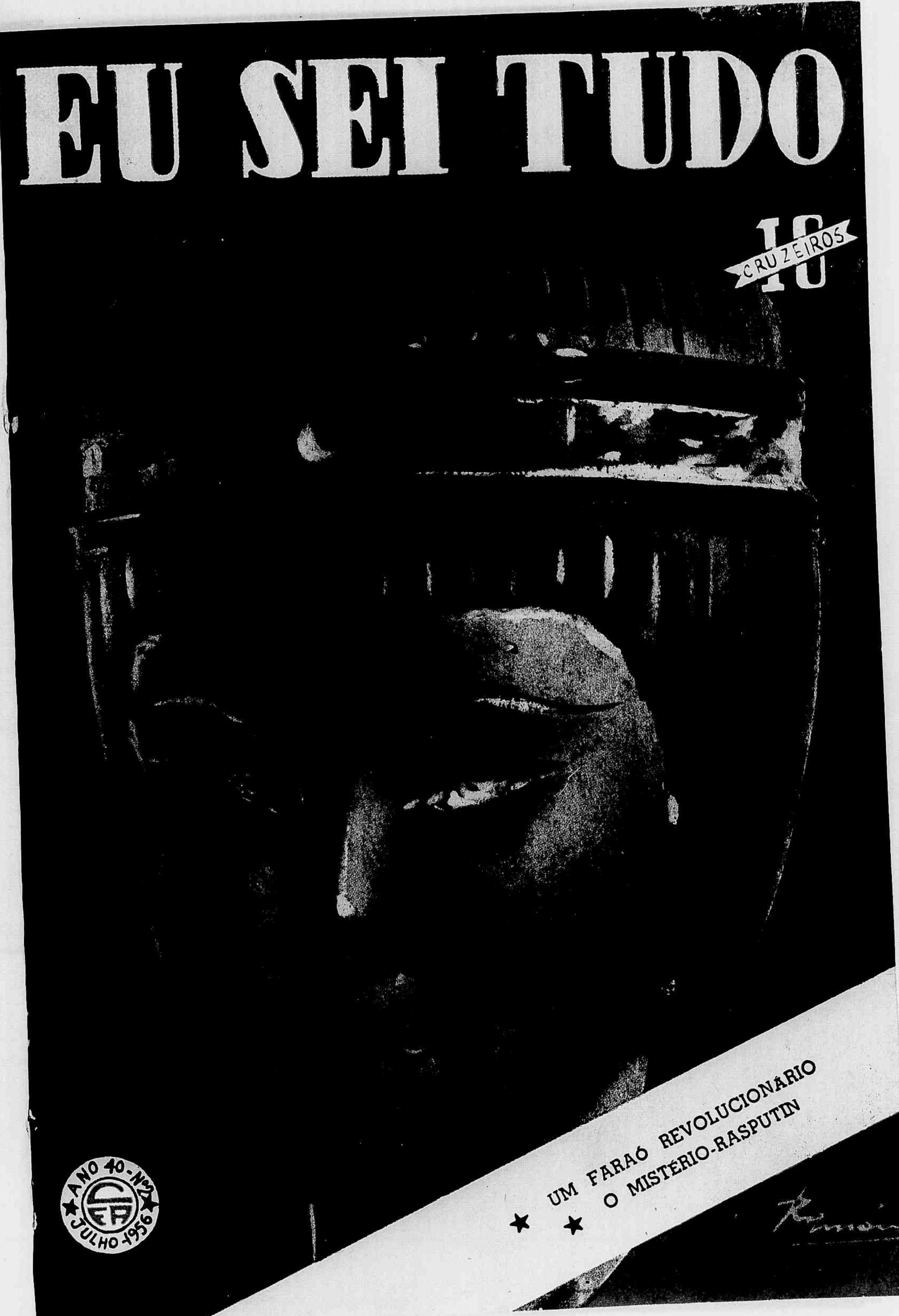
1956

JULHO - N.470

EU SEI TUDO



★ UM FARAÓ REVOLUCIONÁRIO
★ O MISTÉRIO-RASPUTIN

★ ANO 40 - Nº 27 ★
JULHO - 1956

Viaje nos trens

"VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"



CARROS DE AÇO INOXIDAVEL

COM AMORTECEDORES

HIDRÁULICOS

MODERNÍSSIMAS CABINES E

CARROS RESTAURANTES

COM AR CONDICIONADO

PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS

VERA CRUZ

IDA E VOLTA .. CR$ 614,00
IDA ..... CR$ 341,00

BELO HORIZONTE
SAIDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA .. CR$ 539,00
IDA ..... CR$ 299,00

SÃO PAULO
SAIDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20



Música para a Juventude

• José Siqueira •



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA... E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO"!





insinuante

a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a **INSINUANTE** *vende o melhor calçado do Brasil*

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

EU SEI TUDO

...o — Nº 2 — Julho — 1956



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 191...

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00; para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

O PRESENTE esquecido

Conto de RICHARD POWELL



JERRY Carter não era dêsse tipo de rapaz que considera a mulher digna de piedade e, portanto, susceptível de reforma. Em geral, admirava as garôtas segundo elas eram realmente. Como diretor-de-publicidade de "Gordon & Filho" — a "Loja do Milhão de Artigos" — teve oportunidade de manter contacto com muitas moças. Tratava-as com delicadeza quando chegavam tarde ao trabalho. E gostava de vê-las conversando alegremente umas com as outras.

Entretanto, desde muito se acostumara com a idéia de que só pensavam numa coisa: **quando apareceria outro namorado?** Suas preferências recaíam, como era natural, sôbre as moças inteiramente normais. E imaginava que, se chegasse a apaixonar-se por qualquer uma delas, saberia perfeitamente o que fazer. No entanto, **não soube o que fazer com Fran Meadows!** Fran era apenas **uma garôta**, e muito simples. Tinha uma personalidade firme, porém acessível, e todos diziam que ela era um verdadeiro encanto. Além disso, Fran tinha muito juízo, ocupando, por isso mesmo, um dos melhores postos na loja. Segundo parecia, e para contestar a teoria de Jerry, Fran só pensava numa coisa: encontrar respostas certas para os problemas de publicidade da loja.

ASSIM que entrou na loja naquela manhã, bateu de leve no ombro de Fran, e disse, num tom acusador:

— Você voltou antes de terminadas as suas férias? Que idéia foi esta?

— Não pude evitar! — disse Fran, dirigindo-lhe um de seus maravilhosos sorrisos. — É que fui assaltada pela terrível suspeita de que a loja estava indo maravilhosamente bem... sem a minha presença! Além do mais, eu sabia que qualquer justificativa seria delicadamente recebida por você.

— Não espere a minha aprovação! — retrucou êle. — Acho ridículo você perder voluntàriamente, três dias de suas férias.

— Quatro, Jerry. Voltei ontem. O que é pior ainda, não acha?

— Oh! Ontem não vim trabalhar. Provàvelmente você não notou a minha ausência.

— Claro que notei. Se foi você a primeira pessoa que tentei encontrar!

Tal observação seria encorajadora se houvesse partido de qualquer outra moça. Mas logo de Fran, que dificilmente poderia ser enquadrada na sua teoria geral sôbre a mentalidade das garôtas!

— E quando você me procurou... em que pensava? Em negócios? — perguntou Jerry, com ar de suspeita.

Ela o fitou prolongadamente, batendo mansamente as pálpebras ornadas com negros e longos cílios.

— Talvez eu o tenha procurado porque você seja agradável à vista.

— Não posso acreditar nisto. Você está ocultando as verdadeiras razões. Na realidade o que desejava era conversar sôbre negócios.

— Não. Não era sòmente sôbre isto que eu gostaria de falar — disse Fran, respirando fundo. — Contudo, sou forçada a admitir que tinha realmente algumas idéias a respeito de publicidade.

— Fran, por favor! Não deixe que essas brilhantes idéias sôbre negócios embotem o seu espírito. É triste ver uma pequena, na sua idade, trabalhando numa loja, sem...

— Oh, Jerry! Mas sou apenas a assistente do diretor!

— Está enganada. Êle é que é o seu assistente. Que fêz você nas férias além de pensar como ia o meu departamento se arrastando?

— Colecionei gravuras, nadei na piscina, e quase lhe remetia um cartão-postal, dizendo que desejaria muito que você estivesse lá e...

— Aposto que você não fêz outra coisa senão visitar as outras lojas.

Ela dirigiu-lhe um olhar em que denunciava a própria culpa e depois falou:

— Eu... De fato, fui à piscina uma só vez; mas fui...

Jerry ergueu os ombros como se a julgasse "um caso perdido". Com uma garôta como Fran êle não podia ter qualquer chance.

— Provàvelmente, você já fêz, hoje, o trabalho de dez homens...! — insinuou, zangando. Depois prosseguiu, noutro tom: — Mas vejo que já são nove e cinco, e eu já devia estar no escritório.

Fran disse que o acompanharia. Enquanto os dois caminhavam para o escritório, ela expôs algumas idéias sôbre aumento de vendas e redução de preços. Se tais sugestões partissem de qualquer outra moça, Jerry pensaria logo que ela estava simplesmente tentando impressioná-lo. Mas Fran era diferente das outras. Além disso, suas idéias sempre estavam lamentàvelmente certas!

Os dois entraram no escritório e Jerry parou estupefato; a sala estava arrrumada de modo diferente.

— Foi você quem fêz isto? — perguntou êle.

— Sim, Jerry. Ontem, quando você se achava ausente. Que tal?

Era ridículo mostrar-se contrariado; mas a verdade é que um homem tem sempre o direito de arranjar o seu escritório da maneira que mais lhe agrade. Por isso, passado um instante, êle perguntou, com certa irritação:

— Afinal, que havia de errado neste escritório?

Fran falou, parecendo sinceramente convencida:

— Creio que você não podia trabalhar eficientemente com esta luz tão parca. E sua cadeira estava colocada numa posição muito incômoda. Além disso, sua máquina



de escrever era pesada que nem uma tipografia.

Desta vez, Fran havia avançado de mais. Jerry se instalou pésadamente na cadeira, esperando que a mesma quebrasse. Mas nada! Girou-a de todos os modos possíveis, tentando encontrar uma posição inconfortável. E nada. Curvou-se sôbre a máquina, colocou uma fôlha de papel e escreveu:

— "Comunicação à senhorita Meadows: eu gostava muito da minha velha máquina, na qual estava acostumado a escrever; e como tenho certeza de que não gostarei de trabalhar com esta, nova, peço-lhe mandar retirá-la daqui antes de que eu..."

Jerry parou, repentinamente, de escrever. Nunca havia experimentado outra máquina tão suave. A nova máquina estava perfeitamente ajustada à sua maneira de trabalhar. Em seguida, retirou o papel da máquina e murmurou:

— Muito obrigado, Fran. Você tinha razão.

— Se você não gostou da reforma que mandei fazer, desculpe-me.

— Não diga isso, Fran. Agora vamos tratar de negócios.

— Sim. Mas, antes, quero falar de um anúncio, cuja cópia datilografada encontrei ontem sôbre a sua mesa. Eu não quis comentar com outra qualquer pessoa, antes

de falar com você. É êste o anúncio a que me refiro. Foi você quem o redigiu?

E entregou a Jerry uma fôlha datilografada. Tratava-se de uma propoganda que a "Gordon & Filho", ordinàriamente, não pensaria em pùblicar. O texto não mencionava mercadoria, nem preço. Consistia simplesmente nas reflexões de um homem que, passando através das galerias da "Gordon & Filho", procurasse um presente para a sua espôsa. Jerry leu o texto do anúncio:

"Há muito tempo que não dou um presente a minha espôsa. Por isso, Funny, do mesmo modo que uma criança, perdeu o costume de recebê-los. Logo que nos casamos, comemorávamos pròdigamente tôdas as **datas**, e os presentes se sucediam. Funny pensava que eu era o homem mais atraente dêste mundo. Adorava as minhas brincadeiras, e sempre pedia que eu cantasse alguma bonita canção.

"Mas, de certo tempo para cá, começou a ficar indiferente às minhas brincadeiras e tudo o que eu cantava parecia irritar-lhe os ouvidos. É que sentia falta dos presentes — os verdadeiros complementos da felicidade dos casais!

"Certamente que nunca deixei de considerá-la uma companheira maravilhosa. Porém, não me lembrei do seu aniversário, e nem sequer do nosso aniversário de casamento, ao qual ela deve dar muito valor. E se eu comprar jualquer coisa para ela, hoje, quem sabe se não vai mudar o rumo dos acontecimentos? Não posso gastar muito dinheiro, e estou certo de que ela jamais esperou receber um casaco de peles. Mas se eu comprar um, agora mesmo fazendo algum sacrifício, não irá isto modificar por completo o seu estado de espírito? O importante é fazê-la ter a certeza de que ainda é uma mulher encantadora...

"Senhorita, acho que levarei êste casaco. Queira fazer um embrulho-para-presente, por favor..."

— Sim; êste texto foi escrito por mim — disse Jerry. — Por quê?

— Você vai pedir a minha opinião a respeito dêle? — perguntou Fran.

Jerry não pôde esconder certa irritação.

— Não. Não vou pedir nada. E penso que está muito bom, assim.

— Mas, Jérry, suponho que o nosso departamento tem um programa de publicidade... já estabelecido. Isto me faz pensar que você não gosta mais de trabalhar comigo, pois opinar faz parte das minhas funções. E, depois de tudo, nós, aqui, nunca fizemos esta espécie de propaganda comercial.

— Será apenas texto. Não deve haver ilustração. E um amplo espaço branco ao redor das palavras. Desta vez, não quero saber do tipo gótico, tão usado.

Estas palavras pareceram insignificantes aos ouvidos de Fran.

— Mas, Jerry; êste anúncio não vai aumentar a venda em nenhuma loja daqui ou da China!

— Você... Com sua mania de romance! — disse êle.

— Romance! — exclamou Fran, zangada. — Tudo o que você sabe a respeito de romance é que se trata de uma palavra que existe em qualquer dicionário!

Jerry nunca havia visto Fran tão zangada. Mas a atitude da sua auxiliar era compreensível, uma vez que êle sempre havia bem recebido suas idéias sôbre negócio.

— Você não tem senso crítico — disse êle, tentando emendar-se. — Não compreendo a razão por que você anda morrendo de amôres por esta loja!

Estas palavras atingiram-na profundamente.

— Então, diga-me uma coisa; se êste anúncio é tão bom como diz, será que você já comprou o presente que esqueceu de dar a alguma pequena?

— Não tenho nenhuma pequena a quem dar presentes. Continuo pensando que êste é um excelente anúncio, e não permitirei que você o altere.

Fran apanhou, arrebatadamente, o anúncio de cima da mesa de Jerry.

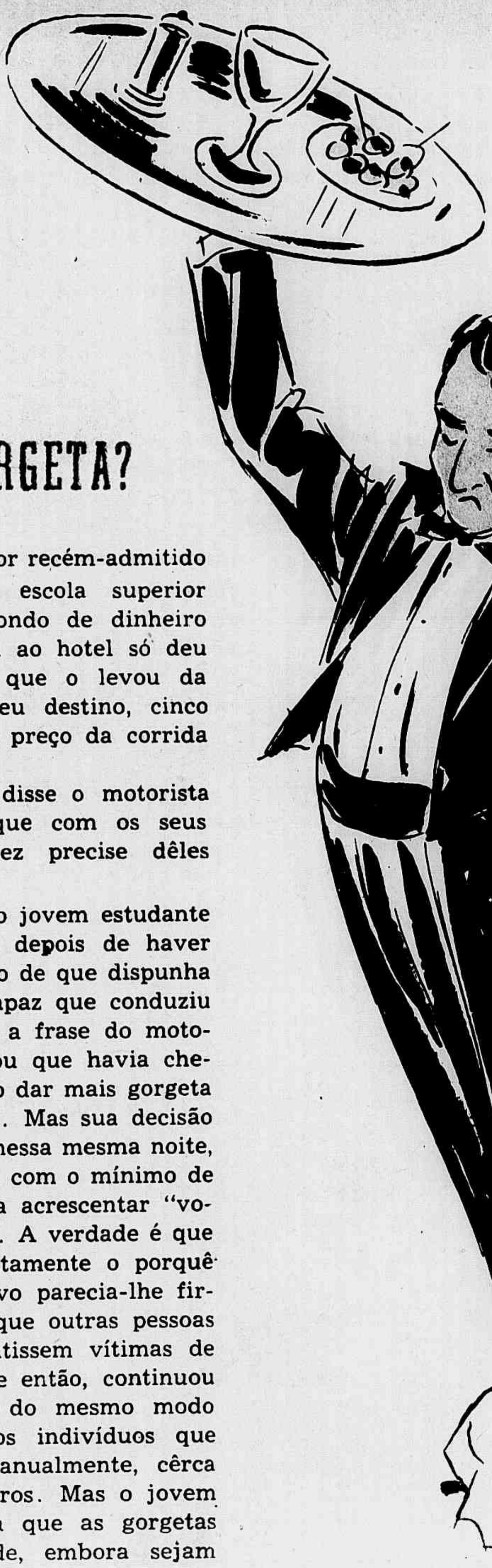
— Tudo o que se refere à propaganda comercial faz parte das minhas funções neste departamento! — disse

(Cont. no fim da revista)



O DILEMA ETERNO...

UM NEGÓCIO DE BILHÕES ANUAIS QUE SOBREVIVE, APESAR DA ANTIPATIA UNIVERSAL



DAR OU... NÃO DAR GORGETA?

UM estudante do interior recém-admitido como aluno numa escola superior desta capital não dispondo de dinheiro trocado, quando chegou ao hotel só deu ao motorista do táxi que o levou da estrada de ferro ao seu destino, cinco cruzeiros de gorgeta; o preço da corrida era 60 cruzeiros.

— Ouça, amigo! — disse o motorista com sarcasmo. — Fique com os seus cinco cruzeiros! Talvez precise dêles para pagar um café.

Quando, finalmente, o jovem estudante chegou ao seu quarto, depois de haver repartido todo o trocado de que dispunha entre o porteiro e o rapaz que conduziu suas maletas, recordou a frase do motorista. Indignado, pensou que havia chegado o momento de não dar mais gorgeta a quem quer que fôsse. Mas sua decisão não durou muito, poïs nessa mesma noite, à hora do jantar, topou com o mínimo de 10 por cento que devia acrescentar "voluntàriamente" à conta. A verdade é que não ficou sabendo exatamente o porquê dessa gorgeta. O motivo parecia-lhe firmado no fato de ver que outras pessoas davam, embora se sentissem vítimas de uma chantagem. Desde então, continuou distribuindo gorgetas, do mesmo modo que milhões de outros indivíduos que com isto dispendem, anualmente, cêrca de 3 bilhões de cruzeiros. Mas o jovem estudante ainda pensa que as gorgetas constituem uma fraude, embora sejam



legalmente permitidas. Agora perguntamos: será que as gorgetas constituem, na realidade, uma fraude? Há respostas contra e a favor. Porém, uma coisa é certa: quer representem um costume, um mal, ou um vício, será muito difícil suprimi-las. Em alguns Estados americanos onde foram sancionadas leis que proibiam **dar** e **receber** gorgetas, verificou-se que não eram cumpridas, motivo por que... foram derrogadas.

Entre os que estão inteiramente a favor da gorgeta encontra-se o porteiro de um hotel de New York. A direção do estabelecimento não escondeu sua surprêsa quando, já completados os 65 anos de idade e com direito a uma aposentadoria, êle retornou, depois de um breve descanso, e solicitou reincorporação no antigo pôsto.

— Meu filho concluiu seus estudos na Universidade de Harvard — explicou êle — e minhas filhas estão matriculadas num colégio superior para moças. Minha espôsa já morreu e não gosto de ficar em casa sòzinho.

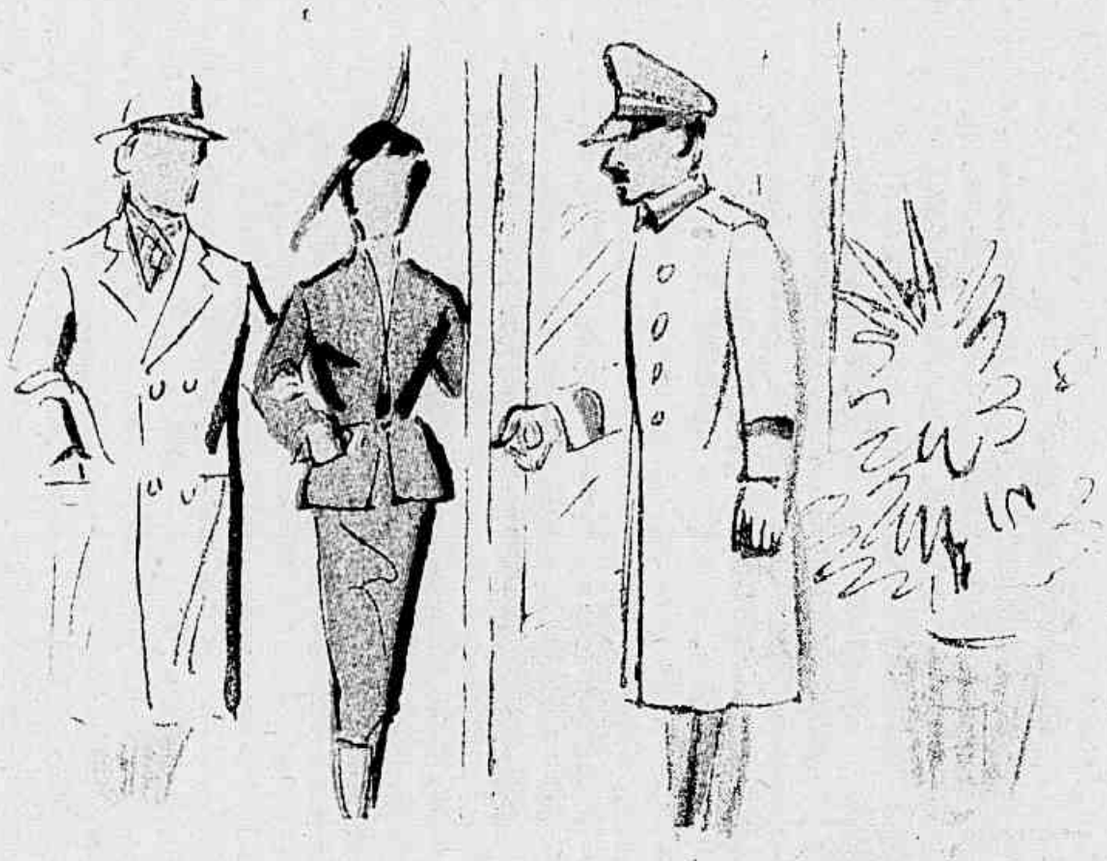
Com as gorgetas recebidas, conseguira educar os filhos nos mais caros estabelecimentos de ensino dos Estados Unidos!

Como se verifica, a gorgeta é negócio altamente rendoso em qualquer parte do mundo.

Harry Wright, porém, um negociante de Filadélfia, está entre os que consideram a gorgeta **um verdadeiro abuso**. Durante um ano pagou mais de 37 dólares (cêrca de 3 contos de reis) em gorgetas sòmente aos encarregados dos guarda-roupas nos restaurante que freqüentava; todo êsse dinheiro, por um chapéu que lhe custara apenas a quinta parte!

E qual a opinião dos que... recebem gorgetas?

Imogene Wright, empregada de um hotel de Washington, escreveu um livro intitulado "Manual dos Garções". Um mês depois de publicado o livro, a "Comissão de Fazenda" do Senado norte-americano, que estava encarregada de determinar o impôsto de **seguro social**, correspondente ao pessoal de botéis e similares, pediu informações à sra. Wright, tendo em vista as assombrosas estatísticas apresentadas em seu livro.



Essas informações demonstraram que as gorgetas representam um fabuloso negócio. Segundo os cálculos de Imogene Wright, 7.500.000 dólares são dados de gorgeta, **diàriamente**, em todos os restaurantes dos Estados Unidos! Existem, aproximadamente, 3.000.000 de garções em mais de 500.000 restaurantes. E êsses mesmos restaurantes servem mais de 25 por cento da comida consumida no país. Para cada refeição o comensal dá gorgeta. Daí se conclue, fàcilmente, o que percebem os garções.

Imogene Wright, que entrevistou muitos companheiros de trabalho, nas principais cidades dos Estados Unidos, afirmou o seguinte:

— A maioria dos garções preferiria a abolição da gorgeta e o estabelecimento de um diária mínima. Também desejaria uma aposentadoria tão segura quanto a dos empregados que percebem salário fixo.

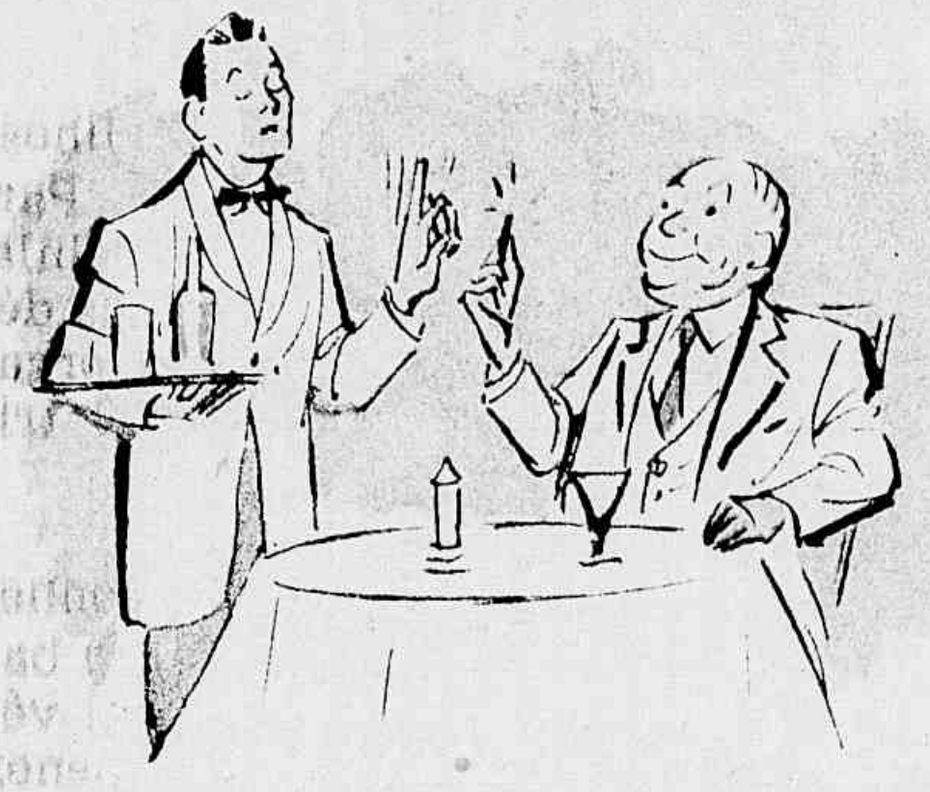
— Não há dúvida de que o ar agressivo demonstrado por alguns empregados ansiosos por receber gorgetas deriva de sua sensação de insegurança — concluiu.

Há alguns anos, num estudo publicado pela revista "Fortune" foi reafirmado o que disse Imogene Wright.

O inquérito feito pela citada publicação demonstrou que sòmente 23 por cento dos garções que servem nos trens, estações ferroviárias e hotéis, eram a favor das gorgetas. Enquanto 77 por cento desejavam uma diária equitativa.

Os que alegam que o fato de dar gorgeta molesta o freguês e humilha o garção, o qual, para piorar a situação, não recebe o que espera, apóiam o sistema adotado por hotéis e restaurantes de muitos países europeus, onde se estabeleceu uma quantia fixa adicional às contas, em lugar da gorgeta-

Mas as gorgetas apresentam ainda outro aspecto. Com ela, conforme a quantidade dada, o freguês aprova ou desaprova o serviço recebido. Uma gorgeta pequena ou a falta dela pode ser mais eficaz que a apresentação de uma queixa ao gerente. Por outro lado, uma boa gorgeta serve de estímulo para serviços futuros.



Porém, uma gorgeta dada adiantadamente pode acarretar efeitos contraproducentes. A história, muito conhecida, de um viajante, que, ao tomar o trem, disse ao encarregado do carro-dormitório:

— Tenho o costume de ficar dormindo e passar da estação em que devo descer. Por outro lado, sempre me aborreço quando alguém tenta me acordar. Não se incomode com o que eu disser quando me chamar. Desperte-me antes de Fort Wayne, Indiana". E deu uma gorgeta de 5 dólares ao encarregado de atender aos viajantes com leito. Na manhã seguinte, o passageiro, indignado, pôs as mãos na cabeça quando o trem entrou na estação de Chicago sem que lhe houvessem despertado. Depois de tudo passado, o inspetor do trem comentou com o encarregado do dormitório: "Afinal, êle tinha todo o direito de estar enfurecido."

O encarregado respondeu:

— Isso não é nada! Muito pior ficou o tipo que fiz descer em Fort Wayne!"

A maioria dos guarda-roupas dos estabelecimentos públicos (restaurantes, bares, teatros, dancings, etc.) funcionam na base da entrega de grande parte do dinheiro recebido ao proprietário dos mesmos. Em outras palavras, a jovem que prodigalisa um amável sorriso quando o freguês lança uma moeda na bandeija colocada à vista de todos, recebe apenas uma fração do dinheiro depositado. O resto vai parar nas mãos do concessionário!

Finalmente, quantas espécies de propinas o leitor costuma dar?

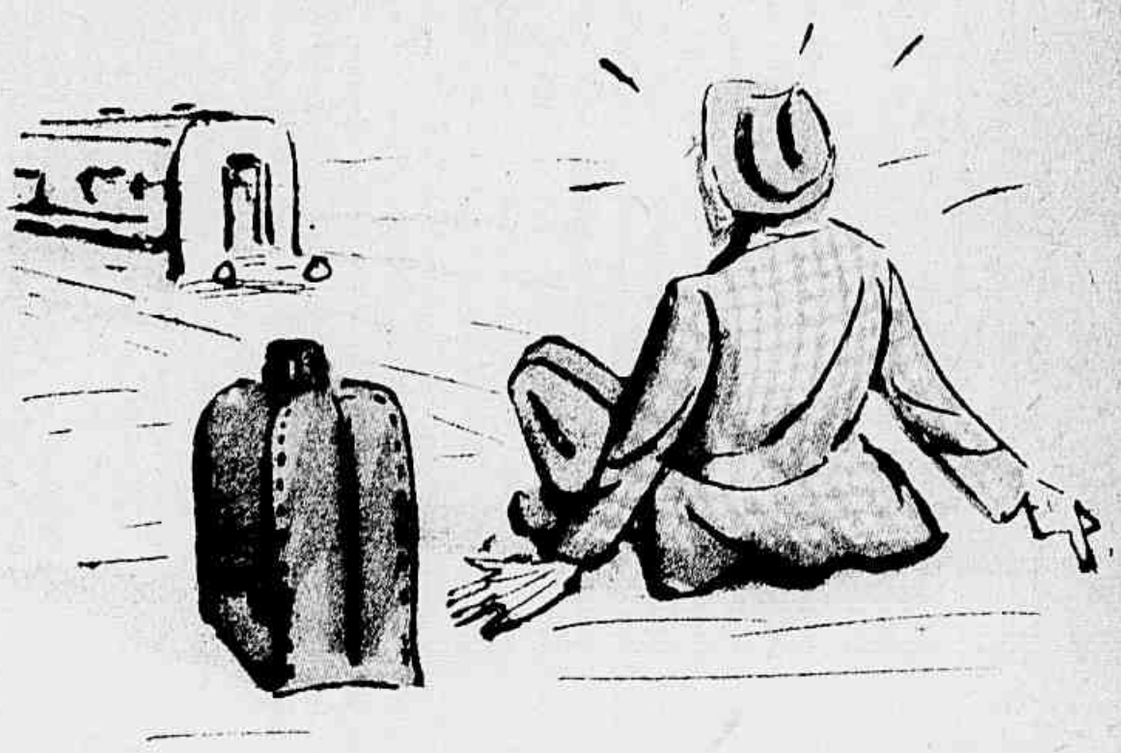
Existem quatro variedades características:

1 — A magnânima, para causar boa impressão.

2 — A excessiva, **por temor às represálias do que recebe**.

3 — A generosa, **dada pelos sentimentais**.

4 — A comercial, **calculada exatamente para que cada centavo proporcione um melhor serviço ao que dá gorgeta**.



NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE

COM 38.000.000 de mulheres americanas costurando, agora em suas casas, a quantidade de fazenda consumida em cada ano é suficiente para dar quinze voltas em tôrno da terra.

QUAL a duração de um piscar do ôlho humano? Cálculos recentes afirmam que um pestanejo tem uma duração de três décimos de segundo.

ATÉ mesmo os inventores estão preocupados com os problemas automobilísticos. Assim é que 1 de cada 5 patentes registradas no "Departamento de Patentes e Invenções", dos Estados Unidos, durante o ano de 1954 era concernente à indústria automobilística.

PESQUISAS recentes demonstraram que os norte-americanos, perdem anualmente, de seus bolsos, mais de 48 milhões de dólares! E dêsse total, cêrca de 6 milhões são perdidos no interior dos táxis.

O mais antigo ser vivo existente na terra é, sem dúvida alguma, um cipreste que há na cidade de Rio Del Tule, no México. Calcula-se que aquela árvore conta 6 mil anos de idade!

É realmente maravilhoso o corpo humano. Partindo de uma única célula, êle se transforma, duas décadas depois, num organismo de mais de 20 trilhões de células!

O maior mamífero conhecido pelo homem (a baleia azul) pesa 136 mil vêzes mais do que o menor animal dessa espécie (o mussaranho pigmeu). Note-se, entretanto, que nem tôdas as baleias são grandes; existem certos tipos que atingem apenas 1 metro e 35 centímetros de comprimento.

OS homens se tornam cada vez mais esportivos. Prova isto o fato de que para cada 6 camisas comuns são fabricadas 9, do tipo esporte.

AONDE FOI QUE GUARDEI!



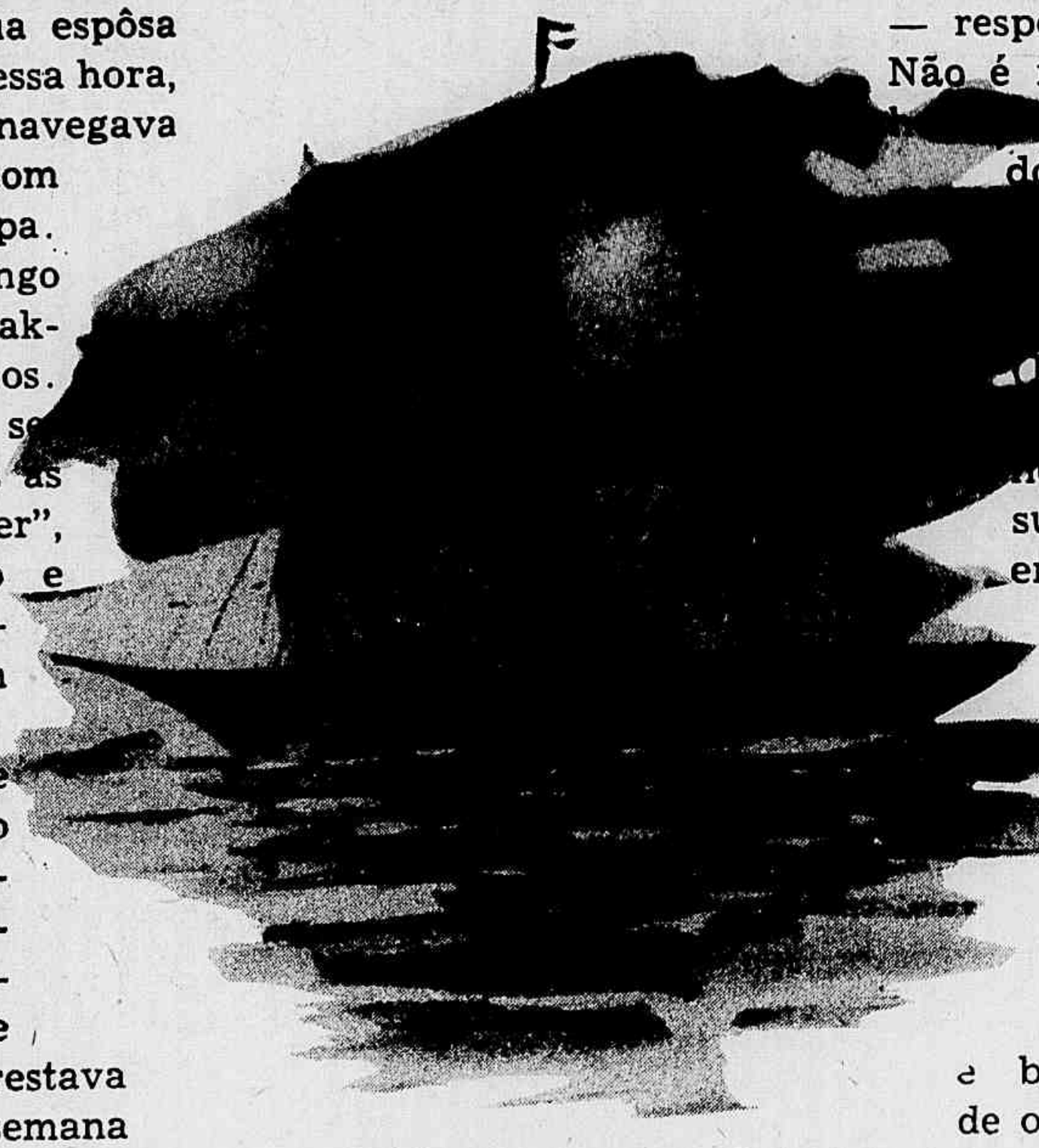






UMA INCURSÃO ENTRE OS PIRATAS DE OSTRAS

Por JACK LONDON



CHARLEY Le Grant e eu estávamos de acôrdo em que, de todos os patrões de pesca, sob cujas ordens havíamos servido em diferentes oportunidades, Neil Partington era o melhor. Não era desonesto nem covarde; e, embora exigisse estrita disciplina e obediência, enquanto estávamos trabalhando, nossas relações eram de grande camaradagem fora das horas de trabalho e nos permitia liberdades às quais não estávamos acostumados, segundo esta história o demonstrará.

A família de Neil vivia em Oakland, que está situada na Baía Baixa, a nunca menos de seis milhas de San Francisco, do outro lado da água. Um dia, enquanto explorávamos entre os pescadores de mariscos de Point Pedro, recebeu a notícia de que sua espôsa estava enfêrma; nessa hora, o "Reindeer" navegava para Oakland, com forte vento de popa. Navegamos ao longo do estuário de Oakland e ancoramos. Nos dias que se seguiram ajustamos as cordas do "Reindeer", varremos o lixo e reparamos a chalupa até ficar em perfeito estado.

Concluído êste trabalho, o tempo nos parecia interminável. A espôsa de Neil estava gravemente enfêrma, e só restava esperar uma semana até que chegasse a crise. Charley e eu vagávamos pelos diques, pensando no que faríamos, e assim chegamos até a frota de pesca de ostras, ancorada no cais da cidade de Oakland. Em sua maioria eram barcos elegantes, construídos para desenvolver grandes velocidades e suportar tempestades. Ali nos sentamos num dormente do cais, a fim de observar e estudar aquêles homens.

— Creio que fizeram uma boa pesca — disse Charley, assinalando os montões de ostras classificadas em três tamanhos, que havia sôbre a coberta das embarcações.

Os compradores estacionavam seus caminhões ao longo do cais, e entre o regateio que se sucedia conseguiu inteirar-me do preço das ostras.

— Êste barco deve conter ostras no valor de duzentos dólares — calculei, ao fim de pouco tempo. — Gostaria de saber quanto tempo levaram para conseguir êsse carregamento.

— Três ou quatro dias — respondeu Charley. — Não é má paga para dois [illegible] Vinte e cinco dólares diários, por [illegible]eça.

[illegible]barco de que fa[illegible]amos, o "Ghost" (Fantasma), estava [illegible]xo de nós. Dois [illegible]omens compunham sua tripulação. Um era um tipo rechonchudo, de ombros largos, braços extraordinàriamente longos, semelhantes aos de um gorila, enquanto que o outro era alto e bem proporcionádo, de olhos azuis e cabelos negros bastante crespos. Tão surpreendente era essa combinação de cabelos e olhos que Charley e eu permanecemos ali mais tempo do que pensávamos. E foi bom que o fizéssemos. Um homem gordo, en-

trado em anos, com a roupa e o automóvel de um próspero comerciante, chegou e parou junto de nós, observando o tombadilho do "Ghost". Parecia aborrecido, e mais aumentava o seu ar de desaprovação quanto mais olhava a embarcação.

— Essas são as minhas ostras — disse, finalmente. — Sei que são minhas ostras. Ontem assaltaram a minha água de criação e roubaram tôdas elas.

— Olá, Taft! — disse o homem baixote com insolente familiaridade. (Entre os estivadores ganhara o apelido de Chimpanzé, por motivo dos seus longos braços). Olá, Taft! — repetiu com o mesmo tom de insolência. — E agora? Por que está resmungando aí?

— Essas são minhas ostras! Foi isso o que disse. Vocês as roubaram da minha água de criação!

— Você se julga muito esperto, eh? — replicou o Chimpanzé. — Pelo que vejo é capaz de reconhecer suas ostras em qualquer parte onde se encontrem?

— Segundo minha experiência — interrompeu o homem alto — as ostras são sempre ostras... estejam lá onde estejam! E são parecidas umas com as outras, em tôda a baía, e também em todo o mundo. Não queremos discutir com ninguém, sr. Taft! Mas não queremos que ande dizendo que essas ostras são suas e que nós somos ladrões! Isto não!

— Sei que são as minhas ostras. Apostaria minha vida! — teimou o sr. Taft.

— Prove o que está dizendo! — desafiou



o homem alto, que segundo nos inteiramos, era conhecido pelo apelido de Tainha, devido a seus excepcionais dotes de nadador.

O sr. Taft ergueu os ombros num gesto de impotência. Naturalmente não podia provar que as ostras eram dêle, mesmo que estivesse com a razão.

— Daria mil dólares pelo prazer de ver vocês todos por trás das grades ! — gritou, colérico. — Daria mesmo cinqüenta dólares por cabeça !

Um estrondo de riso se levantou dos demais barcos, porque o resto dos piratas havia escutado a discussão.

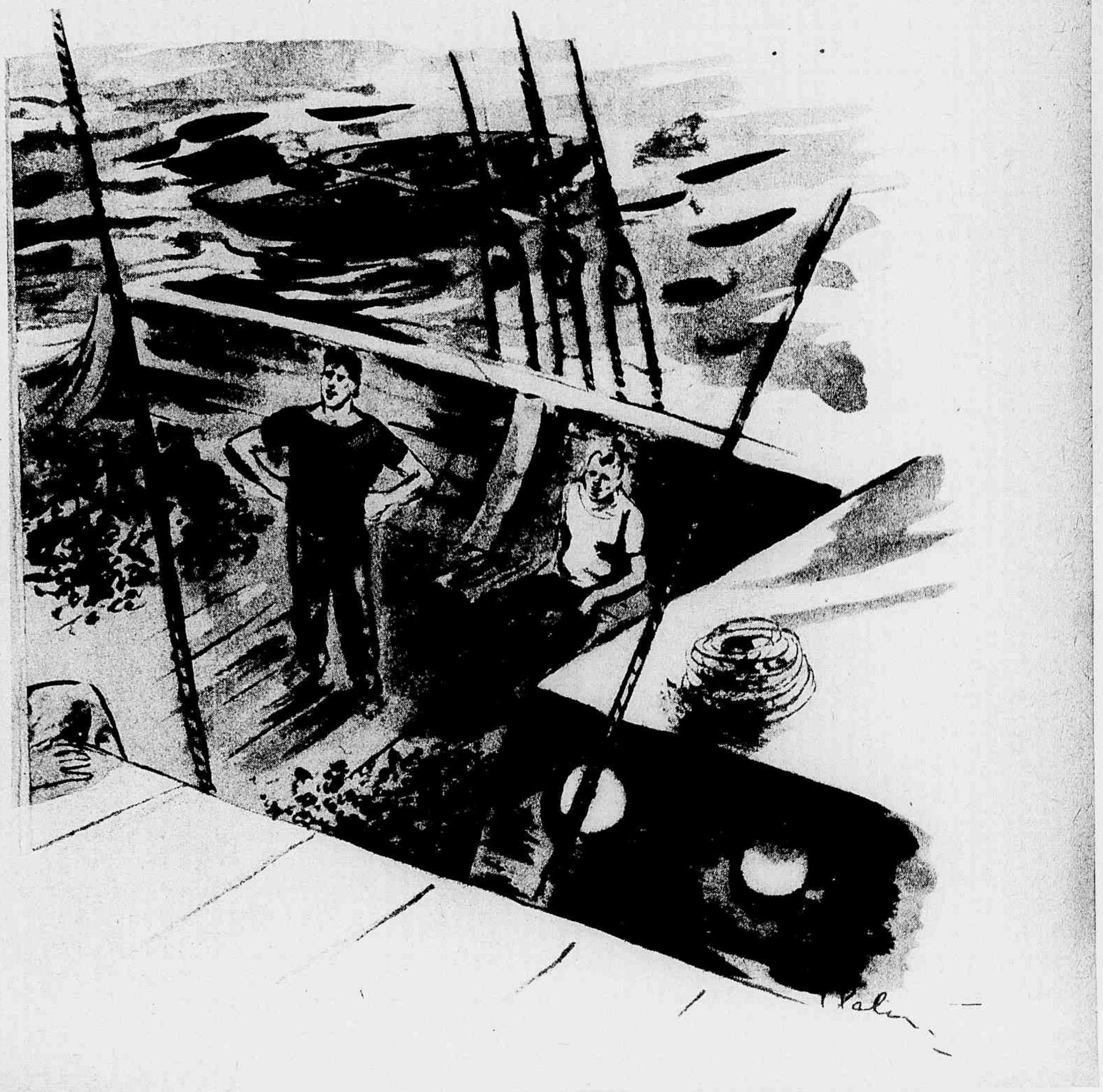
— Há mais dinheiro que isso, vendendo ostras — observou o Tainha sêcamente.

O sr. Taft girou nos calcanhares e se afastou, sempre proferindo ameaças. Charley o acompanhou, com o canto do ôlho, até desaparecer ao dobrar uma esquina. Então, Charley se levantou preguiçosamente. Eu o segui e começamos a caminhar na direção oposta à que fôra tomada pelo roubado.

— Vamos depressa ! — sussurrou Charley, quando nos afastamos da vista da flotilha de pescadores de ostras.

Nossa direção mudou imediatamente; dissimuladamente, vagamos pelas esquinas e percorremos as ruas laterais, até dar com a silhueta generosa do sr. Taft.

— Vou conversar com êle acêrca dessa recompensa... — explicou Charley ao nos aproximarmos do proprietário das "águas de criação". — Neil ainda vai ficar aqui algumas semanas e nós dois ainda podemos fazer algum trabalhinho...



— POIS claro! — afirmou o sr. Taft, logo que Charley se deu a conhecer e explicou o seu objetivo. — Êsses ladrões estão roubando minhas ostras todos os anos e assim vou perdendo milhares de dólares. Por isso gostaria de derrotá-los... por qualquer preço! Sim, senhor! Qualquer preço! Como disse darei cinqüenta dólares por cabeça! Êles roubaram minhas águas de criação de ostras, destruíram minhas caixas mergulhadoras, aterrorizaram meus vigias e empregados. No ano passado chegaram a matar um dêles! Nada pude provar. Tudo fizeram amparados pela escuridão da noite. Tudo o que encontrei foi um guarda morto... e nenhuma evidência. Os detetives nada puderam fazer. Ninguém pôde fazer nada contra êsses homens. Nunca pudemos prender um só que fôsse. Por isso digo, sr. ... Como disse que é o seu nome?

— Le Grant — respondeu Charley.

— Por isso digo, sr. Le Grant, fico-lhe muito agradecido pela ajuda que me oferece. E estarei sempre pronto a cooperar com o senhor, seja como fôr. Meus barcos e empregados estão à sua disposição. E não tenha mêdo de gastar o que julgar que é necessário. Pagarei suas despesas, sejam elas quais forem, desde que razoáveis, é claro! Venha falar comigo no meu escritório, ou telefone para mim. Corro com as despesas. A situação se torna, dia a dia, mais desesperadora e é preciso fazer alguma coisa a fim de determinar se sou eu ou êsse bando de ladrões e assassinos o dono do negócio.

AGORA vamos ver o Neil — disse Charley, quando deixamos o sr. Taft na estação, onde tomou o trem para San Francisco.

Neil Partington não apenas não se opôs à nossa aventura, como ainda provou ser de grande utilidade para nós. Charley e eu nada sabíamos da indústria da ostra, enquanto sua cabeça era uma enciclopédia de fatos com ela relacionados. Além disso, em uma ou duas horas arranjou para nós um rapazinho grego, de 17 ou 18 anos, que conhecia perfeitamente o direito e o avêsso da pirataria de ostras.

Ao chegar a êste ponto, devo explicar que nós, os da patrulha de pesca, éramos, de um certo modo, trabalhadores livres, enquanto que Neil Partington, que era um patrulheiro oficial, recebia salário regular. Charley e eu, sendo só empregados, recebíamos ùnicamente o que ganhávamos, isto é: certa porcentagem pelas multas impostas aos que violavam a lei da pesca. Da mesma forma, qualquer recompensa que nos fôsse oferecida, era para nós mesmos. Oferecemos dividir com Neil Partington o que recebêssemos do sr. Taft; porém o patrulheiro não aceitou. Sentia-se feliz de ajudar em alguma coisa, já que tanto havíamos feito por êle.

Mantivemos um prolongado conselho-de-guerra, e traçamos num mapa a linha de ação a seguir. Nossos rostos não eram conhecidos na baía, mas como todos sabiam ser a "Reindeer" uma chalupa da patrulha de pesca, o rapazinho grego, cujo nome era Nicolas, e eu, tripularíamos uma embarcação de aparência inocente, até Asparagus Island, e ali nos uniríamos à flotilha pirata. Dessa forma, de acôrdo com a descrição das águas de criação de ostras, feita por Nicolas, e com a maneira de roubar, era possível surpreender os piratas no ato de roubar as ostras, e ao mesmo tempo prender todos êles. Charley ficaria em terra, com os guardas do sr. Taft, que nos ajudariam à chegada.

— Justamente, sei de um barco — disse Neil, ao final da discussão. — Uma velha chalupa ancorada em Tiburon. Você e Nicolas podem ir até lá, no "ferry", alugá-la por uns poucos dólares e navegar diretamente para as águas de criação.

— E que a sorte os acompanhe, rapazes! — disse, quando partimos, dois dias depois. — Lembrem-se de que vão lidar com homens perigosos. Assim, devem ter o máximo de cautela!

Nicolas e eu conseguimos alugar a chalupa por pouco dinheiro, e entre risos, enquanto nos preparávamos para abrir as velas, concordamos em que era mais maltratada e velha do que fôra descrita.

Era uma embarcação grande, achatada, de popa retangular, aparelhamento velhíssimo, mastreação pouco firme, cordagem frouxa, velas esfiapadas e cheirava terrìvelmente a ácido de carvão, do qual estivera

cheia da prôa à popa e desde o teto da cabine até o piso. Para completar, de um lado e do outro da chalupa estava impresso em grandes letras brancas: "Coal Tar Maggie".

Foi uma correria isenta de acontecimentos e, no entanto, divertida desde Tiburon até Asparagus Island, onde chegamos ao entardecer do dia seguinte. Os piratas de ostras, uma frota de doze chalupas, estavam ancorando no que se denominam "Águas de Criação Abandonadas". O "Coal Tar Maggie" entrou no meio dêles, levado por uma suave brisa de popa, e os homens se amontoaram na coberta para nos ver. Nicolas e eu havíamos aprendido a dominar a chalupa e o fazíamos da maneira mais tôsca.

— Que é que há? — gritou alguém, com voz curiosa.

— Digam o que procuram e nós daremos! — gritou outro.

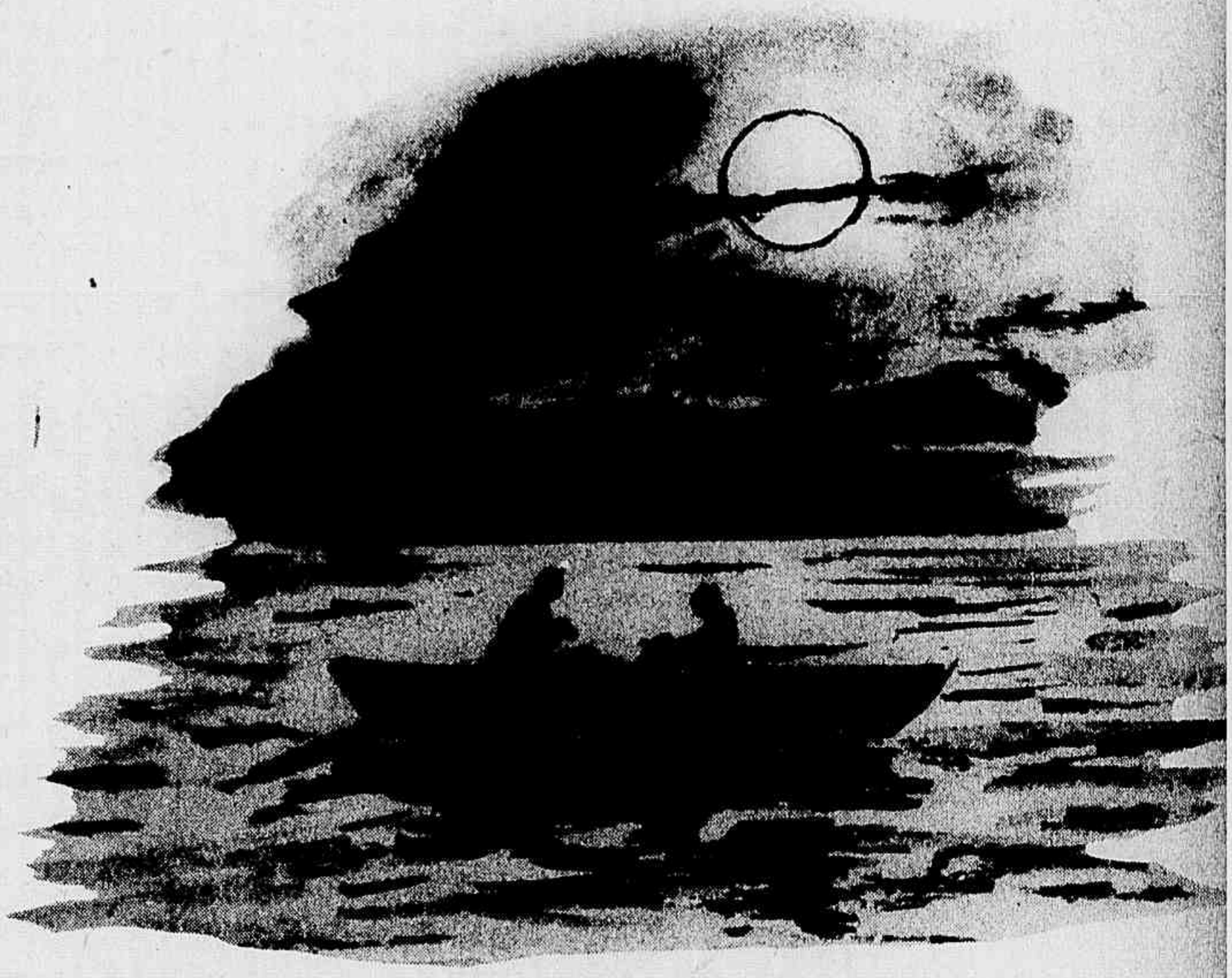
— Se não é a Arca de Noé, sou um cisne! — gritou o Chimpanzé, da coberta do "Ghost".

— Olá... Vocês, aí, do "clipper"! — gritou um zombeteiro. — Qual é o pôrto a que pertencem?

Não ligamos às graçolas e continuamos agindo como novatos, concentrando tôda a nossa atenção no "Coal Tar Maggie". Fiz o barco dar uma volta, a barlavento do "Ghost", e Nicolas correu para a frente, a fim de deitar a âncora. Aparentemente não entendia muito da coisa, pois que enredou a corrente, de forma que a âncora parou a meio caminho, provocando a risada dos piratas. Tratei de ajudar meu companheiro, mas piorei a situação deixando correr mais corrente do que era necessário e assim, com um fundo de apenas três metros, a nossa chalupa ficou com cêrca de duzentos metros de corrente, o que lhe permitiria oscilar num círculo de 180 metros de diâmetro, assim sendo possível abordar pelo menos metade da flotilha de ostras.

Os piratas estavam muitos juntos, a curta distância do cabo, devido ao bom tempo e por isso protestaram em altas vozes contra a nossa ignorância ao deixar tão inexplicável comprimento da corrente da âncora. E não apenas protestaram como nos obrigaram a recolher novamente mais de nove metros.

Tendo impressionado aquêles homens suficientemente com nossa inabilidade, Nicolas e eu descemos ao camarote para felicitarmo-nos reciprocamente e preparar a ceia. Apenas havíamos terminado de



ceiar e lavar os pratos, quando um bote pequenino amarrou junto do "Coal Tar Maggie" e fortes passos ressoaram sôbre a cõberta. Então, o rosto brutal do Chimpanzé apareceu na escada da câmara e desceu ao camarote, seguido do Tainha. Antes de que pudessem sentar na liteira, outro bote amarrou ao longo da chalupa, e mais outro, até que tôda a frota se achava representada na reunião do camarote.

— Onde vocês roubaram esta velha bateia? — perguntou um homem rechonchudo e peludo, de olhos cruéis e traços de mexicano.

— Não roubamos nada — respondeu Nicolas, recebendo-os no terreno que de-

sejavam e alentando-os a crescer na idéia de que tínhamos, realmente, roubado o "Coal Tar Maggie". — Mas, se a tivéssemos roubado, que importa, se não é sua?

— Bem, não lhes admiro o gôsto... É só! — falou o homem com cara de mexicano. — Preferiria ficar apodrecendo numa praia do que roubar uma barcaça imunda e fedorenta como esta!

— Como poderíamos saber, antes de roubá-la? — perguntou Nicolas tão inocentemente que provocou o riso geral. — E como vocês conseguem as ostras? — prosseguiu, insolente.

— Queremos um carregamento delas... Por isso viemos. Um carregamento de ostras — falei do meu canto.

— Para que querem? — perguntou o Tainha.

— Oh! Para oferecer aos amigos, num grande jantar, com certeza! — replicou o atrevido Nicolas. — Suponho que vocês fazem o mesmo...

Isto causou outra risada geral, e enquanto nossos visitantes se mostravam mais amáveis, pudemos compreender que não tinham a mais leve suspeita da nossa verdadeira identidade nem do nosso real propósito.

— Não vi você, outro dia, no cais de Oakland? — perguntou-me, repentinamente, o Tainha.

— Viu — respondi, sêcamente, apanhando o touro pelos chifres. — Eu andei observando vocês, rapazes, para saber se convinha ou não sair em busca das ostras. Calculei que o negócio era bom e que convinha meter-se nêle... É claro... — acrescentei, cautelosamente. — Se vocês não acharem que somos de mais!

— Vou dizer uma coisa a vocês e espero que compreendam de uma vez... Devem agachar os ombros e conseguir um barco melhor. Não permitiremos que nos humilhem com uma caixa de batatas como esta! Entendido?

— Muito bem — respondi. — Logo que conseguirmos algum dinheiro com as ostras arranjaremos coisa boa para navegar!

— E se já sabem o negócio podem vir conosco — continuou o Tainha. — Mas se não sabem, êste é o dia mais desgraçado de tôda a vida de vocês dois! Entendido?

Baixei a cabeça em sinal de assentimento.

Depois disso e de outras advertências e conselhos de natureza análoga, a conversação girou em redor de assuntos gerais, e ficamos sabendo que a incursão às águas de criação seria feita na mesma noite. Quando regressaram a seus barcos, depois de uma estadia de uma hora, convidaram-nos a acompanhá-los na incursão, com a

(Continua no fim da revista)



MODERNIDADE DOS QUE VIVEM ALÉM DO PRESENTE

FRANKLIN,
UMA GLÓRIA TRANSCONTINENTAL

Por DE MATTOS PINTO

A eclosão das personalidades incomuns provoca uma alta sensação de lirismo social num mundo subjugado pelos imperativos das castas financeiras. Propalam que os norte-americanos edificaram o maior parque industrial e lhes faltam pensadores, ostentam frotas nos mares e desconhecem os filósofos, ufanam-se das riquezas siderúrgicas e petrolíferas sem cultivar os moralistas.

Incriminam sua civilização de ser puramente mecânica e essencialmente mercantil. E olvidam o fato de que presentearam os povos com cinco homens cuja glória se ergueu da extrema humildade, um unitariano que espiritualizou a prosa literária, um lavrador cuja inspiração social renovou a poesia, um tipógrafo que distribuiu ciência e moral, um lenhador que dominou a política e baniu a escravatura, um gazeteiro que reinou na eletricidade e iluminou as avenidas e os palácios, os casebres e as metrópoles. Ralph Emerson, Walt Whitman, Benjamin Franklin, Abraham Lincoln e Thomas Edison elevaram-se até o cimo da sociedade e do pensamento justificando a existência dos Estados Unidos. Todos seus arranha-céus repletos de dólares perdem o valor em face dessas cinco vidas, ofuscam-se diante dêsses cinco heróis do gênero humano que nasceram do nada e transformaram o nada numa imortal criação.



Estatua de Benjamin Franklin no jardim da Univ. de Pensilvania.

INTELIGÊNCIA — FENÔMENO ARBITRÁRIO — A lei mental que preside ao surgimento dos super-homens continua sendo o maior segrêdo da neurologia e da psicologia.

Original e inédita, a inteligência gosta da arbitrariedade e prefere se manifestar por repentinas formas. Josiah Franklin, tintureiro na Inglaterra, vivia mais ou menos pobremente. Para melhorar a vida deliberou viajar com destino às colônias inglêsas do Novo-Mundo.

A viagem correu sem incidentes e o imigrante chegou a Boston, cuja população ia apenas pelos seis mil habitantes, com sua espôsa e seus quatro filhos, mais sua trouxa de desprotegidos da sorte e seu ofício de tingir roupas. Transcorria isso no ano de 1685 quando os Estados Unidos ainda se chamavam Nova Inglaterra. No rincão americano Josiah Franklin enviuvou e casou-se com Abiah Folger, filha de Peter Folger, um dos primeiros imigrantes a tentar a colonização da Ilha Nantucket. Mais treze filhos nasceram no lar sem fortuna do tintureiro inglês. Décimo quinto filho, Benjamin Franklin nasceu a 17 de janeiro de 1706 — cujo 250.º aniversário do nascimento agora se festeja na América e na Europa — destinado a ser um dos primeiros pela alta espiritualidade e pela cul-

tura. O pai trocou o antigo ofício por uma nova profissão mais de acôrdo com o meio econômico do Novo-Mundo. Passou a fabricar sabão e a produzir velas para iluminação doméstica. Aos oito anos, freqüentou a escola, aprendeu as leituras



Estátua de mármore de Benjamin Franklin, por James Earle, no Benjamin Franklin Memorial.

elementares e travou conhecimento com os números. Pouco se instruiu Benjamin e quase nada memorizou da tabuada quando Josiah Franklin retirou o filho das aulas. Aos dez anos a necessidade o obrigou a ser operário na fábrica onde trabalhavam o pai e alguns irmãos. De volta do trabalho a atração dos livros o dominava abertamente. A biblioteca paterna, composta de obras de polêmica religiosa, devorou-a quase tôda com sua avidez de criança, descobrindo um mundo e ousando conquistá-lo de qualquer forma, mesmo sem o compreender muito bem. Vendo-o sempre absorvido pela leitura, Josiah Franklin o pôs no serviço de tipografia com outro filho seu, James. Mais jovial com a nova profissão continuou lendo sempre, ora relatos históricos, ora narrativas de viagens e literatura, poesia e ensaios de moral.

Em 1720, James Franklin editou um jornal. Querendo exercitar suas qualidades de escritor, Benjamin colocou por baixo da porta alguns escritos seus e ficou na expectativa. O irmão leu, gostou e mandou imprimi-los. E assim se viu feito jornalista sem que ninguém suspeitasse, nem os parentes. Mathew Adams, um negociante das relações da família ofereceu-lhe sua biblioteca para que o jovem tipógrafo pudesse ler à vontade. Compôs uma balada a "Tragédia do Farol", que mereceu aplausos dos curiosos. Homem avisado e de bom-gôsto, o pai lhe indicou a mediocridade da poesia. O tipógrafo compreendeu a justeza e o valor da advertência e abandonou a manipulação de versos. A literatura de John Bunyan e a filosofia de John Locke iam dar mais solidez e plásticidade à juventude do futuro jornalista e inventor.

FERMENTO DE UMA NAÇÃO — Adversidades do jornalismo liberal em impacto com a ambiência puritanista conjugadas com incidentes familiares preparam um novo cenário. Sentindo-se amesquinhado pelo irmão, Benjamin Franklin partiu em 1723, abandonou Boston e sua família à procura do seu destino.

Chega a New York depois de penosa viagem com algumas moedas que pouco o auxiliam. Sòzinho e sem amparo continua a peregrinação até outra cidade. Alcançando Filadélfia trazia consigo apenas a roupa do corpo e seus dezessete anos. A profissão de tipógrafo lhe valeu e começou a trabalhar numa casa impressora. O acaso o ligou a sir William Keith, governador da



Benjamin Franklin trabalhando como impressor, segundo uma gravura de 1724. Franklin tinha, então, 18 anos.

Pensilvânia, a quem o cargo não obstava de ser dotado de baixos sentimentos. Homem leviano e sem respeito pela vida dos outros, William Keith, convenceu ao filho do fabricante de velas a viajar para a Inglaterra, onde poderia adquirir prensas e tipos.

Propôs comprar as máquinas entregando-lhe a direção da nova casa impressora. E ofereceu cartas de recomendação para figuras prestigiosas da Inglaterra. As cartas do governador de nada valeram, nem sequer falavam em Benjamin Franklin.

O jovem forasteiro recorreu à sua habilidade e o ofício sàlvou-o da miséria. Dezoito meses passou em Londres subsistindo à fôrça de tenacidade. As inflexíveis exigências da vida material não o transviaram dos livros. Incontentável de sabedoria, prossegue nos estudos que o conduzirão à fortuna e ao fastígio social.

Inspirado pela obra do químico e físico William Hyde Wallaston sôbre a religião natural, escreveu a "Dissertação Sôbre a Liberdade e a Necessidade". Apesar dos elogios recebidos pela sua aptidão intelectual, Benjamin Franklin não quis ficar em Londres. Secreta e íntima voz lhe insinuava a voltar para a América, em cujos acontecimentos públicos desempenharia a base múltipla de benfeitor e moralista, patriota e fator da evolução social e mental, além de articulista público e cientista, verdadeiro fermento de uma nação.

De volta a Filadélfia retomou sua profissão de tipógrafo. Aos poucos, Benjamin Franklin economiza e prospera, de operário passa a sócio e monta uma tipografia, funda uma papelaria e fabrica cadernos, edita obras e outros impressos. Compreendeu que os modernos sobrepujam os antigos por uma força considerável, a palavra impressa e multiplicada, vantagem de que não dispunham Péricles e Demóstenes, César e Marco-Aurélio para influenciar e dominar o espírito da multidão.

Editou, entre outras obras, "Pamela", do inglês Samuel Richardson, com a peculiaridade de ser o primeiro romance impresso nos Estados Unidos. Como tipógrafo, editor e mais tarde comentarista público ia ser o mais dinâmico fermento da nação norte-americana.

LITERATURA SOCIAL — Fermentava nos Estados Unidos o primeiro germe da literatura social, cuja impressão repercutiu fundamente. Desde a adolescência os problemas da crença e da fé, os conflitos de teologia e de moralidade pública estimulados pela literatura contagiosa de John Bunyan atraíram seu espírito para os refúgios do pensamento. Lê as vidas ilustres de Plutarco e consulta os meios de executar o bem de Cotton Mather, conhece a arte de pensar de Port Royal, estuda a filosofia do entendimento de John Locke. E sôbre essas leituras predominavam as instruções de Sócrates, a quem ama sentidamente.

O convívio com os pensadores imprimiu-lhe fundamente o gôsto da moral. Para dar expansão às suas idéias compra, em setembro de 1729, a "Gazeta da Pensilvânia", o primeiro jornal, a ser lido e discutido por todos os norte-americanos. Em 1732, Benjamin Franklin começa a editar o seu almanaque com o pseudônimo de "Richard Saunders". Uma filosofia útil e divertida tornava simpática suas páginas.

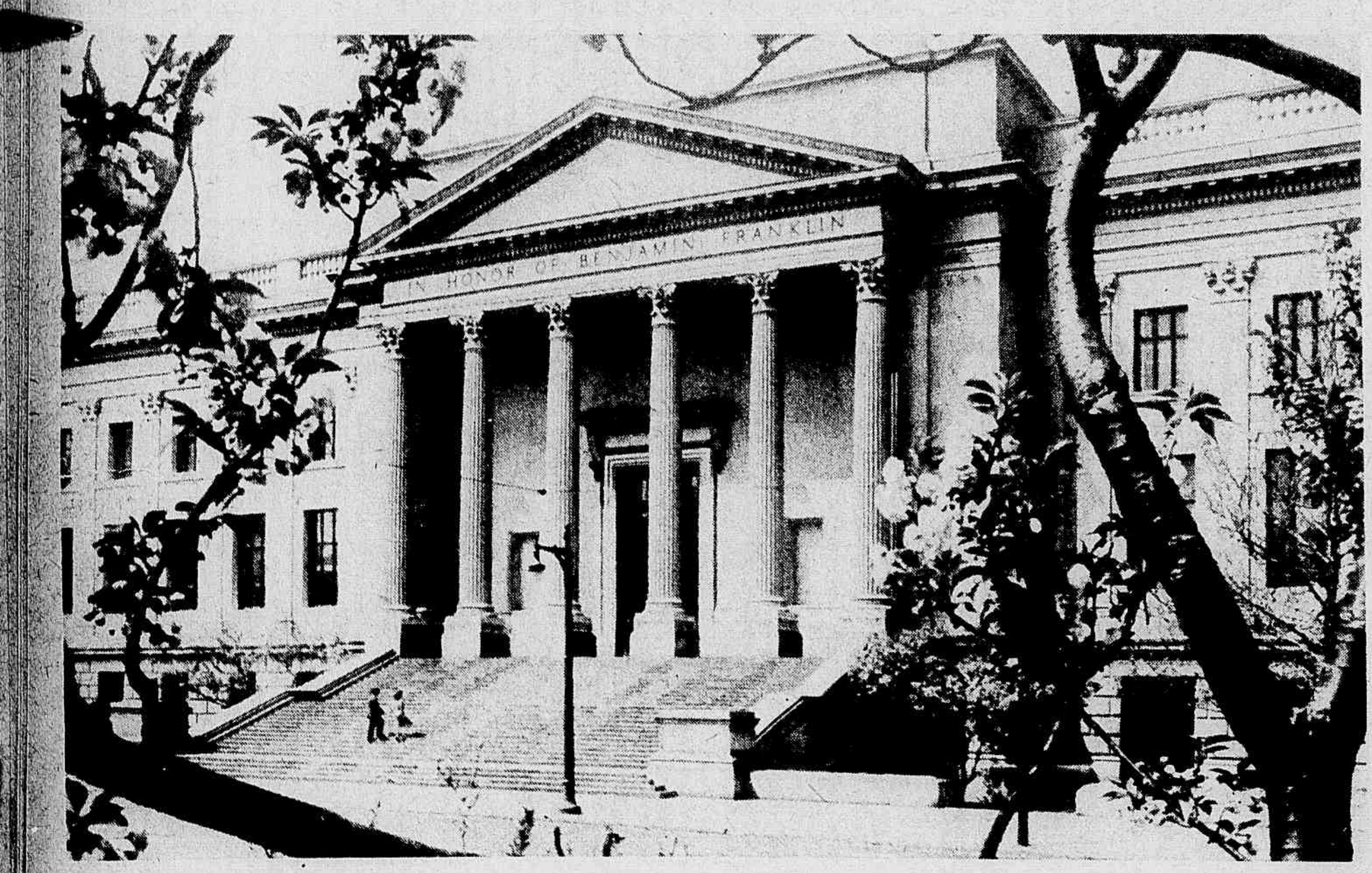
A publicação se popularizou com o título de "Almanaque do Bom Richard". Enumera a preguiça, o orgulho e a loucura como os três impostos mais extorsivos, cujo jugo esmaga o progresso do homem. Falando da indolência que enferruja o corpo sugere uma imagem nítida. "A chave que serve continuadamente está sempre limpa".

Astucioso em colhêr provérbios sabe obter efeitos de filósofo com maliciosos ditos em cujas sentenças descobrimos a cultura e um tipo inédito de mente social. "Teremos muito tempo para dormir quando estivermos no túmulo". Uma moral dêsse gênero, pitoresca e verdadeira, realista e saudável, convinha à sociedade em formação dos Estados Unidos, que ainda vivia sob o jugo do colonialismo inglês.

"A prova do ouro é o fogo. A prova da mulher é o ouro. A prova do homem é a mulher". A sabedoria benéfica do "Almanaque do Bom Homem Richard" difundiu-se por tôda Nova Inglaterra. Entre 1752 e 1756 essa obra culminou no interêsse público e sua tiragem subiu a dez mil exemplares. E a fama cresceu de tal modo que Londres copiou suas pequenas verdades e Paris os traduziu na língua de Molière.

O espírito socrático renascia nas colônias britânicas sob uma forma curiosa. Por vinte e seis anos uma grande massa de leitores saudou àvidamente o anuário frankliniano e cada nova edição suscitava expectativa. Mesmo depois de cessada a série, revistas e jornais estrangeiros reeditavam seleções das suas páginas. E não raro periódicos modernos transcrevem parágrafos e apostilas de Benjamin Franklin, precursor de uma profilaxia de fundo social.

Para iluminar sua vida instituiu treze virtudes: — a temperança, o silêncio, a ordem, a resolução, a economia, o trabalho,



O "Franklin Institute" e o "Benjamin Franklin Memorial", em Filadélfia, na Pensilvânia.



Benjamin Franklin figurou com Thomas Jefferson e John Adams, Phillip Livingston e Roger Sherman, na comissão dos cinco norte-americanos eleitos para redigir a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. A redação do texto pertence a Thomas Jefferson.

a sinceridade, a justiça, a moderação, a decência, a tranqüilidade, a castidade e a humildade. Benjamin Franklin dedicou-se à conquista das treze virtudes mais com espírito estratégico do que com ânimo romântico, exercitando-se em cada virtude isoladamente até superá-las tôdas. Instintivamente, disseminou o germe da literatura social, cujo pensamento não se dilapida na retórica ociosa do mundanismo e do verbalismo.

SEM LIBERDADE DE PENSAMENTO — IMPOSSíVEL A LIBERDADE PÚBLICA — A erudição e a diligência industrial floresciam inseparáveis nesse americano dos tempos coloniais. Editava em 1743 três jornais: — a "Gazeta da Pensilvânia", cuja tiragem superou todos os jornais da época e veio a ser um periódico de repercussão nacional, mais ainda a "Gazeta de New York" e a "Gazeta de Connecticut", todos sob a gravitação da sua cultura. A "Gazeta da Pensilvânia" exerceu poderosa influência pública quando os editoriais transpiravam sua perícia em temas econômicos e científicos. Como jornalista militante debateu reformas administrativas e políticas, esgrimou polêmicas sôbre planejamentos urbanísticos e inovações públicas, propôs impostos e combateu tarifas, insinuou soluções mercantis e monetárias para a vida nacional.

A essência do jornalismo moderno vivia mais impetuosamente em Benjamin Franklin do que em muitos colunistas do século XX devorados pelas odiosidades da personalatria.

"Sem liberdade de pensamento não pode haver sabedoria e sem liberdade de expressão é impossível haver liberdade pública". Transplantado para a América do Norte o puritanismo afastava-se da contemplação hermética e aceita sàbiamente o impulso progressista. Personifica essa cultura protestante cujo ativo espiritualismo se fundia com as tendências experimentalistas da nascente Revolução Industrial. Dominou todos os segredos da arte

de impressor e da tipografia como um dos mais perfeitos técnicos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Sua atividade de editor de três jornais, anuários e outros impressos levaram-no a cooperar na instalação de dezoito fábricas de papel.

A naturalidade em raciocinar e transferir a ciência para o ambiente social impregna-o de um atualismo imperecível.

Benjamin Franklin confessa que "considerava o jornal um outro meio de divulgação da cultura" e não um veículo de libelos egolátricos. Concilia a operosidade e a espiritualidade, unifica o industrialismo e a eugenia de sentimentos sem deformar o sentido humano da vida. Sua "Autobiografia" ainda se edita duas centúrias e meia depois do seu nascimento e milhares de leitores ainda a preferem como um memorial estimulante. Sem impor a literatura como único objetivo da sua vida transpôs mais fàcilmente as fronteiras da imortalidade do que muitos articulistas de hoje.



Se houvesse se especializado só na arte literária e na filosofia poderia ser um nome rival de Ralph Emerson e de Walt Whitman. A modernidade dos que vivem além do presente transporta a alma frankliniana à aurora das novas gerações.

VANGUARDEIRO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL — Cientista pelas suas experiências e descobertas, filósofo pela contagiosa frugalidade do seu viver e da sua sadia moral, Benjamin Franklin conjugou o puritanismo e o espírito científico para externar um tipo de caráter muito raro. A eletricidade nascente na Europa chega à Filadélfia através de folhetos e revistas. Sem nada haver visto dos sábios europeus repete nas colônias as experiências de Luigi Galvani, de Alessandro Volta e de Jean Nollet. Não se contenta em repetir e improvisa novos fenômenos. Em 29 de julho de 1750 estabelece a analogia entre o trovão e a eletricidade, descobre a identidade entre os efeitos do raio e as descargas da energia elétrica, demonstrando a semelhança da natureza. Confrontava as experiências com os princípios e postulava as conclusões especulativas.

Na sua ansiedade de saber mais e melhor do que ontem retoca as teorizações e projeta novos ensaios. Suas considerações sôbre os dois fenômenos, um natural e outro artificial, passariam despercebidas se não tirasse uma conclusão imprevista não só audaciosa como inteiramente original. Dois anos antes, em 1748, descobrira Jean Jallabert o fenômeno das pontas, a propriedade que possuem os corpos ponteagudos de conduzir melhor a eletricidade do que os corpos planos e esféricos. O físico francês Jean Antoine Nollet divulgou a descoberta nas "Pesquisas Sôbre Causas Particulares dos Fenômenos Elétricos". Daí concluiu Franklin que poderia captar o raio com uma ponta metálica e conduzir a eletricidade das nuvens ao seio da terra. Escrevendo a Peter Collinson anuncia suas conclusões. Inventou uma teoria, mas julgou-a fraca e resolveu apreciar o fenômeno pràticamente.

"O mais importante para nós não é saber de que maneira a natureza executa suas leis. Basta-nos conhecer as próprias leis. É uma vantagem real saber que a porcelana abandonada no ar sem ser sustentada cai e quebra-se irremediàvelmente. Saber como cai e porque se quebra é matéria de pura especulação. Êsses conhecimentos são agradáveis à verdade, mas sem os mesmos podemos garantir a nossa porcelana. Assim, no caso presente, poderia ser de alguma utilidade para o gênero humano conhecer o poder das pontas, ainda que não possamos dar uma explicação precisa".

Franklin distinguia a essencialidade na ciência experimental e o que transborda para o domínio da metafísica. Como um dos mais argutos pioneiros contribui com experiências versáteis e engenhosas para o

(Continua no fim da revista)

OS arquivos de Scotland Yard encerram muitos documentos curiosos. Um dos mais comovedores é certa carta de uma menina de cinco anos, chamada Patrícia. Prêsa à mesma carta há uma nota explicativa, da mãe de Patrícia, contando que a menina havia dito:

— "Esta é uma carta para meu pai, e essas cruzes que vão, em baixo, são os beijos que mando para êle. Agora é soldado, e desejo que não esqueça, nunca, quanto o quero..."

A verdade é que seu pai nunca foi soldado, embora assim tivessem feito a menina acreditar. Foi um homicida, e sua história é uma das mais tristes com que tropeçou o inspetor Robert Fabian, de Scotland Yard, em tôda a sua carreira.



SEGREDOS DE SCOTLAND YARD

O ASSASSINO USAVA CHAPÉU APERTADO

Começou à primeira hora da tarde do dia 24 de dezembro de 1938. Em Scotland Yard ninguém havia esquecido que era a véspera do Natal. Alguém havia pendurado um ramo de pinheiro na lâmpada e festonado o teto com lanterninhas de papel; porém, a alegria durou pouco. Não tardou a chegar o aviso de que um joalheiro de sessenta e quatro anos de idade, Ernest Percival Key, tinha sido encontrado, agonizante, no solo de sua loja de Victoria Road Surbiton, em conseqüência de ferimentos mortais. Tinha talhos, feitos com uma navalha de barbear, na cabeça e no pescoço, além de múltiplas feridas nas mãos e braços.

— Adeus nossa boa ceia de Natal! — rosnou o superintendente, John Sands. — Vamos lá ver isso!

Com um erguer de ombros trataram todos de esquecer o Natal, como coisa que pertencesse a outra gente, e trataram de encontrar o assassino.

O lugar do crime parecia mais a oficina de um relojoeiro do que uma joalheria. Dúzias de relógios batiam e cantavam, qual os bezouros em manhã de verão. Alguns dos mostradores estavam salpicados de sangue, o assassino, em sua fuga, havia deixado, caído no chão, um chapéu-côco.

O dr. Roche Lynch, do Departamento Patológico, arranjou-nos outra pisat. Tendo raspado e examinado várias manchas de sangue, declarou:

— Dois grupos de sangue diferentes. Um, naturalmente, corresponde ao morto.

Isto significava que o assassino também estava ferido e que, ao sair da loja, certamente estava sangrando.

Foram designados alguns detetives, com a incumbência de seguir o rastro. Metòdicamente foram percorrendo todos os hospitais da cidade, as clínicas, os ambulatórios e os consultórios médicos, assim como as casas de aparelhos cirúrgicos e mesmo as farmácias. Ao fim de trabalho penoso e incessante, no livro-registro do Kingston County Hospital estava anotada a entrada: "John Smith, lesões nas mãos. Produziu-as êle próprio, acidentalmente, com uma serra de fenda". A direção dada era falsa.

— Sim — disse o cirurgião de plantão. — Recordo-me dêsse homem por duas razões. Uma, que calçara as luvas por cima dos ferimentos abertos, o que era uma coisa absolutamente insensata. E outra, porque levava um chapéu-côco, novo, que lhe ficava muito pequeno.

— Como sabe o senhor que era novo?

O médico sorriu:



— Porque não havia tirado a etiquêta do preço: nove shillings e onze pence.

A partir dêsse momento a investigação se dirigiu a tôdas as chapelarias do distrito, entre Surbiton e Kingston.

Tudo tinha que ser feito imediatamente, sem perda de tempo, o que daria um sério handicap ao criminoso. Por isso, os homens de Scotland Yard voltaram a espalhar-se pela vasta área da cidade. Algumas chapelarias, naturalmente, estavam fechadas e foi necessário saber quais eram os proprietários, onde residiam e igualmente saber a respeito dos empregados... indo, a seguir, recolher todos êles, em suas respectivas residências. Tudo isso, debaixo de neve. Neve e Natal por todos os lados.

— RECORDO-ME perfeitamente do indivíduo a que se refere — disse o proprietário de uma grande loja de Eden Street, em Kingston. — Tinha tal pressa que, imediatamente, arrebatou o chapéu das minhas mãos. Eu ainda chamei a sua atenção, afirmando que estava muito pequeno para a sua cabeça, porém o homem não me prestou a mínima atenção... Notei também que até para tirar o dinheiro do bôlso conservou as luvas calçadas... Ah, sim! E tinha um táxi esperando-o na porta da loja.

NATURALMENTE, o que Scotland tinha a fazer, de imediato, era uma sondagem entre os condutores de táxi. Assim foi feito e, numa parada de automóveis de aluguer, em Kingston, os policiais encontraram, finalmente, o chofer que havia conduzido o assassino.

— Sim — disse o profissional — lembro-me dêle. Tinha uma pressa como eu nunca vi! E estava branco como o gêsso. Vestia um sobretudo cinzento e ainda outro abrigo, no braço. Êste último, se não estou enganado, era azul. Levei-o até Richmond e ali o homem desceu, penetrando num **toilette** público. Na ocasião pensei, lògicamente, que estêve de pileque e com vontade de vomitar o que havia bebido ou coisa parecida. Essas festanças da noite do Natal quase sempre acabam assim, quando não se tem fôrça-de-vontade para cessar com os drinques, não acham?

NOS **toilettes** públicos de Richmond, a Polícia encontrou um abrigo azul bem enrolado e metido atrás de uns caixotes vazios. Era impossível arrancar qualquer informação dessa peça de roupa, salvo que se achava bastante usado e estragado mesmo.

DURANTE todo êsse tempo, o dr. Roche Lynch havia estado trabalhando no laboratório de patologia, examinando o chapéu-côco do assassino.

— Cabelos castanho-claro — declarou. — Ligeiramente ondulado. O homem terá uns vinte e cinco a trinta anos de idade.

Dessa forma Scotland Yard pôde compor uma imagem do assassino, a qual foi imediatamente transmitida para todos os postos policiais, onde foram logo levados para o quadro de avisos. Encontrar o criminoso era agora o trabalho de cada policial em serviço: quinze mil policiais espalhados por Londres...

Começava a escurecer, quando o inspetor George Nawdsley, servindo em Teddington Station, viu, cruzando a rua, um homem com um chapéu-côco... que não lhe entrava na cabeça. Nawdsley o seguiu até vê-lo entrar numa pequena casa, situada numa esplanada de Hampton Hill, em Teddington, e imediatamente telefonou para Scotland Yard. Poucos minutos depois, o inspetor-chefe, Parker, da brigada móvel, parava seu automóvel pouco adiante da referida casa. Imediatamente colocou um policial na entrada dos fundos, enquanto êle própria se dirigia para a porta principal.

Uma gentil criaturinha, jovem, loura e bonita, abriu-lhe a porta. No interior, via-se uma árvore de Natal escassamente adornada e percebia-se o aroma de pato assado. Na sala brincavam duas crianças louras, de olhos maravilhosos e brilhantes.

Quando Parker indagou se o dono da casa estava ali, a mulher lhe impôs silêncio, levando um dedo aos lábios. A seguir, levou-o para longe do alcance do ouvido das crianças.

— Foi comprar brinquedos para as meninas — cochichou alegremente. — Suponho que o senhor vem por alguma coisa relacionada com o acidente?

— De um certo modo... — respondeu, reservadamente, o inspetor. — Que lhe disse êle sôbre êsse... acidente?

— Oh! Foi um acidente que causou surprêsa! — exclamou. Depois, acrescentou apressadamente: — O pior é que John ficou bastante ferido...

— Ferido?

— Sim. Tinha tão grandes talhos nas mãos que se viu obrigado a socorrer-se num hospital.

Sua expressão de surprêsa se dissipou, sendo substituída por um radiante sorriso...

— Mas, em compensação, tivemos o dinheiro!

— Que dinheiro? — perguntou o atarantado inspetor.

— As quinze libras esterlinas que lhe deu o ciclista? O senhor não sabia?

Parker respondeu que não sabia e arranjou-se de tal forma que ela lhe relatasse a história completa. Seu marido lhe contara que tinha sido atropelado por um ciclista, que lhe produzira ferimentos. O homem que o derrubou lhe havia dado quinze libras a fim de que o "caso fôsse logo esquecido".

— Suponho que alguém tenha contado o acidente ao senhor.

— Sim, sim... Mas não desejo tomar mais o seu tempo, minha senhora. Esperarei, aqui fora, o regresso do seu marido. Tenho que lhe fazer algumas perguntas.

Ela instou para que entrasse e sentasse para esperar John, porém êle não se deixou convencer e voltou para o automóvel. Ao fim de pouco tempo apareceu um homem com um chapéu-côco muito pequeno para êle. Nos braços levava uns embrulhos feitos com papéis coloridos e procurava retirar um barquinho de brinquedo de sob outros volumes, que o esmagavam.

— REPUGNAVA-ME ter que prendê-lo — confessou Parker, mais tarde. E estive tentado a deixá-lo passar com a família aquela última noite de Natal. Já imaginaram o que seja — acrescentou com voz enrouquecida — cometer um crime para comprar presentes de Natal para duas filhinhas?

Porém o superintendente Sands logo declarou, fitando o inspetor Fabian:

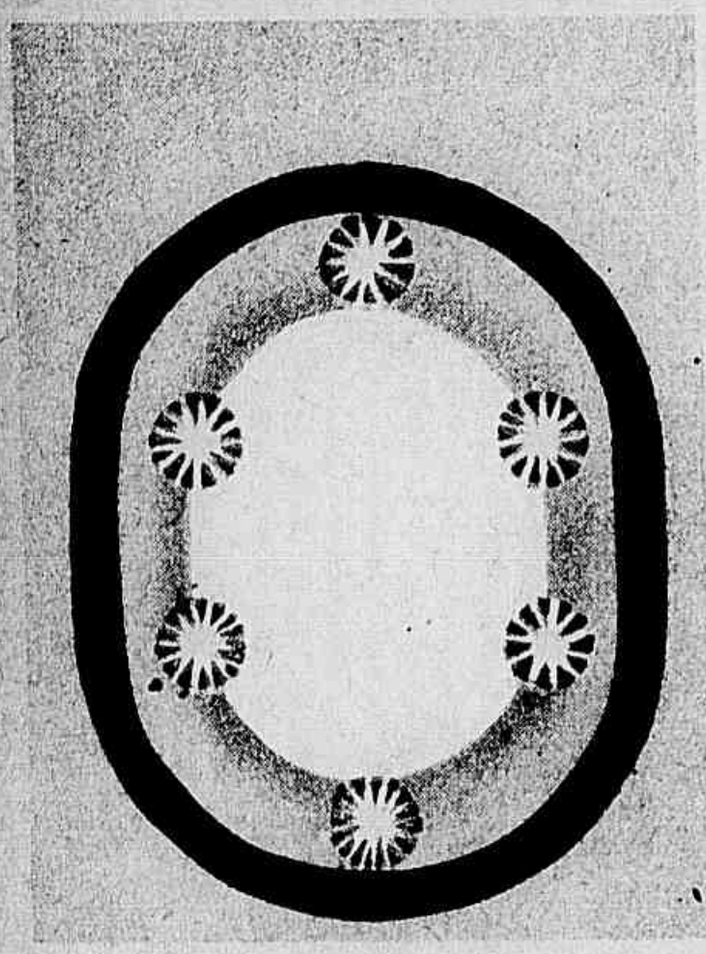
— Muito bem, Fabian; resolvemos tudo a tempo de ir para a mesa da ceia. Mas confesso que perdi um pouco o apetite.

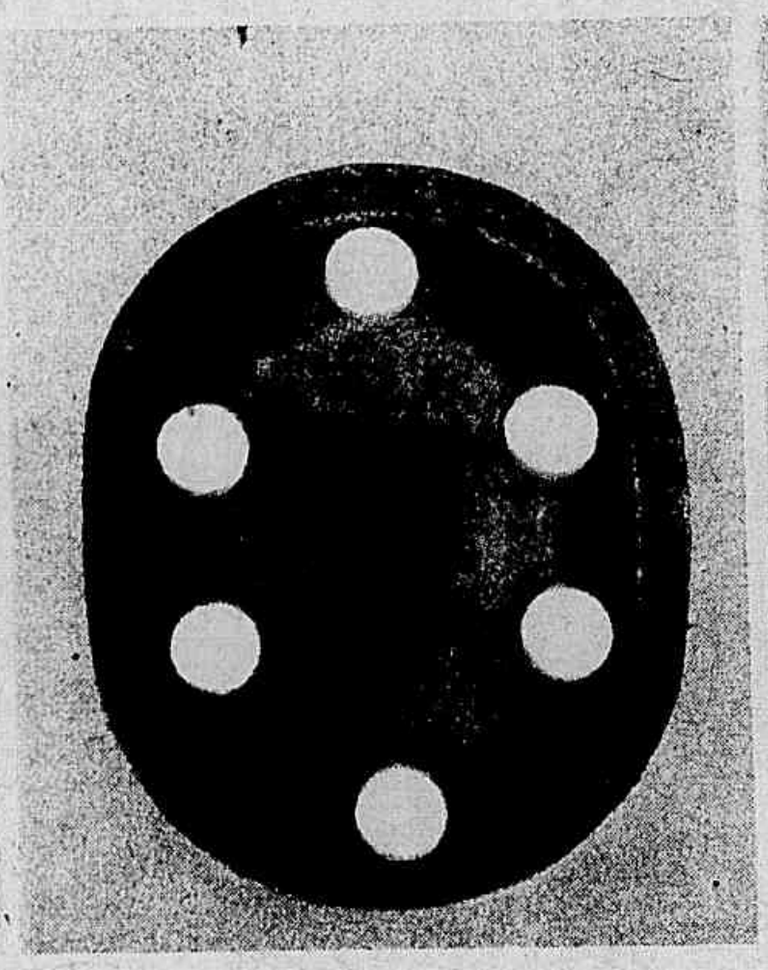
NOTA FINAL — A razão porque não foi mencionado o nome do assassino (que na madrugada de 29 de março de 1939 foi executado na prisão de Wadsworth) é a de que atualmente suas duas filhas são mulheres feitas. Foram educadas na crença de que seu adorado pai ingressara no Exército e que havia morrido na segunda guerra mundial, na primeira batalha de 1939. E queira Deus que assim continuem acreditando.

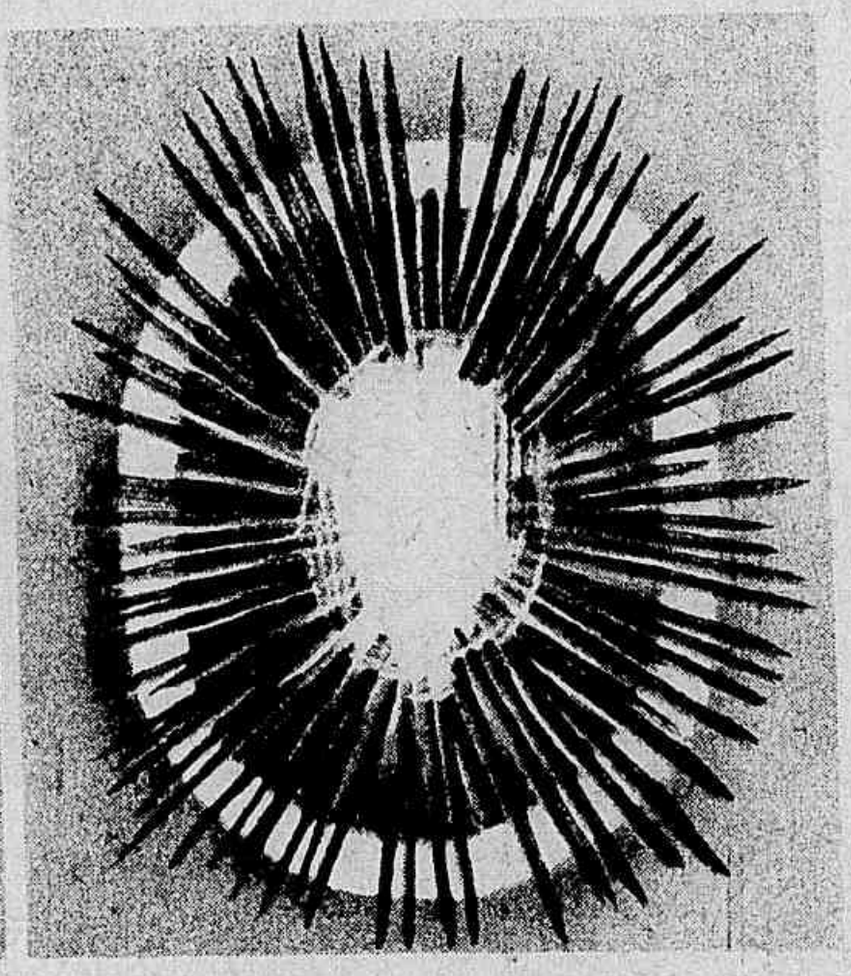


AGORA, VÃO DOMESTICAR A BOMBA-H

UM engenheiro, Camille Rougeron propõe-se a utilizar, por meios simples e inéditos, para fins pacíficos, o formidável poder da bomba H e da sua irmã cadete, ainda mais terrível, a 3-F (Fissão-Fusão-Fissão). Firmando suas hipóteses em sólidas bases científicas, êsse engenheiro não parece um visionário. E', talvez, um profeta, pois projetou em 1936 as armas conhecidas então como «bombas silvantes» e «foguetes». Acolhidas com ceticismo, surgiram na última guerra com rara eficiência. Agora propõe transformar a energia das bombas H e 3-F em energia útil, fazendo-as explodir sob a terra ou sob as geleiras. Projetos realizáveis . . . e rendosos.







COMO EXPLODE A BOMBA TERMONUCLEAR «3-F»

Eis o esquema provável da mais recente arma termonuclear, chamada Bomba-U ou Bomba 3-F. É atualmente o engenho mais poderoso do arsenal atômico. Essencialmente, a 3-F é uma bomba-H, clássica, cercada por um envelope de urânio 238. Êsse urânio, hoje produzido em grande quantidade, não se desintegra normalmente, mas sob o bombardeio dos neutrons rápidos da bomba-H, que serve de espoleta, sofre a «fissão» ou desintegração, liberando uma enorme energia. Explica-se o nome de bomba-U: é uma bomba de urânio natural. O nome 3-F explica o funcionamento do engenho: Fissão, fusão, fissão: é de fato uma bomba atômica que serve de detonador da bomba H, e essa «espoleta», tira sua energia da fissão do urânio 235 (que existe em fraca quantidade no urânio natural 238) ou plutônio; a bomba H também funciona pela «fusão» (combinação) de núcleos de hidrogênio para formar o hélio; e, por sua vez, o envelope de urânio 238 sofre a desintegração por meio da fissão.

A BOMBA EXPLODE NUMA

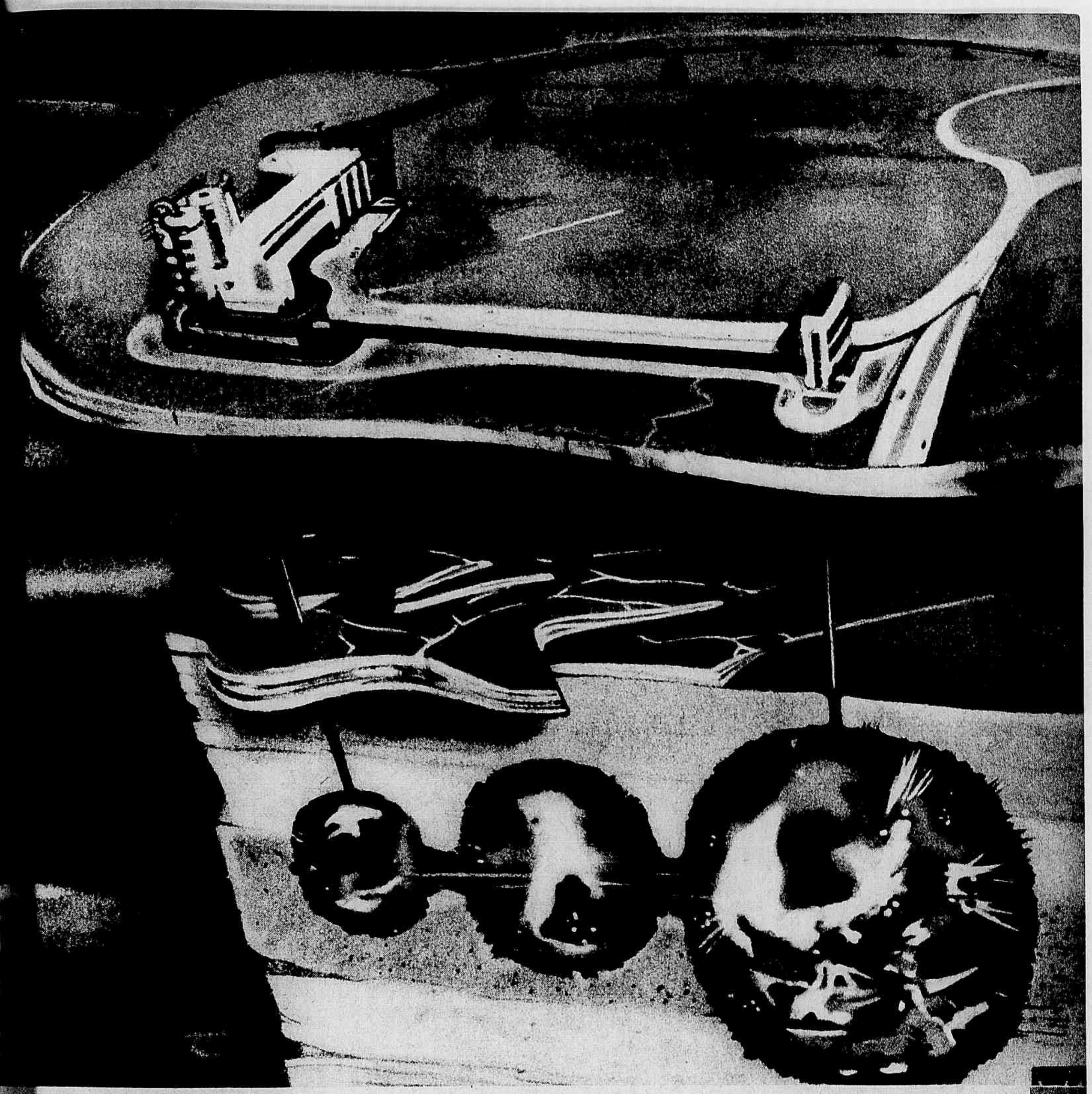
UMA bomba H explode, libertando formidável quantidade de calor. O "modêlo Eniwetok", por exemplo, liberta numa fração de segundo... 23.200.000.000 de kwh, igual ao consumo de energia de todo o Estado de São Paulo durante cinco anos. Se fôsse possível encerrar a explosão num recipiente incrìvelmente sólido, teríamos uma caldeira de 50 milhões de graus, e essa temperatura fantástica serviria para produzir vapor de água para fazer funcionar uma central-elétrica durante muitíssimos anos.

O engenheiro C. Rougeron encontrou a caldeira, numa esfera cuja parede menos espêssa tem seis quilômetros: uma cavidade feita na própria terra, há seis mil metros de profundidade (alguns poços de petróleo têm muito mais que isso).

Nela provoca-se a explosão de uma carga clássica (dinamite).

Enche-se de água essa cavidade fabricada e nela explodirá, a seguir, uma bomba atômica.

Tem-se, dessa forma, suficiente espaço para a verdadeira explosão, a da bomba H ou de uma 3-F. Na caldeira cheia d'água novamente, desce o engenho capaz de arrasar uma cidade. Seis quilômetros acima calcam um botão. Durante um instante



CALDEIRA SUBTERRÂNEA

a energia titanesca da bomba luta contra o pêso enorme da Terra, depois equilibra-se: — na enorme esfera subterrânea de paredes de rochas vitrificadas, o vapor de água levado a uma pressão e temperatura colossais está pronto para fazer funcionar as turbinas da superfície.

Uma tubulação leva o vapor radioativo a um transformador, onde seu valor vaporiza a água não radioativa pelas turbinas.

A água radiotiva, que sai é reinjetada na caldeira subterrânea, até esgotar lentamente a reserva de calor criada pela explosão. Mais ainda: nessa profundidade o solo é quente (180 graus a seis mil metros). Quando o calor da bomba se esgota, derrubam com explosivos as paredes da caldeira, e os quartos de rocha quente continuam a fazer a água ferver.

Finalmente, quando êsses "esquentadores" esfriam, por sua vez, criou-se nova caldeira, comunicando com a primeira e tudo continua, sem necessidade de mudar a usina do alto. A energia assim produzida será extraordinàriamente barata: a bomba custa 200 vêzes menos caro que o carvão necessário para alcançar a mesma temperatura.

A BOMBA EXPLODE

A Groenlândia está coberta por uma colossal calota de gêlo, cuja espessura é superior a dois quilômetros e cujo **leito** está a 2.000 metros abaixo do nível do mar.

É um vasto lago de montanha, porém um lago solidificado.

O engenheiro Prougeron propõe que se faça derreter êsse gêlo, a fim de tirar energia elétrica de um verdadeiro lago.

Como? Com o calor da bomba termonuclear. Desta vez, longe de furar verticalmente, escavarão um túnel quase horizontal, a partir das arestas rochosas da costa.

O túnel mergulhará sob a massa dos gelos, a profundidade média. Em vez de uma cavidade esférica, a bomba destroçará o leito da geleira. Nessa zona superaquecida, o gêlo derreterá e criará uma reserva de água a 2.000 metros de altitude.

Essa água, correndo por um canal de fuga subterrânea, fará funcionar as turbinas de uma central hidrelétrica.

Em vez de utilizar diretamente o calor da bomba, será transformada na energia clássica de uma queda d'água. Desta vez

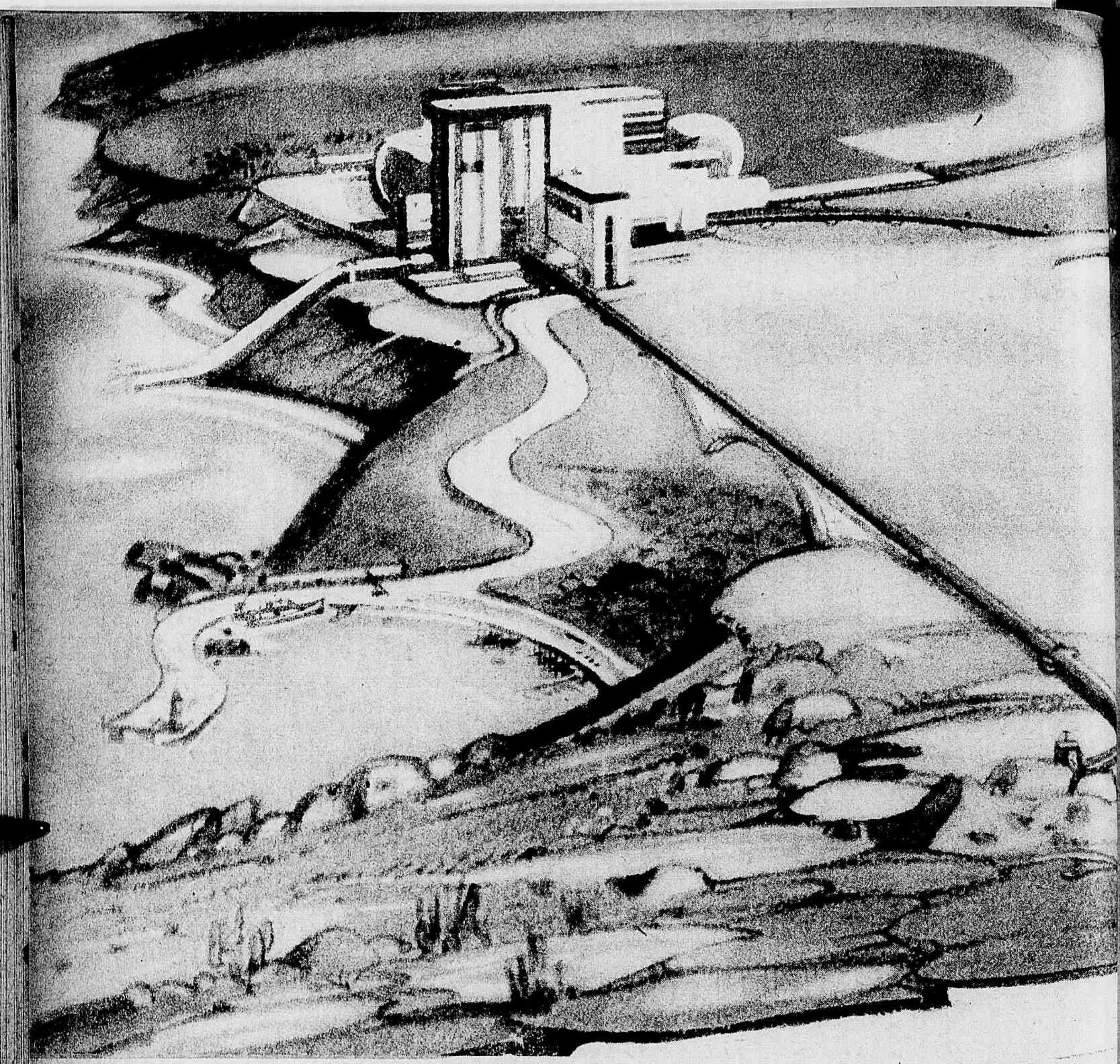


SOB A GELEIRA

serão tomadas precauções contra a radioatividade, porque a água da "fonte" será diretamente contaminada pela explosão e, depois de haver passado seis turbinas, escorrerá para o mar, onde constituirá um perigo indireto para o homem: os organismos marinhos concentram certos produtos radioativos, tornando-se venenosos para os que os comem.

A fim de evitar tais perigos, não se empregará a bomba "3-F", cujo envelope de urânio se desintegra provocando produtos radioativos, mas a bomba H, a qual apenas cria, com sua explosão, produtos inativos.

Os neutrons que libera, bombardeando as rochas que a cercam, dão às mesmas certa radioatividade, porém passageira: por isso, a bacia de fusão, criada pela explosão será deixada em repouso durante um ano, antes de ser despejada no canal de fuga. Como precaução suplementar, a bomba H será cercada de um envelope de bório, elemento que detém os neutrons e assim impedirá a radioativação dos materiais deslocados. Após alguns anos de exploração, a Groenlândia, com os gelos derretidos, será uma Terra Verde.



COM o calor é possível fazer quase tudo. Depois de mostrar como é possível transformar o calor de uma bomba termo-nuclear em eletricidade, Camille Pougeron explica como êsse calor poderá irrigar as zonas desérticas do globo.

Em vez de fornecer vapor de água às turbinas, vaporizará a água do mar para a transformar em água doce.

Junto do mar pratica-se um poço de 2.000 metros, ao fundo do qual a bomba explode.

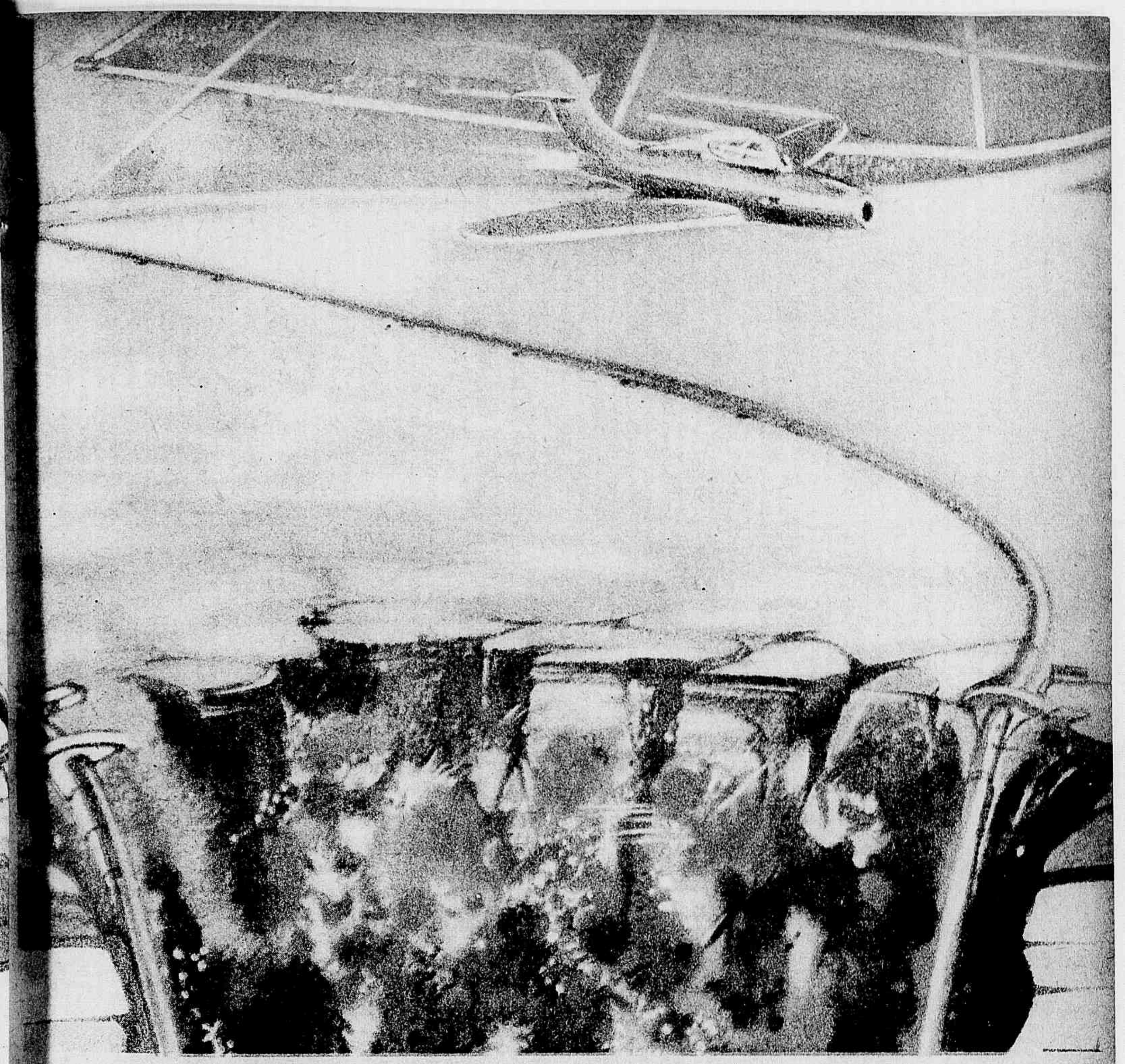
Nessa profundidade, relativamente pequena, será então escavada uma "bôlsa", em vez de uma cavidade esférica.

A BOMBA EXPLODE E D

Essa "bôlsa" larga, de vários quilômetros, ficará cheia de rochas deslocadas e aquecidas pela explosão.

Nessa enorme "esponja" faz-se circular salmoura que recupera bilhões de calorias da bomba, e que chega a mais de cem por cento na usina de distilação.

Ali, a salmoura radioativa passa para os transformadores, e seu calor serve para distilar a água do mar nas baterias de **alambiques** especiais. Quando a salmoura esfria é reinjetada na "bôlsa", espécie de gigantesco barril.



STILA A ÁGUA DO MAR

A água do mar, distilada em quantidades ilimitadas, transformaria inteiramente a economia de países como a Espanha, Itália do Sul, Grécia, isto sòmente quanto a Europa.

Para o nordeste brasileiro sua aplicação seria revolucionária, transformando radicalmente uma zona sêca em fertilíssima. E quando se pensa que os desertos cobrem quase o têrço do conjunto dos continentes, verifica-se quão imensas são as possibilidades da irrigação "termonuclear", porque o emprêgo das bombas como fonte de calor para a distilação seria bastante rendosa, contràriamente aos processos clássicos.

O cálculo revela que a irrigação das regiões subdesenvolvidas custaria pouco mais de conto de réis por hectare e por ano.

A crise da água, que se agrava de ano para ano, em certas regiões dos Estados Unidos, já provocou nesse país sérias tentativas para produção de água doce, tirada do mar. Com água doce em abundância, o Texas seria mais rico, do ponto-de-vista agrícola, que a Flórida e a Califórnia. Tentarão os norte-americanos a realização dêsse plano?

ASSIM VAI O MUNDO

O pára-quedista do Exército norte-americano, Robert Egan Rees, divorciado no fim da guerra, submeteu-se a uma operação cirúrgica na Holanda visando mudar de sexo, e contraiu matrimônio, já com o nome de Tâmara, com o maquilador de Hollywood, James Courtland. Tâmara Courtland, logo após o casamento, angariou fama como bailarina. E agora acaba de requerer novo divórcio, a fim de dedicar-se inteiramente ao "ballet".

ENQUANTO não se puder ouvir, nos estúdios radiofônicos, os estalos do interruptor dos aparelhos receptores que os radiouvintes, descontentes, desligam, a radiodifusão não terá atingido a perfeição sonhada. (De uma revista norte-americano.)

AOS noventa e um anos de idade, Eli Lucas, da cidade de Whitesburg (Kentucky), teve o seu décimo filho. Três são da sua primeira espôsa, e sete da segunda, que conta apenas trinta e cinco anos.



PELA primeira vez na história das universidades norte-americanas foi escolhida uma jovem negra como "miss" representativa das estudantes. A distinção recaiu sôbre uma jovem de



dezesseis anos, da Universidade de Iowa.

O mel de abelhas, empregado pelos antigos egípcios para a cicatrização das feridas, está sendo novamente aplicado por um cirurgião de New York, dr. H. G. Bulman, que assegurou haver conseguido os melhores resultados. Segundo a informação enviada à "Sociedade Americana de Cirurgia", "essa substância não é irritante, sendo bactericida, nutritiva, de simples aplicação e, além de barata, altamente eficaz".

AO ser expulso, completamente embriagado,, de um bar de El Monte, na Califórnia, Montgomery Stiven pôs seu automóvel em marcha e, a tôda velocidade, precipitou-se contra o estabelecimento. Com êsse seu ato de vingança, provocou duas mortes e ferimentos graves em outros três indivíduos.

NO ano passado circularam, na Inglaterra, quinhentos milhões de cartões de natal. A média é de dez para cada habitante. E a despesa, com a remessa, chegou a mais de três milhões e quinhentas mil libras.

DEPOIS de uma viagem de mais de um mês pelas regiões da África habitadas por negros semicivilizados, o cardeal Tisserand decidiu formar um clero exclusivamente africano.

EM Roma, na noite de São Silvestre, persiste a antiga tradição de saudar o ano-novo, arremessando-se pelas janelas pratos quebrados, vasos rachados e muitos outros objetos impres táveis. Em geral, êsse costume ocasiona feridos entre os transeuntes que não tomam precaução.

SEGUNDO uma estatística recente, os atos de terrorismo isolados que tiveram lugar no Marrocos francês durante o ano de 1935 provocaram quinhentas e trinta e três mortes (quatrocentos e oito marroquinos). Esta estatística não inclui as vítimas das agressões coletivas, como as de Ued Zem e outras, em que morreram mais de cem europeus.



A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de ANTHONY BERKELEY • Tradução de RENATO DE ALENCAR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jornalista e escritor Roger Sheringham recebera do pastor A. S. Manners, do interior da Inglaterra, uma carta na qual lhe solicitava o favor de averiguar o que se passava com sua filha Janet, que havia ido lutar pela vida em Londres, e já se haviam escoado muitos meses e nenhuma notícia tinham dela. Roger meteu mãos à obra e apurou que a jovem, depois de colocar-se como corista de uma companhia teatral, aparecera morta por enforcamento no cômodo que ocupava com uma colega de elenco. Seu nome de artista era "Unity Ransome", e, por isso, tudo permanecera no desconhecido. Roger foi, pessoalmente, levar à desolada família Manners a dolorosa notícia. De volta a Londres, outros casos idênticos se verificaram. O jornalista não teve nenhuma dúvida e ficou certo de que se tratava de uma série de assassínios praticados pelo mesmo delinqüente. Para poder descobrir o autor de tantos crimes, todos êles sôbre mulheres jovens, inclusive noivas e da alta roda londrina, aliou-se ao inspetor-chefe da Scotland Yard, Moresby, e passaram a trabalhar juntos.

— O diretor-adjunto? Oh! Sir Paul Graham... É êle o atual diretor-adjunto, não? Conheço-o vagamente.

— Realmente. Êle mo disse. Escute, Pleydell; deixe de estar nesse nervosismo, a riscar o solo para lá e para cá; tome um uísque e sente-se junto ao fogo. Quero conversar com você, mas não posso fazê-lo se não se acalmar.

— De que deseja falar-me?

— Mas... do nosso assunto, é claro! Gostaria de falar-lhe de um caso que me preocupa... É duro para as minhas vítimas, reconheço-o perfeitamente; mas... que quer você? Isso servirá para clarear-me as idéias.

— Estou à sua disposição — respondeu Pleydell, com leve sorriso.

O visitante, atendendo ao pedido de Roger, sentou-se, servindo-se de generoso uísque. Roger, com pressa, encheu o cachimbo.

— Eis o que desejo dizer-lhe — começou. — Você vai compreender, imediatamente, o motivo por que não posso tomar como confidente o meu excelente amigo e inspetor-chefe, Moresby. Tenho a impressão de que a Scotland Yard labora em êrro.

— Será possível? — disse Pleydell, manifestando o mais acentuado interêsse.

— Sim. Jamais deixei de repeti-lo a propósito dessa pista do papel de cartas, que vem sendo o **cavalo de batalha** das investigações oficiais. Quanto ao novo crime, estou com a mesma opinião, de que a Scotland segue caminho errado. Os problemas que os crimes estão expondo não podem ser resolvidos pelos métodos tradicionais da Scotland Yard, a qual, muito temo, não está percebendo bem a psicologia muito particular do assassino. Sòmente métodos de imaginação psicológica poderão desmascará-lo.

— Concordo com você — disse Pleydell.

Roger refletiu um instante.

— Consideremos essa impressão digital, por exemplo. Para que vai servir, se não pudermos encontrar o dedo que a produziu? Certamente que a polícia não possui uma impressão dessa espécie em seus arquivos, o que seria fácil de encontrar nas fichas, se se tratasse de um caso qualquer. Só servirá de contrôle quando o bandido fôr agarrado; mas, nas pesquisas atuais, nada adiantará à Scotland Yard. Quanto à descrição fornecida pelo porteiro, tudo muito vago: o homem vestia sobretudo azul, luvas laváveis. Ora, isso pode aplicar-se a milhares de homens residentes em Londres. Não. Quanto mais penso, tanto mais estou convencido de que êste último crime em nada nos ajudará a pegar o criminoso. E a polícia vai ser obrigada a regressar ao seu ponto de partida, **o famoso roteiro dos papéis para carta**! Talvez obtenha resultados com isso; mas duvido muito.

— Então...

— Penso que, tanto a Scotland Yard quanto eu, devemos seguir caminhos diferentes, mesmo divergentes, pois que não me sinto de maneira alguma ligado a êsses senhores. Sem a menor hesitação deixarei de lado a linha seguida pela polícia, se convencer-me, cada vez mais, de que ela se engana.

— Está coberto de razão.

— Por isso, desejo sua ajuda — afirmou Roger.

— Com muito prazer — respondeu Pleydell. — Agradeço-lhe esta prova de confiança... Você bem sabe com que ânsia eu desejo agarrar êsse **miserável**...

Roger concordou com um gesto de cabeça. Não havia obedecido a nenhum impulso repentino, ao oferecer esta colaboração a Pleydell; mas vinha pensando nisso desde longo tempo, certo de que traria à sua linha de investigações um excelente recruta, tanto pela sua posição financeira, como pela condição de personagem conceituada nos meios sociais. Pleydell seria também como um juiz da natureza humana. Além do mais, embora ligado às fileiras da polícia oficial, isto não o impediria de agir como franco-atirador, o que era uma das suas maiores preocupações.

— Veja — continuou êle — que eu considero sinceramente a Scotland Yard como poderoso organismo policial; mas, penso que, no caso que nos interessa, está a mesma divorciada de um roteiro certo que a leve à descoberta do assassino. O monstro, veja bem, não age como poderia fazê-lo um criminoso vulgar. Não tem êle o vulgar cérebro de um delinqüente comum. Não faço alusão, sem dúvida, ao larápio que perde a cabeça ao ver-se atacado e foge; refiro-me ao homicida normal, que age sem premeditação, pois a maior parte dos assassinos estão incluídos nesta categoria.

— Concordo.

— Examinando-se os **dossiers** da Scotland Yard, relativos aos criminosos dêste país que terminaram nas garras da polícia — prosseguiu Roger, cada vez mais seguro de sua boa argumentação — verificaremos que o criminoso já conhecido da polícia e que se torna assassino, quase sempre se deixa prender. Uma vez identificado pelas fichas, as **chances** de escapar ao castigo se tornam mínimas. Nossa organização é, provàvelmente, a melhor do mundo, se formos julgá-la pelos resultados obtidos nos casos delituosos de ontem. As fichas são preenchidas com espantoso luxo de detalhes, tanto materiais, quanto psicológicos. Bill Jones gosta de visitar um guarda-comidas quando termina um de seus assaltos.. Al Smith sempre invade uma casa pelo telhado; Joe Robinson abraça e beija a camareira que o ameaça com o revólver... E assim por diante. Tais circunstâncias, tão repetidas, ajudam o trabalho de nossos detetives.

— Você me disse coisas muito curiosas — exclama Pleydell, muito interessado. — Não tinha a menor idéia de que as fichas dos delinqüentes contivessem dados tão completos!

— Sim; mas a polícia se vê em sérias dificuldades, quando tem que enfrentar assassinos de outra espécie, em tôrno dos quais não há nenhum indício anteriormente registrado. Passam sem ser percebidos pela polícia, a mneos que deixem no rastro sinais evidentes de sua atuação criminosa, ou quando há testemunhos incontestáveis. O fato de terminarem, finalmente, agarrados, prova apenas uma coisa: terem esquecido, quase sempre, essa ou aquela precaução.

— Penso que o criminoso vulgar nunca é muito inteligente — disse Pleydell. — De certo que se absteria de matar, se fôsse menos estúpido.

— É claro. Para resumir, consideremos os crimes que ficaram sem solução desde uns cinqüenta anos na Inglaterra, e veremos que êles se incluem, todos, nesta última categoria: falta absoluta de indícios primários; ou, se há indícios, não levam êles a nenhuma solução. Por isso, eu tomo o amigo como juiz: se essa fôlha de papel de carta não der resultados, não se tornará inútil ao nosso caso?

— Parece-me evidente.

— Pois é. Pelo que penso, êsse pedacinho de papel irá, forçosamente, decepcionar aos senhores da Scotland Yard. Noutras palavras: seremos obrigados a perseguir a caça por nossa própria conta.

Dizendo isto, o jornalista, satisfeito de sua peroração, acendeu o cachimbo, que se

havia apagado durante a conversa, e fumou em silêncio.

Ficaram os dois imóveis por uns momentos, os olhos fixados no fogo.

— Fico-lhe muito grato, Sheringham — disse Pleydell — por haver-me convidado para ajudá-lo nesse trabalho, pois tenho uma idéia que pode ser muito interessante, segundo creio. Imaginava explorá-la sòzinho... Mas, diante de seu convite, agradeceria se me desse sua opinião franca.

— Com o maior prazer.

— Pois aqui vai ela. Não pensou nunca na possibilidade de chegarmos ao nosso homem através de sua ocupação? Se tentássemos, por exemplo, uma triagem na profissão médica; poderíamos selecionar os nomes da lista da Riviera, enumerando os médicos que estiveram ali em fevereiro, o que muito nos facilitaria.

— É interessante — disse Roger. — Suspeita de alguma profissão?

— Oh! Não... Nada de definitivo, por ora. Apenas uma impressão. Veja bem: deixando-se de lado a morta de Monte Carlo, Unity Ransome era atriz; Dorothy Fielder, da mesma forma. Segundo o que penso, a freqüentadora de **boîtes** as teria conhecido, segundo creio, mantendo relações com elementos do teatro. Ajunte a tudo isto, que o assassino era certamente conhecido das vítimas...

— Um ator! — exclamou Roger.

— Isso mesmo!

Continuaram os dois a fumar, em silêncio.

— Interessante — murmurou o jornalista.

— Creio que é, realmente — declarou Pleydell, com modéstia.

— Pesquisaremos nessa direção.

— Era o que eu ia fazer... Tanto mais que sou a pessoa mais bem indicada para isso.

— Ah?

— Sim — explicou Pleydell; meu pai e eu nos interessamos financeiramente por certas emprêsas teatrais. Poderei, com facilidade, obter indícios necessários sôbre os meios de nos orientarmos suficientemente.

— Perfeito. Precisamos, antes de mais nada, obter a lista de hóspedes inglêses da Riviera. Moresby poderá fornecê-la. Até aí, nada faremos.

— De acôrdo. Mas poderemos, neste ínterim, informar-nos um pouco, sôbre os atores que essas mulheres tinham tido por amigos.

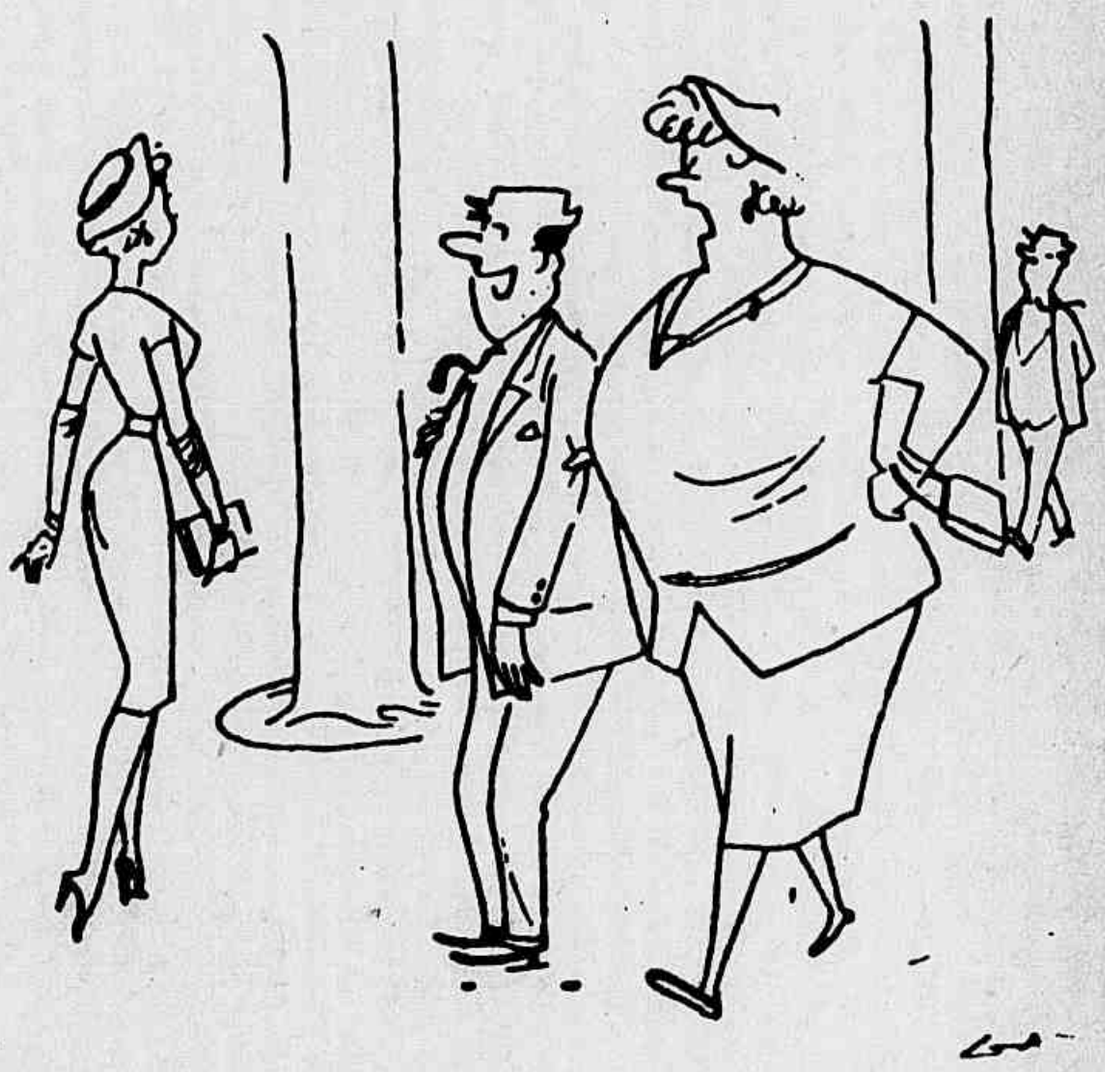
— Falarei sôbre isso a Moresby. A polícia é a melhor fonte para fornecer-nos tais informes.

Por longo tempo ainda conversaram, mas sem adiantar em nada a solução do problema.

Capítulo XVI

Durante vários dias o caso em nada avançou, segundo pensava Roger. Interrogado, Moresby se tornava cada vez mais reticente. Primeiramente, Roger não ligou muito, continuando bem humorado; depois se sentiu um tanto magoado, até que mergulhou em fundo ressentimento, terminando por resignar-se, uma vez que o inspetor-chefe se recusava a falar-lhe com a bela franqueza do comêço. Roger percebeu, então, que essa mudança tinha como base a intervenção de Green. Era fatal que sobreviesse uma separação em face da atitude de Moresby.

Foi-lhe permitido obter uma lista dos hóspedes inglêses da Riviera durante o



— **Afinal, quero saber o que ela tem que eu não tenho...?**

— **É melhor perguntar... o que ela** *não tem*...

período crítico. Roger a transmitiu a Pleydell, que providenciou o seu exame por uma pessoa competente, a fim de nela descobrir, se possível, nomes de atores. A Scotland Yard também permitiu a Roger que tomasse conhecimento do relatório da polícia francesa relativamente ao caso de Monte-Carlo, fazendo-lhe ver, delicadamente, que não se tratava de um direito, e sim de um favor. Ademais, êsse relatório de nada iria servir, pois que a polícia francesa nunca deixou de crer que se tratava mesmo de um suicídio.

Tal ponto-de-vista era perfeitamente plausível, se se considerasse essa morte isoladamente; como de hábito, não se notara nenhum sinal de luta; nenhuma equimose, e a carta de despedida, assinada e muito mais explícita do que as das vitimas inglêsas, parecia perfeitamente convencer que, efetivamente, se tratava de suicídio.

Uma cópia dessa carta estava anexa ao documento. Roger foi obrigado a reconhecer que parecia autêntica, embora um tanto vaga.

Aplicando o princípio de chegar ao certo pelo errado, Roger comunicou a Moresby a teoria de ser um ator o criminoso; embora o inspetor lhe manifestasse tôda a sua gratidão, deitou água na fervura do entusiasmo do jornalista, quando terminou dizendo que, tanto êle, Moresby, como o comissário Green, já tinham tido igual idéia.

— E você chegou a realizar diligências nesse sentido? — pergunta Roger.

— Nós não negligenciamos nada, Sheringham — respondeu, polidamente, Moresby, passando a falar da temperatura.

Para verificar se os processos de pesquisas da Scotland Yard estavam dando resultados, Roger perguntou a Moresby se a pista que esperavam descobrir através de papéis de carta tinha dado certa.

O inspetor-chefe se mostrou evasivo e apenas respondeu:

— Não temos ainda em mão todos os informes a êste respeito, Sheringham.

— Pois me ponha a par de tudo o que já obteve, Moresby.

— Não seria melhor esperar mais um pouco, Sheringham? Eu lhe darei todos os dados de uma vez.

— Ora, Moresby! — Diga-me, ao menos se você chegou a descobrir alguma coisa.

— Já lhe tenho dito e repito agora, Sheringham, que êsse papel de carta terminará por abrir-nos todos os caminhos — disse o inspetor, com um sorriso amável.

Roger saiu furioso com as reticências do companheiro de investigações e bateu a porta com raiva; mas o seu mau humor não lhe impedia o raciocínio. Com certeza Moresby já havia descoberto qualquer coisa e coisa importante; mas teimava em não transpirar nada. Por quê?

Saiu dali e seguiu diretamente para o gabinete de sir Paul, perguntando-lhe com tôda a veemência quais as razões dessa desconsideração para com êle, uma vez que a Scotland Yard o havia aceitado como auxiliar das pesquisas, e êle combinara com Moresby o mais franco trabalho, sem nenhum segrêdo, cada parte informando a outra do que se fôsse descobrindo. Depois que êle havia obtido avanços na pista do criminoso, vinha agora a Scotland Yard e o jogava de lado, como **bagaço de cana**?

— Não pense numa coisa destas! — exclamou sir Paul visìvelmente incomodado. — Tire da cabeça tais suspeições, Sheringham!

Mas Roger insistiu. Sir Paul desviou o corpo. Explicou que as investigações haviam atingido um ponto muito delicado... Os detetives haviam chegado à conclusão de que era conveniente que o inspetor-chefe guardasse de tudo o mais absoluto segrêdo. O próprio ministro do Interior havia recomendado tal procedimento; que Sheringham tivesse mais um pouquinho de paciência...

O jornalista e detetive-amador gostaria que o resultado fôsse outro; mas... que fazer?

Uma bela manhã, exatamente três dias depois dessa conversa, o telefone retiniu. Roger foi atender e ficou um tanto confuso ao reconhecer uma voz feminina no outro lado do fio. Sùbitamente, julgou que se tratasse de algum convite para jantar ou dançar, e procurou uma desculpa razoável.

— Alô! — dizia a voz feminina. — É o sr. Sheringham?

— Sim — respondeu o jornalista.

— Aqui é Anne Manners.

Roger estremeceu como se tomasse um choque.

— Miss Manners ? Como ?! Está falando de Dorsetshire ?

— Não ! Estou-lhe falando aqui mesmo de Londres, sr. Sheringham. Está muito ocupado esta manhã ?

— De maneira nenhuma; estou até folgado — respondeu êle, com vivacidade; e dizia a mais pura das verdades.

— Eu desejo muito falar-lhe pessoalmente. Confesso, mesmo, que minha vinda a Londres não teve outro objetivo. Poderia marcar-me um lugar para nosso encontro ? Um restaurante, por exemplo ?

Combinaram, então, encontrar-se um quarto de hora depois, no restaurante de um grande "magazin" de Piccadilly.

Roger, endurecido celibatário, teve, não obstante, que reconhecer que Anne Manners estava encantadora. Vestida com simplicidade, mas usando bem modelado "tailleur" cinza completado por um chapéu de fêltro muito elegante, deu-lhe a mais espiritual das impressões. Delgada de talhe, de estatura "mignon", isso lhe alegrava muito, pois as mulheres dêsse porte lhe davam agradável sentimento de sua superioridade masculina e protetora.

Contudo Anne Manners não parecia, de modo nenhum, precisar de proteção. Pelo contrário, foi Roger que precisou de defesa, pois, mal a **garçonette** lhes trouxe o lanche, constituído de biscoitos e café, a moça começou o ataque sem mais preâmbulos:

— Por que não me escreveu sôbre o caso de Janet, sr. Sheringham ? O senhor me havia prometido cartas a respeito.

Roger enfrentou a censura bravamente.

— Realmente... Eu devia ter-lhe escrito.

— Esperei realmente — voltou Anne, com ar severo.

— Mas eu aguardava os resultados sôbre certos pontos, ainda pouco esclarecidos... — continuou êle, um tanto envergonhado.

— Ah ! Conseguiu descobrir alguma pista ?

— Eu... Sim... de certo modo...

O jornalista estava embaraçado. Que fazer ? Que dizer à pobre moça ? Não era possível dizer-lhe a verdade. De qualquer modo, não era **ainda** o momento.

— Explique-me o que há, sr. Sheringham.

— Bem... Não sabemos ainda grande coisa, é claro. Não identificamos o criminoso...

— O criminoso ? Há, então, um homem ?

— Suponho. Parece provável, não é mesmo ? Isto é... sempre pensei na possibilidade de tal existência.

Roger mui raramente se atrapalhava, e esta cena teria, certamente, divertido alguns de seus amigos.

Anne fitou o seu companheiro com o mais implacável dos olhares.

— Não sou mais nenhuma criança, sr. Sheringham; muito lhe agradeceria se me respondesse com tôda a franqueza: **minha irmã foi assassinada** ?

Roger a olhou com certa surprêsa. Até então a família da morta sabia que ela morrera enforcada. Praticara o suicídio. Era êsse, em todo caso, o laudo da polícia. O jornalista se lembrou, então, de ter aplicado o mesmo método quando apertara Moresby sôbre tais acontecimentos. Via, agora, com perplexidade, que Anne Manners se servia dos mesmos recursos para obter dêle uma confissão. Então procurou desviar-se:

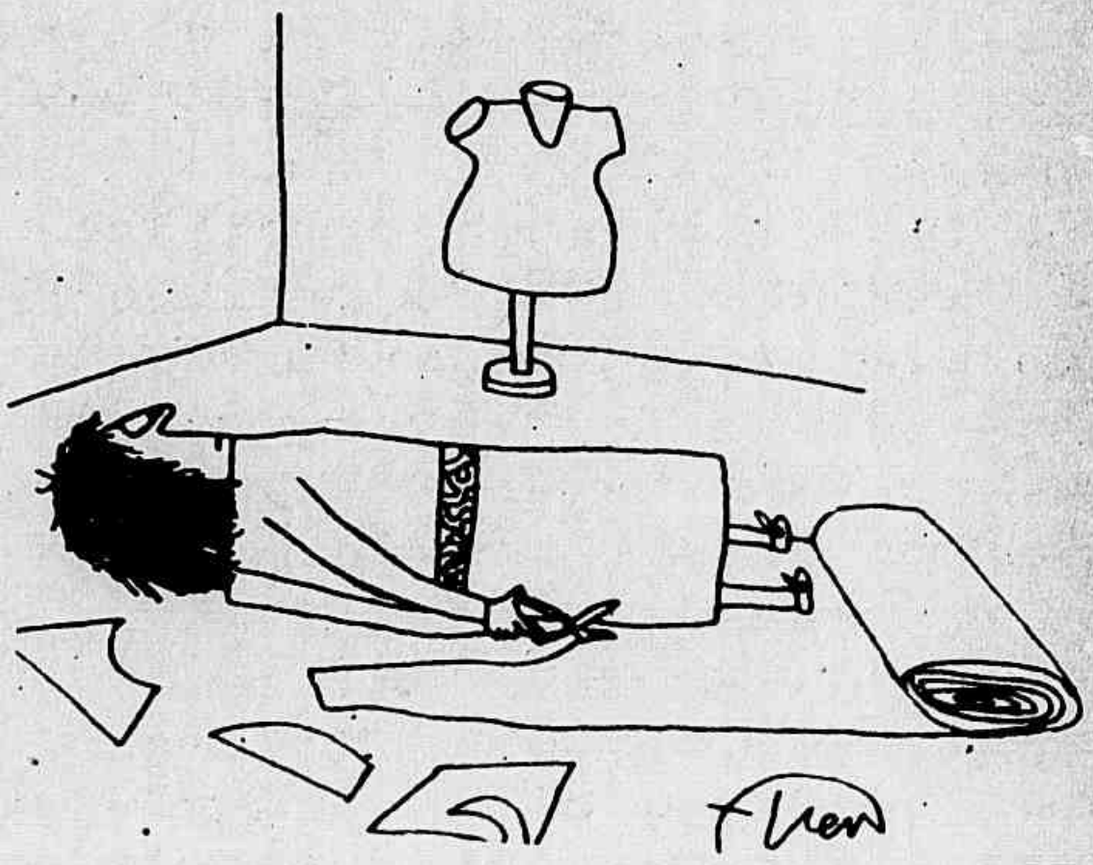
— Por que pergunta isso, miss Manners ? — perguntou Rogers, que procurava ganhar tempo.

— Por quê ? Ora, porque... é evidente ! — replicou ela. — Além do mais diz-se...

— Que é que se diz ?

— Fala-se...

— Que se fala ?...



Roger estava cada vez mais surpreendido; mas firmou-se e readquiriu a serenidade.

— Essa moça, Moira Carruthers, a companheira de Janet...

— Ah! Você foi vê-la?

— Eu estou morando com ela.

— Hein?! Por que foi para lá?

Anne parecia refletir antes de responder.

— Ouça-me, sr. Sheringham — voltou ela, com muita calma. — O senhor não está percebendo a razão da minha atitude, nem pode interessar-se pela morte de Janet, como eu devo interessar-me. Mais do que ninguém, devo procurar saber da verdade a respeito do enforcamento de minha irmã, e espero descobrir tudo. Vim a Londres, depois de entregar a direção de nossa casa a Mary, disposta a descobrir o que se passou com Janet, pois sempre imaginei que se tratasse de um assassinato. Foi isto que me trouxe a Londres. Não creio que se suicidasse. **Minha irmã foi assassinada**. É verdade?

— Também creio que assim tenha sido. É doloroso; mas esta sempre foi a minha opinião.

O rosto de Anne empalideceu.

— Obrigada — murmurou ela.

Roger desviou o olhar, a fim de permitir que Anne se refizesse da emoção.

— Eu estava certa disso — voltou ela, após breve silêncio. — Mas muito lhe agradeço por ter-me falado francamente. Sabe-se quem a matou?

— Não; ainda não. A Scotland Yard está trabalhando no caso, e eu tenho colaborado com ela.

— As outras infelizes também foram assassinadas?

— Assim penso. Tinha suas dúvidas sôbre tudo isso, antes de partir, miss Manners?

— Não, mas havia compreendido que o senhor suspeitava de alguma coisa, e, como não recebesse nenhuma notícia sua, não resisti ao desejo de esclarecer tudo e descarregar o pêso do seu coração. Depois Moira me disse o que se comenta nos bastidores do teatro.

— Oh! Então se fala nisso no teatro? — indagou Roger, vivamente interessado.

— Creio que se fala por tôda parte — respondeu Anne com um sorriso triste. — Em todos os lugares, menos, talvez, nas redações. Evidentemente, nada me sopraram no teatro; porém, Moira me pôs ao corrente de tudo, pois achou de seu dever avisar-me. Ela gostava muito de Janet, e deseja, tanto quanto eu, ver desvendado êsse horrível enigma e agarrado o assassino.

— Sim — murmurou Roger. — Moira é uma jovem corajosa. Tudo fêz para ajudar-me; porém, por êsse lado, nada adiantamos.

— Sei. Creio, igualmente, que a direção da companhia e meus colegas compreenderam meu objetivo, pois fui imediatamente colocada, logo que souberam que eu era irmã de Janet.

— O quê?! Então está você figurando na nova revista? — exclamou Roger, estupefato.

A delicada Anne, no palco, trabalhando em revista de baixa cotação!

— Pois é, sr. Sheringham; estou substituindo Janet, não só no teatro como na vida da cidade, e isto até à captura do miserável.

— Mas... por quê? Que idéia foi essa?

— Porque... talvez tenha êle a intenção de atacar-me também, o que me permitirá desmascará-lo... É minha grande esperança, o imenso desejo de agarrá-lo, eu mesma. Ah, sr. Sheringham! Se eu chegasse a pegá-lo!

Seu rostinho, normalmente tão calmo, toma a expressão da leoa que vai estraçalhar o caçador responsável pela morte de um dos filhotes.

Roger rendeu homenagens a essa sêde de vingança. Ôlho por ôlho, dente por dente, era um princípio que êle admitia perfeitamente. Seu desejo de ver capturado o bandido, desejo absolutamente impessoal de defesa da sociedade, não o impedia, de forma nenhuma, de compreender os fins mais imediatos de Anne e Pleydell. Se êle os pudesse ajudar, não deixaria de fazê-lo. Uma súbita impulsão o decidiu a falar.

— Quer que lhe diga tudo o que sei, até hoje, sôbre o assunto?

— Eu lhe suplico — murmurou Anne Manners.

Roger não sentiu nenhum escrúpulo em relatar-lhe o que sabia. Tinha aquela moça o direito de saber tudo. Além do mais, em face da atitude da polícia para com êle,

achava-se à vontade e decidira agir livremente. Seria, de ora em diante, **franco-atirador,** e escolheria como auxiliares a quem êle bem quisesse. A Pleydell, já a seu lado, vinha juntar-se Anne Manners.

Roger narrou-lhe tudo o que havia até àquele momento e a encheu de esperanças, tanto as dêle, como as da Scotland Yard, embora condicionadas às conclusões do futuro. Anne só o interrompeu uma vez, quando Roger citou os três suspeitos iniciais, cujos nomes figuravam em sua lista e na de Pleydell.

— Conheço bastante mr. Dunning, e um pouco mr. Newsome. Não há motivo para suspeitar dêles. Também já tive oportunidade de encontrar-me com mr. Beverly. Penso estar fora de cogitações. Pode o senhor riscar todos êstes nomes da relação dos suspeitos.

— Também é esta minha opinião — disse Roger prosseguindo na exposição.

Quando terminou, Anne refletia com o rosto entre as mãos. O relato do jornalista não pareceu causar-lhe nenhuma surprêsa; mas precisava e desejava assimilar bem os fatos para ajustar as coisas à sua própria linha de conduta.

— O fim de minha hospedagem em casa de Moira e o meu trabalho no teatro — explicou ela — afinal, era o meio de transformar-se em "isca". Desejava aproximar-se, o mais possível, ao tipo de mulher que parece atraí-lo. Quero prosseguir o mais que fôr possível, nesse plano de ação.

— Mas... reflita no perigo que corre, miss Manners! Não vejo...

— Uma única modificação em meus planos — continuou ela, como se Roger não tivesse nada que dizer — é que, de agora em diante, pôr-me-ei à sua disposição. Ou sob suas ordens, se prefere assim. Estou de acôrdo com o senhor; a Scotland Yard, com tôdas as restrições impostas à sua ação pela lei, pode fracassar num caso dêstes; mas, espero que uma coligação compreendendo mr. Pleydell, o senhor e eu, deverá obter êxito. Ela irá ser posta à prova de tôdas as maneiras.

— Mas...

— É o senhor quem vai dirigir as operações, está claro; mr. Pleydell, estou certa, nenhuma objeção fará. Estarei à sua disposição quando precisar de mim. Minha qualidade de atriz é apenas uma base para maior possibilidade de ação. Se o senhor tiver qualquer suspeita, seja sôbre quem fôr, estou inteiramente ao seu dispor, pronta para a ação final.

— Mas... Miss Manners... Pelo amor de Deus, Anne! Eu não posso autorizá-la... a...

— Deixe-me explicar. É preciso que façamos crer, discretamente, a todos os nossos suspeitos, que estarei sòzinha lá no apartamento a certas horas, antes e depois do meio-dia, por exemplo. Moira sairá todos os dias, ostensivamente. Como verdadeira aranha, eu esperarei minha vítima. É inútil falar de perigo, tendo-se em vista que o miserável não poderá pegar-me de surprêsa, como deve ser seu processo habitual. Êle jamais me apanharia desprevenida, mesmo que pusesse em prática outra estratégia!

— Mas a responsabilidade...

— O senhor estará sempre à vista. Poderemos até convencionar um código de sinais, por exemplo. Pode sugerir uma melhor combinação, mr. Sheringham? E aceitar minha colaboração? Porque só



— Sim, estou aqui na esquina. Para você me reconhecer, estarei com um lenço vermelho na mão direita...

agirei sòzinha se o senhor não precisar de mim. O que seria, realmente, muito mais perigoso.

— Anne... você me coloca em situação muitìssimo difícil — disse Roger, bastante preocupado.

— É êste meu plano, meu ponto-de-vista... — replicou a moça, perfeitamente senhora de si. — Estamos de acôrdo?

— Aceito! — exclamou Roger, pondo de lado seus escrúpulos. — Vamos dar uma lição na Scotland Yard!

Capítulo XVII

Antes de deixá-la, Roger acertou com Anne um novo encontro à hora do chá. Contava levar Pleydell e fazer a apresentação, um ao outro, dêsses novos colaboradores. Mas o destino decidira contràriamente. Descia Piccadilly com Pleydell, após o almôço, quando se encontrou nessa grande artéria, com Anne e miss Carruthers, que vinham ao seu encontro. Roger apresentou Pleydell a miss Manners, o que fêz também com Moira Carruthers.

— Muito prazer em conhecê-lo, mr. Pleydell — disse miss Carruthers, naquele seu tom lânguido, encantador e muito diferente do de Anne, na presença do jovem celibatário tão ajudado pela fortuna.

— ... É, então, o senhor Pleydell!

— E a senhorita é miss Carruthers — respondeu Pleydell, galantemente. — Eu deveria tê-la reconhecido imediatamente.

— Tanto assim? — gracejou ela, com um arzinho de jovem inocente.

— Já se conheciam? — perguntou Roger.

— Não diretamente — murmurou a atriz com firmeza. — Mas tenho visto mr. Pleydell na platéia em vários números.

Pleydell fêz um gesto de cabeça, afirmativamente, e se dirigiu a Roger:

— Você já sabe; muito me interesso por certas emprêsas teatrais. A revista ora em cena, "Mettez les Pouces", foi, em parte, financiada por mim. Mas, pelo amor de Deus, não conte a ninguém — ajuntou êle, sorrindo — porque a minha reputação de homem de negócios, sofreria muito com isso. **"Não se meter com teatro"**, é dogma entre os financistas.

— Não acreditava que o senhor fôsse o célebre Pleydell — arriscou, com doçura, miss Carruthers.

— Muita gente também não crê nisso — disse Pleydell, rindo. — Procuro manter-me absolutamente incógnito no teatro. Por isso poderá a senhorita calcular a importância do segrêdo que acabo de confiar-lhe. Serei arruinado em vinte e quatro horas se os jornais souberem que eu empreguei dinheiro em uma revista!

— É verdade?... — exclamou miss Carruthers.

Durante êsse tempo, Roger conversava com Anne e confirmava o encontro marcado antes. Instantes depois, as duas amigas se despediram.

— Pode agora compreender, Roger — disse Pleydell, quando ficaram a sós — como pôde miss Anne colocar-se tão fàcilmente na revista "Mettez les Pouces". Mas falo sèriamente, quando digo que não quero, de maneira nenhuma, que se divulgue o interêsse que tenho pelo teatro.

— Esteja tranqüilo — respondeu Roger. — Confesso-lhe minha grande surprêsa quando miss Manners me revelou tal emprêgo. Você sabia que ela viera a Londres com êsse fim?

— Francamente, não. Jamais soubera ou pensara em tal; mas me lembrei do que você me dissera antes sôbre essa família, vítima de tempos difíceis, e pensei que essa garôta viera para Londres a fim de aliviar os de casa e mesmo contribuir, modestamente, para o sustento dos mesmos. Quando eu soube que uma irmã de Unity Ransome procurava emprêgo, dei ordens à direção do teatro para facilitar-lhe as coisas. Eis tudo.

— Tem muita influência na emprêsa?

— Sim, no que concerne a esta montagem. Sou o principal financiador — respondeu Pleydell, com ar negligente.

Roger e miss Carruthers ficaram fortemente impressionados com a declaração do capitalista. O jornalista convidou Pleydell para o almôço, quando os três se reuniriam e conversariam suficientemente sôbre seus planos de batalha.

(Continua no próximo número)

UM FARAÓ REVOLUCIONARIO



A [illegible] um [illegible] as [illegible] de 3 400 anos, e [illegible] de Punt [illegible] monarca [illegible] do Universo" e "Deus Justo": o Faraó.

Tal era o resultado de uma sucessão espantosa de reinados, que, todos tinham procurado reforçar o poderio do Egito e levá-lo ao máximo de sua grandeza.

Uma história verdadeiramente prodigiosa. Dois séculos antes, ainda, a velha terra suportava o domínio estrangeiro, ignominioso, imposto pelos "Reis Pastores". Eram tempos amargos, que os egípcios jamais deixariam de evocar com horror. Depois, ao apelo dos reis sucessores de Tebas, guardas das antigas tradições, desencadeara-se um movimento em prol da libertação nacional.

Em [illegible] esforços, os Egípcios [illegible] enxotados para além fronteira.

Teve início, então, a época de [illegible] em o Totmes [illegible] Atirando-se [illegible] dos vencidos, [illegible] os Faraós [illegible] trado até muito longe, na Ásia, ocupado o corredor da Síria-Palestina, atingindo o Eufrate, onde, estupefato ao ver um rio correr em sen-

tido contrário ao do Nilo, um dêles exclamou: "Eu vi a água, em retôrno, descer subindo..."

também, obrigando-os a solicitar a graça, mas, sensatos e sabendo que as vitórias da fôrça são frágeis, havia chamado os ven-



Retrato de duas das filhas do faraó Akh-en-Aton — segundo um afrêsco que se encontra,

Novo inimigo tinha surgido, o Mitanni, federação asiática, dirigida por uma elite ariana. Os Faraós os haviam vencido, cidos para a sua causa, dêles fazendo úteis aliados e desposando suas filhas. Tudo estava, portanto, sólido e estável e perfei-

tamente organizado no imutável Egito. Tinham decorrido dois mil anos desde que os reis de lenda tinham federado as tribos,



hoje, no museu da Universidade de Oxford.

quinhentos, talvez, que se erguiam as Pirâmides, e o orgulho maior ligava-se a que nada, absolutamente nada, desde então, havia mudado. Mesmo as estátuas, de geração em geração, eram feitas sob estritos e intangíveis modelos. Também o Panteon era rigorosamente ordenado, com seus monstros sagrados, meio-homens, meio animais, cada um lembrando o velho totem de uma cidade, e sôbre os quais reinava o deus tebano Amon, promovido a senhor supremo e que diziam ser o mesmo que Râ, soberano celeste de Heliópolis, Sol invencível. Tudo parecia, de fato, definido, uma vez por tôdas, tudo ordenado, tudo imutável...

E, bruscamente, tudo mudou.

UM ADOLESCENTE FRÁGIL DE OLHOS INQUIETOS — O homem que por quinze anos quebraria a marcha dos destinos do Egito chamava-se Amenophis, quarto de nome. Era o sétimo soberano da XVIII dinastia, a dos conquistadores das mãos terríveis.

Porém Amenophis IV era bem diverso dos seus valorosos antepassados. A que atribuir essa fragilidade, essa graça doentia? Ao enfraquecimento do sangue de sua raça? Às hereditariedades mal conhecidas levadas para a dinastia faraônica pelas princesas mitanianas desposadas por seu pai e seu avô?

Observemo--lo, tal como é apresentado pelas admiráveis estátuas, que dêle possuímos. Um adolescente magro e pálido, de olhos inquietos. O alongamento do crânio, o exagerado volume do ventre, um certo prognatismo, tudo indicando sintomas pesados. Mas a pedra conserva também, ainda, o reflexo interior dessa chama.

Na sombra dos museus, como parece próximo de nós êsse rosto real! Êsse homem tem uma alma que os séculos não puderam apagar. E a seu lado, a imagem encantadora da que seria a fiel companheira do rei revolucionário, essa rainha cujo rosto, nas vitrinas dos museus, desperta em nós uma atenção mais terna que a da admiração estética, e que desejaríamos conhecer como uma mulher de carne e de sangue. Frágil, de perfil puro, a bôca delicadamente desenhada, o olhar atento, um pouco triste também, nela sentimos essa fôrça indomável que a fragilidade feminina sabe tão bem esconder! Nefertiti, "a bela que aqui está", a associada dos



grandes riscos, a colaboradora de tôda a emprêsa: mas também a amiga e a ternura; porque, pela primeira vez na história, é ainda na união dêsse casal que vemos outra coisa que um casamento de conveniências políticas, que recebemos dos textos e das imagens o testemunho de uma comovedora paixão.

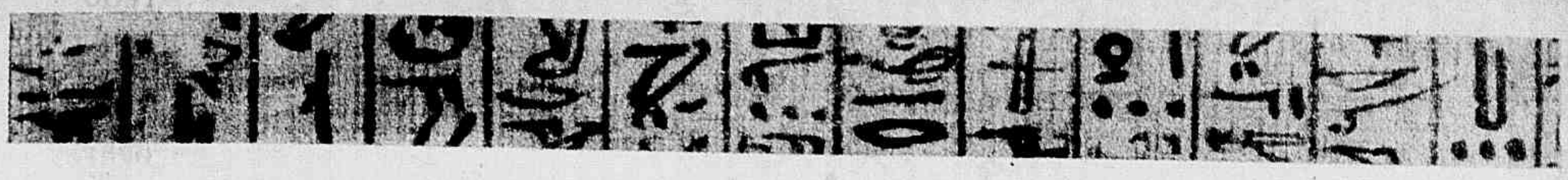
A RESOLUÇÃO DE ATON — No quarto ano do seu advento — sem dúvida em 1370 antes da nossa era — Amenophis IV empreendeu um projeto sôbre o qual, seguramente, havia meditado muito. Sua decisão está inscrita em documentos arqueológicos, em sinais vigorosos e surpreendentes. Numa época que corresponde exatamente ao seu reinado, o nome sagrado de Amon desaparece de tôda parte. Os cartuchos reais, onde se alinham os hieróglifos do Sol de Tebas são martelados, mutilados, destruídos. Nos nomes onde figuravam suas sílabas o cinzel passou, apressado e destruidor; sofrem assim todos os Amenophis. E tudo o que, no Panteon, recorda mesmo de longe o deus tebano, seus servidores, ou acólitos, tudo é implacàvelmente proscrito.

Devemos salientar a importância dessa revolução operada por uma aparentemente simples troca de nome. Não é de ontem que uma rutura no vocabulário p a r e c e necessàriamente marcar um desvio da História. E isso era mais importante, ainda, nessa Antiguidade oriental, onde o nome passava por entreter com o ser ligações ocultas de influência e de fidelidade. Dar um nome, designar alguém por um nome, uma palavra, era chamar à existência. Conhecer o nome de um deus, era ter êsse deus a sua disposição.

Assim, contava-se que o grande senhor Râ, mordido por uma cobra, pedira à deusa Ísis, a melhor de tôdas as mágicas, que o curasse, e a deusa, antes, exigira que êle lhe concedesse seu nome, segrêdo de tôda sua fôrça.

Assim, entre os Hebreus, Deus mudara o nome de Abrão em Abrahão, para significar a promessa, concedeu a Jacob, após sua luta noturna, o misterioso vocábulo de Israel e, pouco tempo após a época em que Amenophis IV reinou sôbre o Egito, revelando a Moisés o vocábulo inefável que o designa, concedeu-lhe uma fôrça indiscutível. Não, não é de ontem





que o homem soube que, no comêço de tôda criação está o Verbo.

Quando Amenophis IV cingiu a dupla coroa do Alto e do Baixo Egito, ostentara em sua titulatura o qualificativo de "Paz de Amon" e de "Único de Râ", mas sua mãe Tii e seus conselheiros também ainda ajuntado o têrmo de "Grande Sacerdote do calor feliz de Aton", o que não era habitual. É certo que uma intenção se ocultava por trás dêsse ato. Exaltando Aton e diminuindo no mesmo ato Amon-Râ, visavam apenas a tirania do clero tebano. A revolução religiosa do jovem príncipe empregou êsse meio.

Banidas as longas titulaturas com o nome de Amon, outro tomou o seu lugar. Amenophis desapareceu da História e os súditos do Faraó foram convidados a conhecê-lo, de então por diante como Akh-en-Aton, "aquêle que dá alegria a Aton".

Difícil é medir o alcance de uma reforma teológica quando se não está no próprio seio da religião, onde ela opera. Aos olhos do não-cristão, quão mínimas parecem as diferenças entre um protestante e um católico, e no entanto tais diferenças provocaram rios de sangue. Entre Amon e Aton, a modificação de uma letra seria suficiente para provocar muito mais que um sismo?

Aton era um velhíssimo vocábulo divino, que também pertencia à teologia do Sol. O antigo deus Râ, de Heliópolis, que Amon de Tebas tinha suplantado, era — desde tempos imemoriais — venerado sob a aparência do astro ou melhor sob os diferentes aspectos que êle assume aos olhos dos homens. Aton ou O Aton, a diferença original se relacionava, antes que tudo, com as rivalidades locais que com a acentuação espiritual. Mas só isso?

AS RAZÕES DE UMA REVOLUÇÃO — Na verdade, as razões que podem ser apontadas para essa revolução religiosa são numerosas e de ordens diversas. As duas

Traços finamente modelados, bôca e lábios espessos, o sorriso um tanto triste, o ar meditativo: tal foi Akh-en-Aton - Aquêle que alegra aton...





primeiras foram políticas, uma interior, outra exterior. Interior, contra o clero tebano de Amon, que tomara parte destacada na insurreição contra os Hyksos no correr da luta nacionalista. Desde então se fortificara em sua autoridade justamente porque suas bases eram religiosas e sagradas. A cega submissão exigida aos ritos por êle fixados era meio seguro de controlar, no país, os sêres e as coisas. Nada era feito de importante no reino sem que o Grande Sacerdote tebano fôsse antes consultado, e os próprios Faraós estavam submetidos a êsse clã teocrático, cujos templos gigantescos eram fortalezas e cujos cofres-fortes eram alimentados por uma fonte de inesgotável piedade.

Que rei jovem, ardoroso, teria suportado essa tutela? Já sob o reinado precedente, a rainha Tii, política enérgica, tinha iniciado nesse sentido um movimento bastante nítido, apoiando, no Amon-Râ, o elemento Râ, o deus-sol de Heliopolis, contra o elemento Amon, estandarte dos clérigos déspotas de Tebas. (Foi então que restauraram a Esfinge, imagem de Râ.)

Dessa forma Akn-en-Aton seguiu e reforçou as intenções de sua mãe e quebrou um poder que era um verdadeiro Estado no Estado e que os Faraós, enciumados de sua autoridade, não podiam suportar por muito mais tempo.

Uma intenção de grande política exterior pôde vir reforçar tal desejo, intenção na qual Tii, mitaniana, e Nefertiti, também de origem mitano-libanesa, não estiveram estranhas.

A administração faraônica sôbre os povos vencidos procurava assimilar todos êles, fundindo-os harmoniosamente num todo. Êsse culto do Império, concebido pelo jovem rei, visava reunir todos numa mesma fé, pois que do Eufrates ao Sudão todos os homens reconheciam, mais ou menos a divindade do Sol. Abandonar Amon-Râ, deus solar, sem dúvida, mas principalmente deus nacional e dinástico, em benefício de Aton, abstração sem suporte tradicional em nenhum local exatamente, não seria trabalhar pela unidade espiritual, no imenso Império?

O verdadeiro móvel de Amenophis IV foi o sonho místico, uma aspiração elevada e pura no sentido de uma religião livre dos servilismos as vêzes bestiais do politeísmo. Uma religião, enfim, para a qual Deus fôsse Deus...

Eis quando se localiza nesse drama, a um tempo religioso e político, um segrêdo metafísico, que a História jamais decifrou.

É incontestável que proclamando o Aton o jovem rei não pretendeu apenas trocar de divindade. Para êle, a própria significação do ato religioso foi transformada. Êsse deus para o qual jamais foi feita estátua, que se contentou com o curioso símbolo dos raios luminosos terminados em mãos, êsse deus do qual êle se dizia "o calor de Aton", o "vigor de Aton", o "senhor de Aton", isto é uma essência e uma fôrça, não uma forma material, êsse deus do qual proclamavam que seus fiéis "vivem na verdade", seria a divindade que acreditar conhecer, seria Deus?

Seria muita audácia responder, na opinião do dr. Daniel Rops, ilustre historiador, membro da Academia Francesa.

Um fato, entretanto, é certo — afirma o mesmo ilustre acadêmico. — Na concepção formulada pelo jovem rei, Aton é infinitamente mais que os antigos deuses do Egito, simples humanos, magnificados numa imortalidade mal definida. É mais, ainda, que êsses senhores locais adorados em cada cidade, pois que seu caráter universal é evidente. Êle é o Criador, de quem depende tôda a vida sôbre a Terra e tôdas as coisas dêste mundo; está presente no cogumelo que nasce junto da pedra, no peixe que salta fora d'água, na brisa que enche a vela do barco.

E essa presença universal do deus amado, como Akh-en-Aton afirmou ternamente. Para êle, "as flores desabrocham porque absorvem o calor que dêle irradia"; para êle, "os pequenos pássaros voam alegremente do ninho"; é a êle que adoram com graciosos movimentos de asas. Êle próprio se alegra com tôda a alegria que proporciona; ouve o "pintainho pipiar dentro do ôvo" e rejubila-se ouvindo-o, depois "cantar com tôdas as suas fôrças, logo depois de nascido". E — encanto inenarrável — gosta de acariciar com o olhar os pássaros que voam roçando a crista das vagas ou ver os carneiros dançar sôbre as perninhas tenras...



Famosa escultura pertencente ao Museu de Berlim, representa Akh-en-Aton e sua bela espôsa, distraindo-se com algumas de suas filhas. Aton — o Deus-Sol — ilumina a cena familial.

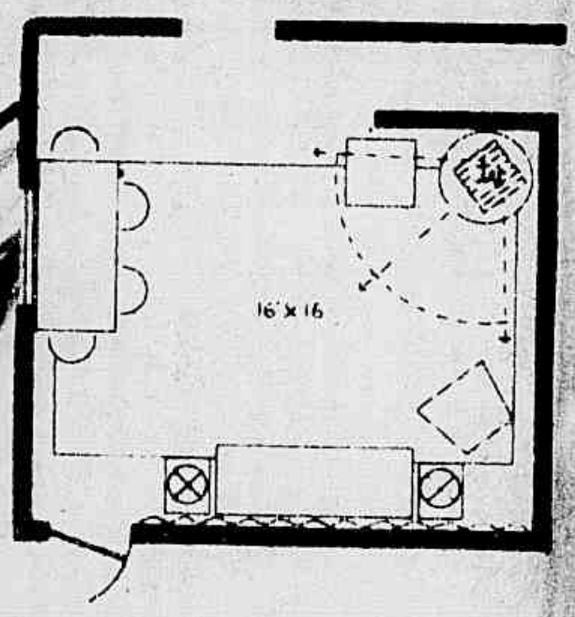
Tudo isso é admirável e tem um som tão próximo daquele que conhecemos que somos tentados a ouvi-lo tal como dois mil anos de cristianismo e dois mil anos, mais, anteriores, de judaísmo, nos

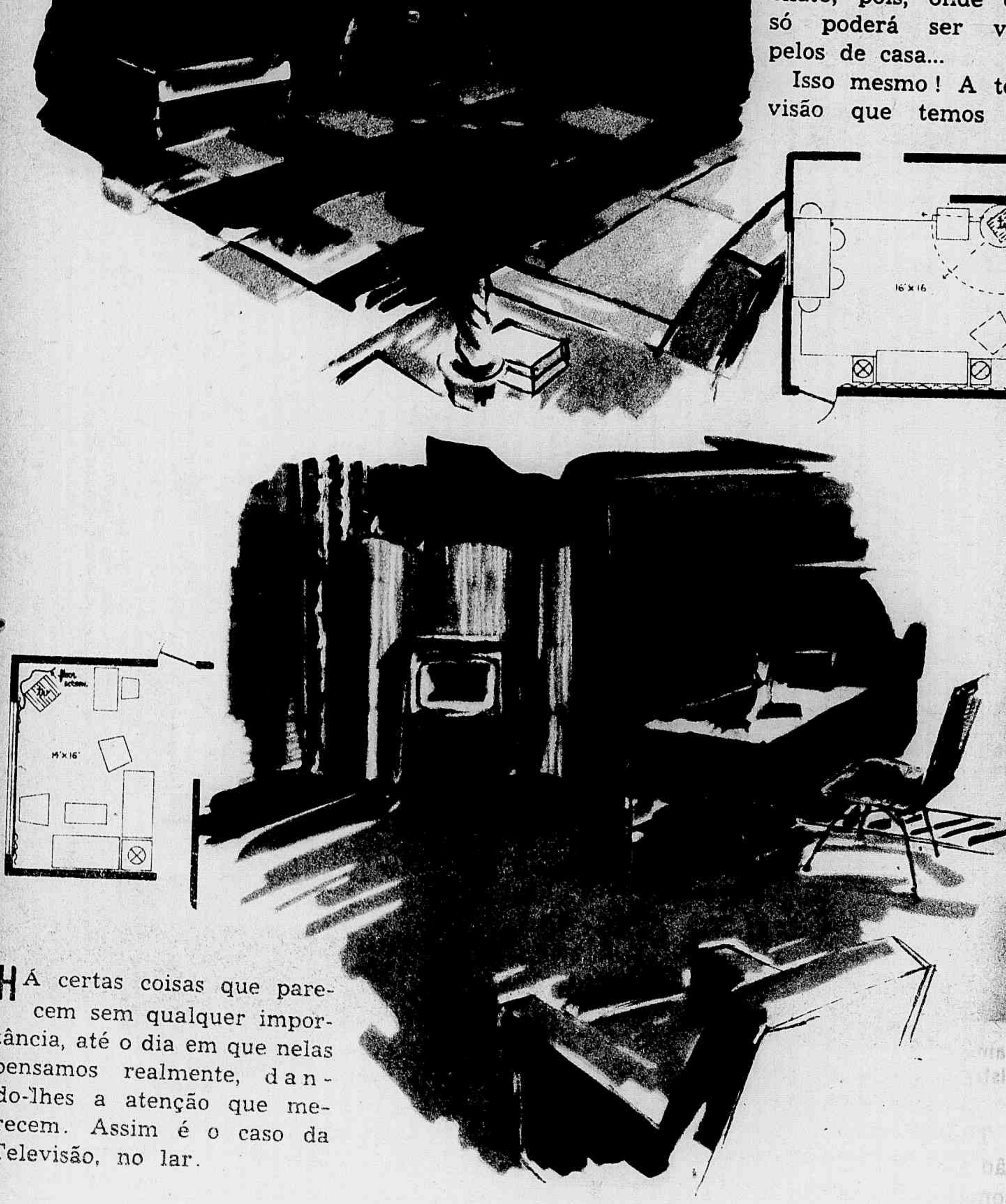
(Continua no fim da revista)

4 IDÉIAS

Quando a televisão chega, geralmente começa a discussão. Ali fica melhor!... Não diga! Se fôsse naquele canto ficaria no lugar exato, pois, onde está só poderá ser visto pelos de casa...

Isso mesmo! A televisão que temos em

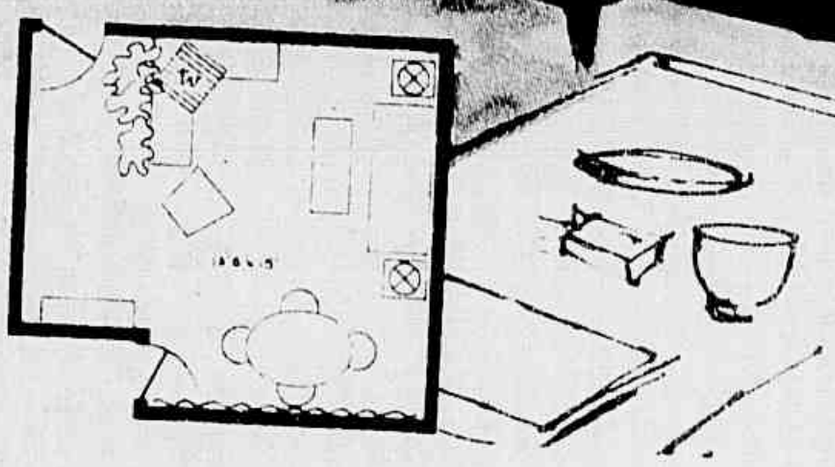




HÁ certas coisas que parecem sem qualquer importância, até o dia em que nelas pensamos realmente, dando-lhes a atenção que merecem. Assim é o caso da Televisão, no lar.

PARA COLOCAR O SEU TV





casa... serve também para os vizinhos, e para os parentes que moram em bairros afastados do nosso, e para os convidados dos nossos filhos, os coleguinhas do colégio, etc. Como se verifica, a coisa não é assim tão simples.



Por isso cá estamos com as nossas sugestões, sempre bem recebidas pelos nossos leitores, segundo cartas que temos em nosso poder. Procurem ver como melhor poderá ser copiada a disposição da sua preferência, entra as quatro soluções que hoje apresentamos para o problema. E bons programas, é o que desejamos!



UMA boa "caixa de areia" para divertimento de seus filhos, no seu jardim, pode muito bem ser conseguida, aproveitando-se uma velha mesa de pés quebrados. Coloquem a mesa de pernas para cima, serrem cuidadosamente os pés imprestáveis, dos quais deixarão apenas uns quarenta centímetros. A seguir, preguem tábuas lisas, cercando tôda a mesa, de pé para pé, até formar uma grande caixa, com bordos altos. Findo êsse trabalho deitem no seu interior areia da praia, passada numa peneira, a fim de retirar os detritos que possam provocar ferimentos ou arranhões... e está pronta a caixa de areia, que será mais um divertimento para seus filhos.

PARA uma boa limpeza do papel da parede aqui vai um bom conselho: embeber uma velha toalha de rosto, bastante felpuda, em querosene e a seguir pendurá-la numa corda e bem ao sol durante um dia inteiro. Feito isso passá-la muito de leve sôbre a superfície do papel, que ficará limpo, isento de manchas de gorduras, sem receio de causar manchas maiores, auréolas ou rasgões. O mesmo processo da toalha é indicado para limpeza de mesas de madeira, soalhos, guarnições de portas e janelas, etc.

AQUI está um recurso que muita gente vai aplaudir, pois que virá atender a múltiplos problemas num lar. Foi descoberto por acaso, por um dos nossos leitores. Tinha êle verificado que no encanamento de gás, do esquentador do banheiro, havia um ligeior escapamento, causado por algum furo invisível no cano de chumbo. Onde estaria o furo minúsculo? Lembrou-se então de que vira a filha soprar bôlhas de sabão com a ajuda de um sabão líquido especial, vendido nas lojas de ferragens e de brinquedos. Tratou de passar o sabão-líquido em redor de todo o encanamento... e não tardou a ver surgir a minúscula bôlha não de ar... mas de gás, localizando o furo, que pôde então soldar.

SE a leitora tem algum pincel bastante sujo de tinta e que não consegue limpar segundo os métodos usuais, procure fazê-lo com a ajuda de amil-acetato (óleo de banana), no qual deixará o pincel mergulhado por um par de horas. A seguir deixar o pincel mergulhado em álcool (ou turpentina) terminando com uma boa lavagem com água e sabão. Deixar secar ao ar livre, pendurado pelo cabo... e estará pronto para prestar novos serviços.

DEVEMOS ter sempre uma boa quantidade de serragem guardada num saco, na garagem ou mesmo na despensa, segundo aconselha uma de nossas leitoras, que explica as razões dêsse seu conselho: a serragem, no chão de uma garagem evita as feias nódoas de óleo que sempre ficam por baixo do automóvel e ajudam a limpeza, servindo como mata-borrão. E' também muito útil para cobrir o chão da cozinha, nos dias frios e de chuva, evitando a umidade, não arranhando o ladrilho, e ajudando também a limpeza. Muitas serrias fornecem a serragem grátis — que constitui outra grande vantagem.

PARA colar vidros e **pyrex** nada melhor do que derreter alume pulverizado numa velha colher de mesa ou qualquer outro pequeno receptáculo e, antes de que se torne a endurecer, passá-lo, comprimindo cuidadosamente, nos bordos que se queira unir. Deixar secar bastante (pelo menos 24 horas) e as peças não descolarão nem mesmo sob a ação da água fervente.



Novela de JOHN RHODES STURDY (I)

QUANDO despertei naquela madrugada, uma densa cortina de névoa envolvia o Hotel Caribou, impedindo completamente a visão da baía que ficava próximo. Eu sabia que, pelo menos durante algumas horas, nenhum vôo poderia ser levado a efeito. Contudo, tinha que sair da cama, porquanto havia prometido aos meus passageiros que os chamaria ao amanhecer.

Ainda estava sonolento e um pouco aborrecido comigo mesmo por ter aceitado êste vôo para a ilha Caribou. Como presidente da Companhia de "Táxis Aéreos" da Costa do Pacífico (três aviões e muita ambição), eu devia ter voltado ao ponto de partida, onde dispúnhamos de todos os recursos, em vez de permanecer retido pelo nevoeiro aqui numa ilha ao norte de Seattle. E depois, os meus ganhos eram bastante reduzidos.

E naquela situação, só havia uma coisa a fazer: pedir aos passageiros que retornassem aos seus leitos, caso já estivessem acordados. Saí do meu quarto, no segundo andar do hotel, e caminhei através de um longo e estreito corredor, que ainda permanecia na obscuridade. Naquele ambiente sombrio, o hotel me parecia mais estranho que de costume. Eu já havia sobrevoado a ilha Caribou mais de uma centena de vêzes, mas aquela era a primeira vez que lá aterrissava.



Passei através de várias portas abertas e quartos vazios.

— O meu quarto fica situado em baixo, no "hall" — dissera-me o passageiro James Wellington Sykes; pôrém, não pude descobrir qual era. Em dado momento, ao ver que a porta de um dos quartos se achava semi-aberta, resolvi devassá-lo.

Empurrei a porta e penetrei vagarosamente. Mas logo estaquei, assustado. Meu pé havia tocado em algo mole sôbre o soalho. Fui tomado de um pavor instantâneo, ante a sensação de que havia tocado num corpo humano. Com mão trêmula, procurei no bôlso a caixa de fósforos.

A chama amarelada brilhou... sôbre o corpo de uma mulher, **cujas vestes estavam ensangüentadas.** Estava caída de busto para o chão e os longos cabelos encobriam o seu rosto. Embora bastante alarmado curvei-me, num movimento instintivo, tentando descobrir-lhe as feições, mas neste instante ouvi umas passadas no soalho. Logo a seguir, antes de que pudesse voltar-me, alguém me agrediu pelas costas. Senti uma dor violenta na cabeça logo que consegui levantar-me, pois eu caíra sôbre o cadáver. Procurei, então, sair do quarto. Da maneira como eu estava aturdido só queria encontrar a luz do dia; nada mais.

Atingi o corredor e dirigi-me para a esquerda.

Ao chegar ao tôpo da escadaria, vi uma figura avançando na minha direção e levantei a mão, num gesto vago.

Olhos apavorados estavam cravados em minha mão; e quando olhei também para ela percebi que meus dedos estavam tintos de sangue.

A pessoa que se achava na escadaria — que logo reconheci como a jóvem e gorda senhorita Peggy — começou a gritar, despertando todos os hóspedes do Hotel Caribou.

Sentei-me. A dor na cabeça parecia mais aguda ainda. Ouvi uma voz aterrorizada gritando: "**Miss Grace está morta! Miss Grace está morta!**"

ENCONTRAVA-ME naquela situação por causa daquele homem alto e forte, que se chamava James Wellington Sykes.

Êle estivera em nosso escritório na tarde do dia anterior, pedindo para ser levado para a ilha Caribou. E acrescentara ter voado desde Chicago, e que desejava chegar à ilha **sem demora**, a fim de ver sua prima, que se achava doente.

— Sou James Wellington Sykes — dissera êle, como se isto explicasse tudo.

Finalmente, concordei em levá-lo. A ilha Caribou ficava perto, mas a escuridão era tal que eu sabia ser forçoso passar a noite lá. E quando expliquei isto, Wellington respondeu:

— Cobrirei tôdas as despesas que o senhor fizer durante a noite.

E não precisa dizer mais nada a respeito da ilha Caribou, pois foi lá que vivi cinqüenta dos meus cinqüenta e cinco anos de idade!

Já estávamos dentro do aparelho quando lembrei-me de um fato:

— Li seu livro, sr. Sykes — disse-lhe de repente. — Achei a história muito interessante.

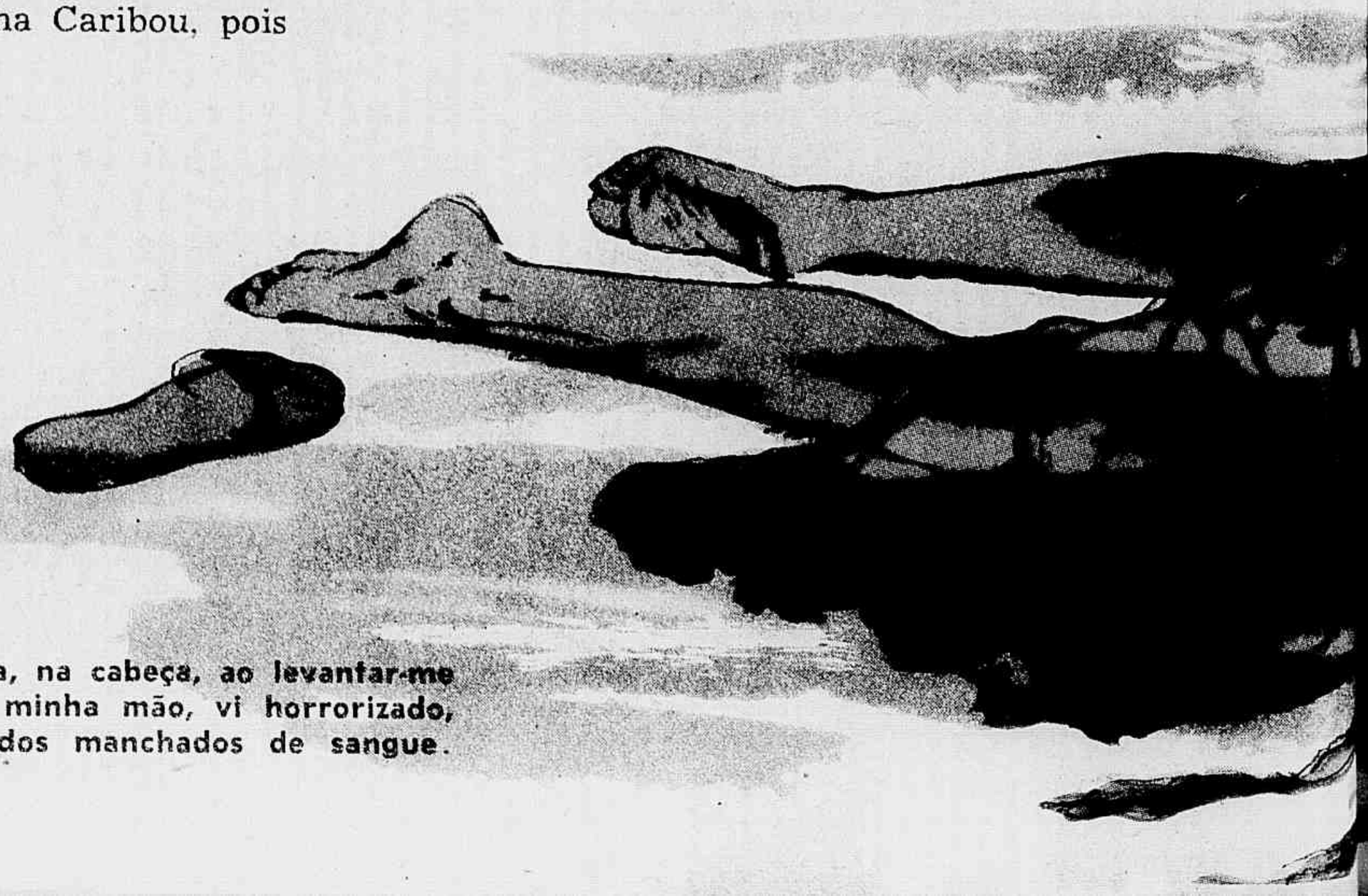
"Ilha Secreta", de James Wellington Sykes, estivera, realmente, na lista dos "best-seller", durante muito tempo.

— Escrevi uma novela tomando como ambiente uma ilha. E reproduzi o pensamento de Tom, Dick, Mary, e Molly com absoluta exatidão.

— O sr. se refere a Caribou?

— Perfeitamente. E lá não voltaria, não fôsse por causa da minha prima, Grace Sykes. Eu e ela somos proprietários em Caribou e na ilha Entrance. A verdade é que a minha vida está em perigo. Os habitantes de Caribou me detestam, meu caro!

Entretanto, Sykes não parecia preocupado, e recordei suas palavras quando aterrissei na praia de Caribou, próximo da única vila existente na ilha. Muitas pessoas que se achavam no cais receberam os amigáveis cumprimentos de Sykes com hostil indiferença. E o rapaz que ofereceu sua caminhonete para nos conduzir ao hotel, tratou James Wellington Sykes como se fôsse um estranho. Fiquei surpreendido ao saber, posteriormente, que o tal rapaz, que se chamava Shaw, era sobrinho de Sykes.



Senti dor violenta, na cabeça, ao levantar-me e ao olhar para minha mão, vi horrorizado, que tinha os dedos manchados de sangue.

A frieza de Shaw persistiu durante quase todo o percurso que fizemos. E mais estupefato fiquei quando Sykes perguntou:

— Hal; como está Grace ?

E êste respondeu:

— Muito bem.

Lembro-me bem da maneira como Sykes aproximou o rosto de Hal, que dirigia a caminhonete:



— Hein ? Pois Grace telegrafou-me dizendo que se achava doente !

— Desconheça completamente êsse fato. Estive com a tia Grace há uma hora, mais ou menos, e ela parecia bem disposta. Ainda continua morando conosco, no hotel.

Estas notícias enfureceram o meu passageiro. Estava muito agitado quando entramos no hotel. Embora a moça loura que o cumprimentou logo à entrada, demonstrasse uma certa alegria ao vê-lo, Sykes mostrou-se ríspido e perguntou por sua prima Grace, sendo logo levado para onde esta se achava.

Miss Grace Sykes — uma mulher alta, forte, contando aproximadamente sessenta anos de idade — disse a James Wellington Sykes, que não havia enviado nenhum telegrama e que gozava de perfeita saúde.

— Para o inferno o engraçadinho ! — gritou Sykes. — Se a idéia desta brincadeira estúpida saiu da cabeça de algum habitante da ilha hei de matá-lo !

Lembro-me que me afastei discretamente do local em que ocorria aquela discussão familiar. Sentei-me numa cadeira e fiquei a contemplar cabritos monteses que passavam pela rua, quando descobri que estava sendo observado por alguém que havia entrado nó hotel pela porta da frente. Era um homem de pequena estatura, que usava um bigode demasiado grande para o seu rosto diminuto. A roupa que usava dava-lhe um aspecto

interessante; vestia um paletó vermelho-púrpura e na cabeça trazia um chapéu de copa afinada e encimado por uma pena de faisão.

Finalmente, a moça loura privou-me desta visão semigrotesca. Conduziu-me ao quarto que me fôra reservado no segundo andar, e pareceu sentir-se imensamente aliviada ao saber que eu era Daniel West da "Companhia de Táxis Aéreos", da Costa do Pacífico e não um associado de James Wellington Sykes, de Chicago.

— O sr. Sykes é meu tio — disse ela.

— Conheço o seu tio pela fama de que desfruta. Já li o seu livro. Mas parece que não se trata de uma obra de ficção.

— E realmente não é ficção! É um livro muito interessante para os de fora. O povo daqui não o tolera.

— Mas, mudando de um pólo a outro — disse eu, preocupado — que fiz eu àquele homenzinho que estava no "hall" a me olhar contìnuamente — aquêle que usava um paletó purpúreo?

A moça sorriu:

— Oh! Aquêle é o major Percy Ellis — nosso hóspede permanente. O senhor estava sentado na cadeira dêle. Nada mais.

A jovem loura deixou-me sòzinho no quarto até que a criada gorda chamada Peggy entrou, trazendo uma toalha. Através da volumosa serviçal eu soube que a loura simpática era Ellen Shaw, que juntamente com o irmão dirigiam aquêle hotel.

— Desde que seus pais morreram que os dois exploram êste hotel — disse Peggy. — E não sei até quando continuarão aqui.

— As coisas estão difíceis?

— Estão sim, senhor.

— Peggy, você já leu "Ilha Secreta", de James Wellington Sykes?

A reação surpreendeu-me profundamente. Peggy não respondeu, mas o brilho do seu olhar foi tão eloqüente que compreendi logo ter sido ela uma das pessoas retratadas no livro de Sykes. Então cheguei à conclusão de que seria melhor o autor de "Ilha Secreta" retornar a Chicago.

Antes de ir para a cama, Sykes veio ao meu quarto e perguntou, com visível agitação:

— Será que podemos partir esta madrugada?

— Se fizer bom tempo.

— O meu quarto fica no fim do corredor. Como tenho um sono leve, creio que despertarei cedo. Mas, se você acordar primeiro, vá me chamar.

Tentei seguir suas instruções...

E agora eu estava numa situação incrível, sentado naquela escadaria escura com a cabeça apoiada em minhas mãos ensangüentadas, enquanto ouvia passadas no soalho superior, e uma voz, que para mim era a de Peggy, a gritar:

— "Miss Grace está morta! Matou-se, coitada!"

NÃO obstante estar com a mente confusa, indaguei a mim mesmo o que poderia ter levado Peggy a chegar àquela conclusão. Isto porque tudo indicava que a mulher havia sido assassinada: como teria sido possível que ela mesma mergulhasse o instrumento perfurante, provàvelmente um punhal, nas próprias costas, bem entre as omoplatas, e removesse a arma em seguida?

Mas os gritos histéricos de Peggy diziam que a vítima era Grace Sykes, a prima de James Wellington Sykes, o que aumentou ainda mais a minha confusão. Isto por que minhas idéias se baralhavam e cheguei a pensar haver encontrado o cadáver do próprio escritor — **o homem que me revelara estar com a vida em perigo**.

Senti, então, que estava mais ferido do que julgara a princípio. Não tinha fôrças sequer para me levantar, e meus olhos pouco divisavam. Assim, não me foi possível reconhecer as diversas pessoas que por mim passavam subindo ou descendo a escadaria. E quando pude enxergar mais claramente, vi alguém que não gostaria de ter visto.

Em pé no corredor, a alguns metros de distância e olhando-me fixamente, estava o pequeno major. Achava-se vestido com a mesma roupa da noite anterior — paletó vermelho-púrpura e o original chapéu. Pareceu-me estranho o fato de que um hóspede do hotel estivesse acordado àquelas horas e inteiramente vestido.

Um vulto de mulher colocou-se entre o major e eu; logo depois percebi que alguém cuidava de mim, segurando-me pelos

Um momento! Será melhor, se deixar as mãos assim mesmo, cheias de sangue...

ombros, com suavidade e firmeza. Ao erguer a cabeça vi os olhos azuis de Ellen Shaw.

Ela própria ajudou-me a ficar de pé, e com o seu apoio desci o resto da escadaria. Levou-me, então, para um vão do corredor e lá deixou-me, sentado numa cadeira.

— Alguém feriu-me na cabeça — disse eu. — E... logo depois de eu haver encontrado o corpo da sua tia. Ela era sua tia?

Ellen concordou com um movimento de cabeça.

— Segundo penso, o assassino estava escondido no quarto quando entrei. Porém, não consegui ver quem era...

Ellen apertou os lábios, e eu prossegui:

— Aquela mulher gritou apavorada. Você despertou com os gritos?

— Não. Não ouvi os gritos de Peggy. Dormi na casa da praia. Vim ao hotel dar as despedidas ao tio Jim, que deveria partir esta manhã.

— Nunca alço vôo com um tempo assim — disse eu.

Ellen segurou as minhas mãos. E a tristeza refletida em seu olhar comoveu-me um pouco.

— É verdade que não tenho direito de fazer perguntas — murmurei. — Nem gosto de pensar nisto que me manchou as mãos... (E olhei para meus dedos tintos de sangue.)

Alguém vestindo pijama apareceu de repente; era o jovem Hal Shaw, que logo dirigiu-se a Ellen:

— Chamei Joe Wright, que já deve estar a caminho. E suponho que trará consigo George Brooks, a fim de fazer o exame



pericial no cadáver. Ellen, segundo penso, estamos metidos num terrível drama.

Levantei-me e notei que havia um pequeno espelho pendurado na parede. Aproximei-me, a fim de ver que aspecto tinha o meu rosto e fiquei um tanto nervoso. Estava manchado de sangue em alguns pontos.

Avistando, então, um pequeno lavatório no corredor, dêle me aproximei e abri a torneira. Nesse instante, alguém pousou mão pesada sôbre o meu braço.

— **É melhor deixar que as coisas fiquem como estão até que Joe Wright chegue** — disse Hal Shaw.

Voltei-me para êle, e ouvi quando Ellen falou:

— Oh, Hal! Êle está com o rosto ensangüentado! — protestou Ellen.

— E como vê — disse eu, meio zangado a Hal Shaw. — Tenho a mão suja de sangue e um ferimento na cabeça. E depois acho que o delegado não vai precisar disso como uma evidência. E muitas pessoas já me viram assim.

O rapaz olhou-me embaraçado. Ellen tratou de mudar de assunto, perguntando ao irmão:

— Você viu o tio Jim?

Hal Shaw, que caminhava na direção da porta, parou.

— Não — disse êle. — Sei lá dêle; desapareceu!

Eu sabia que ambos se referiam a James Wellington Sykes. Senti a tensão nervosa aumentar.

Hal Shaw deixou o corredor, e Ellen ia acompanhá-lo quando eu a detive.

— O quarto onde estive, era o de miss Sykes?

Por alguns instantes julguei que ela não fôsse responder à minha pergunta, mas, após um momento, replicou:

— Não. Era do meu tio.

Ellen se afastou e eu tornei a sentar-me na cadeira... Continuava sentado no corredor do Hotel Caribou quando o delegado Joseph Wright iniciou o interrogatório acêrca da morte de miss Grace Sykes. E não havia dúvida de que, até o momento, eu representava a principal atração. Eu é que havia encontrado o cadáver. Além disso, tinha surgido diante de Peggy, a criada, como um fantasma, no tôpo da escadaria, tendo as mãos tintas de sangue.

Embora minhas mãos estivessem limpas, agora, conservava-as metidas nos bolsos.

— **Você não conseguiu ver a pessoa que o atacou? Nem ouviu coisa alguma?**

TIVE que responder "não" a essas perguntas mais de uma dezena de vêzes. Eu tinha a impressão de que o delegado estava tentando impedir o inevitável, ou talvez êle estúpido de mais a ponto de acreditar ter eu assassinado miss Grace Sykes, e depois, ferido, deliberadamente, a mim próprio, na cabeça.

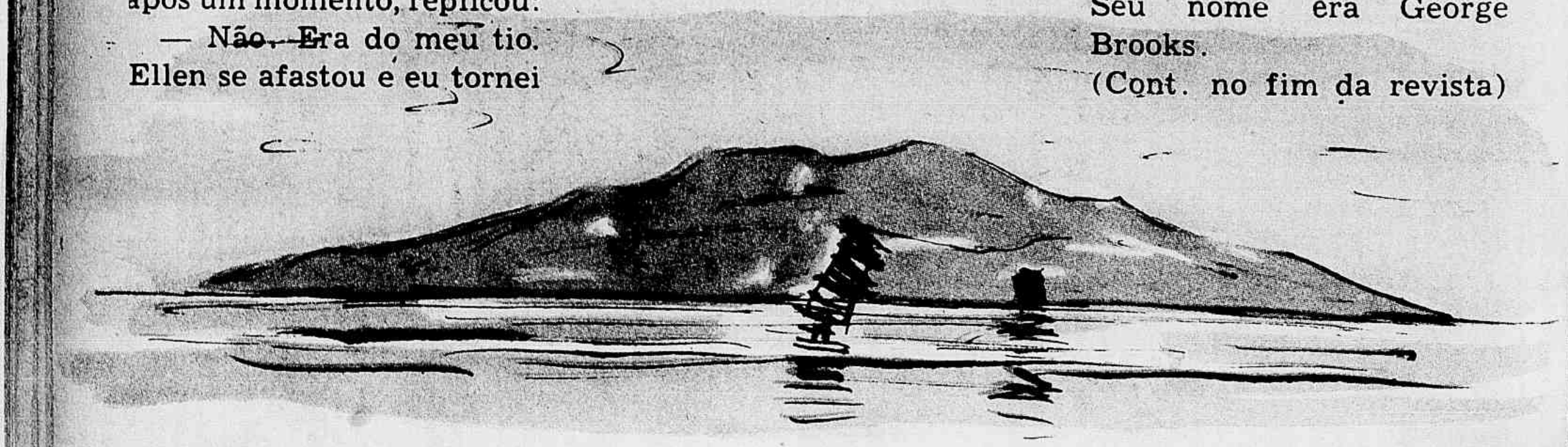
— Ela tinha o costume de levar muito dinheiro consigo — disse êle, com ar insinuante.

A indignação fêz-me o sangue subir ao rosto. Mas logo o delegado se mostrou hipòcritamente mais humano.

— Não, meu caro — disse êle. — Não complique as coisas. Eu sei que você não se está sentindo bem. Mas não deve esquecer que é **a única testemunha** de que dispomos.

O delegado Wright se esforçava por parecer afável, o que era uma surprêsa para mim. Exceto por sua maneira de falar, em nada lembrava um delegado de interior. Devia ter uns quarenta anos, era baixo, e vestia em desacôrdo com a função que desempenhava. O perito, que acompanhava o delegado, era igualmente surpreendente. Seu nome era George Brooks.

(Cont. no fim da revista)



É POSSÍVEL CRIAR A VIDA?

O MAIOR DESCOBRIMENTO BIOLÓGICO DOS ÚLTIMOS TEMPOS!

DOIS sábios norte-americanos, doutôres Fraenkel Conrat e Robley Williams, acabam de apanhar (se é que assim podemos dizer) um vírus, o decompuseram em seus elementos e, a seguir, o reconstuíram!

Leram? Pois é isso mesmo, embora muitos não possam crer no que acima está escrito.

Mas, se fôsse só isso... Há mais. Muito mais... O vírus, depois de recomposto, **recuperou a vida!**

Tal é a extraordinária novidade recentemente anunciada pela Universidade da Califórnia, a mesma que, pouco antes, anunciou ao mundo o nascimento do... antiproton!

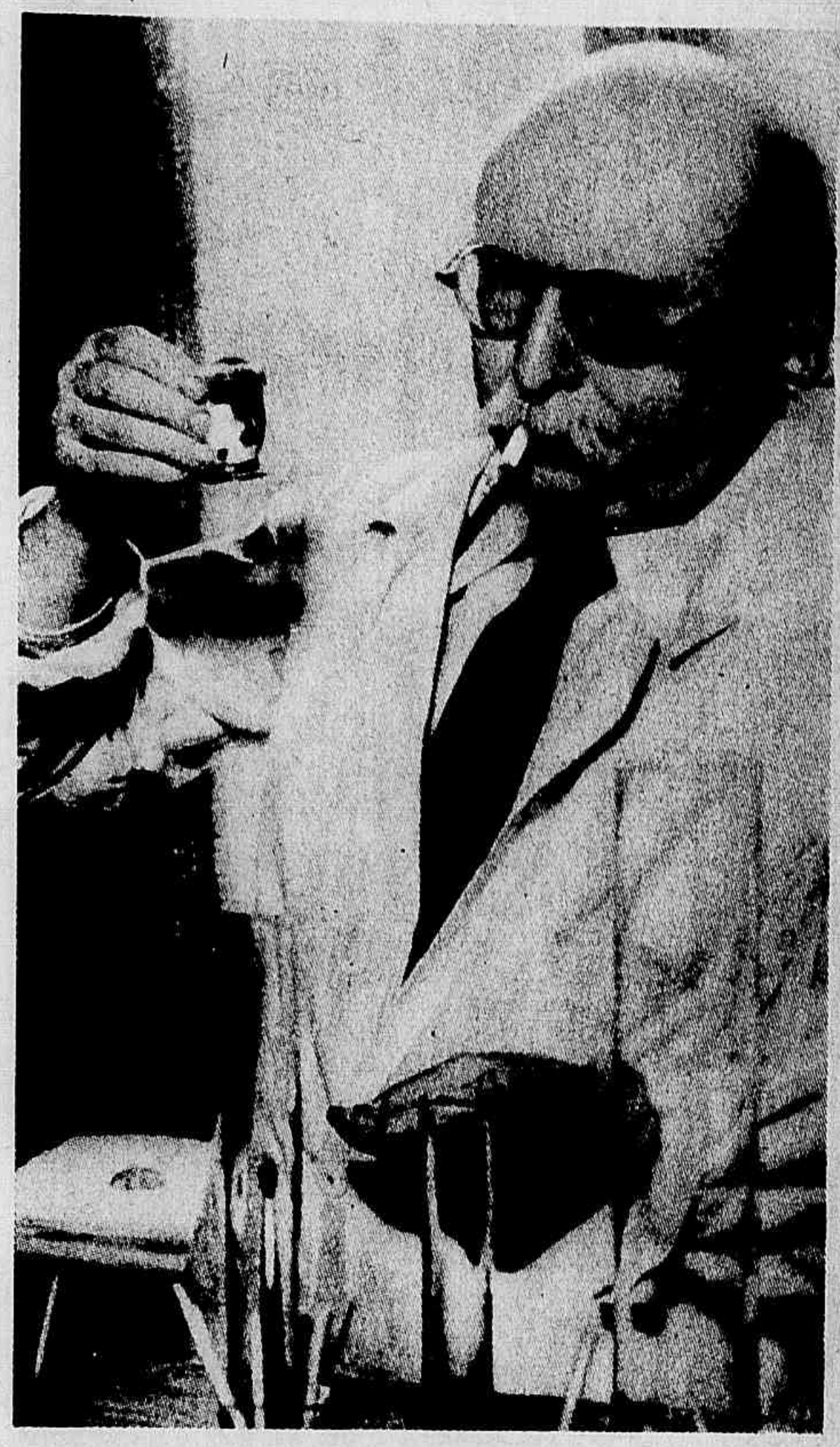
Isto significa que foi criada, pela primeira vez, matéria vivente? Está próximo o dia em que os organismos, as plantas, os animais, sairão completamente armados e vivos... dos laboratórios?

Não. Ainda não chegamos a isso e duas explicações se impõem, prèviamente. Por uma parte, o vírus não foi criado, falando com propriedade, a partir de elementos, simples, mas apenas reconstruído sôbre a base de edifícios moleculares já completos; por outra, se foram recuperadas as suas propriedades particularmente infecciosas, isso não é suficiente para considerá-lo vivo.

E aí está o verdadeiro nó do problema.

Entretanto, esta reconstrução não deixa de ser trabalho sensacional, sensacionalíssimo até, e que nos conduz diretamente aos confins da vida, a essa fronteira que os sábios buscam em vão, desde há séculos, a essa **terra-de-ninguém** onde reinam os vírus, e cuja exploração constitui, para o biólogo, uma verdadeira novela de aventuras.

Esta novela tem um herói: um bastãozinho de 250 milionésimos de milímetro por quinze, do qual se falou durante muito tempo... sem vê-lo, que se molhou, cristalizou, acelerou, decompôs e cujos avatares



O eminente biólogo francês Jean Rostand surpreendido em seu laboratório, quando realizava importantes trabalhos de investigação.

apaixonaram o mundo sábio: o vírus do "mosaico do tabaco".

Sua história começa em 1892, quando um botânico de nacionalidade russa, Ivanowsky, buscando isolar o agente responsável dessa enfermidade, compreende que o mesmo escapava à clássica filtragem sôbre as velas de porcelana. Não lhe atribuem grande importância; porém, seis anos mais tarde, novas experiências confirmam êsses resultados. Tôda uma série de investigações simultâneas, provocadas pelos descobrimentos de Pasteur, confirmam a existência de germes infecciosos que, contràriamente aos micróbios, passam através dos filtros e permanecem invisíveis para o microscópio.

A febre aftosa, a febre amarela, a raiva, a poliomielite são devidas a êles; centenas de outras afecções dos animais e vegetais podem ser também apontadas. Os vírus — assim são denominados — assim fazem sua entrada na ciência.



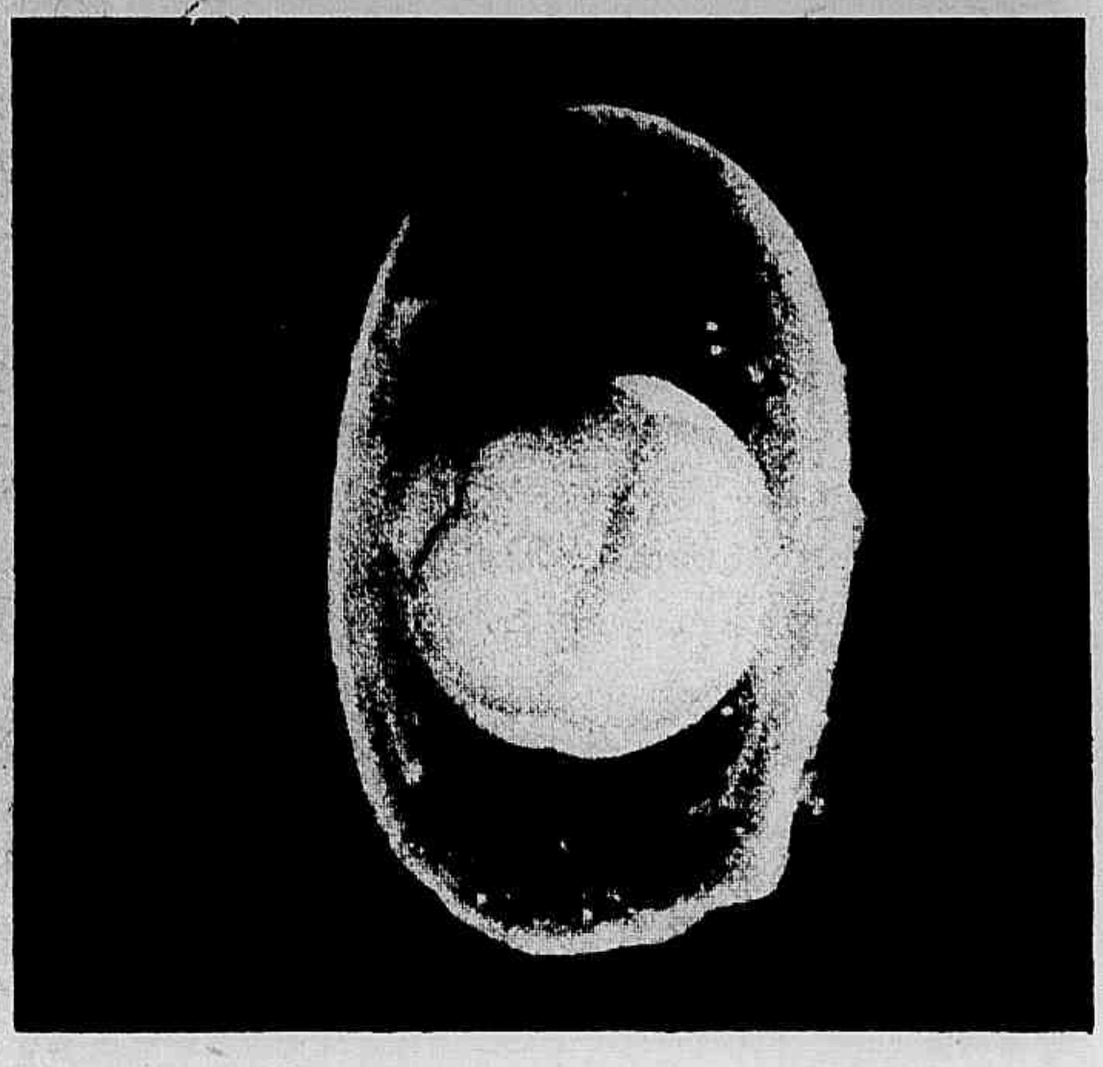


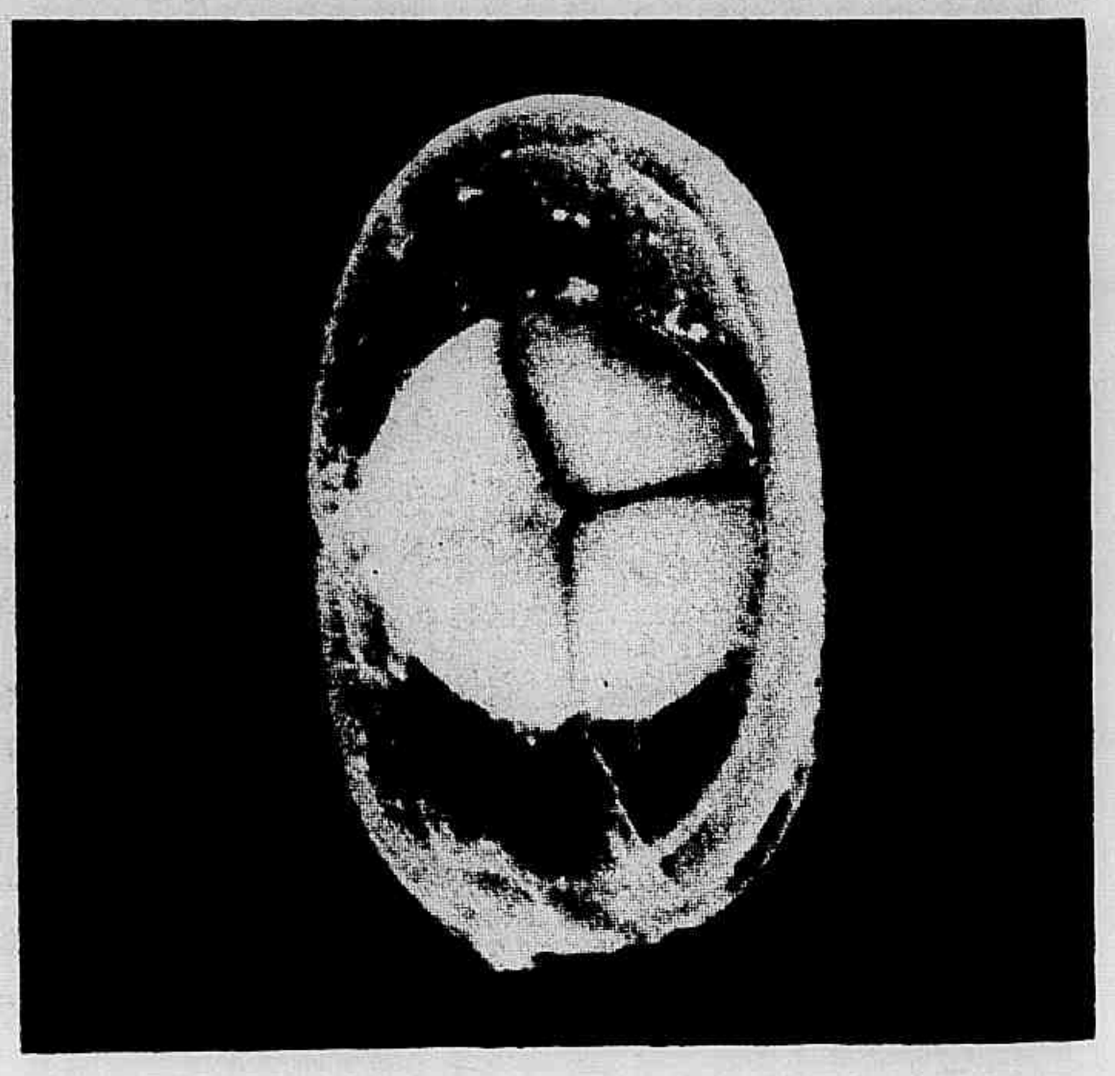
Como são? A pergunta não era feita, então. Seus caracteres são puramente negativos: filtrabilidade e invisibilidade. Caracteres que seu tamanho pode suficientemente explicar: o poder separador do microscópio (0,2 milésimos de milímetro) é, na realidade, do mesmo tipo de dimensão que o limite habitual de filtrabilidade. E não havendo razão alguma para que êste limite corresponda a uma fronteira no mundo vivo, os vírus podem passar por simples micróbios, parecidos uns com os outros, porém menores.

Mas, em breve, no entanto, novos caracteres surgem. Certos vírus atacam não apenas as plantas e os animais, mas também... aos próprios micróbios! Principalmente, parece impossível cultivar os vírus num meio inorgânico. Eis aí, com as bactérias, uma diferença capital! As últimas podem muito bem ser conservadas e mesmo reproduzir fora do meio que vão infectar. O vírus, ao contrário, só pode subsistir num meio vivo: é um parasita obrigatório!

Para cercar êste "ente imaginário", tentar determinar seu tamanho, sua forma, suas propriedades, os biólogos, verdadeiros cegos, dispõem apenas do seu raciocínio.

Os ovos de batráquios, perfeitamente translúcidos, permitiram desde o século XIX, o estudo dos diferentes estados, desde os mais primitivos, da divisão do ôvo para formar as primeiras celulas. Os clichês à esquerda, de alto a baixo, e à direita, mostram as três primeiras fases.





Êste, porém, movimenta-se com energia, trabalha com fé. Métodos, aparelhos de uma complexidade e uma precisão extraordinárias são postos em marcha: filtros novos, raios, campos elétricos, ultracentrífugos, etc.

Invisível, o vírus, nem cultivado, isolado ou medido se consegue ver. A variedade do seu universo, a complexidade de suas manifestações se perfilam, enquanto o sábio pergunta a si mesmo, cada vez mais, se não forma um reino à parte entre o mundo inorgânico e o mundo vivo.

É então que ocorre uma dupla revolução. A invenção do microscópio eletrônico, que permite "ver" objetos de três milionésimos de milímetro, descobre imediatamente aos sábios êsse mundo até então oculto.

O norte-americano, Wendell M. Stanley, por outra parte, em 1935, obtém, sob uma forma quìmicamente pura e perfeitamente cristalizada, o herói desta história: o vírus do mosaico do tabaco.

— "**Provàvelmente isso representa** — opina o eminente biólogo francês Jean Rostand — **o maior descobrimento já registrado depois de Pasteur**."

De fato, até então, todo germe infeccioso era considerado como um ser vivo, porém a forma cristalina estava reservada para a matéria inanimada. Stanley demonstrou que cristais tão perfeitos como os do sal e do enxofre podem manifestar-se infecciosos, isto é: multiplicar-se.

Isto, por certo, abria à investigação uma direção totalmente nova.



Com um disco cortador abrasivo, abrem-se janelas no ôvo para fotografar seu interior.

Quanto ao descobrimento de Fraenkel, opina o mesmo sábio francês:

— Começa, de um certo modo, o terceiro capítulo desta história. Se os vírus



Feita a operação, as janelas são cobertas com uma placa especial e, ajudado por poderosa luz, o cientista, então, fotografa o interior do ôvo.

são moléculas químicas em estado puro, é tentador o tratar de fazer a síntese. É nssso no que acertaram os sábios norte-americanos, pelo menos parcialmente, segundo parece.

E prossegue:

— O vírus, na verdade, é um núcleo-proteína, isto é: uma associação de ácido nucleico e de proteína, sendo esta uma verdadeira "catedral" de átomos.

Que fizeram, afinal, os biólogos norte-aemricanos? Separaram o ácido nucleico da proteína, e, a seguir, tornaram a uni-los. Entretanto, o ácido nucleico, sòzinho, não tem o poder de reproduzir-se; a proteína também não. Porém o vírus recomposto volta a reproduzir-se. Daí a importância do descobrimento.

Para apreciá-lo amplamente é preciso remontarmos um pouco, no tempo, até êsse momento quase miraculoso em que o microscópio eletrônico abre aos biólogos o mundo do invisível. Um universo inesperado é então revelado. A forma dos vírus é de uma variedade infinita. Alguns se assemelham a bastõezinhos, como o do mosaico do tabaco, outros são esféricos, ovóides, cúbicos, filamentosos; outros, enfim, estão constituídos por uma cabeça que prolonga uma espécie de dardo.

Não são menos variados em suas dimensões e em suas estrutura: mais diferentes uns dos outros, segundo afirmou um cientista, que a pulga relativamente ao elefante. Os menores, como o da febre aftosa, não sobrepassam os dez milionésimos de milímetro, isto é, apenas cinqüenta vêzes o diâ-

metro do átomo de hidrogênio. Os maiores podem alcançar 400 milionésimos de milímetro, enquanto que as grandes moléculas são da ordem de 20; estas últimas apresentam uma organização completa, com



Os cientistas, na sua luta contra o vírus, que tantos transtornos provocam na Humanidade, realizam constantemente experiências com o fim de determinar sua ação funesta. Acima a foto de um ôvo no qual foi encontrado vírus.

núcleo, protoplasma e membrana como as bactérias.

São todos de igual natureza? E qual é essa natureza?

Essas perguntas se apresentam com particular atração, quando o cientista assiste ao "drama" mais extraordinário dos que pode oferecer o mundo dos vírus: o da agressão de uma bactéria pelos vírus, que a destroem e que por isso são chamados "bacteriófagos".

Observada no microscópio eletrônico, esta agressão se desenrola em três episódios. Os fagos, com uma cauda que é verdadeiro aguilhão de extrema mobilidade, se fixam, graças a êsse, sôbre as extremidades do micróbio. O dardo, dessa forma, passa para o corpo da bactéria. O fago se converte, então, no "fantasma". Segundo episódio: vê-se a substância injetada pelo vírus reunir-se em blocos no interior da bactéria. Por último, sobrevém a agonia: destruído assim desde o interior, o micróbio estala, dissolve-se literalmente, desaparece, enquanto novos fagos fogem do cadáver.

Nada parece mais "vivente" que êste processo. No entanto, alguns fagos são feitos de um cristal puro e a reação que suscitam é de ordem exclusivamente química.

Podemos, nessas condições, afirmar que são vivos?

ONDE COMEÇA A VIDA? — Dêsse ponto-de-vista, tal pergunta tem sentido? — indaga o biólogo Jean Rostand. — **Tudo está na maneira de definir a vida** — prossegue. — **Se estabelecermos, em princípio, que ela exclui a pureza química e a forma cristalina, os vírus não são sêres vivos. Se nos contentarmos com um certo poder de aumentar a sua massa e de reproduzir-se, então o são**

Como se reproduzem?

Todo o problema está nisso. As células vivas se reproduzem por divisão. O vírus não. Por certo, aumenta sua massa e às vêzes aparenta assimilar; mas só pode fazê-lo ao contacto e a expensas de certas substâncias vivas.

Em que condições, exatamente?

Ignora-se. Já foi elaborada uma hipótese: o vírus provocaria a formação de uma espécie de duplicação. Originaria, se assim podemos dizer, a célula que parasita a fabricar um vírus semelhante a êle. Em outros têrmos: o vírus seria, principalmente, um incitador de reprodução; não se reproduziria, mas... **se faria reproduzir!**

O problema pode ser apresentado de outro modo: será o vírus uma prebactéria, uma espécie de micróbio embrionário, uma etapa entre o mundo inorgânico e o mundo vivo, ou — ao contrário — uma postbactéria, isto é: um micróbio que tenha perdido, pouco a pouco, sua autonomia e quase todos os caracteres pelo fato do seu parasitismo?

Segundo o dr. Jean Rostand essa é uma pergunta ainda sem resposta.

Segundo o eminente biólogo, talvez se trate de algo completamente diferente. Em muitos aspectos, de fato o vírus se parece com o "genos", êsse suporte material da hereditariedade, que a célula contém; têm o mesmo poder de mutação e acontece que

(Continua no fim da revista)

O MISTÉRIO RASPUTIN

ESPÍRITO SUPERIOR OU CHARLATÃO?

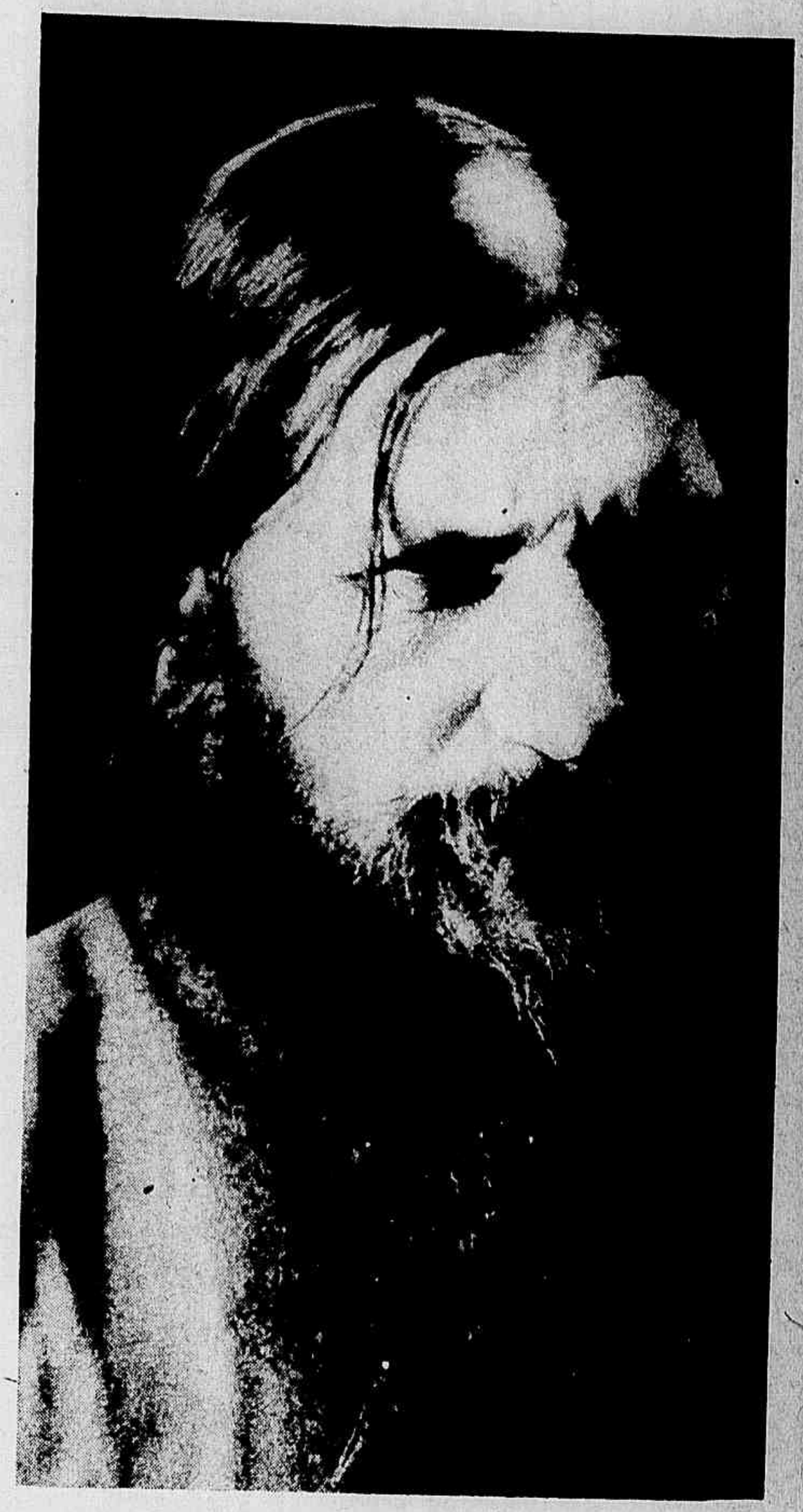
PELO terceiro dia consecutivo Alexandra Fedorovna, a alemã que era imperatriz da Rússia, permanecia sentada à beira do leito de seu filho, Alesha, que se achava doente. Durante aquêles dias sombrios que antecederam a Primeira Grande Guerra, quando insurreições, massacres e assassinatos ocorriam com espantosa freqüência, o tzar e a tzarina, que se encontravam virtualmente presos no Palácio Tzarskoe, em São Petersburgo, depositavam tôdas as suas esperanças no seu único filho e herdeiro.

Mas um grande perigo pairava sôbre a criança: a hemofilia o exauria pouco a pouco. Apenas fôra vítima de um ferimento na perna, mas a inchação azulada e uma forte dôr precederam a incontrolável hemorragia. Porém, dois dias antes êle havia sido conduzido para o palácio, pálido e gemendo de dor, e agora permanecia sôbre o leito, com a perna suspensa e num acentuado estado de fraqueza orgânica.

Alguém bateu na porta. Era a montenegrina grã-duquesa Nikolaievna. Ajoelhou-se sôbre o tapête e, abraçando sua grande amiga, a imperatriz, começou a falar num tom consolador.

A princípio, Alexandra, abatida pelas longas horas de vigília, não deu atenção às suas palavras; mas, pouco a pouco, percebeu que Stana estava falando a respeito de um admirável siberiano, um santo homem, cujo nome era Rasputin. Êle havia aparecido repentinamente na capital do império, vestido de pele de carneiro e calçando compridas e lustrosas botas; todos o viam não apenas como um santo, mas também como um verdadeiro fazedor de milagres.

Tendo sido informado sôbre a doença de Alesha, Gregori Efimovich, como o chamavam, disse apenas o seguinte: "Diga à imperatriz que não se lamente mais. Farei que seu filho seja curado". Enquanto Stana continuava falando excitadamente, um tênue raio de esperança ressurgiu no espírito de Alexandra.



Rasputin, indiscutivelmente homem de imensa responsabilidade, capaz de grandes bens e grandes maldades, é um dos mais impressionantes enigmas dêsse enigma ainda maior: a Rússia.

Poucos dias depois, o tzar e a tzarina, sentados na sala de recepção do palácio, contavam, impacientemente, os minutos que passavam. Em dado momento a porta se abriu e, sem qualquer cerimônia, entrou um homem de aparência robusta, metido num comprido caftã negro; tinha barba e cabelos compridos; acompanhava-o a enfermeira de Alesha, cujo rosto expressava surprêsa e admiração.

— E agora o que desejais? — disse Rasputin, afetando genialidade.

Em seguida abraçou o tzar e a tzarina, beijando na face de ambos e sorrindo alegremente.

O menino, que se encontrava em estado febril, havia recuperado o ânimo só ao sentir a poderosa presença e ouvir a profunda e melodiosa voz:

— Ouça, Alesha; eu o livrei de tôdas as dores. Amanhã você já estará inteiramente bom, e nós vamos poder brincar juntos!

A seguir, grande e áspera mão pousou sôbre o peito da criança combalida, e aquela estranha e insinuante voz começou a contar histórias das vastas florestas siberianas, de cavalos sem cabeça e de animais que falavam entre si numa linguagem secreta. Gradualmente, as dores desapareceram e o jovem corpo pareceu recuperar o antigo vigor. Finalmente, Alesha, sem esfôrço algum, sentou-se na cama e começou a fazer perguntas infantis.

SANTO E SALVADOR — **Pai** Gregori voltou na noite seguinte, e continuou a aparecer no palácio, até que o menino ficou completamente bom. Quando isto aconteceu, Rasputin já gozava da amizade da tzarina, de suas filhas e do próprio tzar.



O príncipe Yussupov com a noiva, princesa Irina, em 1914, pouco antes do casamento. (A declaração de guerra surpreendeu os dois príncipes na Alemanha, em viagem de núpcias.) Irina pertencia à família imperial russa e ao seu matrimônio compareceu o tzar Nicolau II.



Em Paris, os príncipes Yussupov, durante seu exílio na França, examinam o filme da Metro, "Rasputin, o Monje Negro", com os três Barrymore (John, Ethel e Lionel), feito em 1934. Os príncipes moveram ruidoso processo contra a produtora de Hollywood, alegando que o filme era insultuoso, pois apresentava a princesa Irina, com o nome de Natacha, como fanática do "staretz".



O príncipe Felix Yussupov, matador de Rasputin, em costume de "boiardo" do século XVI. Na época dessa fotografia, o príncipe, nascido em março de 1887, tinha 23 anos. Os Yussupov eram de uma das mais antigas e nobres famílias da Rússia imperial, aparentados com os Romanov, então no trono. Tinham inúmeros palácios em Moscou e em Petersburgo (depois Petrograd e depois Leningrado), grandes vilas residenciais e vastas propriedades campestres, além de esplêndida casa na Criméia.

A Alexandra parecia que aquêle homem havia sido enviado por Deus em resposta às suas orações. Êle não era sòmente um santo, mas o salvador de seu filho querido. Se Alesha adoecesse era bastante que Rasputin lhe falasse pelo telefone para que êle recuperasse a saúde imediatamente.

A vinda de Rasputin para São Petersburgo estava rodeada de circunstâncias estranhas. Filho de um carreteiro, nascido na pequena vila siberiana de Pokrovskoe, ainda jovem sentiu vocação pela carreira religiosa, tornando-se **peregrino**. Tais fatos são bastante conhecidos em tôda a Rússia. Durante vários anos empreendeu longas peregrinações, mas nem seu velho pai, Efim, nem sua jovem espôsa Praskovia Fedorovna, queixavam-se do seu desaparecimento. Depois de algum tempo, todavia, começaram a ouvir falar a respeito de um peregrino que fazia verdadeiros milagres. Então, inesperadamente, Rasputin reapareceu.

Taciturno e parecendo enfêrmo, foi ocupar o porão, que em muitas casas de vilas russas é reservado aos **peregrinos**; naquela primeira noite, Efim e Praskovia despertaram perturbados por lamentações e gemidos do recém-chegado, e que eram alternados com entoação de salmos. No dia seguinte, quando foram visitá-lo no subterrâneo, tiveram com êle uma extraordinária conversa, que os levou à conversão. O mesmo aconteceu com os vizinhos. Outros camponeses, que tiveram a coragem de visitá-lo, ficaram igualmente fascinados pela figura e pelas palavras do peregrino. Tão grande foi a sensação causada por

êsses acontecimentos fora do comum que Petr, o pádre da paróqüia, sentiu-se no dever de combater êsse **Demônio Disfarçado.** E ante os olhares curiosos de grande parte do habitantes da região, o padre Petr desceu ao subterrâneo para falar com o severo pregador.

O que aconteceu entre os dois nunca se soube, mas o padre reapareceu, saindo do subterrâneo louco de raiva e voltando para casa completamente abatido. Uma "comissão de inquérito", nomeada pelo bispo de Tiumen, a fim de comprovar as acusações que o padre Petr havia feito contra Rasputin, pôde apenas sentir o prestígio que êste desfrutava no seio da massa camponesa.

Havia qualquer coisa de hipnótico nesse fabuloso "mujik"(*) e que, segundo se dizia, era parte dos estranhos poderes que êle adquirira durante suas peregrinações, quando membro de uma misteriosa seita, conhecida pelo nome de **Khlysty.**

VISITAS SECRETAS — Sua fama se espalhou tão ràpidamente que acabou sendo levado para São Petersburgo por ordem do bispo Hermógenes e do terrível monge Iliodor. Iliodor, que era muito temido por causa do seu prestígio entre os camponeses e pelos incisivos ataques que dirigia contra o govêrno imperial, caiu imediatamente sob a órbita de influência de Rasputin, tornando-se um dos seus mais fervorosos seguidores.

Há algum tempo já se falava a respeito das visitas secretas de Rasputin ao palácio, e uma onda de boatos maldosos irrompeu a respeito do monge siberiano, afirmando-se a bôca pequena que tratava o tzar de igual para igual, recebia dinheiro do mesmo, bebia **Madeira** em grandes quantidades, e abraçava indiferentemente tanto as criadas como as damas da alta sociedade.

Todos os políticos corruptos, os caçadores de empregos, assim como os mágicos e os falsos fazedores de milagres, que, antes do aparecimento de Rasputin, eram bem recebidos na Côrte, juntaram-se para combatê-lo; mas, já nesta época, o tzar e a tzarina estavam tão ligados ao milagroso peregrino que recusaram terminàntemente ouvir uma só palavra sequer das críticas que lhe eram dirigidas.

Quando alguém teve a ousadia de censurar o imperador por conservar aquêle homem dentro do palácio, Nicolau II confessou:

— Quando, por qualquer motivo, sinto-me oprimido ou preocupado, simplesmente trato de conversar com Gregori durante cinco minutos; imediatamente sinto-me forte e calmo.... e o efeito de suas boas palavras tem a duração de semanas inteiras!



O príncipe Alesha, cuja enfermidade serviu para colocar em grande fôrça Rasputin.

O AUMENTO DO SEU PODER — Com o passar do tempo, Rasputin começou a enfeixar em suas mãos uma maior sòma de poderes sôbre o govêrno e o povo russos. Sua visão política e seus métodos de ação eram sempre os de um camponês siberiano. Detestava a guerra porque sabia que os camponeses eram os que mais sofriam as suas terríveis conseqüências; e, em 1912, quando o grão-duque Nikolai Nikolaivitch e sua espôsa montenegrina estavam realizando grandes esforços no sentido de lançar a Rússia no conflito dos Balcãs, foi Rasputin quem liderou o movimento pacifista e conservou o país fora dêle. E sempre declarou que, se não fôsse a fôrça do destino, êle teria evitado a entrada da Rússia na Primeira Grande Guerra; infe-

(*) Camponês russo.

lizmente, ao irromper o conflito, em 1914, Rasputin estava entre a vida e a morte, vítima de uma punhalada no estômago, desferida por uma mulher louca; quando, ferrenho dos generais, cujo pensamento era convocar o maior número possível de homens e lançá-los erradamente em combates inoportunos e estando os soldados



As jóias dos Yussupov, encontradas pelos bolchevistas em 1925: trata-se de um tesouro de inestimável valor, compreendendo cisnes e outros animais de ouro maciço, pedras preciosas de todos os gêneros, colares de diamantes, alguns dos quais tendo sido usados por imperatrizes e rainhas. O tesouro foi vendido em leilão pelos soviéticos, bem como os fabulosos palácios dos Yussupov.

afinal, recuperou-se do atentado, os dados já estavam lançados.

Tendo fracassado, na sua tentativa de evitar a participação do seu país na guerra, fêz todo o possível para tornar as coisas mais suportáveis para os soldados russos, lutando contra a incompetência dos chefes militares e exercendo mesmo grande influência sôbre a política militar internacional. Tornou-se, dessa forma, um inimigo mal preparados, até morrer o último dos desgraçados.

Seu poder aumentou a tal ponto que, para qualquer pessoa de muita influência política, ocupar um ministério "era preciso que a sua alma fôsse examinada" por Rasputin.

O método era realmente simples: — Rasputin olhava bem dentro dos olhos do candidato, durante alguns minutos; depois,

com brutal franqueza, dava a sua decisão. A casa de Rasputin, em Nevski Prospekt, tornou-se uma espécie de palácio. Em nenhum país e em nenhum período da história surgiu uma situação tão fantástica. Vigiado durante noite e dia por nada menos de quatro grupos de agentes secretos, que seguiam os passos de todos aquêles que com êle mantinham relações, Rasputin encarava essas manobras como verdadeiros divertimentos, e de vez em quando convidava os seus agentes para uma conferência.

Os volumosos relatórios dêsses espiões trazem valiosas informações sôbre a vida diária de Rasputin, que era um misto de religião e mundanismo, mas sem nada de tenebroso.

Após assistir à missa e fazer a sua primeira refeição, Rasputin recebia a imensa multidão dos peticionários, que, invariàvelmente, cercavam sua casa, muitas vêzes impedindo até a passagem dos veículos. Em geral facilitava o acesso à carreira militar, suspendia condenações dos tribunais, arranjava concessões de créditos, e assim por diante; tudo em troca de dinheiro, sim, porém, do mesmo modo que Robin Hood, recebia êsse dinheiro... e o distribuía com os pobres.

UM MOMENTO TENSO — Além da sala-de-espera, ficava o "Santo dos Santos" entretendo seus amigos íntimos, muitos dos quais eram damas da aristocracia. Havia sempre um momento de tensa expectativa quando a figura de Rasputin aparecia na porta. Imediatamente, todos o cercavam.

Aqui se esforçava um banqueiro, que trazia uma mensagem urgente a êle dirigida; mas Rasputin ignorava-o e voltava-se para dois rapazes vestidos pobremente e sobraçando livros, que vinham pedir uma ajuda financeira para custear sua educação. Depois de atendê-los satisfatòriamente, escuta a longa história de um camponês, cujo amigo se encontrava na prisão por crime ligeiro.

Sem ao menos olhar para êsse homem, Rasputin anota as suas pretensões e promete cuidar do caso. De todos os ricaços, infalìvelmente, aceita dinheiro. E, se, ao fim do dia, depois de distribuir com os pobres as quantias recebidas, resta-lhe alguma coisa, êle vai guardar numa gaveta especial, de onde retira, oportunamente, para entregar a sua querida filha, Matriona.

PALAVRAS DE OSTENTAÇÃO — Em tôdas as intervenções de Rasputin, na administração da justiça, não há um só caso em que êle não tenha procurado auxiliar o acusado. Nunca utilizou o seu grande prestígio, a fim de enviar um seu inimigo pessoal para a prisão ou mesmo bani-lo para a Sibéria. E há, até, alguns casos em que êle ajudou a libertar antigos adversários. Sabendo quão ingênuo e descuidado ficava Rasputin quando embriagado, seus inimigos o levavam a conversar com os ministros e outras pessoas de influência pelo telefone. Nessas ocasiões procuraram demonstrar que era êle, através da imperatriz, quem governava a Rússia, e não o bondoso e fraco Nicolau II.

Todos êsses fatos e muitos mais ainda foram contados ao imperador, que não lhes concedeu a menor importância.

Todos os cortesãos e aristocratas que tinham sido ultrapassados por êsse estranho camponês siberiano, todos os caçadores de empregos, que se viram vencidos, e todos os ministros demitidos e todos os militares incompetentes e mal intencionados começaram a reunir suas fôrças para destruí-lo.

Finalmente, os padres, chefiados por Iliodor, que havia rompido o laço hipnótico que o ligava ao camponês siberiano, voltaram-se contra êle, e houve uma cena extraordinária em que Rasputin foi apanhado de surprêsa e espancado com o cordão do crucifixo pelo próprio bispo Hermógenes.

O resultado dêste ato violento foi um decreto imperial que privou Hermógenes do seu bispado e condenou Iliodor à prisão num mosteiro remoto. Mas Iliodor pôde fugir para a Noruega, onde escreveu um terrível panfleto, intitulado **"O Santo Diabo"**, em que atacava Rasputin e a família imperial com cruel veemência. Mais tarde, êsse panfleto foi utilizado pelos bolchevistas com o fim de vilipendiar Rasputin.

A CONSPIRAÇÃO — A primeira conspiração que visou assassinar Rasputin foi arquitetada por Khvostov e Beletski, que tinham uma mentalidade de verdadeiros

"gangsters" americanos. Khvostov propôs que Rasputin fôsse atraído para a casa de uma das suas admiradoras, cloroformizado, estrangulado e lançado ao rio. Como se verifica, verdadeiro filme de banditismo.

Tendo recebido ordens do seu chefe de se preparar para o assassinato, Beletski consultou ao coronel Komissarov, chefe da "Polícia Especial", que lhe comunicou confidencialmente, que Khvostov tinha intenções de lançar tôda a culpa do crime sôbre êle, Beletski, logo que aparecessem as primeiras notícias!

Os dois homens firmaram um programa de ação conjunta contra Khvostov, as quais, após um série de conspirações e contra-conspirações, terminaram com a demissão dêste último. Mas, infelizmente para os dois aliados, Khvostov ainda permaneceu três dias no cargo, tempo suficiente para que deportasse Beletski para a Sibéria!

Só isto dá ao leitor uma rápida idéia do que era a Rússia naquela época. E Rasputin prosseguia em seus afazeres com o espírito calmo e sereno. Conhecia muito bem todos êsses homens, e sua polícia secreta era capaz de descobrir qualquer conspiração organizada contra êle.

Porém, realmente terrível foi uma nova conspiração que lhe pôs têrmo à existência. O chefe de partido, príncipe Yussupov, convenceu-se sinceramente de que seria uma atitude patriótica livrar a Rússia de tal homem. Seus confederados, o grão-duque Dimitri Pavlevitch, o terrível Purishkevitch, e seu assistente, dr. Lazovert (que prepararia o veneno), não tiveram grandes dificuldades, principalmente porque Rasputin tinha uma certa admiração por Yussupov, que cantava e tocava muito bem canções ciganas, só lhe restava tratar de renovar sua amizade com Rasputin, encontrando-se com o monje na casa de um amigo de ambos e convidá-lo, do modo mais insuspeito possível, para uma festa, que o próprio Yussupov daria no seu palácio de Moika.

Havia qualquer coisa de pungente na confiança que Rasputin revelou ter em Yussupov, e na ingênua e infantil maneira como desprezou as advertências dos amigos, dizendo **boa-noite** às suas filhas e dirigindo-se alegremente para Moika, vestido com sua bela camisa de sêda azul, bordada com flores.

Os detalhes do assassinato são por demais conhecidos para merecer maiores comentários: a enorme quantidade de vinho envenenado que Rasputin bebeu, as balas que



O tzar e a tzarina. Eram muito gratos a Rasputin, mas não puderam salvar o "staretz" — nem a êles próprios, como mais tarde se verificou.

os criminosos detonaram contra êle, em vão, e, finalmente, o lançamento de seu corpo mutilado no rio Neva, são as cenas principais e horrendas dessa trágica ocorrência.

Posteriormente, o príncipe Yussupov escreveu um livro sôbre o caso, no qual procurou justificar-se aos olhos do mundo.

Nesta época estourou a revolução, e os bolchevistas, que adoravam explorar os escândalos burgueses, apresentaram Rasputin como um indivíduo infame, como o "vilão da peça", do terrível drama que

retratava perfeitamente a podridão da Côrte Imperial. Então passaram a elaborar uma biografia de Rasputin composta de fatos adulterados, datas, lugares e nomes de pessoas inteiramente inexistentes ou trocados. Atacando ao mesmo tempo aos executores do monge, principalmente ao príncipe Yussupov, fazendo de tudo a maior confusão.

Com uma ou duas notáveis exceções, êsse poderoso lastro de mentiras intencionalmente forjadas, tem servido de material básico para todos os livros, peças e filmes sôbre a personalidade de Rasputin. E o público vem recebendo tudo isto com extrema ingenuidade. É esta a razão porque temos uma forte tendência para considerar Rasputin um monstro totalmente perverso, uma verdadeira incarnação das fôrças do mal.

O ESPECTRO DOS BOLCHEVISTAS — Só recentemente as pesquisas metódicas de serenos estudiosos, como Freiherr Von Taube e René Fulop-Miller, e o testemunho da filha de Rasputin, Matriona, mostraram a falsidade daquela biografia, forjada por que Rasputin era um verdadeiro espectro para a propaganda bolchevista; mas, depois, os próprios russos permitiram que os críticos examinassem os documentos oficiais, proporcionando, dêsse modo, uma oportunidade para a reabilitação do famoso camponês siberiano.

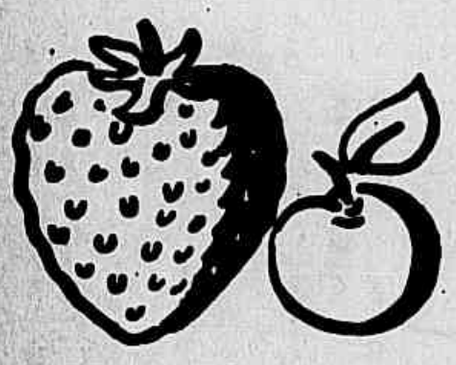
Na realidade, Rasputin nem foi um santo nem um libertino, mas tinha, de fato, algumas características das duas categorias. Possuía, além disso, uma fantástica dose de magnetismo pessoal e grande vitalidade, e dispunha de poderes extraordinários, dos quais raramente abusava. Poucos dias antes de ser assassinado, Rasputin prognosticou:

— Se eu morrer, logo depois o imperador perderá a sua coroa!

Em outra ocasião profetizou que teria de sofrer cruelmente **"na grande catástrofe que iria abalar a sua pátria"**.

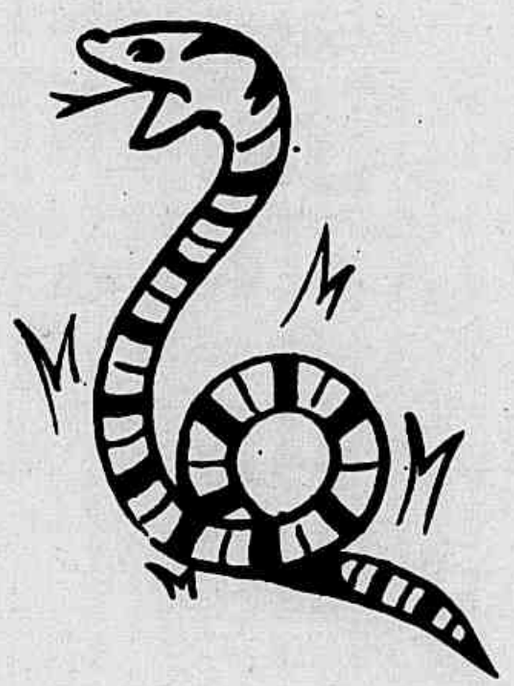
Isto indica que Rasputin previa a Revolução Bolchevista.

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS



SERÁ que vemos com maiores dimensões as coisas de que gostamos? Estudantes americanos, entre nove e doze anos de idade, aos quais foram apresentados alimentos de várias espécies, atribuíram aos seus manjares preferidos um tamanho superior às suas dimensões reais! É possível que também nos adultos a afetividade desempenhe um papel análogo no jôgo das percepções.

NA América tropical existem numerosas serpentes com o corpo totalmente circundado de anéis vivamente coloridos. E todos os que assistiram ao filme de Walt Disney "O Drama do Deserto" tiveram a oportunidade de admirar um belo exemplar. Algumas dessas serpentes são simplesmente bicolores, e sua ornamentação consiste numa sucessão de anéis vermelhos e negros; outras são tricolores, e cada um dos anéis negros fica entre dois anéis amarelos; finalmente, num terceiro tipo de coloração, dois anéis negros suplementares ladeiam cada anel vermelho. Por que razão tôdas essas espécies são coloridas de um modo quase idêntico? Até agora nenhuma explicação satisfatória foi encontrada. Um **herpetologista** (zoologista especializado em répteis e anfíbios) americano, E. R. Dunn, que vem de estudar a fauna do Panamá, observou que as "cobras de coral" mais venenosas pertencem ao grupo tricolor. Ainda de acôrdo com E. R. Dunn, a coloração dessas serpentes evoluirá para um tipo mais e mais complicado.





EM Copenhague, reuniu-se um congresso sòmente para tratar do "Carbono 14". Diz-se que êste isótopo radioativo, presente nas matérias de origem orgânica, permite determinar a idade dos fósseis do período quaternário e de numerosos objetos dos períodos pré-históricos. Inicialmente, a escola americana de W. F. Libby dosava diretamente o carbono contido nas amostras antes de proceder à análise dos mesmos; mas, depois de alguns meses, os laboratórios europeus começaram a combiná-lo com acetilene, gás carbônico, ou metano. Espera-se dêsses novos métodos um sensível acréscimo de precisão na determinação da idade dos fósseis.

O SUICIDA

Por BEATRIZ GUIDO

DOBROU o guardanapo lentamente, aproximou o copo de água dos lábios e depois de longa pausa, disse:

— Vou deitar-me cedo; estou cansado

O pai não levantou os olhos do prato.

— Você faz muito bem; o tempo está intolerável — comentou a mãe.

— E eu farei o mesmo — disse Laura, sem deixar de ler a revista que tinha, aberta, ao lado do prato vazio.

Julião ergueu-se da mesa, repôs a cadeira no lugar correto e inclinou-se ligeiramente para o pai, numa saudação muda. Os três ouviram, inconscientemente, seus passos enquanto subia a escada, e depois a porta do quarto fechando-se atrás dêle.

E como não falaram entre êles, durante todo êsse tempo, ouviram, também, uma gaveta que se abria — o quarto dos pais ficava por cima da sala-de-jantar — ... e depois o tiro: um estalido rápido, sêco, que fêz tremer o lustro no teto.

O pai, como se quisesse retardar por alguns segundos mais o que havia adivinhado, acabou de comer a sobremesa.

Porém, quando ouviu tombar um corpo sôbre o soalho, e êsse mesmo corpo rolar alguns instantes, para logo se imobilizar num silêncio dramático, disse, olhando o teto liso:

— Foi em nosso quarto!

— Meu Deus! Foi um tiro de revólver... — observou a mãe; e logo correu escada acima.

O pai e Laura esperaram o grito; sem dúvida o esperaram, porque quando a mãe gritou do quarto de cima, levantaram-se da mesa e começaram também a gritar.

Ali estava Julião: de rosto contra o soalho e os olhos ainda abertos. O revólver junto dêle. Na fronte direita notava-se um pequeno ponto negro. Não havia sangue em seu rosto. A mãe se atirou ao solo e, como se não houvesse remédio, como se os três pensassem que isto tinha que suceder, irremediàvelmente, sentaram-se no chão, ao lado de Julião, sem atrever-se a tocá-lo. De vez em quando a mãe soltava um gemido agudo. O pai olhava fixamente para a mão direita do filho, enquanto Laura soluçava com a cabeça escondida entre os braços. Ninguém se moveu. Nenhum dos três teve coragem de tocá-lo. Nem tão pouco duvidaram de que estivesse morto, e bem morto. Realmente, não havia dúvida. Ninguém podia duvidar, um instante sequer, de que aquêle corpo de bôca para baixo e olhos abertos, não estivesse morto.

"Certamente me viu — pensou a mãe profundamente perturbada. — É, viu-me,



Os três sentaram ao lado de Julião...



com certeza" — tornau o dizer a si mesma.

Foi numa tarde de janeiro, quando moravam em Moreno. Viera naquele dia ao centro da cidade para fazer algumas compras. E encontrou-se com êle na Confeitaria Nova. Sentou-se de costas para a porta, frente a um espelho, a fim de poder, sem que a vissem, ver os que entravam.

Êle repreendeu, depois de quinze anos, êsse seu velho costume de olhar para todos os lados, como se estivesse sendo constantemente perseguida.

— Você não vê que todos estão em Moreno? — observou êle.

— Sim, mas Julião nunca diz aonde vai — respondeu ela, apertando-lhe as duas mãos.

Mal acabou de pronunciar essas palavras, viu através do espelho a cabeça despenteada e inconfundível do filho, que esticou um olhar para dentro da confeitaria e tornou a sair. Nunca explicou a si mesma porque



não comentou com êle a súbita aparição de Julião; talvez porque temesse que êle dissesse:

— Sempre a ver fantasmas! Você com isso já estragou a minha tarde!

Tornou a olhar através do espelho, mas a figura de Julião havia realmente desaparecido.

— Que estaria procurando? Tê-la-ia visto?

Naquela noite, quando voltou para casa, perguntou ao filho:

— Aqui nos separamos — disse Julião. — E' melhor que não continuemos juntos...

— Que fêz você hoje?

— Nada... Apenas andei pelas ruas de Buenos Aires.

— Com êste calor?

— Com êste calor — foi a resposta definitiva.

E agora ali jazia sôbre o soalho. Desde aquêle dia, segundo cismava, Julião sen-

tava diante dela e ficava olhando para ela, em silêncio.

— Por que me olha assim? — perguntava.

— Não estou olhando para você — contestava.

Agora não tinha mais dúvidas; ali estava Julião irremediàvelmente morto, e isto significava a sua resposta!

◆

"É provável que êle tenha lido a carta" — pensou o pai.

Diante do cadáver do filho não podia duvidar de que esta era a resposta àquela carta; sim, aquela carta que escondeu num velho livro sôbre as viagens da Idade-Média. Quando bateram na porta do seu pequeno escritório, nunca imaginou que pudesse ser Julião. Pois o filho raramente entrava ali, como se pressentisse o que sucederia. Escondeu a carta, e quando viu que Julião se dirigia diretamente para o volume, não teve coragem de dizer uma só palavra. Poucos minutos depois — talvez o suficiente para que Julião tivesse tido tempo de ler a carta — pediu o livro de volta, alegando um pretexto absurdo.

Procurou recordar o texto da carta: "Você não passa de um chantagista... minha mulher contou-me tudo... Direi à polícia que você é um usurário... Vinte anos de amizade! Não me importa que você me execute o título; faça o que quiser, mas não lhe pagarei um só centavo... Usurário... Contrabandista..."

Bateu com as mãos na cabeça. Essas palavras se ampliavam em seus ouvidos. Sentiu como o sangue pulsava em suas mãos, e nem sequer podia crispá-las: Começou a soluçar com um grito semelhante ao de sua mulher.

◆

Laura pousou, de leve, a mão na cabeça do irmão e começou a acariciar-lhe os cabelos. E como se minutos antes o tivessem apresentado, dizendo-lhe: "Êste é teu irmão; êsse que aí está, no chão, fingindo de morto... O outro, o que jantou contigo, há uns instantes, era um desconhecido, cuja morte, quem sabe por que estranha causa, te despedaça o coração."

Quando criança, ela gostava de fechar-se em seu quarto, com sua casa de bonecas. Fechava a porta com a chave, por mêdo de que o irmão entrasse e destruísse tudo. Sòmente descia nas horas das refeições. Ninguém se ocupava com um ou com outro, era verdade. Talvez se o quarto não estivesse estado sempre fechado, talvez se ela não tivesse receado que seu irmão, com suas espadas e suas lanças a destruísse, não estaria ali, contra o solo.

Mais tarde, nem se falavam. Às vêzes, nas horas de refeição, a mãe atirava o guardanapo sôbre a toalha e, desesperada, dizia:

— Isto é um sepulcro! Cada vez falamos menos; há, seguramente, três quartos de hora que estou falando sòzinha. Mas será possível que nada têm que conversar? Assim acabo enlouquecendo. Está bem... Eu sabia que me casava com um morto, mas não imaginei que os mortos pudessem ter filhos.

Êles se levantaram da mesa, correram para junto dela e começaram a beijá-la em silêncio; também o pai a acariciou, ao passar, suavemente, a mão na sua cabeça.

— Estás precisando de passar uns dias em casa de tua mãe — disse êle, logo retirando-se para o escritório.

◆

Laura deixou de acarìciar a cabeça de seu irmão, e levantando-se lentamente, disse:

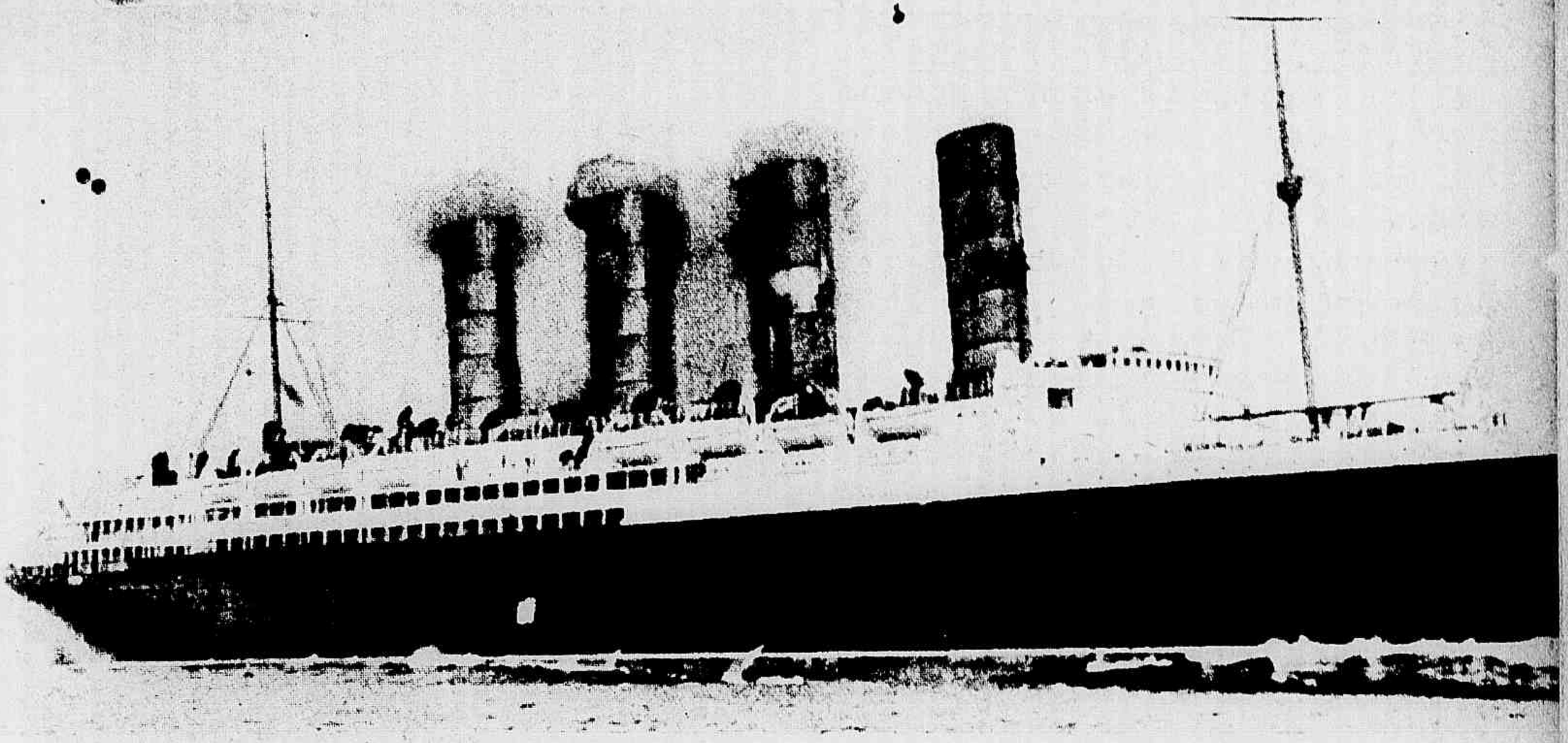
— É preciso fazer alguma coisa...

Nesse instante ouviram vozes que subiam as escadas e que diziam:

— Foi um tiro, sim, tenho a certeza! E vinha do quarto do menino Julião.

Velaram-no, no escritório do térreo. Os três, imóveis, não se separaram um só instante do féretro. Por isso não notaram que três rapagões, não se atrevendo à entrar na sala, velavam no corredor, fronteiro. Às vêzes, uma cabeça surgia junto do vidro de uma janela, logo desaparecendo.

(Continua no fim da revista)



O majestoso transatlântico "Lusitânia", torpedeado correr da primeira grande guerra e que deu causa à entrada dos Estados Unidos da América do Norte na guerra contra a Alemanha.

OS QUE PROCURAM TESOUROS

O "LUSITÂNIA" REVELARÁ UM DIA O SEU PUNGENTE SEGRÊDO?

ONDE se encontra o "Lusitânia", o transatlântico que foi pôsto ao fundo por um submarino alemão e cujo torpedeamento foi uma das principais razões da entrada dos Estados Unidos na guerra?

Mais de trinta e oito anos passaram, desde aquêle trágico 7 de maio de 1915, dia em que, ao largo da costa da Irlanda do Sul, não longe do cabo "Old Head of Kinsale", êsse navio, orgulho da marinha mercante britânica, foi torpedeado pelo submarino U-20, que, mau grado a presença a bordo de mais de mil passageiros civis, não hesitou em atacá-lo, enviando-o para o fundo das águas.

Nos seus porões estavam arrumados em pilhas lingotes de ouro no valor de um milhão de libras esterlinas (cêrca de 200 milhões de cruzeiros).

A partir de 1933, no local em que a catástrofe se desenrolou, um naviozinho, semelhante a uma chalupa pesqueira, tendo a seu bordo vinte e sete homens e um material científico dos melhores da época, entrou a navegar incessantemente, tentando localizar o lugar exato em que o gigante dos mares repousava.

Diáriamente, escafandristas com proteções especiais exploravam as profundezas submarinas e, mau-grado as dificuldades encontradas, prosseguiam sem descanso uma tarefa das mais penosas e difíceis.

O "ARTIGLIO" EM BUSCA DOS TESOUROS AFUNDADOS — Os italianos foram os primeiros a conquistar nesse gênero de trabalho, um merecido renome. De fato, o pequeno navio "Artiglio" tinha conseguido recuperar a carcassa do transporte "Egypt", afundado ao largo das costas do Finisterra e que continha mais de um milhão de libras esterlinas (ouro).

Seus corajosos exploradores submarinos visitaram, a seguir, os flancos do transporte "Elizabeth", que repousava a um pouco mais de 80 metros de fundo e que, segundo se acreditava, tinha em seu bôjo, um lote importante de diamantes. Êstes

não foram encontrados, porém os homens puderam trazer para a superfície oito toneladas de marfim, o que permitiu à companhia cobrir as despesas.

Eis porque, quando pensaram em explorar o casco do "Lusitânia", os técnicos marítimos britânicos não hesitaram em apelar para os italianos, cuja façanha principal tinha sido descobrir, ao largo da Donegal Coast, a carcassa do "Laurentic". Êste navio, que pertencia à White Star Line, tinha sido afundado por um submarino alemão dezoito anos antes, quando transportava para os Estados Unidos um carregamento de ouro no valor de 6 milhões de libras esterlinas. Os técnicos do "Artiglio" conseguiram, ao preço de tremendos esforços, que duraram de 1918 a 1924, recuperar os cinco sextos do precioso metal. Infelizmente, não puderam concluir seus trabalhos dado que as dificuldades se tornavam maiores de ano para ano, pois que o enorme transatlântico repousava sôbre um banco de areia que lentamente o sepultava, quarenta metros abaixo da superfície do mar.

Assim foi que quando pensaram em recuperar o tesouro encerrado nos cofres do "Lusitânia", os inglêses julgaram que só mesmo os homens treinados do "Artiglio" podiam levar a bom têrmo a formidável tarefa.

Foi então constituída uma companhia, a Argonaut Corporation Ltd. Novos escafandros, obedecendo aos últimos progressos da técnica, foram construídos, capazes de suportar pressões fantásticas e descer a profundidades jamais atingidas. Os aparelhos de pesquisa foram, por sua vez, aperfeiçoados.

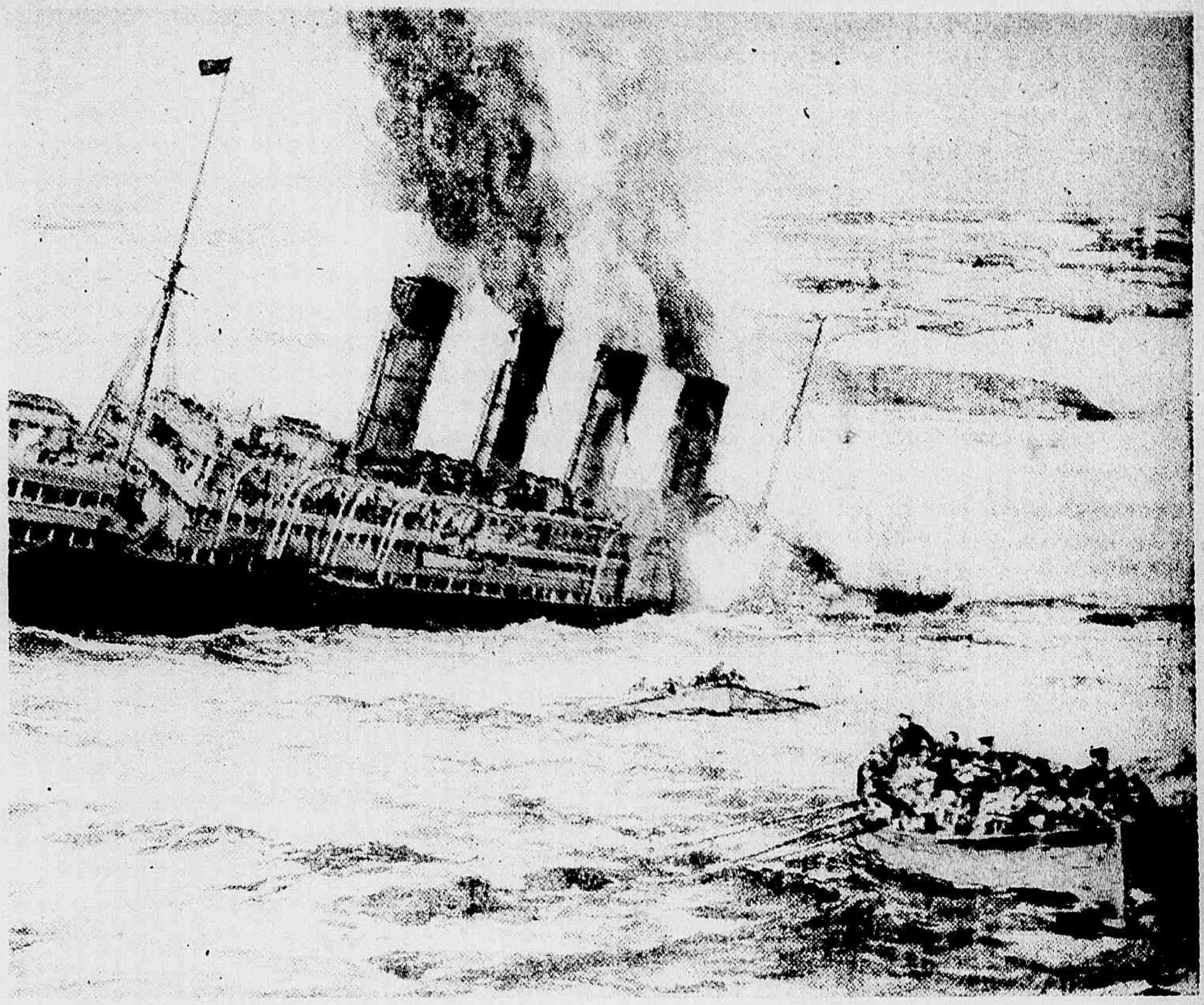


Como afundou o transatlântico

Uma vez preparada, a expedição partiu para o local da catástrofe. A bordo de novo barco, o "Orphir", preparado para realizar o salvamento do barco afundado, estava o comandante, capitão Henry Russell, que era o chefe. Com êle estavam dois sobreviventes da catástrofe: Albert A. Bestic, terceiro oficial do "Lusitânia", e Robert Chrisholm, que, a bordo do transatlântico, exercia as funções de **stewart**. Porém, a maior dificuldade, justamente, estava em encontrar o local exato em que o navio repousava. O barco torpedeado, entre o instante de ser atingido e o de desaparecer, errou à deriva durante dez longos minutos.

A seu bordo reinava uma indescritível confusão. Nessas condições... Onde encontrar o "Lusitânia"? Ficou decidido localizar as pesquisas numa extensão partindo da costa irlandesa, sôbre doze quilômetros e indo até 10 quilômetros ao largo. Nesse local o mar atingia uma profundidade de mais de 30 metros. Ora, como se sabe, além dos 20 metros, a visibilidade é nula. O "Orphir" foi, assim, munido de poderosos projetores. Os trabalhos já haviam começado quando os peritos receberam uma carta de um dos homens que afundaram o "Lusitânia": o capitão Wilhelm Lanz, que fôra justamente o pilôto do U-20. Êsse antigo oficial indicava o lugar exato em que se encontrava o transatlântico quando recebeu o fatal torpedo.

Porém o comandante Schwieger, que comandava o mesmo submarino alemão, logo que o "Lusitânia" tinha sido ferido de morte, havia dado ordem para mergulhar a 20 metros e afastar-se do local, sem perda de tempo. Nessas condições, restava pouca probabilidade de assinalar o local exato em que repousava o "Lusitânia". As operações foram suspensas ao fim de ano e meio de reportagens delicadas e caríssimas, sem resultado. Outra emprêsa, a Corporation Tritonia, de Glasgow, decidiu tentar a emprêsa,



"Lusitânia" — orgulho da marinha inglêsa — segundo um desenho do "The Sphere", da época.

quase a seguir, confiando a direção geral a técnicos e escafandristas internacionais.

Tal emprêsa criou um novo tipo de escafandro dentro do qual o explorador podia alcançar maiores profundidades que as atingidas até então. A estrutura metálica do aparelho evitava que a pressão da água chegasse ao corpo do escafandrista. Êste, dentro do aparelho respirava ar a pressão atmosférica, assim evitando-se os perigos da descompressão e do envenenamento pelo oxigênio.

Com êsse novo aparelho e com a cooperação de outro navio adequadamente preparado, a emprêsa aludida procurou localizar os restos do desventurado transatlântico.

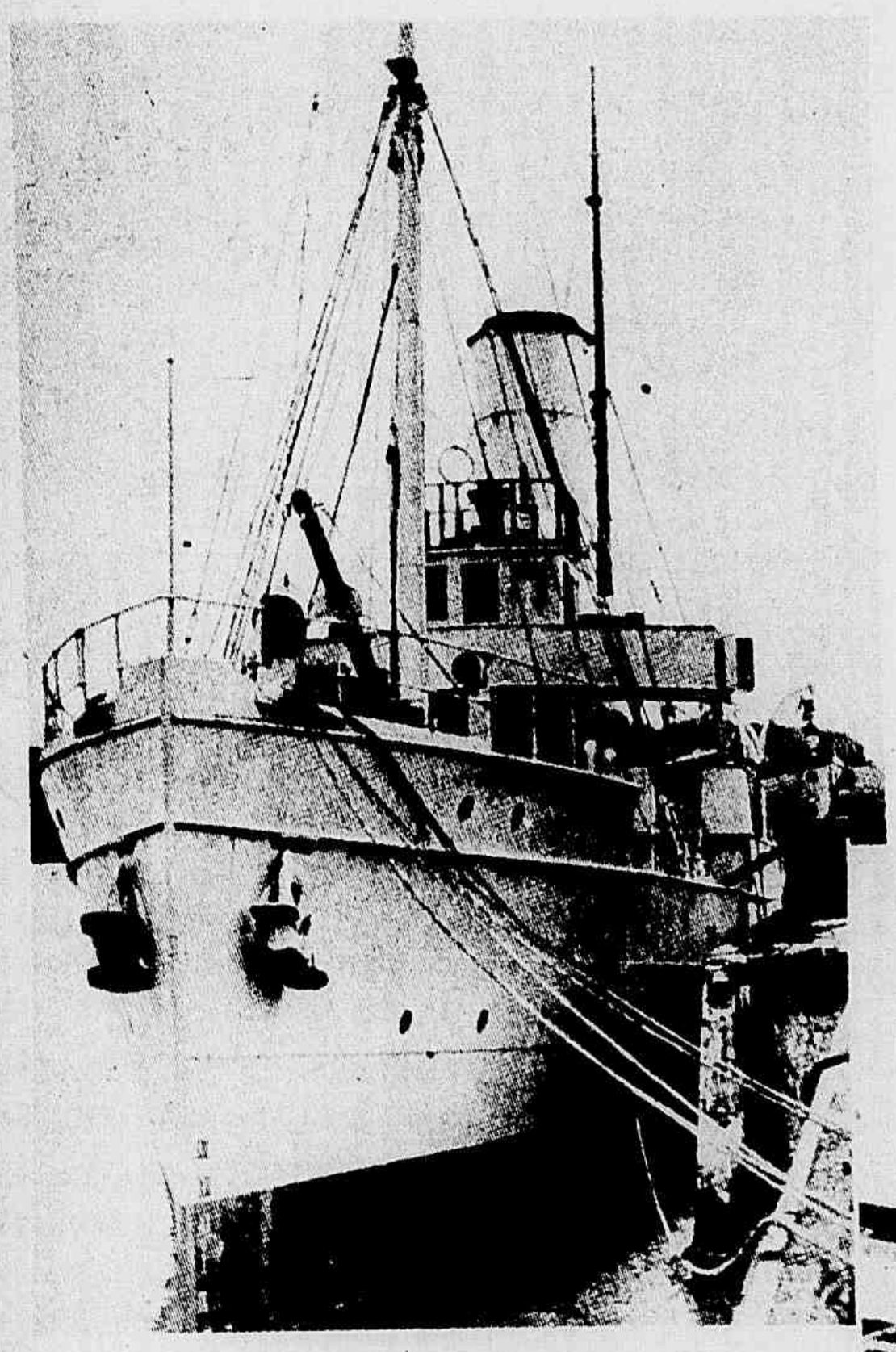
Em fins de outubro de 1935 os seus esforços tiveram êxito completo: um escafandrista, provido de aparelho metálico, segundo o que acima descrevemos, pôde caminhar sôbre o casco da embarcação afundada. Infelizmente, suas manobras se tornaram difíceis, tanto pela fôrça irresistível da corrente submarina que passava sôbre o navio, quanto pelo limitado movimento que o aludido equipamento lhe permitia. Suas informações se limitaram, pois, a descrever o tamanho das chapas do casco e dos rebites, assim como o fato de ter encontrado tudo notàvelmente limpo de moluscos, plantas, etc. Voltou à superfície e novos mergulhadores se aprestaram a imitá-lo, aguardando tão sòmente a chegada de melhores refletores e outros equipamentos. Com isso perderam-se vários meses e quando, finalmente, outra turma desceu, verificou que o casco fôra arrastado alguns metros do local anterior, o que provava não estar o mesmo enterrado ou, ao

contrário, o fundo ser "viajante". A verdade, porém é que desde então, ninguém mais tornou a descer até o túmulo do gigante.

Em 1938, estando de passagem por Londres, o famoso escafandrista John D. Craig foi convidado pela emprêsa Tritonia para... filmar as operações de salvamento do "Lusitânia". Era, porém, necessário resolver problemas graves: riscos pessoais, luz apropriada, câmaras fotográficas capazes de resistir à tremenda pressão da água e, principalmente, mobilidade e meios de comunicação.

Craig recordou, então, uma pequena experiência realizada por um seu amigo: tinha êste num aquário um pequeno robalo, ao qual costumava dar, diàriamente uma sardinha viva. Logo que observava a aproximação do "manjar", o robalo nadava vertiginosamente em redor do recipiente, que era de vidro e mais tardava o peixinho a cair na água que êle a engolir o infeliz. Um dia êsse amigo introduziu no recipiente uma divisão de vidro transparente, que o dividia em dois compartimentos. O robalo ficou de um lado. No outro foi depositada a quotidiana sardinha. O peixe maior, logo que viu a prêsa, lançou-se com fúria selvagem sôbre ela, mas apenas para dar de nariz contra o vidro. Ficou surpreendido e quase paralisado, porém logo insistiu, repetindo a tentativa com igual denôdo, para sempre encontrar o insuperável obstáculo. Finalmente, após várias horas de luta, deu-se por vencido e foi repousar no outro canto do aquário. Convencera-se da inutilidade do seu empenho. Foi então retirada a divisão de vidro e a sardinha nadou impunemente em redor do robalo, sem que êste fizesse um movimento sequer para atacá-la.

Teve então a impressão de que as idéias dos escafandros se dirigiam erradamente por um caminho similar. Talvez houvesse solução para os problemas considerados até então insolúveis. Se conseguisse encontrá-la poderia trabalhar no fundo oceânico. Voltou imediatamente para sua terra, os Estados Unidos com a cabeça cheia de idéias, planos, números e ambições. Para êle a luz constituía o principal problema; ninguém até então conseguira evitar que a água penetrasse pelas conexões das lâm-



O centro de pesquisas do "Lusitânia" é "Orphir", navio especialmente construído para êsses trabalhos nas costas da Irlanda (ao alto) a 312 pés abaixo do navio serão tomadas fotografias dos trabalhos (à direita).

padas e estas mesmas não resistiam à pressão. Apesar de tudo, recordava que outra companhia necessitara de luz artificial para o salvamento do "Egypt", do qual recuperaram muitos milhões de dólares, apenas colocando lâmpadas no interior de caixas de aço, cujo pêso e volume dificultavam as tarefas dos escafandristas.

Era preciso conseguir equipamento leve para explorar as entranhas do "Lusitânia". E, para impressionar filmes cinematográficos, precisávamos, na época, em razão da qualidade dos filmes, de 60.000 watts de luz. Uma companhia norte-americana construiu em 32 dias o tipo de iluminação desejada. As lâmpadas assim fabricadas podem resistir a uma pressão de 500 libras por polegada quadrada!

Foram submetidas a uma prova num tanque de pressão hidráulica, no qual a mesma foi elevada a 700 libras por polegada quadrada, nada sofrendo, o que significa que podem ser usadas a 1500 pés de profundidade ou talvez mais.

As referidas bombas são feitas de vidro especial e são de 5.000 watts, acendem a 100 vóltios e estão cheias de uma mistura de 60 por cento de nitrogênio e 40 de argon. O fio isolado penetra até o interior da lâmpada, através de um tampão de goma aderido à base da bomba, sob tremenda pressão.

Sabíamos que o alumínio era o material mais apropriado para os refletores, porém a água do mar os altera. Assim foi conseguido, por um processo electroquímico, impermeabilizar o alumínio contra a ação corrosiva da água salgada e construir refletores eficazes, tão brilhantes como espelhos.

Seguia-se na ordem dos problemas o da mobilidade do escafandro dentro da embarcação afundada.

Já mencionamos a corrente que passa sôbre o casco do "Lusitânia", o que exige escafandro pesado, capaz de contrapor o pêso do comprimento de seus cabos de comunicação com a superfície e manter-se sôbre o navio naufragado. Só isso, porém, seria o bastante para impedir a boa mobilidade dos homens.

Por outro lado, se uma vez no interior do casco, êste mudasse intempestivamente de posição, a tensão que seria exercida sôbre êsses cabos poderia rebentá-los. Êsse risco talvez fôsse eliminado mediante uso de cabos metálicos, mas, de qualquer modo, o escafandrista, consciente sempre dêsse perigo, trabalharia menos eficientemente.

Para vencer o inconveniente, recordou que Max Gene Nohl trabalhara em sua



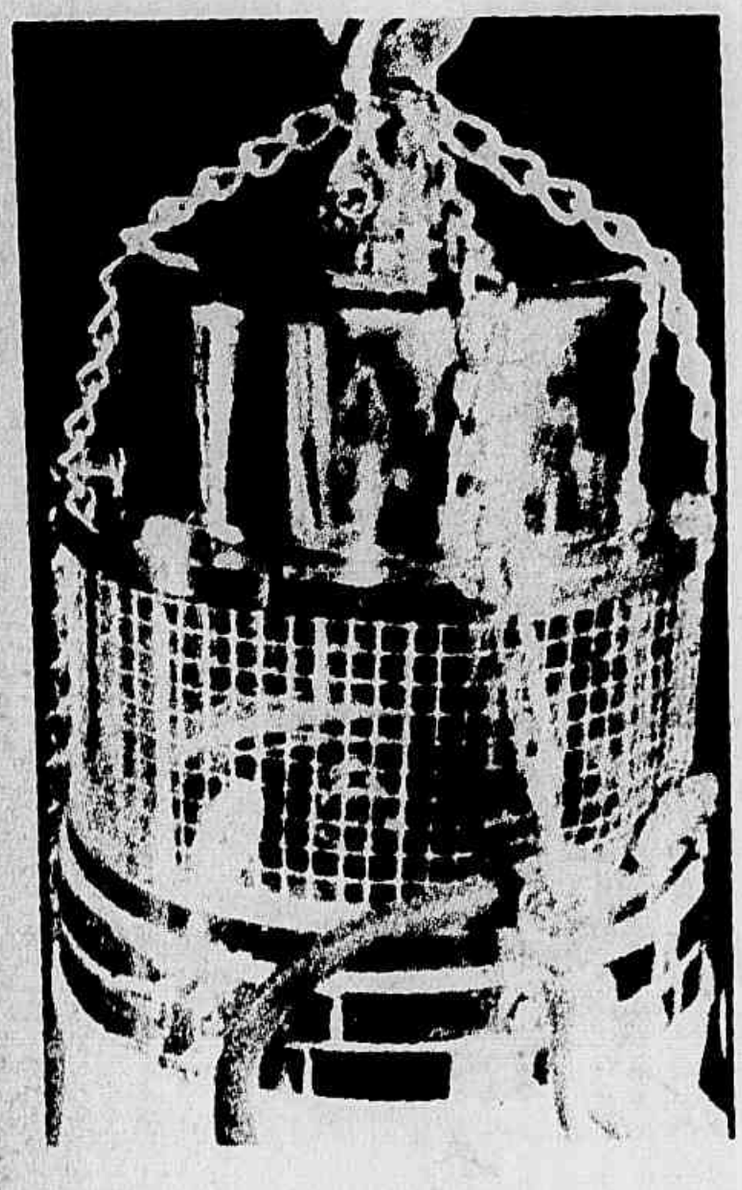
Lâmpada submarina de 5.000 watts, construída especialmente para resistir à pressão, 3.500 pés abaixo do nível do mar, para os trabalhos de tentativa de salvamento do "Lusitânia".

companhia, no verão de 1935, durante o salvamento de John Dwight.

Então tinham estudado um escafandro que em vez de tubo para administração do ar, desde a superfície, levava às costas uma garrafa de ar comprimido, para suprir a mesma necessidade. Isto, se não resolvesse o problema, ao menos os livraria dos tubos de ar.

O ar comprimido, segundo se decidiu pouco depois, seria levado em três garrafas dispostas nas costas do escafandrista, com um conteúdo para 23 horas em águas pouco profundas e para 15 horas apenas, a

90 metros de profundidade. Respira-se constantemente o mesmo ar, porém o bióxido de carbono é eliminado através de uma composição de cal sódica. Dêste modo ficam evitados, por êste processo, as borbulhas que tanto atraem os tubarões e também se reduz a um mínimo in-



Dentro do capacete do escafandro há manômetros, bussola, relógio microfone e alimento.

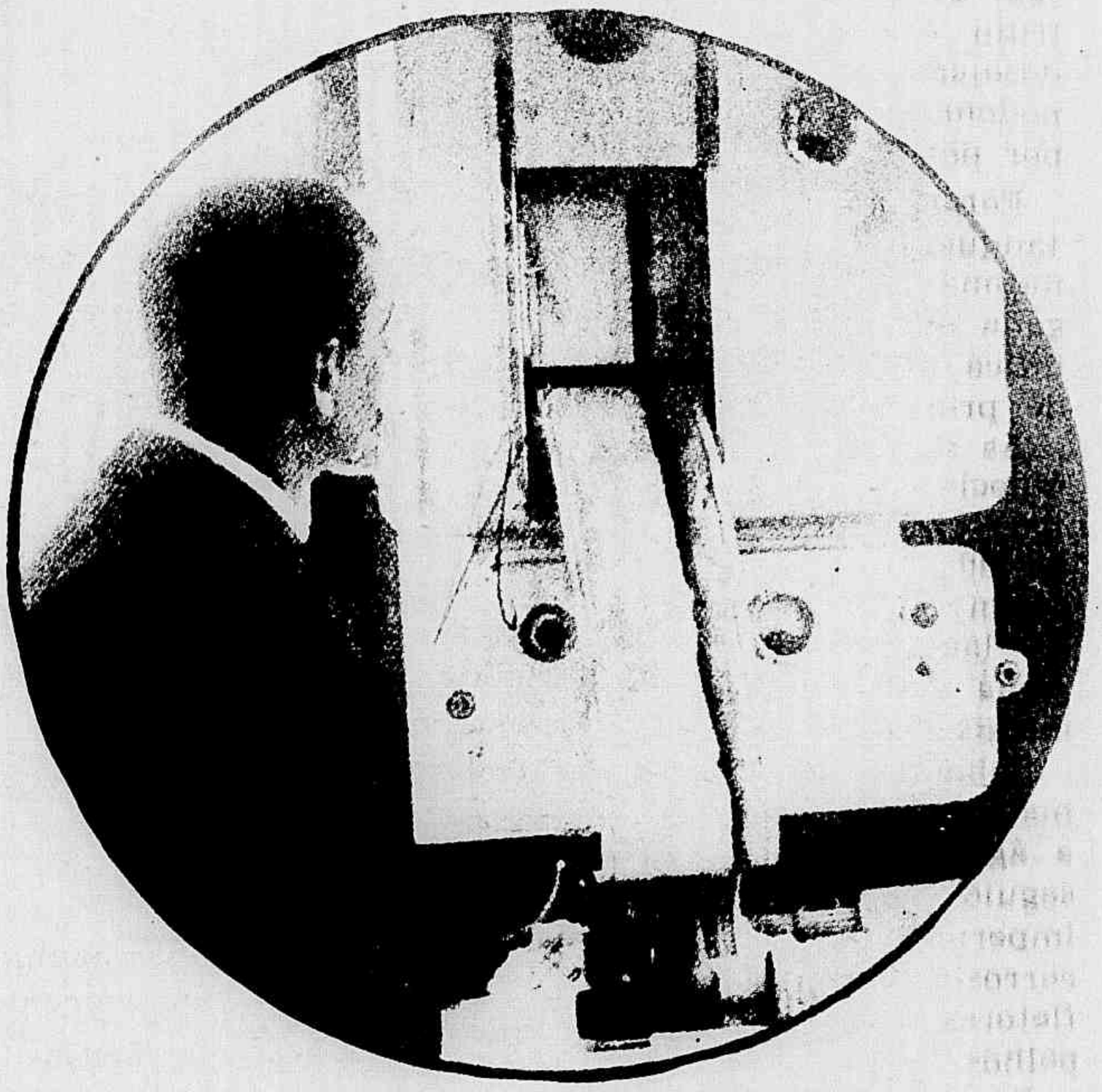
significante o risco de que o escafandrista seja esmagado pela pressão.

Dado que nessas garrafas os mergulhadores levam o ar a uma pressão de 3.500 libras por polegada quadrada, pensou-se na possibilidade de eliminar também o perigo de envenenamento pelo excesso de oxigênio, mediante a redução proporcional do mesmo.

Tratava-se de uma idéia nova, ocorrendo apenas que não era fácil obter ar comprimido com uma pressão reduzida de oxigênio. Por conseguinte, os técnicos começaram a procurar outros gases.

Finalmente encontraram o hélio. Trata-se de um gás inerte e susceptível de ser respirado sem causar prejuízos. Foram feitas misturas de hélio e oxigênio e descobriu-se, afinal, que o mesmo podia produzir uma excelente atmosfera artificial. O hélio não impregna os tecidos na proporção que o faz o nitrogênio, é muitíssimo menos pesado e é eliminado dos tecidos sete vêzes mais depressa que o nitrogênio. Êste último reduz o período de descompressão a uma sétima parte do tempo requerido com os processos ordinários. Foram experimentados primeiramente com os porquinhos da índia, dando resultados satisfatórios; transcorridos 30 dias naquela atmosfera os animais eram mais sadios, mais robustos e maiores que os demais não submetidos à prova, e, por outro lado, notaram os cientistas, ainda, que os animais tinham ficado livres de ligeiros padecimentos, tais como catarro, nervosismo, etc.

O gás foi a seguir, experimentado nos futuros mergulhadores. O dr. End, Nohl e vários mergulhadores respiraram pela pri-



meira vez o hélio a pressão no dia 6 de junho de 1937. A descompressão durou apenas dois minutos, enquanto que, segundo as tabelas respectivas as descompressões de uma profundidade equivalente exigira 47! Assim, em vez de necessitar de 5 horas e meia para descomprimir-se, após uma descida à profundidade em que se acha o "Lusitânia", os mergulhadores necessitariam apenas de 30 minutos, na base da

flamante atmosfera de hélio e oxigênio. Também foi observado que o sangue, sob pressão, coagulava-se muito mais depressa. Mediante experiências à base de pressão própria para trabalhar com escafandro, e de certas drogas, os médicos consideram muito provável encontrar-se o caminho certo para dar à humanidade um remédio para a hemofilia.

Também foi observado que os catarros desaparecem com a permanência de 30 minutos numa atmosfera rica de oxigênio a pressão. Talvez tenha contribuído para êste resultado o fato do escafandrista se submeter a uma alimentação sadia e farta sempre que está em trabalho.

Todos êsses problemas foram, de fato, resolvidos. Mas, quando tudo estava pronto, desmanchou-se a corporação Tritonia em razão da Segunda Grande Guerra, continuando o "Lusitânia" no fundo do oceano, atraindo os aventureiros.

Atualmente, com os recursos melhorados há novas esperanças de retirar do fundo das águas o que já se intitulou de "o segrêdo do Lusitânia". Os técnicos de hoje estão munidos de aparelhamento que lhes garante absoluto êxito na ação.

Aparelhos de deteção, de comunicações, de iluminação, de cortar o aço, de enviar o que queira para a superfície, enfim, tudo o que possa ser sonhado.

Aguarda-se apenas que surja a iniciativa.

A verdade é que quando se escrever uma crônica completa do desastre do "Lusitânia", não é difícil que a parte mais importante da mesma seja relativa aos estudos médicos que os problemas dos escafandristas exigiram. É possível, talvez, que do salvamento futuro do majestoso rei dos mares surja algum benefício para a humanidade; que venha a ser uma espécie de lenitivo à dor pungente que a horrível tragédia deixou na alma dos homens.



Os últimos minutos do imenso navio, gigante dos mares (segundo um desenho de Matania, para "The Sphere", de Londres.

Há ainda a esperar dêsse salvamento, a solução de um dos mais angustiantes mistérios da primeira grande guerra.

— Transportava o "Lusitânia" também armas e munições?

Os alemães pretendem que sim.

Os inglêses asseguram que não.

Com quem está a razão? Talvez o futuro nos esclareça.

SEGREDOS DE UMA QUITUTEIRA



SOUFFLÉ DE BRÓCOLI

2 colheres de manteiga
2 colheres de farinha de trigo
¾ de xícara de creme de leite
1 colher de cebola bem picada
1 ½ xícara de queijo ralado
3 ovos
2 xícaras de brócolis cozidos e picados
½ colherinha de noz-moscada.

Derrete-se a manteiga e mistura-se com a farinha de trigo, ajuntando-se o creme de leite. Leva-se a fogo lento, mexendo-se, até que a massa se torne mais espêssa. Ajunta-se a cebola e o queijo e mexe-se até que o queijo se derreta. Bate-se ligeiramente a gema dos ovos, jogando-se nessa gema um pouco da massa quente. Coloca-se na massa quente e mexe-se bem. Junta-se o brócoli, depois a noz-moscada. Bate-se a clara dos ovos e junta-se à massa do brócoli. Coloca-se tudo numa caçarola untada. Leva-se ao forno, e deixa-se durante uma hora, ou até que uma faca enfiada no meio do soufflé saia limpa.

BÔLO DE CEREJA E NOZ

1/3 de xícara de manteiga
1 xícara de açúcar
½ xícara de leite
1 vidro de 4 onças de cerejas ao marrasquino
3/4 de colherinha de baunilha
1 1/3 de farinha de trigo
2 ½ colherinha de sal
½ xícara de noz picada
3 claras
2 ½ colherinhas de fermento em pó.

Mistura-se a manteiga, com o açúcar, aos poucos, juntando-se a êssência de baunilha e o caldo de cereja. Mistura-se a farinha de trigo com o fermento, e o sal, misturando-se, depois, com a manteiga, e batendo-se tudo na batedeira elétrica. Misturam-se as cerejas e as nozes com essa massa. Bate-se as claras até que fiquem duras e cobre-se tudo com elas. Coloca-se numa fôrma untada e leva-se a forno quente durante meia hora.

BISCOITOS DE GENGIBRE

½ xícara de manteiga
½ xícara de açúcar
½ colherinha de sal
2 colherinhas de gengibre
1 ôvo
½ xícara de melaço
2 xícaras de farinha de trigo
1 colherinha de bicarbonato de sódio

Bate-se, durante um minuto, em "Low", até que fiquem bem misturados a manteiga, o açúcar, o sal, o gengibre, o ôvo e o melaço. Mistura-se a farinha de trigo com o bicarbonato. Junta-se essa mistura à primeira massa e bate-se, em "Low", durante um minuto, raspando-se a mistura com uma espátula de borracha, no fundo e nos lados do recipiente, enquanto se bate. Coloca-se a massa, com colheres cheias, numa fôrma untada, apertando-se os biscoitos com um copo de fundo chato envolto em pano molhado. Assa-se em forno quente de 12 a 15 minutos. A receita dá para cêrca de 4 dúzias de biscoitos.

SANDUÍCHE DE MOLUSCOS

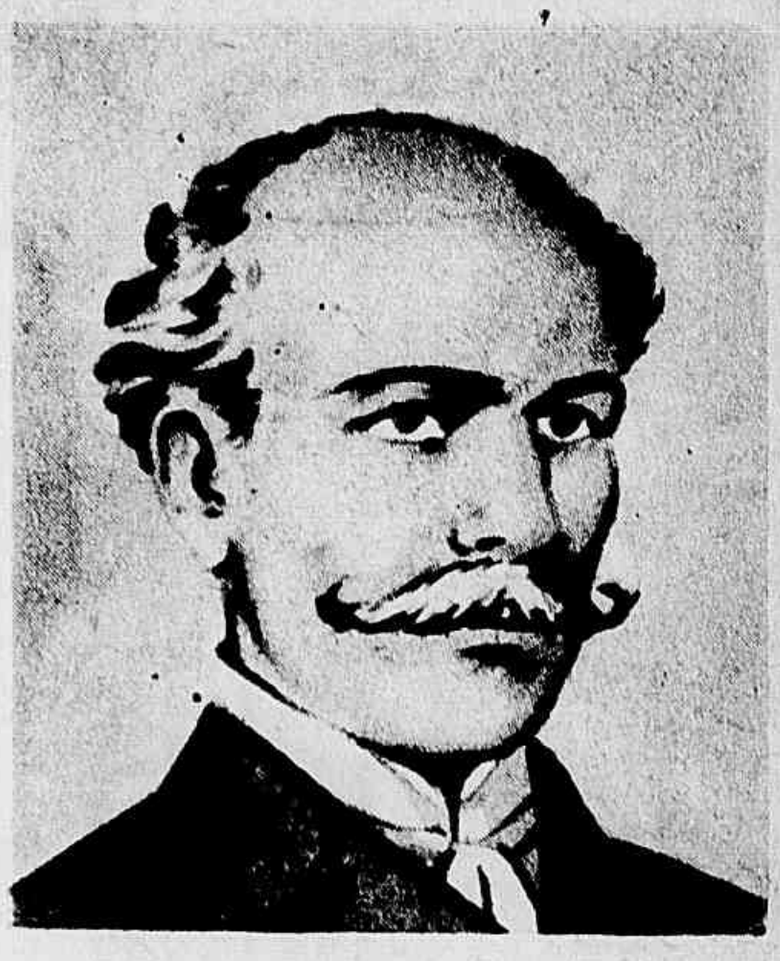
1 xícara de lagosta, camarão ou carangueijo, fresco ou em conserva.
¼ de xícara de queijo ralado
¼ de xícara de môlho de maionese
2 colheres das de chá de suco de limão
1/8 de colher de chá de sal.

Mistura-se o camarão ou lagosta com os outros ingredientes. Coloca-se a mistura em quatro fatias de pão e colocam-se, por cima as restantes fatias de pão. Aqueça a torradeira automática para sanduíche, usando grelhas de "waffle", na posição média-elevada (em torradeira não automàtica de 5 a 6 minutos). Coloque dois sanduíches de cada vez entre as grelhas e toste durante 5 a 7 minutos.

PÁGINAS IMORTAIS

O PASSO DA PÁTRIA

ARTUR SILVEIRA DA MOTA nasceu em S. Paulo, em 26 de maio de 1843, e faleceu no Rio, em 6 de junho de 1914, como almirante. Herói da guerra contra o Paraguai, Silveira da Mota ocupou posições de destaque, sobretudo na Marinha. Dado aos assuntos literários, foi membro da Academia Brasileira de Letras, tendo deixado vários trabalhos publicados, principalmente a respeito de sua profissão. De "Reminiscências da Guerra do Paraguai" é a página que transcrevemos, de autoria do almirante Jaceguai.



Almirante Jaceguai

UM dos espetáculos mais grandiosos que se oferece na guerra é o de um combate travado durante uma tempestade. No tempo dos romanos, é sabido o pavor que derramava entre os combatentes o ribombo dos trovões, interpretado sempre como uma advertência, um augúrio funesto, a que se curvavam os mais destemidos guerreiros.

Na guerra moderna, o troar da artilharia e da fuzilaria, confundindo-se com o ribombo dos trovões, ainda mais aumenta o horror do quadro. Para os espectadores, que eram o maior número, a sensação auditiva única que lhes dava o pavoroso espetáculo, era a de alguma coisa mais tétrica que uma batalha. Era a de um extermínio apocalíptico!

A passagem de um grande rio, operação sempre temerosa e das mais movimentadas e difíceis da guerra, surpreendida em meio de sua execução pelo desencadear de uma tempestade, é realmente uma das provas mais severas a que pode ser submetido o organismo de um general-em-chefe.

Nessa situação tremenda em que se achou Osório, na passagem do Paraná, pude admirar a tranqüilidade olímpica, que tornou legendário o vulto do Cid Brasileiro. Um detalhe curioso, característico da maneira de combater do soldado brasileiro: os nossos infantes embarcaram para a passagem do Paraná fardados e equipados, como para exibirem-se em uma parada. Ao desembarcarem, porém, toparam logo com um pequeno banhado, que lhes serviu de pretexto, para se descartarem dos sapatos e arregaçarem as calças, que era o jeito com que invariàvelmente entravam em combate. O banhado, no fim de algumas horas, estava literalmente entulhado de botinas reúnas.

A noite passou-se sem maior novidade; apenas tiroteio nas avançadas, próprio de tropa que ainda não está aguerrida, e, de quando em quando, um metralhar da esquadra, no mato da margem do rio. Continuou-se sem interrupção o transporte da tropa de uma para outra margem. Na madrugada de 17 os paraguaios atacaram com 3.000 homens, mas foram repelidos fàcilmente. Às 9 horas da manhã já não tremulava sôbre os muros de Itapiru a bandeira paraguaia. O forte fôra abandonado durante a noite. Os primeiros raios do sol já iluminavam, ao som dos hinos dos aliados, a bandeira brasileira, ali hasteada, por um dos ajudantes de ordens do almirante Tamandaré, o 1.º-tenente Carneiro da Rocha.

Osório continuou a avançar pela faixa do terreno à margem do Paraná, sempre à frente de suas tropas, expondo-se ao tiroteio dos piquetes inimigos em retirada, até ao alcance das trincheiras do campo de Lopes.

A impavidez de Osório eletrizou o exército aliado e inspirou, desde logo, a todos, a mais absoluta confiança no general brasileiro. Teve, em verdade, um belo efeito o magnífico exemplo de abnegação com que Osório guiou os primeiros passos dos seus soldados, na conquista do solo inimigo.



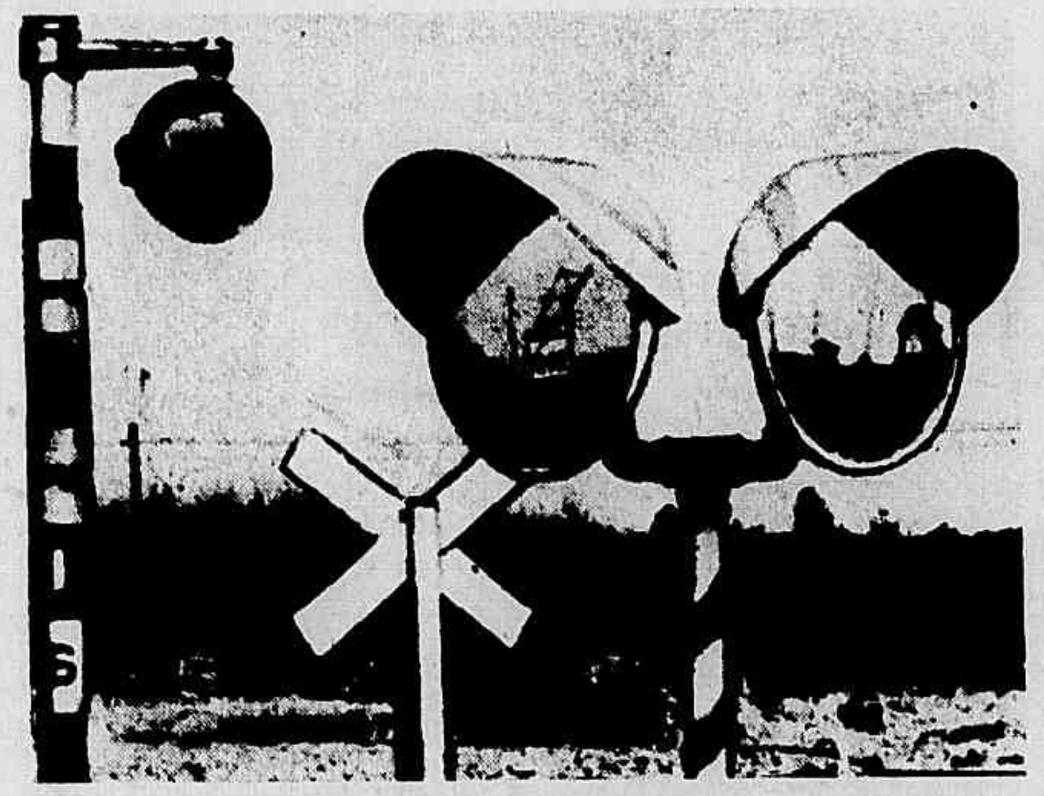
UM PEDAÇO DA LUA... POR CEM DÓLARES! — Realmente é barato! E foi essa pechincha que Harry Hall e sua espôsa Eleanor, ambos de Miami, andaram vendendo a uma centena de "ingênuos", mediante vistosos títulos de propriedade (um dos quais é exibido por Eleanor, na foto). Tudo foi estragado por um concorrente, êste de New York, que começou a vender não um simples lote, mas um acre de terreno pela metade do preço. A polícia surgiu e prendeu os piratas. Os compradores eram noivos ou recém-casados (loucos por uma "Lua-de-mel").



ATÉ DEBAIXO DE NEVE! — E por falar em gente apaixonada, eis outro exemplo da fôrça do amor. Êsse jovem par surpreendido num banco de jardim público, em Roma, no último e terrível inverno europeu. Ei-los entregues aos sonhos côr-de-rosa, ela com a cabeça no ombro do namorado, êle de guarda-chuva aberto... e nada de ligarem para a neve que descia do céu e do gêlo que ameaçava congelar-lhes os pés.. Que importava o tempo, o frio... e o fotógrafo, se os corações enamorados estavam escaldando?

O tribunal de Bruxelas acaba de confirmar que os dois quadros atribuídos ao famoso pintor Vermeer, "Os Peregrinos de Emaús" e a "Ceia", são, na realidade, obra do genial falsificador holandês Van Meegeren.

Os herdeiros do sr. Van Beuningen, comprador dêstes dois quadros (e que havia acusado o crítico Coremas de ter atribuído os mesmos falsamente, a Van Meegeren) foram condenados a pagar setecentos e cinqüenta francos belgas de indenização, assim como a publicar a sentença do tribunal em jornais de seis países escolhidos por Coremas.



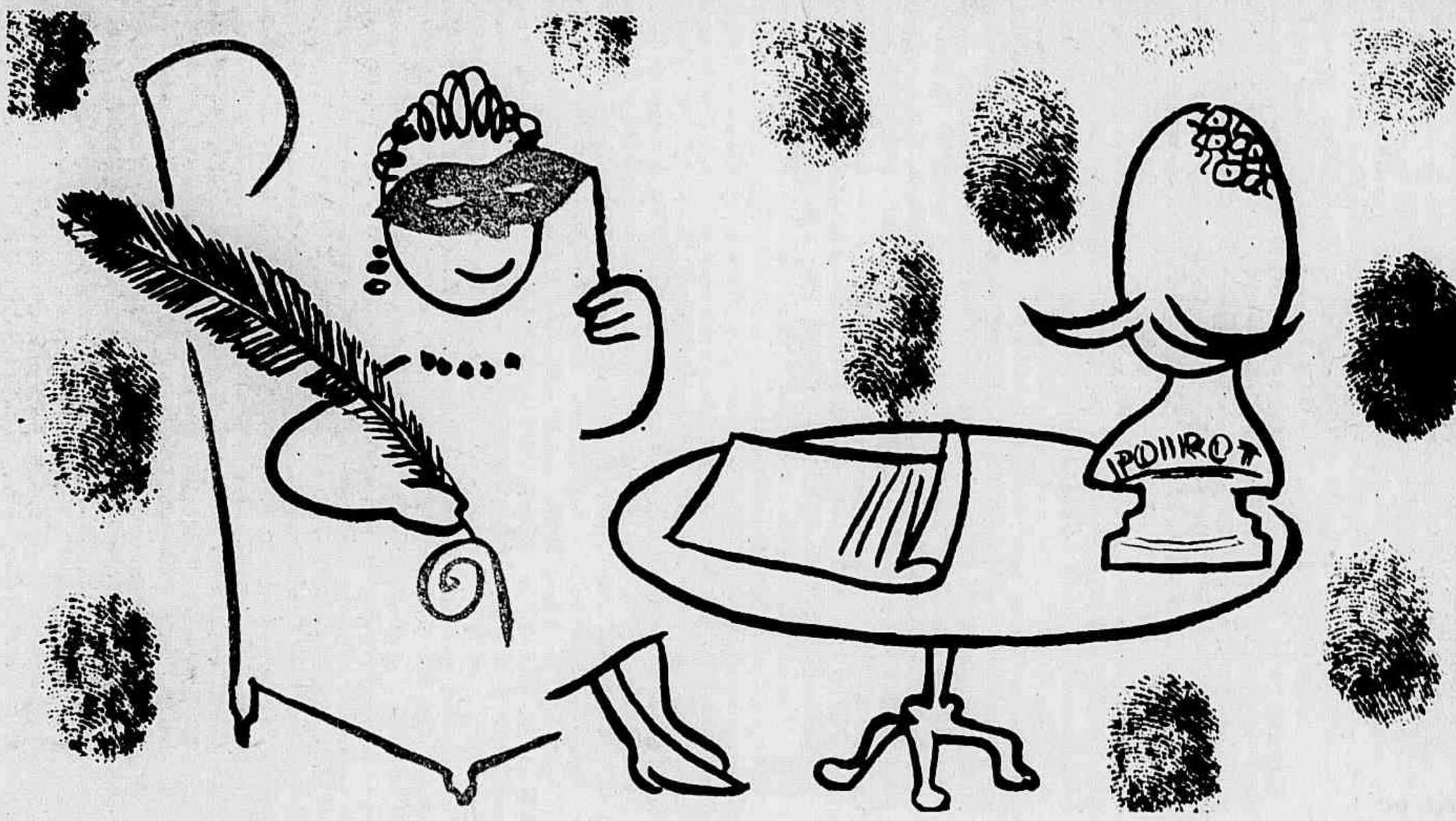
PARA MAIOR SEGURANÇA DAS ESTRADAS — Novo sistema de sinalização para estrada foi inaugurado com êxito no Japão. Baseia-se o mesmo num par de espelhos, que refletem o panorama da estrada, nas duas direções. Neste caso particular, o motorista de um automóvel pode ver o trem que se avizinha da esquerda e o que vai pela estrada às suas costas.

AÍ ESTÁ UM BOM EXEMPLO

A municipalidade de Watterville, Estados Unidos consultou a população, obtendo resposta de noventa por cento do censo.

Perguntou se devia vender a uma emprêsa privada a usina municipal de eletricidade ou tomar por empréstimo cento e cinqüenta mil dólares, para melhorar os serviços de luz.

Oitenta por cento das respostas foram "sim" para as duas perguntas!



A RAINHA DO ROMANCE POLICIAL

AGATHA CHRISTIE GANHOU COM O CRIME MAIS DINHEIRO DO QUE QUALQUER OUTRA MULHER DESDE A SINISTRA LUCRÉCIA BÓRGIA

A rainha do crime é uma senhora com cêrca de sessenta anos, corpulenta, sorridente, prestativa, que veste habitualmente confortáveis **tailleurs** de **tweed**, que adora a boa cozinha e cozinhar, e cujo marido é professor de arqueologia na Universidade de Londres. Várias vêzes por ano visita Paris, a fim de preparar um novo detalhe para um novo romance policial.

Por assim dizer só mesmo na Inglaterra uma personagem tão pitoresca como esta podia nascer, prosperar e, finalmente, alcançar êsse prestigioso título. Ninguém poderia, realmente, imaginar uma rainha do crime vivendo dias tranqüilos e dourados em outra terra senão na pátria de mr. Peachum, o rei dos mendigos.

Essa rainha do crime é, aliás, conhecidíssima em todo o mundo, onde seu nome, Agatha Christie, é sempre acompanhado de elogios entusiasmados.

Há criaturas de tal forma célebres que chegamos a perguntar, às vêzes, se existem realmente. O mesmo ocorre com Agatha Christie, que publicou cinqüenta e três romances policiais, dos quais nem um só deixou de correr mundo, passando de mão em mão, em todos os idiomas. Duas ou três gerações se alimentaram com avidez dos romances dessa série. Para êsses leitores o nome de Agatha Christie é tão considerável, tão grande e, por assim dizer, tão místico como o de Alexandre Dumas. No Brasil tem leitores insaciáveis e que vivem pedindo seus romances ou mesmo os seus contos, que são também as grandes atrações das melhores revistas do mundo.

Acrescentemos que nada ou quase nada se sabe, no Brasil, de Agatha Christie, que, de resto, não procura a publicidade e vive como uma boa burguesa dos velhos tempos. Muita gente pensa até que um nome tão poético, que reúne a ágata e o cristianismo, seja um pseudônimo sàbiamente composto. Porque Agatha Christie — como bem disse o comentarista francês Jean Dutourd — é belo como Ann Radcliff, evocador como Daniel Defoe.

Mas seu nome é mesmo Agatha e recebeu-o na pia batismal de Torquay, no Devonshire, no fim do século passado, como filha de pai norte-americano e mãe britânica. E do seu marido, major Christie, recebeu o sobrenome, ao tornar-se sua espôsa, em 1914.



A escritora Agatha Christie, tão conhecida e querida dos nossos leitores.

Enquanto o major Christie lutava nas trincheïras do Somme, a jovem Agatha se engajou como enfermeira. Era sua segunda viagem à França, pois já vivera em Paris dos dezesseis aos dezessete anos, para estudar canto. Um ano de canto em Paris não parece indicado para predispor alguém a tornar-se a "rainha do crime". No entanto... Agatha Christie tirou suas idéias de assassinatos nos suaves recitativos de Lakme e da Manon.

Seu primeiro romance policial, "The Case of Styles" surgiu em 1920, depois de ter sido recusado por vários editôres. O herói dêsse livro era um senhor belga, de pequena estatura, gorduchote, dotado de uma cabeça em forma de ovo e compridos bigodes. Os leitores já o reconheceram, por certo. Sim; seu nome é Hércules Poirot. Atualmente é uma das figuras mais populares do romance policial.

Dificilmente se concebe que homens célebres tenham sido durante uma parte de sua vida totalmente desconhecidos. É o caso do ilustre Poirot. Durante seis anos, de 1920 a 1926 existia e ninguém sabia. Ninguém suspeitava que havia em algum lugar no mundo um belga bigodudo que tinha a pose da rainha Vitória e o cérebro de Sherlock Holmes. Semelhantes considerações chegam a causar a vertigem!

Foram necessários seis anos e seis volumes para içar o homenzinho até o êxito rotundo. Êsse êxito teve um título: The Murder of Roger Ackroyd.

Um romance de rumos e formas perfeitamente tradicionais: um assassinato, alguns suspeitos, um detetive, vem a ser a obra-prima de Agatha Christie e assinala uma data memorável na história do romance policial. Ainda hoje encontramos fanáticos para declarar que nada, de 1926 a 1955, pôde causar-lhes um choque comparável ao que sentiram quando, ao voltar a derradeira página, descobriram que o assassino era justamente o amável médico de aldeia que havia contado tôda a bela história e que Poirot, no correr da mesma, havia tomado por confidente. A voga do "The Murder of Roger Ackroyd" foi extraordinária. Dêle foi extraida uma peça teatral, cabendo o papel de Poirot a nada menos que Charles Laughton.



Nesse momento de glória, surge o inesperado e da forma mais sensacional! Agatha Christie desaparece, volatiliza-se... da noite para o dia! Já imaginaram, por exemplo, se hoje desaparecesse, inexplicàvelmente, uma pessoa da maior evidência, a espôsa do presidente da República? Pois foi isso o que aconteceu com Agatha Christie, em 1926. Sumiu! Numa manhã de dezembro, especialmente fria e triste, descobriram seu automóvel à beira de uma estrada. Dela, porém, nem sinal! A emoção foi indescritível. Todos os jornais londrinos usaram colossais manchetes: Nas ruas trocavam-se perguntas angustiantes. Hercules Poirot não havia dito que um indivíduo pode desaparecer para sempre, sem a menor dificuldade?



Teria a mãe do referido Poirot querido apenas ilustrar essa máxima do seu filho? Ou, simplesmente, tinha sido raptada? Estaria morta? A polícia patrulhou por tôdas as estradas das Ilhas Britânicas, sem es-

quecer as Hébridas. Repórteres, calçados com sapatos de alpinista, com o alpenstock em mão, escalaram as colinas do Surrey. O govêrno, para encontrar a ilustre desaparecida, fretou automóveis e mesmo aviões. Voluntários se apresentaram, com famosos cães de caça, de olfato sensível. Isso durou duas semanas, ao fim das quais, sem gritos nem fanfarras, Agatha reaparece. Os médicos diriam, mais tarde, que a escritora havia sofrido de uma crise de amnésia. Quase todo mundo acreditou.

O "DETETIVE CLUBE" CONDENOU ROGER ACKROYD — Mas as aventuras de Roger Ackroyd não haviam terminado. O romance foi condenado pelo misterioso "Detetive Clube", que agrupava os principais escritores de histórias policiais e que estabelecera regras bastante estritas legiferando os imperativos do gênero. Era, por exemplo, proibido servir-se de portas disfarçadas e passagens secretas. Era também proibido fazer de uma personagem de segundo plano, apenas apresentada ao leitor, o autor do crime. Que o culpado seja aquêle que faz, de um extremo ao outro, a narrativa, escondendo sua culpabilidade, era também ilegal. Os puristas do "Detetive Clube" condenaram Roger Ackroyd por haver desrespeitado essa regra. Seguiu-se uma discussão longa e apaixonada.



Mas Agatha Christie acabou reconciliando-se com seus censores e chegou a escrever, em sua companhia, um romance, "O Almirante que Flutuava", do qual cada capítulo era escrito por um membro do clube. O inicial foi escrito pelo escritor católico Chesterton. Embora agrupasse os mestres do gênero, o livro não seria uma obra-prima. Foi, mesmo, um dos piores policiais já editados. Depois de Roger Ackroyd, que a colocou no plano dos "best-sellers" internacionais, Agatha Christie escreveu, em média, dois livros por ano, o que é uma produção invejável, podendo mesmo chamar isso de fecundidade. Mas, como era justo que o simpático Poirot descansasse um pouco, ela inventou dois outros detetives: um agente dos serviços secretos, o cel. Race, e uma solteirona de espírito aguçado, miss Marples.

Em 1928, Agatha se separou do major Christie, mas conservou seu nome. Dois anos mais tarde, casou com um conhecido arqueólogo, Max Mallowan, que jamais havia aberto um romance em tôda a sua vida, mas julgou indispensável conhecer êsse gênero de leitura... e leu seguidamente tôdas as obras de sua noiva. A idéia de dar seu nome a uma pessoa que tinha uma dezena de assassinatos em seu ativo e que postulava já muito sèriamente ao título de "rainha do crime", não o atemorizou. Os arqueólogos, como todos sabem, têm fama de amar a aventura...

Aos sessenta anos Agatha Christie nos oferece o retrato perfeito e quase convencional da lady inglêsa. Possui três residências. A mais bela — e onde ela prefere viver, é um lindo castelo de estilo georgiano, no Devonshire.

Em geral em seis semanas escreve um romance policial. O essencial se passa durante os dois ou três meses que precedem a redação da obra.

— Uma idéia fica saltando dentro da minha cabeça — explica a escritora. — Eu fico pensando que seria agradável se um dia eu pudesse fazer alguma coisa com ela. Depois, um belo dia, sento-me e começo a escrever!

É na sua banheira que ela pensa mais à vontade. A banheira de Agatha Christie é coisa importante e vetusta, ornada com largo rebordo de acaju. Ela ali permanece horas inteiras, mordendo maçãs. Devorando êsses frutos, diríamos melhor, pois no rebordo se alinham os restos centrais.



Dois dêsses núcleos simbolizam uma meditação excepcional. A rainha do crime, como os senadores da Roma antiga, gosta de viver em água morna. Os alegres ruídos da água do seu banho produzem sôbre essa Catarina II da máquina de escrever, grande alegria em todo o pessoal da casa.

— A patroa está em plena inspiração! — dizem os servidores.

Quando acaba de pensar, Agatha sai do banho, senta-se diante de uma linda mesinha estilo "Chippendale" e bate, quase sem interrupção, suas duzentas e cinqüenta páginas. Escreve com os seis dedos, o que não é mal para uma datilógrafa não profissional. Sua arte poética não é tão sutil como a de Marcel Proust.

Detesta os sentimentos violentos, as brutalidades de gestos ou de linguagem, a ralé, os espetáculos degradantes. Nada disso é encontrado em suas obras, mas, ao contrário, criaturas bem educadas, medidas de tom e de gestos, que matam seus semelhantes como se se distraíssem com tirar fotografias ou decifrar charadas. Reina, de fato, nos romances de Agatha Christie uma decência raciniana. Ela, modestamente, compara suas obras a "puzzles" ou a problemas de palavras-cruzadas. Sendo uma mulher de espírito, quando lhe perguntam por que escreve, responde: "Para ganhar dinheiro". Tal declaração, evidentemente, é seguida de um sorriso que a desmente — mas um pouquinho apenas. Resposta hábil, realmente, pois que Agatha Christie ganha tanto dinheiro, quer queira quer não, que ainda surgem espíritos maldosos para acusá-la de... venalidade literária.

O milagre, o grande milagre, é que sem grandes ambições, com um estilo sem grande brilho, nenhuma profundeza psicológica, Agatha Christie tenha escrito tantos livros deliciosos e tenha conquistado uma verdadeira glória. O adjetivo "delicioso", é a "chave" de sua vitória.

Conseguiu, sem contestação, uma verdadeira façanha: escrever mais de cinqüenta livros, descrever outros tantos assassinatos, sem deixar de ser deliciosa.

"Emana de todos os seus livros um bom humor autêntico, uma gentileza, um confôrto a um tempo fora de uso, britânico e cativante" — descreveu Dutourd, que acrescentou: "Sua sociedade burguesa, que ela descreve em tons pálidos de aquarelista, são quase os mesmos de há cem anos. São personagens de Jane Austen, que floresceu no princípio do século XIX, um tanto desiludidos, dedicando-se ao homicídio, como se dedicariam à horticultura, por exemplo. Aliás, Agatha Christie, castelã no De-

AS TRÊS VIDAS DE AGATHA CHRISTIE

SEM contestação, rainha do romance policial, espôsa de um arqueólogo e apaixonada ela própria da arqueologia, autora de romances sentimentais, Agatha Christie (tão querida dos nossos leitores) leva três existências diversas. Sob o nome de sra. Mallowan, Agatha Christie é espôsa de um célebre arqueólogo, com o qual colaborou em algumas escavações em Bagdad; sob o de Mary Wastcott, que os inglêses levaram 20 anos para identificar com Agatha Christie e com a sra. Mallowan, é considerada por seus compatriotas como a "Dolly inglêsa". "Escrever livros para mocinhas me permite fugir à atmosfera de crueldade do mundo do delito" — declarou Agatha Christie. Aos que se admiram da sua numerosa e disparatada atividade responde que não há nada mais fácil do que escrever romances policiais: "É bastante fazer acreditar que todos são suspeitos salvo o próprio culpado, ao qual se dá um aparente alibi. Em seguida é bastante provar aos leitores que nenhum dos suspeitos pode ser o assassino... e o jôgo está feito". Quando alguma mocinha lhe escreve, pedindo conselhos sentimentais, responde: "Procure casar com um arqueólogo: quanto mais velha ficar mais seu marido a achará bela!"

vonshire, benevolente, gulosa, levemente irônica, é o modêlo da romancista inglêsa. É a Jean Austen do crime. Tivesse nascido cem anos antes e teria escrito, da mesma maneira plácida, gentis romances de amor terminando em casamentos rústicos."

Os jornais inglêses que não fazem cerimônia e gostam de publicar cifras, têm a mania de imprimir o que ganham as celebridades. Segundo parece, de acôrdo com recentes estatísticas, Agatha Christie, pagos todos os impostos, retira da venda de suas obras, uma renda anual de oitocentos a novecentos contos. Não devemos esquecer, entretanto, que os impostos são enormes na Inglaterra.

Em 1950, calculava-se em 50 milhões o número de seus exemplares vendidos. E, coisa rara e que deve, sem dúvida, encher de orgulho, o coração de uma escritora, as famosas edições "Pingouin" reimprimiram de uma só vez dez obras de Agatha Christie, a 100 mil exemplares cada uma, o que dá um milhão de exemplares (que foi, de resto, vendido em pouco tempo). Bernard Shaw, H. G. Wells e ela foram os únicos autores que tiveram a vertigem de ver tirar um milhão, em um só dia! Um segundo milhão já foi tirado, estando em vias de esgotar-se. Na América do Norte venderam mais de 5 milhões de "pocket-books" de Agatha Christie num só ano! Mas o triunfo comercial dessa simpática sexagenária não parece ter fim. Conta-se que os condenados a morte lêem seus livros em suas células, e corre sôbre ela uma frase: "o assassinato lhe proporcionou mais dinheiro que a qualquer outra mulher desde Lucrécia Bórgia". Seu renome atravessou a cortina-de-ferro. Cada livro que ela publica é automàticamente traduzido em vinte línguas diferentes.

Foi em Ur, na Caldéia (hoje diz-se Iraque), cidade conhecidíssima dos amadores das palavras-cruzadas, em tôdas as línguas, que Agatha Christie encontrou seu segundo marido, o arqueólogo Max Mallowan, que ali se dedicava a pesquisas infrutuosas.

Desde então, isto é: desde o seu casamento, Agatha Christie,



Mesmo mulheres e da alta sociedade, Agatha tem mandado para as grades e para o carrasco...

pela primavera, acompanha o marido em suas estafantes viagens pela Ásia Menor. Chegou mesmo a relatar tais expedições num livrinho familiar e espiritual intitulado "Diga-me o que sabe".

Por êle ficamos sabendo, não sem surprêsa, que a delicada sra. Mallowan, que tanto adora seu confôrto e sua cozinha bem cuidada, passa vários meses do ano numa choça de palha, a 300 quilômetros de tôda aglomeração humana e contando apenas com móveis rudimentares, fabricados por um sírio, que é ajudante do marido e, nas horas



Graças às "pequeninas células cinzentas" de Poirot.



Seus episódios policiais obedecem a um nível de decência e amabilidade. Nada de ambientes rústicos e de brutalidades. As personagens são sempre gente ilustre e da alta-roda...

vagas, carpinteiro amador. Porém a escritora jamais esquece de levar na bagagem a sua máquina de escrever, sôbre a qual bate com uma velocidade sêxtuplamente digital — se nos permitem essa explicação.

De tempos a tempos, abandona seu trabalho para sair e caminhar pelos arredores, onde distrai-se fotografando um pedaço de urna, algumas tabletes cuneiformes recentemente desenterradas pelo sr. Mallowan.

SEU ÚNICO REVÉS — Das suas inúmeras viagens arqueológicas, com o marido, Agatha Christie trouxe quatro romances: "Morte no Nilo", "Assassinato na Mesopotamia", "Encontro com a Morte" e "A Morte Não é um Fim".

Esta última obra apresenta a particularidade de desenrolar-se em Tebas, no Egito, 2.000 anos, mais ou menos, antes do nascimento de Jesus Cristo.

No domínio do romance policial, relatar uma intriga com mais de 4.000 anos, é um verdadeiro golpe de audácia.

Infelizmente, Agatha Christie foi menos feliz na descrição de um sacerdote de Râ, que na de um aristocrata moderno. Êste seu livro, que lhe exigiu pesquisas teimosas, em busca de documentação indispensável, além de um trabalho de galé, não teve o mesmo êxito dos demais. E aí está no que dá sucumbir à tentação de ser original. Que essa lição seja proveitosa para ela mesma e para todos os seus colegas!

— Além do mais, um assassinato praticado há 4.000 anos já merecia prescrição!

◆

VAMOS PEDALAR?

"A melhor maneira de manter o coração sadio é montar em bicicleta" — afirmou o dr. Paul Dudley, cardiólogo do presidente Eisenhower, que acrescentou: — "Lamento informar que êste esporte é pouco praticado nos Estados Unidos".

ATENÇÃO! ATENÇÃO! MUITO CUIDADO!

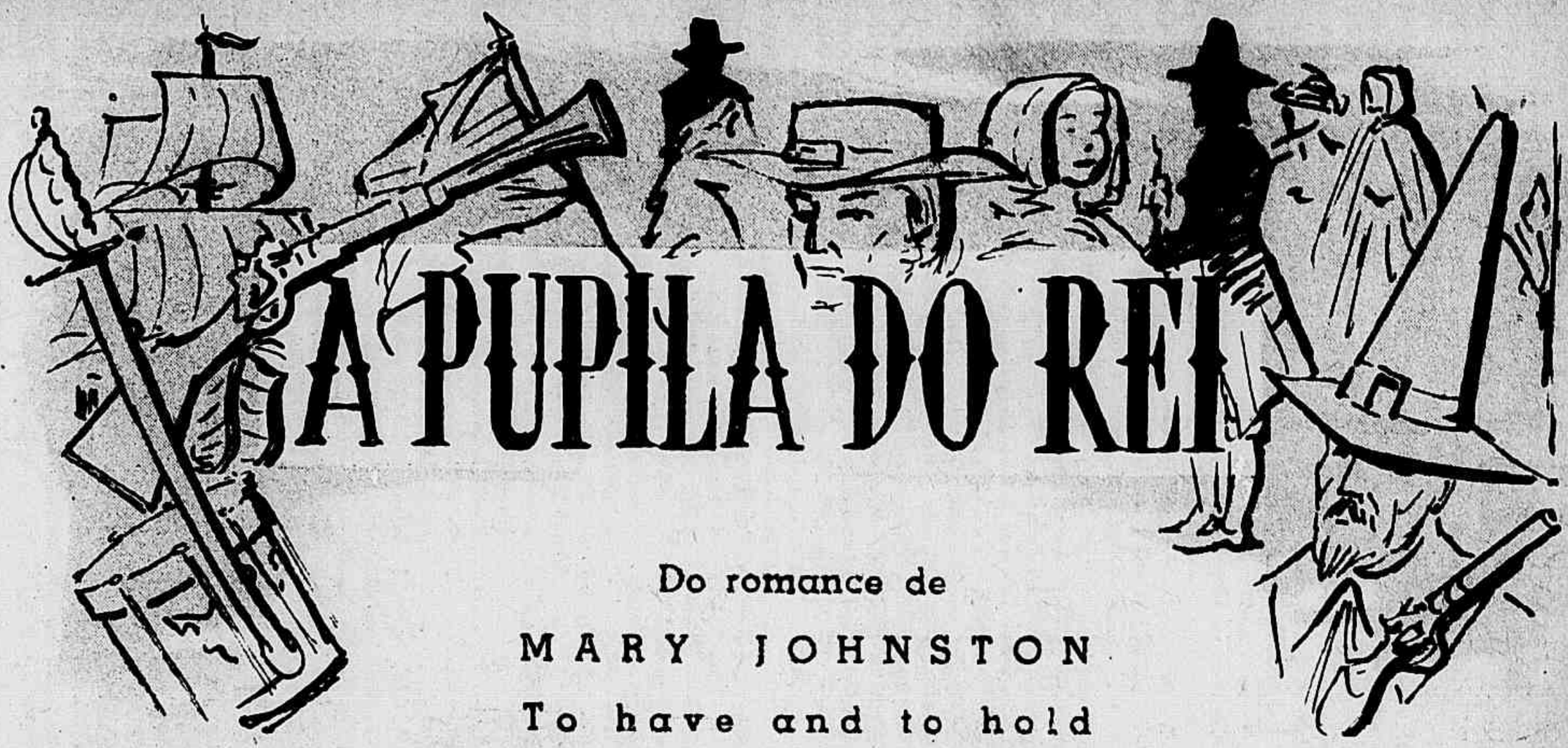
O advogado e representante do príncipe Rainier III, de Mônaco, em New York, fêz publicar em todos os jornais uma nota em que adverte aos comerciantes e industriais que não devem anunciar ou expor a venda qualquer artigo que leve o nome do seu augusto cliente... sem prévia autorização do mesmo. A medida foi tomada porque acabam de surgir, entre outras coisas, gravatas, lenços, sapatos, cintos, camisas, etc., com o nome e (o que é mais grave) com a coroa do príncipe!

O REGRESSO DO "HERÓI"

O "gangster" italiano José Adonis, expulso recentemente dos Estados Unidos, após cumprir longa pena de prisão, foi recebido com grandes mostras de entusiasmo em sua aldeia natal, próxima de Avelino. Ao finalizar o banquete em sua homenagem, no qual tomaram parte o cura e o prefeito, Adonis anunciou que financiaria a construção de uma nova igreja para a comarca.

NÃO HAVERÁ MAIS BÊBEDOS?

UM inventor alemão acaba de patentear um processo que permite obter vinho... sem álcool. Qualquer classe de vinho pode perder noventa e nove por cento de álcool ao ser submetido... a ebulição a vácuo, conservando, porém, sua densidade, seu aroma e seu "bouquet". Agora resta saber se os bebedores vão continuar gostando de vinho... que não embriaga!



A PUPILA DO REI

Do romance de

MARY JOHNSTON

To have and to hold

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Ralph Percy, cavalheiro inglês e um dos pioneiros nas terras da Virgínia, conquistadas pela Inglaterra, instalado por seu amigo John Rolfe, também fidalgo, decide comprar espôsa entre as moças enviadas da Inglaterra para a colônia, a fim de melhorar a vida em Jamestown, capital dessa terra americana. Com outros muitos vai aguardar o desembarque das beldades e encontra uma criatura maravilhosa de beleza e porte e à qual propõe casamento. É aceito mais depressa do que esperava e são casados por Jeremias Sparrow, uma alma de apóstolo num corpo de Sansão. Depressa Jocelyna revela ser uma rosa com espinhos e que não pertencia a classe de mulheres trazidas da Inglaterra. Vive como autêntica fidalga e sob a proteção de Ralph, para quem é apenas uma hóspede de honra, sem as obrigações de espôsa. Visitando-os, dias passados, Rolfe ao retirar-se anuncia a Ralph que a espôsa que escolhera era alguma dama da côrte de Londres.

— Oh, diabo! É eu que me esqueci que devo dormir esta noite em Chaplain! Preciso pôr-me a caminho.

Ergui-me também.

— Não ceiastes! — exclamei. — Também eu me esqueci.

Abanou a cabeça.

— Não posso esperar. E, além disso, tive um regalo, sim, e bebi abundantemente.

Tinha os olhos muito brilhantes, e com a vivacidade que costuma dar-lhes o vinho. Senti que os meus estavam acesos com a mesma luz. Na verdade, haviamo-nos ambos embriagado com o seu riso, a sua beleza e a sua graça. Depois que êle lhe beijou a mão, e o acompanhei até fora da casa e até ao sopé da encosta, quebrou o silêncio.

— Por que veio para Virgínia não sei...

— Nem pergunto — disse eu.

— Nem pergunto — repetiu encontrando com o seu o meu olhar. — E eu não lhe sei nem o nome, nem a posição. Mas tão certo como estar aqui, Ralph, eu a vi como um dos convidados naquele festim, de que vos falei; e Edwino Sandys não escolheu as suas raparigas no meio de tais reuniões.

Fi-lo parar, pondo-lhe a mão no ombro.

— Ela é uma das moças de Sandys — afirmei, socegadamente — uma moça de serviço, que, fatigada do que fazia, veio para a Virgínia, a fim de melhorar sua situação. Desembarcou com as suas companheiras em Jamestown há uma semana ou mais; foi com as outras à igreja e depois para a várzea dos namorados, aonde ela e o capitão Ralph Percy, um fidalgo aventureiro agradaram-se tanto um do outro que logo ali se casaram. No mesmo dia trouxe-a para sua casa, aonde agora ela mora, como sua espôsa, e como tal deve ser honrada pelos que se chamam amigos do fidalgo. E dela não se deve falar levianamente, nem devem ser comentadas sua graça, sua formosura e sua atitude (coisas muito acima de sua posição, admito), para que as línguas ociosas não se ocupem com ela.

— Não sou vosso amigo, Ralph? — perguntou, com os olhos sorridentes.

— Tenho assim acreditado por vêzes — respondi.

— A honra de meu amigo é também minha honra — prosseguiu. — Quando a sua bôca se fecha, a minha não se abre. Estais contente?

— Estou — disse eu; e apertei-lhe a mão que me estendia.

Chegamos à escada da doca e Rolfe, descendo-a, entrou em sua barca, que balouçava, preguiçosa, com o encher da maré. Seus remadores a afastaram das estacas da ponte e a água escura pouco e pouco se alargou entre nós. Por cima de meus ombros caiu, súbito, brilhante raio de luz partido da casa no alto, e vi que a sra. Percy estava, como de costume, desperdiçando excelente noz de pinheiro. Tive uma visão das muitas luzes de dentro, e da beleza que o mundo chamava minha espôsa, sentada ereta, banhada por aquela claridade côr-de-rosa, na ampla cadeira de braços, com a negra de turbante por trás de si. Suponho que Rolfe viu a mesma coisa, pois mudou os olhos da luz para mim, e ouvi-o tomar a respiração profundamente.

— Ralph Percy, sois na realidade o botão da ponta do barrete da Fortuna — disse, antes de desaparecer.

Para mim, minha risada teve ressaibos bem amargos; mas, para êle, suponho, pareceu celebrar minha volta por meio da escuridão para a sala alumiada e para a sua pérola resplendente. Acenou-me em despedida, e a noite engoliu-o e à sua barca.

Voltei, então, devagar, para casa e para ela.

Estava sentada qual a deixáramos, com os pequenos pés cruzados sôbre a almofada em que se apoiava, com as mãos pousadas no colo de sêda, enquanto o ar do leque movediço soprava os pequenos cachos de seu cabelo escuro contra o colarinho delicado de seu mantéu. Fui encostar-me à janela, que lhe ficava defronte.

— Fui escolhido como representante desta Centena, na Assembléia — disse, de improviso. — A Assembléia se reúne na próxima semana. Devo estar, então, em Jamestown e lá permanecer por algum tempo.

Tomou o leque da mão da escrava, e moveu-o vagarosamente de um para outro lado.

— Quando vamos? — perguntou, por fim.

— **Vamos**? — repeti. — Pensei em ir só.

O leque caiu ao chão, e ela arregalou os olhos.

— E deixar-me aqui! — exclamou. — Deixar-me nestes matos à mercê dos índios, dos lôbos, e da vossa corja de criados!

Sorri, antes de responder:

— Estamos em paz com os índios; seria preciso um enorme lôbo para saltar esta trincheira, e os criados conhecem bastante o senhor para se atreverem a ofender sua senhora. Além disso, deixaria Diccon encarregado da defesa da casa.

— Diccon! — bradou. — A velha cozinheira contou-me proezas de Diccon! Diccon salteador! Diccon jogador! Diccon assassino!

— Admito — disse eu. — Mas Diccon também leal. Posso confiar nêle.

— Mas eu nêle não confio! — retorquiu. — E quero ir a Jamestown. Esta floresta me fatiga!

Tinha tom imperioso.

— Preciso refletir — disse eu, calmamente. — Pode ser que a leve comigo, e pode ser que não. Ainda não posso decidir.

— Mas eu desejo ir, senhor!

— E eu talvez deseje que a senhora fique.

— Sois rude!

Inclinei-me.

— Sou o homem que escolhestes, senhora.

Ergueu-se, batendo com o pé, e virando-me as costas, tomou da mesa uma flor e começou a arrancar-lhe as pétalas.

Desembainhei minha espada; e, sentando-me, comecei a polir um ponto enferrujado da lâmina. Dez minutos depois, ergui os olhos do que fazia, para receber em cheio, na cara, uma rosa vermelha, atirada do outro lado da sala.

O projétil foi acompanhado de uma encantadora risada.

— Não podemos brigar, não é assim? — exclamou a sra. Jocelyna Percy. — A vida sem isso já é assaz triste nesta solidão. Só árvores e água o dia inteiro, e ninguém

com quem falar! E tenho um mêdo horrível dos índios! E se êles me matassem durante a vossa ausência? Sabeis que jurastes diante do pastor proteger-me. Não me deixareis à mercê dos selvagens, não é assim? E poderei ir a Jamestown, não posso? Quero ir à igreja. Quero ir à casa do governador. Quero comprar muita coisa. Tenho ouro em abundância, e decente só êste vestido! Levar-me-eis convosco, não é assim?

— Não tendes igual na Virgínia — disse-lhe então. — Se fordes à cidade, vestida dêste modo e com tal porte, já se há de falar bastante. E navios vêm e voltam, e há mais alguém além de Rolfe que tem ido a Londres...

Por um momento o sorriso desapareceu-lhe dos olhos e dos lábios; mas voltou a brilhar:

— Deixe-me falar — disse ela. — Que me importa? Nem suponho que vossos capitães de navios, vossos mercadores e aventureiros jantem freqüentemente com o sr. bispo. Êste bárbaro mundo de florestas e o outro mundo que eu conheço demoram tão afastados que os habitantes de um não incomodam os do outro. Naquela aldeiola lá embaixo estarei em bastante segurança. Além disso, senhor, tendes uma espada.

— Minha espada está sempre às vossas ordens, senhora.

— Então posso ir a Jamestown?

Com os olhos vivazes em mim, e com uma das mãos batendo levemente com uma rosa nos lábios sorridentes, estendeu-me a outra.

— Pode beijá-la, se quiser, senhor — disse, com gravidade e modéstia.

Curvei um dos joelhos e beijei-lhe os dedos alvos; e quatro dias depois fomos a Jamestown.

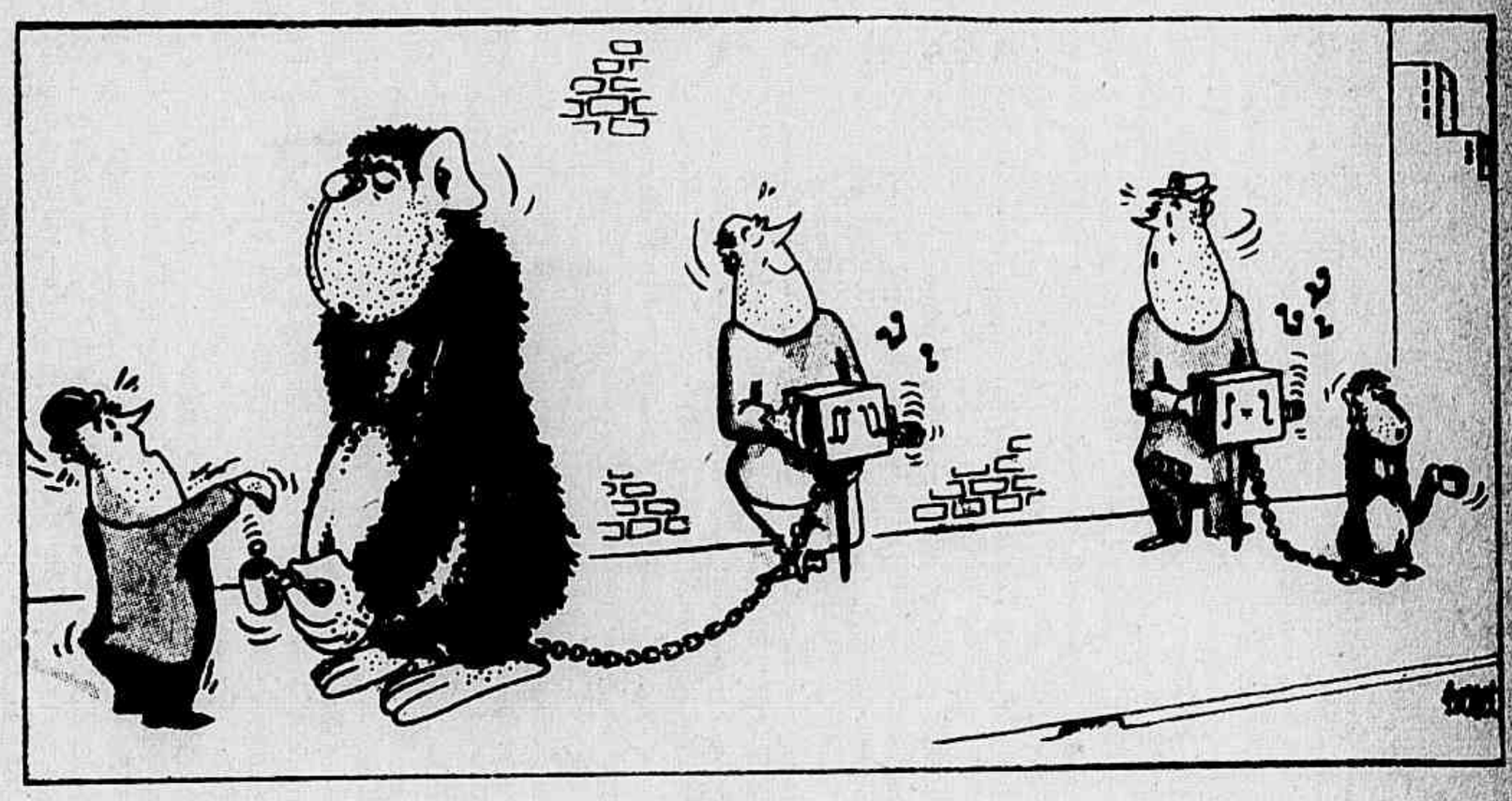
Capítulo VI

NO QUAL VAMOS A JAMESTOWN

Era de manhã cedo quando partimos a cavalo para Jamestown. Cavalguei na frente, com a senhora Percy na minha garupa, e Diccon, na égua escura, fechava a retaguarda. A negra e os baús tinham seguido embarcados.

Ora, um passeio através da mata verde em um nobre cavalo, e em derredor a frescura da manhã é bastante agradável. Cada rama tinha sua fileira de diamantes, e as fôlhas orvalhadas, que afastávamos do caminho entornavam pérolas sôbre nós. Os cavalos assentavam os cascos mimosos sôbre avencas, musgos e relva suculenta. Contra o fundo de púrpura à distância os veados paravam para olhar, o ar estava cheio de inúmeras notas de pássaros, claras e suaves, os esquilos ralhavam, as abelhas zumbiam e através da densa abóbada de folhagem o sol espalhava pó de ouro. E a senhora Jocelyna Percy estava tão alegre como a manhã. Fazia então quatorze dias que pela primeira vez nos encontramos, e nesse tempo eu lhe descobrira três vêzes êsse número de estados de ânimo. Ela podia mostrar-se tão jovial e suave como a manhã; tão tenebrosa e ameaçadora como as tormentas que se erguiam de tarde; pensativa como o crepúsculo, majestosa como a noite... no seu concentrava-se uma centena de ânimos. Também podia ser infantilmente franca... e nada vos contar!

Nesse dia prefirira ser complacente. Dez vêzes em uma hora. Diccon teve de apear-



— Acredite no que digo. Nos negócios é preciso saber como fazer as coisas...

se para colhêr esta ou aquela flor, que o seu alvo indicador designava. Teceu as flôres em forma de grinalda, e pô-la na cabeça; encheu o colo com as pontas das trepadeiras que por nós roçavam, e manchou os dedos e os lábios com as bagas que Diccon lhe trouxe; riu-se dos esquilos, das perdizes assustadiças, dos perus bravos, que atravessavam a estrada, dos peixes que saltavam nos ribeiros, do velho Jocomb e de seus filhos que nos transportaram de uma para a outra margem do Chickahominy. Mostrava curiosidade pelo mosquete que eu carregava; e quando, em uma aberta da floresta, vimos uma águia pousada num pinheiro esgalhado, pediu-me a pistola. Tirei-a da cinta e entreguei-lha, rindo-me.

— Prometo comer tudo que matardes — disse eu.

Apontou a arma.

— Uma aposta! — exclamou. — Há mercadores em Jamestown? E eu acertar, comprar-me-eis uma fita com pérolas para o chapéu?

— Duas.

Atirou e a ave levantou o vôo com um grito de raiva e fugiu para o ar. Duas ou três penas, porém, vieram cair no chão, e quando Diccon lhas trouxe, apontou triunfantemente para o sangue que as manchava.

— Dissestes duas! — exclamou.

O sol subiu e o calor do dia firmou-se. O interêsse da senhora Percy nas flores e animais da floresta diminuiu. Em vez de risadas tivemos suspiros pelo comprimento do caminho; as trepadeiras caíram-lhe do colo e tirou da cabeça as flores murchas e pô-las fora. Deixou de conversar e depois senti-lhe a cabeça encostar-se-me no ombro.

— A senhora está dormindo — disse a voz de Diccon atrás de mim.

— Sei — respondi. — Há de achar a cota d'armas travesseiro muito duro. Repara que ela não caia.

— Então era melhor que eu seguisse a pé ao vosso lado — disse êle.

Assenti com a cabeça, êle apeou-se, e enfiando a rédea da égua no braço caminhou ao nosso lado, com a mão no gancho da garupeira. Passaram-se dez minutos, dos quais os cinco últimos cavalguei com o rosto voltado sôbre o ombro.

— Diccon! — gritei, afinal, com desabrimento.

Tornou a si estremecendo:

— O que é, senhor? — perguntou, com a cara rubra.

— Suponhamos que olhais para mim para variar — disse eu. — Há quanto tempo Dale aqui estêve, Diccon?

— Há dez anos, senhor.

— Antes de entrarmos em Jamestown havemos de passar por certo campo e por baixo de certa árvore. Lembrai-vos do que sucedeu ali, há alguns anos?

— Não será fácil que eu o esqueça, senhor. Salvastes-me da roda.

— À qual estáveis atado, e pronto para serdes esmagado por embriaguês, por jôgo e viver dissoluto. Intercedi pela vossa vida junto de Dale, por nenhuma outra razão mais, creio eu, que a de haverdes sido moço estribeiro na minha antiga companhia nos Países Baixos. Por Deus! Tal vida quase que não valia a pena salvar!

— Bem sei, senhor.

— Dale não vos quis deixar ir em liberdade, mas queria vender-vos como escravo. Por vosso próprio pedido compreivos, e desde então me haveis servido nem bem nem mal. Tendes-vos mostrado pouco arrependido das culpas antigas e, quanto a emendar-vos, isso tem sido ainda em menor escala. Tratante nascestes e tratante haveis de ser até ao fim da vida. Mas temos vivido, caçado, combatido e derramado sangue juntos, e a nosso modo creio que temos um pelo outro boa-vontade, e até alguma estima. Tenho feito vista grossa a muita coisa; tenho-vos protegido em demasia talvez. Em troca tenho exigido uma coisa, a qual, se não m'a tivésseis dado ter-vos-ia achado outro Dale com quem vos entendêsseis.

— Recusei-a alguma vez, meu capitão?

— Até agora, não.

— Tirai a mão da garupeira e levantai-a e então dizei comigo estas palavras: "Esta dama é minha senhora, espôsa de meu senhor, e como tal há de ser por mim respeitada. Seu semblante não é para meus olhos, nem sua mão para os meus beiços. Se não me conservar limpo de qualquer ofensa contra ela peço que Deus aprove o que meu senhor fizer."

O sangue correu-lhe às faces. Observei-lhe os dedos largando vagarosamente o gancho da garupeira.

— Obediência tardia é couto de sedição — disse, imperioso. — Então? Quereis repetir ou não?

Ergueu a mão e repetiu as palavras.

— Agora segurai-a como antes — ordenei-lhe, e endireitando-me na sela, continuei a viagem, com os olhos mais uma vez na estrada à minha frente.

Uma milha adiante a senhora Percy moveu-se e tirou a cabeça de cima de meu ombro.

— Não estamos ainda em Jamestown? — suspirou ainda meio acordada. Oh, que árvores que não se acabam! Sonhei que estava caçando com falcão em Windsor e então, de súbito, vi-me nesta floresta, transformada em pássaro, feliz por me ver livre; então um falcão arremessou-se contra mim... tinha-me em suas garras, e transformei-me de novo em mim própria, e o falcão mudou-se em... O que estou dizendo? Estou falando a dormir. Quem está cantando?

Efetivamente, do mato defronte, e à distância de um tiro de "besta" estrugiu uma voz poderosa:

"No alegre mês de maio,
À primeira luz do dia,
Com um bando de donzelas
Em festa me divertia."

E logo, como as árvores fôssem menos bastas em nossa frente, chegamos a uma aberta da floresta e junto do cantor. Estava deitado de costas, na relva macia, debaixo de um carvalho, com as mãos entrelaçadas por baixo da cabeça e os olhos voltados para o céu azul, que se mostrava por entre a ramagem. Em cima de um dos joelhos, cruzado sôbre o outro, estava um esquilo com uma avelã entre as patas, enquanto meia dúzia de outros corria daqui para ali sôbre o seu largo corpo como se fôra meia dúzia de gatinhos brincalhões. A pouca distância pastava um velho cavalo, russo e magro, manco e aleijado, com as costelas de fora como as da morte.

Sela e cabeçada ornavam um ramo de carvalho. O canto prosseguiu alegremente:

"Santo Deus, que trapalhada!
Êle quer, ela não quer!
Todos os homens são falsos!
Quem te falseou, mulher?"

— Dou-lhe muito bons-dias, reverendo senhor! — saudei-o. — Estudais o hino do próximo domingo?

Sem o menor embaraço, Messér Jeremias Sparrow enxotou cuidadosamente os esquilos e, pondo-se de pé, adiantou-se ao nosso encontro.

— Um brinco — declarou, com um aceno de mão — uma insignificância; uma tôla e velha cantiga que me veio à memória sem saber como. Talvez por estarem as fôlhas tão verdes e o céu tão azul. Se tivessem chegado pouco antes ou pouco depois teriam ouvido o nonagésimo salmo. Dou-vos bons-dias, senhora. Devo ter cantado porque a verdadeira rainha de maio ia passando.

◆



— 145869?... 230781?...

— Estais em caminho para Jamestown? — perguntei. — Vinde conosco. .Diccon! Selai o cavalo de sua reverendíssima.

— Selai-o se quiserdes, amigo — disse Messér Sparrow — pois ambos, êle e eu, temos estado ociosos bastante tempo; mas receio não poder ir de par com esta bela companhia. Eu e meu cavalo vamos ambos andando a pé.

— Êle não se demorará muito tempo neste mundo — observei, olhando para a mal-aventurada cavalgadura — mas, também, não estamos longe de Jamestown. Bem pode durar até lá.

Messér Sparrow sacudiu a cabeça, com gesto de contrariedade.

— Comprei-o de um francês vinhateiro, abaixo de Westover — disse. — O sujeito vinha nêle escarranchado, amassando-o a pau, porque não podia andar. Atirei Messér Crapaud no chão, depois do que nos entendemos, êle com relação à minha bôlsa e eu ao seu cavalo; desde então o pobre animal e eu temos ambos andado a pé, pois conscienciosamente eu não podia montá-lo. Já me lêstes as fábulas de Êsopo, capitão Percy?

— Sim. E recordo-me do pai, do filho, e do asno — respondi. — No fim foi o asno que sofreu! Pôe teus escrúpulos no bôlso, homem, e monta a tua triste cavalgadura!

— Não eu! — disse êle, com um sorriso. — É uma pena, capitão Percy, que um mesquinho, insignificante e medroso espírito como o meu esteja encaixado no corpo de um Guy de Warwick! Agora, se eu fôsse esbelto de corpo, ou até se não fôsse mais pesado que aquêle vosso camarada...

— Oh! — disse eu. — Diccon, dai a sua reverência a égua; montai em seu cavalo e levai-o devagar até à cidade. Se não vos puder carregar, guiai-o pela rédea.

O rosto de Messér Jeremias Sparrow cobriu-se de novo de satisfação; alçou a sua corpulência até a sela, tomou as rédeas e ficou tão alegre que pôs a égua a caracolar no caminho.

— Toma cuidado com o mísero animal, amigo — bradou jovialmente a Diccon, cujo aspecto era o mais amuado. — Traze-o com carinho, e deixa-o em casa de Messér Bucke, perto da igreja.

— O que fazeis em Jamestown? — inquiri, ao sairmos da clareira para a sombra escura de um pinhal. — Disseram-me que tínheis ido para Henricus ajudar Messér Thorpe a converter os índios.

— Sim, fui — respondeu. — Tive uma revelação... tinha certeza de que alguém me chamava. Considerei-me como um verdadeiro apóstolo dos gentios! Fiz de Henricus um dia de jornada pela solidão, levando apenas um moço indígena como intérprete, e chegando a uma aldeia de índios, reuni em tôrno de mim os habitantes, e sentando-me em um montículo, li e lhes expliquei o Sermão da Montanha. Fiquei muito edificado com o aspecto solene com que se portaram e a sinceridade de sua atenção, e já nutria muita esperança pelo seu bem-estar espiritual, quando terminadas a leitura e exortação, um dos seus anciãos ergueu-se e dirigiu-me um longo discurso, que não pude entender muito bem, mas supus que fôsse de gratas boas-vindas a mim pessoalmente e às minhas palavras de paz e boa-vontade. Então mostrou desejos de que eu me demorasse entre êles, e assistisse a certo entretenimento, cuja natureza não pude descobrir. Demorei-me; e ao escurecer conduziram-me com muita cerimônia para um terreiro no meio do aldeiamento. Ai vi, metido no chão, um grosso moirão, e em derredor um círculo de coivara acesa. Ao moirão estava atado um guerreiro índio, aprisionado, segundo me informou o intérprete, de uma tribo inimiga, acima das cachoeiras. Tinha o corpo crivado de inúmeras farpas de pinho, ardendo cada uma como um brandão em miniatura; e à cabeça raspada estava amarrada uma chapa fina de cobre cheia de brasas. Um tanto ao lado havia outro mourão e outro círculo de coivara: ao mourão nada havia ainda atado e à coivara não tinha sido ainda ateado o fogo. Amigo, não me demorei para vê-la acesa. Arranquei um galho de carvalho e tornei-me um Sansão com a sua queixada de asno. Caí-lhes em cima e derrotei aquêles filisteus! Sua mísera vítima tinha transposto os limites do socorro humano, mas de sobra a vinguei em seus inimigos. E trabalharam debalde ao plantarem o segundo mourão e ao juntarem a coivara para o seu fogo infernal.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU. SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MAIO DE 1956

1 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. John Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, e o sr. Christian Pinesu, ministro do Exterior da França, concordam em ampliar a aliança da Organização do Tratado do Atlântico Norte de maneira a que constitua algo mais do que um simples ato militar. — Enquanto os representantes das quatro potências ocidentais, Estados Unidos, Inglaterra, França e Canadá, e os da União Soviética voltam a reunir-se, sem resultados, em seus esforços para chegar a um acôrdo mundial sôbre o desarmamento.

2 — QUARTA-FEIRA: — Na Argentina, o presidente Aramburu proclama a anulação da Constituição peronista de 1949 e o retôrno à Constituição de 1853. — As negociações anglo-germânicas terminam sem que se chegue a um acôrdo sôbre a contribuição que deve dar a Alemanha Ocidental para a manutenção das tropas aliadas aquarteladas em seu território. — O primeiro ministro Guy Mollet desbarata uma tentativa de rebelião dos deputados direitistas e obtém da Assembléia Nacional um voto de confiança que reforçará a sua posição nas próximas conversações de Moscou.

3 — QUINTA-FEIRA: — No Marrocos, depois da matança efetuada por elementos nativos contra compatriotas partidários da França, reina enorme tensão em todo o país. — O primeiro ministro francês Guy Mollet arrisca novamente o seu govêrno ao solicitar três votos de confiança relativamente a seu programa de reformas sociais. — E o secretário geral da ONU informa ter alcançado êxito nas negociações para obter a suspensão das hostilidades entre Israel e seus quatro vizinhos árabes.

4 — SEXTA-FEIRA: — A França recomenda às potências do Pacto do Atlântico Norte que opóiem o plano revolucionário pelo qual um novo organismo das Nações Unidas canalizaria a ajuda econômica dos Estados Unidos, bem como a da União Soviética e de outros países, às nações subdesenvolvidas. — Os Estados Unidos realizam a maior prova nuclear da história com uma explosão que desvaneceu a penumbra da madrugada às 6,25, no atol de Eniwetok.

5 — SÁBADO: — O representante dos Estados Unidos na Conferência do Desarmamento afirma que as conversações efetuadas reduziram quase à metade as divergências entre o leste e o oeste para um acôrdo de desarmamento. — O primeiro ministro francês Guy Mollet obtém esmagadoras vitórias em duas das três votações de confiança que solicitou à Assembléia Nacional sôbre o seu projeto de lei de auxílio à velhice. — Enquanto o papa Pio XII manifesta-se favorável à organização de um Conselho Internacional Pró-Estabilidade da Paz.

6 — DOMINGO: — Novamente agitada a Argélia. Cêrca de 20 europeus são assassinados pelos rebeldes que atacaram diversas fazendas na região de Oran. — Mediante disposição pessoal do presidente Rojas Pinilla, da Colômbia, o jornal "El Tiempo", de propriedade do ex-presidente Eduardo Santos, acha-se autorizado a reaparecer com êsse nome. — Chega a Paris o marechal Tito, presidente da Iugoslávia. — O primeiro ministro da Islândia, sr. Glafur Thors, chega hoje a Bonn para uma visita oficial de três dias à Alemanha Ocidental.

7 — SEGUNDA-FEIRA: — A Conferência da OTAN termina suas sessões no palácio Chaillot com a publicação de um comunicado conjunto elaborado pelos ministros de Relações Exteriores. — E o

primeiro ministro de Marrocos, sr. Bekkai, chega a Paris, a fim de discutir com os governantes franceses os problemas das novas relações de interdependência franco-marroquina. — O prefeito do Distrito Federal sanciona o projeto de lei da Câmara dos Vereadores que autoriza o Executivo municipal a aumentar os preços dos transportes coletivos.

8 — TÊRÇA-FEIRA: — O "premier" Ben Gurion declara que continua existindo o perigo de uma guerra entre os Estados Árabes e Israel porque não há nenhum indício de que os árabes desejam efetivamente a paz. — Os delegados do Partido Socialista norte-americano, reunidos em Convenção na cidade de New York escolhem os seus candidatos para presidente e vice-presidente da República. Os candidatos são o sr. Eric Haas e a sra. Georgia Cozzini. — Por decisão do governador de Chipre serão enforcados os dois cipriotas gregos Michael Karaolis e Andreas Demetriou, condenados à morte.

9 — QUARTA-FEIRA: — Anuncia-se que o govêrno francês concorda em mobilizar mais de 50.000 reservistas para sufocar a rebelião argelina. Manifestantes gregos atacam violentamênte dependências da Inglaterra e queimam a bandeira inglêsa, numa série de terríveis distúrbios provocados pela determinação britânica de enforcar dois terroristas em Chipre. — O presidente Tito, da Iugoslávia, visita a fábrica Marcel Dassault, a fim de examinar os aviões a jato "Mystére", com os quais espera reequipar a Fôrça Aérea do seu país.



10 — QUINTA-FEIRA: — A Grã-Bretanha reconhece oficialmente a independência e a soberania do Marrocos e da Tunísia. — O sr. Winston Churchill convida a Rússia a "unir-se em espírito" à Organização do Pacto do Atlântico Norte se realmente a União Soviética é sincera em seu repúdio a Stalin. — Uma cisão entre duas facções do Partido Colorado provoca a renúncia coletiva do Gabinete do Uruguai. — A bárbara execução dos dois revolucionários cipriotas dá margem a motins e atos de violência na Ilha de Chipre, assim como em tôda a Grécia.

11 — SEXTA-FEIRA: — Membros de uma organização clandestina de Chipre enforcam dois soldados britânicos detidos como reféns, em represália pela execução dos dois nacionalistas, ordenada pelas autoridades britânicas. — Os Estados Unidos estão consultando seus aliados a respeito de um novo plano econômico norte-americano, de caráter mundial do tipo do extinto "Plano Marshall". — Enquanto as autoridades francesas impõem o estado de alerta militar ante as notícias de que os rebeldes argelinos tencionam iniciar uma ofensiva da primavera.

12 — SÁBADO: — Páraquedistas franceses matam 79 rebeldes numa violenta batalha nas montanhas de Kabilye. Enquanto isso,

300.000 soldados franceses se preparam para enfrentar a anunciada esmagadora ofensiva da primavera que será levada a efeito pelo Exército de Aká, dos rebeldes argelinos. — A agitação estudantil na Argentina assume agora graves proporções, estendendo-se a Buenos Aires, onde 150 estudantes hostis ao ministro da Educação ocuparam a Faculdade de Medicina.

13 — DOMINGO: — Em Marselha, 8.000 soldados franceses embarcam em seis transportes de tropas que se destinam à Argélia. Essas tropas reforçarão as que lutam contra os terroristas que abalam de maneira incontrolável todo o território da Argélia. — Enquanto o govêrno russo anuncia que reduzirá suas fôrças armadas de 1.200.000 homens antes de maio de 1957. — Por outro lado, o sultão de Marrocos, sr. Ben Youssef, anuncia a constituição do novo exército marroquino.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — O sr. João Goulart, ora em visita aos Estados Unidos, prognostica à base de informações particulares recebidas do Brasil, que o projeto de anistia ampla que será votado pelo Congresso brasileiro não terá a aprovação dos legisladores. — Em Argel, um major do Exército francês é atingido a metralhadora pelas costas, no momento em que se dirigia para o seu gabinete. — O papa Pio XII aprova a transplantação da córnea dos olhos dos sêres mortos nos olhos das pessoas cegas.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA ALVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

15 — TÊRÇA-FEIRA: — A Grã-Bretanha e a França recebem com "regozijo oficial" a comunicação de que a Rússia reduzirá os seus efetivos militares "num gesto para afrouxar a tensão internacional". — O cadáver crivado de balas do oficial do Serviço Secreto Britânico aparece nas imediações de sua residência campestre a 24 quilômetros de Nicosia. — Enquanto rebeldes argelinos incendeiam violentamente centenas de estabelecimentos agrícolas situados na zona de Oran, ocupada por tropas francesas.

16 — QUARTA-FEIRA: O govêrno da Alemanha Ocidental anuncia, oficialmente, que continuará contribuindo financeiramente para a manutenção das fôrças aliadas aquarteladas em seu território. — Em virtude da extinção dos campos de concentração soviéticos, o govêrno russo pretende manter as colônias

Aprenda fàcilmente
HARMÔNICA

Pelo método do prof. A. SCHMOLL, prático, teórico, recreativo.
Adaptação para harmônica do célebre método de piano do mesmo autor, adotado nos principais conservatórios de mais de 50 países, inclusive o Brasil. O mais eficiente auxiliar do professor. A venda nas boas casas de música em todo o Brasil, ou diretamente com os distribuidores, pelo serviço de reembôlso postal. MÉTODOS, ESTUDOS, MÚSICAS, LIVROS TÉCNICOS, DIDATICOS, EDUCAÇÃO SEXUAL etc. Revendedores da Edição Saleciana «LES». A Pedido enviamos listas.

Pedidos a « P R A T O » Distribuidora Lítero Musical Ltda.
Caixa Postal 1037 — Rua Sud Menucci 234 — S. Paulo



de reerguimento e reeducação pelo trabalho em campos-emprêsas. — O ex-presidente dos Estados Unidos, sr. Harry Truman, em companhia de sua espôsa, chega a Paris, vindo por via-férrea do Havre.

17 — QUINTA-FEIRA: — Nas conversações franco-soviéticas, que ora se realizam em Moscou, os governantes da Rússia criticam a posição ocidental com respeito ao desarmamento, dizendo que o oeste havia recuado de uma posição da qual eram partidários anteriormente. Recrudescem as escaramuças na Argélia, onde tropas francesas e fôrças rebeldes travam violentos combates. — Em virtude de os ventos continuarem desfavoráveis é novamente adiada a experiência da bomba de hidrogênio norte-americana.

18 — SEXTA-FEIRA: — Acham-se pràticamente terminadas as conversações franco-soviéticas em escala governamental. Por outro lado, anuncia-se a efetivação de um acôrdo no domínio das relações econômicas e culturais. — O govêrno soviético vibra um histórico golpe contra o stalinismo, ao revelar ao povo russo que Vladimir Lenine, em seu leito de morte, desautorizou Josef Stalin. — Círculos bem informados do Cairo afirmam que a China Comunista está pronta para fornecer armas para as Fôrças Armadas do Egito.

19 — SÁBADO: — Os lavradores franceses levantam barricadas nas estradas, apedrejando automóveis e provocando um engarrafamento do trânsito, numa manifestação de massa contra a política agrária do govêrno. — Cento e dez é o número dos feridos, entre manifestantes e policiais quando uma verdadeira multidão irrompeu na estação ferroviária de Grenoble, na França, para impedir a saída de um trem carregado de tropas para a Argélia.

20 — DOMINGO: — A Fôrça Aérea dos Estados Unidos atira com êxito sua primeira bomba de hidrogênio, tendo a mesma explodido em pleno ar com seu terrível poder destruidor, a 3.200 metros de altura sôbre o atol de Eniwetok. — O primeiro ministro francês, sr. Guy Mollet, ao regressar de Moscou, manifesta a confiança de que sua missão contribuiu ponderàvelmente para reduzir a tensão internacional. — Os terroristas cipriotas, empregando bombas, matam várias pessoas e ferem outras tantas nas ruas de Nicósia, num dos mais cruéis episódios da rebelião da conturbada ilha.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — Cêrca de 40 pessoas são feridas em conseqüência de um choque entre a polícia paraguaia e os estudantes, em Assunção. — E o govêrno de Marrocos anuncia que as suas conversações com a Espanha sôbre a união marroquina foram prorrogadas por dez dias. — O sr. Juscelino Kubitschek aceita o convite para participar da Reunião dos Chefes de Estado do Continente a se realizar a 25 de junho no Panamá. — É assinado o decreto conferindo a Ordem Nacional do Mérito ao generalíssimo Francisco Franco.

22 — TÊRÇA-FEIRA: — Mais tropas francesas chegam à Argélia para esmagar

a sangrenta rebelião e ajudar a busca de um grupo de rebeldes que mutilou numerosos franceses e assassinou 17 muçulmanos francófilos. — Os Estados Unidos deploram o reconhecimento da China Comunista pelo Egito — declara numa entrevista coletiva à imprensa, o secretário de Estado, sr. John Foster Dulles. — As autoridades britânicas intensificam a vigilância em tôrno do arcebispo Makarios, chefe dos nacionalistas cipriotas, para impedir qualquer tentativa de resgatá-lo do destêrro.



23 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower declara que os Estados Unidos consideram um grande êrro o reconhecimento da China Comunista por parte do Egito. — Apresenta seu pedido de demissão, o ministro de Estado sem pasta, sr. Pierre Mendès-France. Segundo se informa tal atitude teve como causa um desacôrdo sôbre a política empregada na Argélia. — O vice-presidente do Senado promulga o decreto legislativo anistiando os civis e militares envolvidos nos movimentos militares de 10 de novembro do ano findo a 1 de março do corrente ano.

24 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno argentino decreta a mobilização de todo o pessoal do serviço de transporte público de Buenos Aires, em conseqüência da repentina greve desencadeada nos transportes coletivos. — O chanceler da Alemanha Ocidental reúne seu gabinete em sessão de emergência para estudar as graves divergências surgidas no seio do govêrno acêrca da maneira de impedir que o auge econômico do país degenere em inflação desesperada.

25 — SEXTA-FEIRA: — O presidente Tito, da Iugoslávia, elogia o que classifica de "mudança histórica" na Rússia, e declara que os soviéticos e a Iugoslávia se unirão numa "coexistência ativa" para bem do socialismo e da paz mundial. — Enquanto o govêrno britânico inicia uma intensa campanha destinada a congelar os salários dos trabalhadores britânicos no período de 1956-1957. — O sr. Oxigel Birch, ministro britânico do Ar, acaba de receber um convite do govêrno soviético para assistir às festividades do "Dia da Aviação", em Moscou, a 24 de junho.

26 — SÁBADO: — Preocupa-se o govêrno norte-americano com o aumento do poderio aéreo soviético; se as informações de fontes americanas forem exatas, a União Soviética disporá em 1960 do dôbro de bombardeiros de longo alcance de que disporão os Estados Unidos. — E os rebeldes argelinos assassinaram vários indivíduos europeus num ataque de surprêsa contra uma aldeia encravada num oásis do deserto do Saara. — Encontra-se gravemente enfêrmo o famoso romancista espanhol Pio Barojas.

27 — DOMINGO: — Os primeiros resultados conhecidos das eleições italianas



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

revelam que houve um debilitamento no Partido Comunista Italiano — o mais poderoso fora da Cortina-de-Ferro — com a guinada da agremiação com respeito ao ex-ditador José Stalin. — Enquanto a França e Marrocos assinam um protocolo pelo qual se comprometem a manter estreita cooperação em matéria de política exterior. — O "premier" Guy Mollet entra na semana mais difícil de sua gestão, em meio de uma nova crise na Argélia. Contudo, os observadores políticos acreditam que Mollet se sairá bem da prova, pois nenhum outro político deseja substituí-lo.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — Tropas francesas, apoiadas por aviões militares, desfecharam um ataque a um poderoso bando de rebeldes nas imediações de Batna, em conseqüência do qual morreram cêrca de 24 homens. — Enquanto na ilha de Chipre, as depredações por parte dos nacionalistas atingem ainda maior grau de violência. — Portugal comemora o 30.º aniversário do Estado-Novo, estabelecido em 1926 em conseqüência da revolução incruenta dirigida pelo general Gomes da Costa, que pôs fim a mais de 10 anos de anarquia no país.

29 — TÊRÇA-FEIRA: — Os partidos centristas que governam a Itália triunfam sôbre os comunistas nas eleições municipais e provinciais, porém, perdem o contrôle absoluto das municipalidades de Roma e de outras grandes cidades do país .— Dezessete presidentes americanos teriam concordado em ir ao Panamá para comemorar o 130.º aniversário do Congresso de Bolivar. — Tem início o movimento estudantil de protesto pelo aumento dos preços dos bondes na capital da República.

30 — QUARTA-FEIRA: — O Parlamento da Alemanha Ocidental mantém a sua decisão de não reconhecer o regime do leste e de não manter com seus dirigentes nenhuma relação de caráter político. — Na Argélia, um bando de rebeldes invade um pôsto avançado francês, matando 15 soldados franceses. — O movimento estudantil contra o aumento das passagens dos bondes assume proporções gigantescas, com a paralisação total do trânsito da cidade. A intervenção policial acarreta a reação dos estudantes, que depredam e tornam-se incontroláveis. Em conseqüência, tropas do Exército, Marinha e Aeronáuitca ocupam os pontos estratégicos da cidade.

31 — QUINTA-FEIRA: — Em virtude de se ter negado a fazer uma declaração de lealdade ao regime, encontra-se novamente prêso e sob vigilância, o cardeal Mindszenty, primaz da Hungria. — O Departamento de Estado americano publica documentos apreendidos aos alemães a respeito das relações germano-brasileiras. Por fôrça dos graves acontecimentos provocados pelo poderoso movimento estudantil, o comandante da Zona Militar Leste, general Denys, comunica ter assumido o policiamento da capital para a manutenção da ordem.

◆

A ÚLCERA DO ESTÔMAGO E AS MULHERES

AS mulheres que gostam de usar calças masculinas são mais predispostas à úlcera do estômago do que as outras. De acôrdo com um recente relatório médico, a incidência da úlcera aumentou de 30 por cento entre as mulheres que desempenham atividades outrora exercidas pelos homens. Cuidado, moças!

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

LUTÉRCIO
SECRETARIO

ANO XL — Nº 2 — JULHO — 1956

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NAO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

3.º TORNEIO — Julho, Agôsto, Setembro

LOGOGRIFOS

— 1 —

Ao poeta Lutércio:

Como uma orquídea alvíssima e altaneira,
Que se retrai e murcha a um simples toque,
Tua alma **pura** de poeta, inteira, — 9-1-4-5-6
Contrai-se e chora ao mais pequeno choque.

Mas qual sereia que Satá **coloque** — 7-8-4-5-3
Por entre escolhos, bela e traiçoeira,
A vida é sempre ponteagudo estoque,
À espera apenas da humanal cegueira.

Abaixa um pouco do teu mundo os olhos
E **observa** e vê que só e só de abrolhos — 4-8-5-1
É constituído o mundo em que **moramos** —
3-9-2-1-7-8-9

E quando ergueres sôbre a Terra a vista,
Retira, calmo, os óculos de artista
E olha as coisas como nós **olhamos**.

Zytho, H.C.(Rio)

— 2 —

Era uma vez um magro cão sem **dono**, — 9-10-2
Um vira-lata mísero da estrada,
Pobre **infeliz na vida**, ao abandono, —
7-9-12-11-6-9
Ganindo triste pela madrugada.

Fugia, êrmo e **sombrio**, amedrontado, —
2-7-9-1-14
Sempre que alguém dêle se aproximava.
Em vez de guarda, era um escravizado
Tão grande era a desgraça que o açoitava. —
4-9-12-8-9

No mundo **idiota** há muito homem assim —
10-5-3-13-11-1-9-7-4-14
Com o destino fatal de um cão sem dono,
Sem carinho, sem lar, sem nada, enfim.

Cuja mágoa cruel a que está prêso
É a mesma de um rafeiro ao abandono:
Humilhante caudal do vil **desprêzo**.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

CHARADAS CASAIS

3 — Cinco — **Desfolhada** do milho, serviço para **maltrapilho**.

Alô Tropina, CEC (Rio)

---

4 — Quatro — Designa-se por **chamamento às armas** o ato com que o Exército **convoca** os jovens para o cumprimento do dever militar.

Cysneirense Jr. (Muriaé, MG)

---

5 — Quatro — **Coisa fora do comum** pode ser, realmente, uma **extravagância**.

Conselheiro (S. J. Mipibu, RN)

---

6 — Duas — Não me **misturo** com **agrupamento** de má gente.

Paraná, TG (Rio)



A maravilha da felicidade de seu lar, em muito depende da conservação dos seus móveis com ÓLEO DE PEROBA

7 — Duas — Em cada **esquina** se via um garôto armado de **estilingue**.

Eurico II (Bauru, SP)

---

8 — Três — **Grande barulho**, grande **aflição**.

Florentino (J. Pessoa, PB)

---

9 — Duas — **Transpira um pouco** o indivíduo **preguiçoso**.

Edur Gomes (Cuiabá, MT)

— 10 —

O **foguista** entrou no bar
Já tocado e folgazão,
Para depois discursar
Com enorme **exaltação**. -- 3

---

11 — Quatro — Esta **espécie de abelha preta** fabrica mel muito **agradável**.

El Príncipe (Uberaba, MG)

---

12 — Três — **Corre perigo** quem se aproxima de **mulher tentadora**.

Alcidrade (Souzas, SP)

---

13 — Três — Num **desafio entre cantadores** vence sempre o mais **desembaraçado**.

Jovaniro (Rio)

---

14 — Duas — **Porco** come em **gamela**.

Griwil, CERGS (P. Alegre)

---

15 — Três — **Faz grandes estragos em** coisa que não é sua, logo é um sujeito **nocivo**.

Tia Joana (Caruaru, PE)

(Ao Dr. Lavrudinho)

16 — Três — **Dou a entender** que aprovo a sua **sugestão**.

Heron Silpes (Belmonte, BA)

---

17 — Três — É por causa da **praga que ataca as laranjeiras** que estas, às vêzes, não dão fruto **doce**.

Asclépios, CEC (Rio)

◆

CHARADAS SINCOPADAS

— 18 —

Dormindo, eu sonho contigo,
Acordado eu vivo sonhando...
Vivendo esta vida de sonhos,
Vou, assim, a vida levando.
— 3 (2)

Sertanejo II (Lavras, MG)

---

19 — Três (duas) [illegible]ue falta de **sensatez** amar[illegible]r o sapato com uma **correia**!

Eurico II (Bauru, SP)

---

20 — Três (duas) — O astrônomo **aperfeiçoara** o seu aparelho para observar a **constelação do Norte**.

Espartano (Rio)

— 21 —

Gente que **faz mexericos**
Comigo é que não combina,
Pois, meu amigo, fu[xicos,
Quem os faz ao mal
[se **inclina**. — 3(2)

Gomes Jr. (Maceió)

---

22 — Três (duas) — Vi um **português tartamudo**.

Donatila Borba (SC)

---

23 — Três (duas) — Mulher **traidora**! Só quis a minha **desgraça**.

Edur Gomes (Cuiabá)

---

24 — Três (duas) — Até com a **espingarda fina de pequeno calibre** eu tenho grande **destreza**.

El Príncipe (Uberaba)

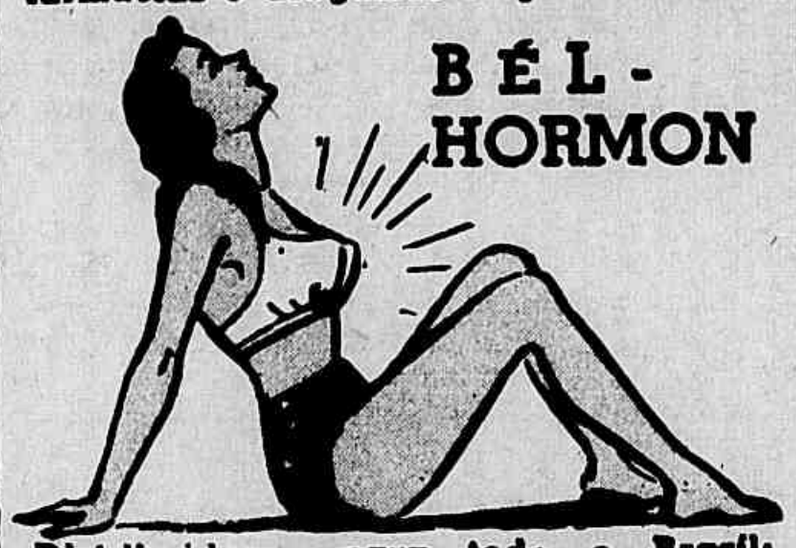
---

25 — Três (duas) — Quem se julga

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 88.00

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

elegante não faz mexerico.

Paraná, TG (Rio)

---

26 — Três (duas) — Êste **veículo usado, de pouco valor,** foi roubado numa **cilada**.

Alô Tropina (Rio

---

27 — Três (duas) — Na **ondulação das águas** do mar está o orgulho do **comandante de navio**.

Coringa (Rio)

---

28 — Três (duas) — O rio S. Francisco nasce na serra da Canastra, em Minas Gerais, e, correndo sempre em **declive** pouco sensível, atravessa cinco Estados e **deságua** no oceano.

Conselheiro (S. J. Mipibu, RN)

---

29 — Três (duas) — Com um **golpe de espada** o oficial investiu contra **os cortesãos**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

30 — Três (duas) — Gosto de uma **soneca** nos dias de **folga**.

Gil Vírio (Andradina, SP)

---

31 — Três (duas) — Além da **decepção** a ameaça de **pancada!**

Néo Rosas (Caruaru, PE)

---

32 — Três (duas) — Quem **brinca** com o perigo desastre **procura**.

Plá, CEC (Rio)

◆

ENIGMAS

— 33 —

(Ao confrade Néo Rosas)

Preste atenção, pela rua,
Na cara triste da gente
Que mostra seu desencanto.
É uma realidade crua:
— Parece que o povo sente
Algo assim como um **quebranto**. — (7 L)

Jovaniro, CEC (Rio)

— 34 —

Onze letras, a meada,
Dispostas numa fileira,
E sendo uma descontada
Aparece a **alcoviteira**. — (10 L)

Agrimonte (J. Pessoa, PB)

— 35 —

No observar o que entra
Com intento de roubar,
O guarda evita encrenca
Pois nada irá **faltar**. — (9 L)

Seamva (Santos, SP)

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

— 36 —

(Ao eminente Ed Vep)

A botica do Vidal
Está deveras falida
Pois gastou o capital
Levando só boa-vida
E agora sem ter dinheiro,
Sem crédito no mercado,
Vive num grande berreiro
Que o **torna exagerado**. — (7 L)

Mavícaro (Recife, PE)

— 37 —

Queira em todo caso um gôzo
O malandro... É natural.
Foge, porém, receoso
Da **bofetada** final. — (10 L)

Heron Silpes (Belmonte, BA)

◆

CHARADAS NOVÍSSIMAS

38 — Duas-duas — Boa **notícia**: O chefe de nosso **partido** é um **protestante**.

Edur Gomes (Cuiabá, MT)

---

39 — Uma-uma — **Grande quantidade** de viagens fiz à África, com **intenção** de conseguir as **prêsas do elefante**.

Alcidrade (Souzas, SP)

---

40 — Uma-duas — **Quando** se emprega um **grande canhão** é certa a **carnificina**.

Bastão de Baco (P. Alegre, RS)

---

41 — Duas-uma — Em dia de **festa nacional não** deve haver **briga**.

Paraná, TG (Rio)

---

42 — Duas-uma — O **mar** é também **um** túmulo do marinheiro **brioso**.

Gilvanete Rosas (Caruaru, PE)

---

43 — Uma-duas — Há **aí** na **classe social** muito homem a ela **alheado**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

44 — Duas-duas — **Enrubeço** e os **lábios** me tremem só em pensar que poderei cair num **lugar deserto**.

Agrimonte (J. Pessoa, PB)

---

45 — Duas-uma — **Dentro de** certo limite podemos **sofrer** e **conservar** nossa confiança em vencer.

Conde de la Fére, ACCB (BA)

46° — Uma-uma — A injúria ou ofensa **semelhante** é necessário reagir com altivez **ou** estar-se-á sujeito a **algum** dissabor futuro.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

47 — Duas-três — **Morador de propriedade rural** é indivíduo **sabido**, é **sujeito malandro**.

Heron Silpes (Belmonte, BA)

---

48 — Uma-duas — Por **difícil** que esteja a vida, **domina** qualquer situação a boa **mãe de família**.

Nilva, CEC (Rio)

◆

CHARADA ANTIGA

— 49 —

Quando **há briga**, pelos meandros
Da favela, ao fim do dia,
O certo é **que** entre os malandros
Um **estertora em agonia**. — 3-1

Jovaniro, CEC (Rio)

◆

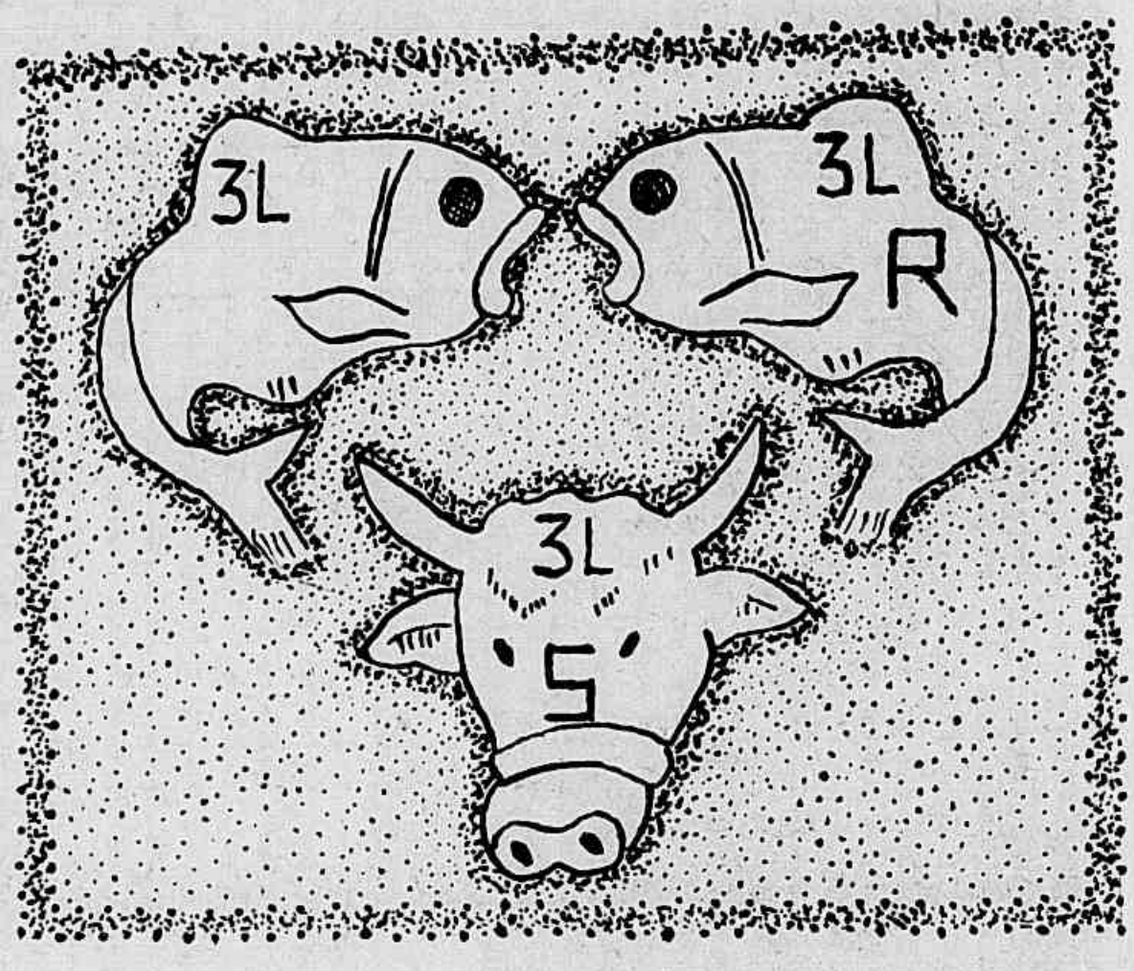
51 — ENIGMA FIGURADO



Dom-Fafe (Rio)

50 — ENIGMA PITORESCO

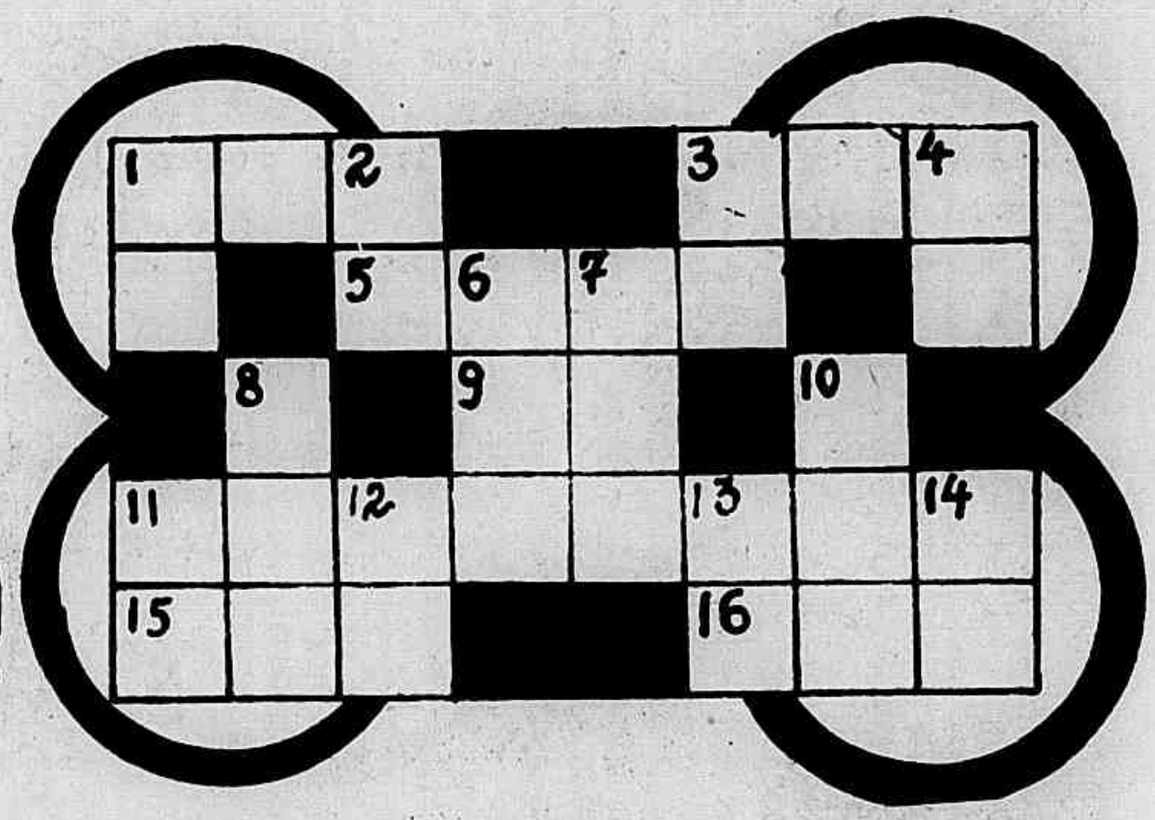
(Aos mestres Dr. Lavrud e Lutércio)



Radge (João Pessoa, PB)

◆

PROBLEMA N. 1



Oswário Rodrigues (S. Ana do Matos)

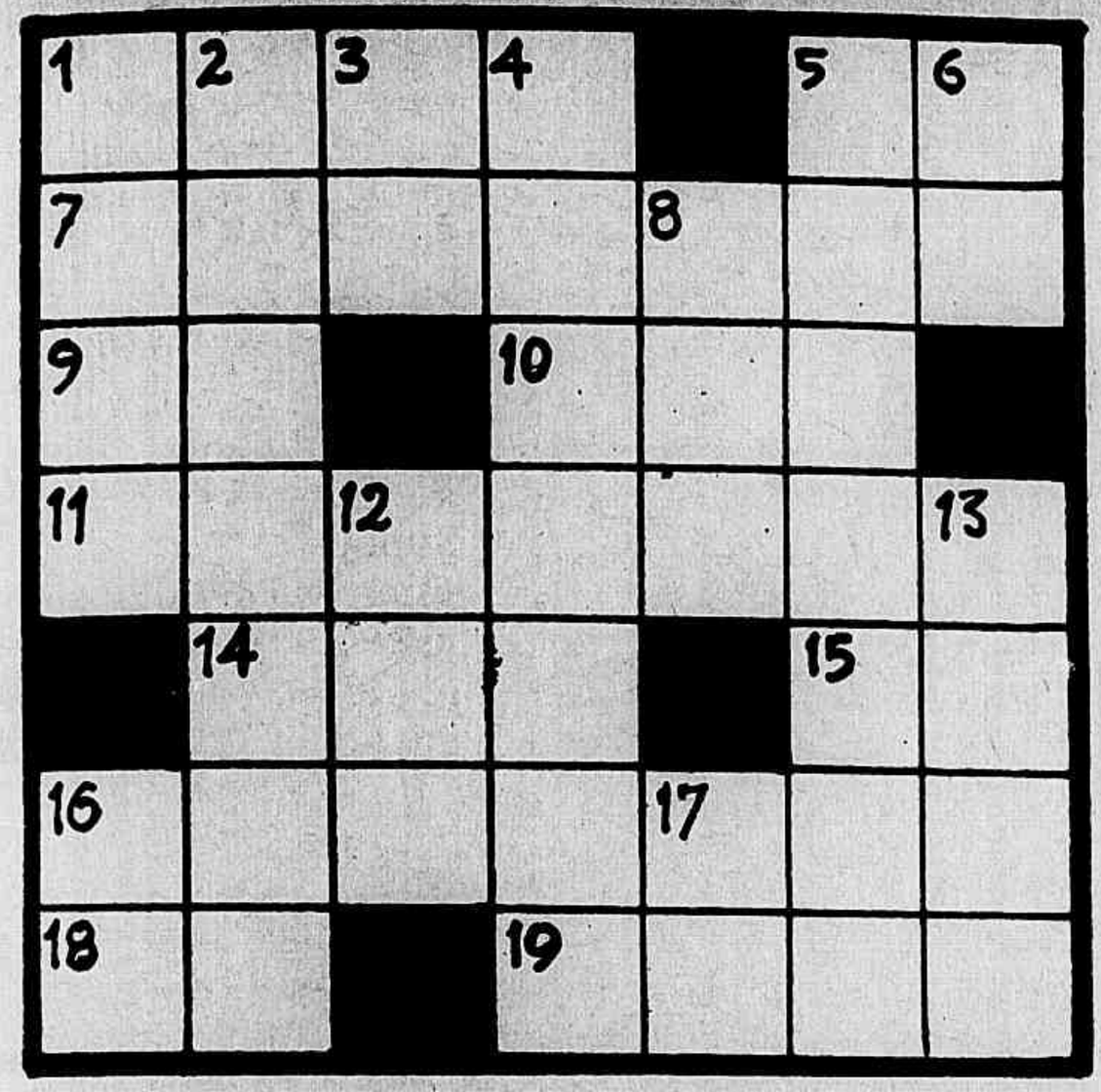
Horizontais:

1 — Virtude; 3 — Palavra tupi-guarani que entra na composição de muitos têrmos brasileiros e significa pedra, metal, etc.; 5 — Rezar; 9 — Sufixo designativo de agente; 11 — Estrangular por meio de garrote; 15 — Camareira; 16 — Unidade das medidas agrárias, equivalente a 100 metros quadrados.

Verticais:

1 — Ama-sêca; 2 — Pedra de moinho ou de lagar; 3 — Andar; 4 — Grito de dor e às vêzes de alegria; 6 — Multidão; 7 — Argola; 8 — Genitor; 10 — Bater; 11 — Símbolo do gálio; 12 — Símbolo do rádio; 13 — O mesmo que tua; 14 — Mulher acusada ou criminosa.

PROBLEMA N. 2



Nilva, CEC (Rio)

Horizontais :

1 — Pequena peça de artilharia, semelhante a um morteiro comprido; 5 — Nome da letra grega correspondente ao "P"; 7 — Acanhados; 9 — Ambiente; 10 — Temperos; 11 — Fizesse girar; 14 — Espécie de raqueta para o jôgo de criquete; 15 — Ribeira de Portugal; 16 — Irmãs de caridade; 18 — Dinheiro; 19 — Tira.

Verticais :

1 — Inchar; 2 — Éguas; 3 — Pref. húngaro que significa novo; 4 — Sapatos rasos; 5 — Contenhas; 6 — Cidade ant. da Babilônia perto do Eufrates; 8 — Vestido de luto; 12 — Pátria; 13 — Nome próprio feminino; 16 — Ama-sêca; 17 — Variação pronominal.

◆

4º TORNEIO DE 1955

Soluções :

1 — Bilhardeiro; 2 — Adonizar; 3 — Outeiro; 4 — Enchente; 5 — Mormente; 6 — Carneiro; 7 — Rolista; 8 — Trépido; 9 — Parcela; 10 — Propino; 11 — Moderno; 12 — Alveitar; 13 — Treloso; 14 — Gazeta; 15 — Ramento; 16 — Pealar; 17 — Banzado; 18 — Alfama; 19 — Vitalina; 20 — Daninho; 21 — Caiongo; 22 — Piola; 23 — Carcaça; 24 — Rachapé; 25 — Arrenegada; 26 — Namora; 27 — Soçobro; 28 — Atópico; 29 — Encrenco; 30 — Desfeita; 31 — Pantufo; 32 — Manda; 33 — Pósta; 34 — Piririca; 35 — Barata; 36 — Espinha; 37 — Fragueiro; 38 — Repúblico; 39 — Soluça; 40 — Caradura; 41 — Mouronada; 42 — Maquiavélico; 43 — Serra-osso; 44 — Bate-não quara; 45 — Futricada; 46 — Paralise; 47 — Chasque; 48 — Meio-têrmo; 49 — Mata-borrão; 50 — Gangolina; 51 — Saparia; 52 — Môsca-morta; 53 — Carregamento; 54 — Papelista; 55 — Malquer; 56 — Integral; 57 — Nunca se viu pobre gordo; 58 — Mulher viúva, mulher treinada; 59 — Pancarpo; 60 — Nacarada; 61 — Robusta; 62 — Toesa; 63 — Fruitas; 64 — Ditadura; 65 — Esmola; 66 — Pródigo; 67 — Quartaludo; 68 — Escaldadura; 69 — Escaldafrio; 70 — Sòzinho; 71 — Chapechape; 72 — Rascada; 73 — Lavramento; 74 — Rapa-tábuas; 75 — Culpado; 76 — Papa-fina; 77 — Mestre-de-cerimônias; 78 — Trancafiar; 79 — Coalescentes; 80 — Alvedrio; 81 — Enguiço; 82 — Germano; 83 — Apontada; 84 — Mucufas; 85 — Chapa; 86 — Soluça; 87 — Pataco; 88 Galeno; 89 — Ligeira; 90 — Desfruto; 91 — Soberbo; 92 — Desabalada; 93 — Obnóxio; 94 — Precinto; 95 — Fácula; 96 — Faceiro; 97 — Mangagá; 98 — Bárbaro; 99 — Afeto; 100 — Pealar; 101 — Terreiro; 102 — Comicha; 103 — Toleima; 104 — Moledo; 105 — Potrilha; 106 — Furbesco; 107 — Matuto; 108 — Fingida; 109 — A mulher artista é mais artista que o homem artista; 110 — Justo que peca não é justo; 111 — Leviandade; 112 — Diadema; 113 — Fiasco; 114 — Reboliço; 115 — Godeme; 116 — Pelega; 117 — Ligeira; 118 — Caroço; 119 — Lanzuda; 120 — Fiasco; 121 — Panaca; 122 — Madama; 123 — Mórula; 124 — Carrega; 125 — Cabreiro; 126 — Farsista;; 127 — Madrasta; 128 — Reato; 129 —

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
PRINCIPE
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE
Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00
Sem mais acréscimos
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

ÓLEO DE CEDRO
O MELHOR PARA OS MÓVEIS
OFERECE.

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9.1/2 da noite dos dias 22/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56:

Cr$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderam o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao:

«Concurso do óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o «Óleo de Cedro» e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Tôdas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

Bocanho; 130 — Floricoroada; 131 — Adôrno; 132 — Bambada; 133 — Lambeteia; 134 — Caicai; 135 — Irmandade; 136 — Gato-sapato; 137 Escaparate; 138 — Inculpado; 139 — Duro-afogo; 140 — Troviscada; 141 — Engenhoca; 142 — Calmaria; 143 — Potoca; 144 — Compito; 145 — Botada; 146 — Pandemônio; 147 — Asiática; 148 — Bicuda; 149 — Encáustica; 150 — Peguilha; 151 — Taco; 152 — Côcho; 153 — Lata; 154 — Goga; 155 — Sorrelfa; 156 — Refolha; 158 — Granadina; 159 — Brando; 160 — Ralassa; 161 — Palmilha; 162 — Baderno; 163 — Tosca; 164 — Bem ama quem nunca esquece; 165 — A lei lei é.

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1: Ruim — Cetras — Socorrer — Tal — Aiva — Agar — Mel — Remirara — Memoro — Mari.

Problema n. 2: Usa — Fim — Foragido — Amoral — Maleta — Claretes — Eil — Era.

Problema n. 3: Marimari — Aramaça — Rabona — Imota — Mana — Aça — Ra — I.

Problema n. 4: Mumuca — Urutau — L — Di — T — Trolho — Ih — En — Vu — Re — Amolam — G — Ri — I — Oblata — Searas.

Problema n. 5: P — Palato — C — Ar — Cale — Ma — Teor — Anis — Ralo — Tina — Il — Moer — Ad — O — Touros — O.

Problema n. 6: Lar — Mar — Imitada — So — Alas — Ra — Am — Rota — Ar — Isolado — Mar — Sal.

DECIFRADORES

Totalistas: Alô Tropina; Bisilva, Breque, Buridan; Calpetus, Conde de la Fére, Coringa, Debrito, Don Roal, Dopasso, Dr. Barreto Cardoso, Dr. Kean, Dr. Legnar, Dr. Zinho, Dropê, Durmel, Erbrandino, Ed Vep, Édipo, El Principe, Envergonhado, Farani, Florentino, Gil Vírio, Gildo Rosas, Gilvanete Rosas, Gilberto Rosas, Griwil, Gomes Júnior, H. França, Ivan Baldi, Jalbaim, José Coelho Vieira, K. Linho, Kiapp, Kinsos, Mag, Malba Tantan, Milon, Mozart X, Narciso, Néo Rosas, Nostradamus, Oarcim, Oicaroh, Olin, Ordisi, Oscar M. de Medeiros, O Sineiro, P. Del Debbio, Paulo L. Costa, Pinguinho, Plá, Polydamas, Pompeu Júnior, Ronega, Ruvina, Sefton, Sertanejo II, Seu Gunele, Simões, Tia Joana, Tim, Toberal, Yonix.

2.º lugar: Agrimonte, Alcidrade, Bastão de Baco, Champollion, Donatila Borba, Eurico II, Heron Silpes, Ismênia, Iris, Mavícaro, Megos, Santorum, Simplícia e Simplória, Tia Maria.

NOTA — Serão distribuídos dois primeiros e dois segundos prêmios, respectivamente, aos totalistas e aos que alcançaram a segunda colocação.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Brasil Enigmista, de propriedade e direção de Ueniri; Artigas, órgão oficial do Centro Enigmístico do Uruguai; Charadismo e Cruzadismo, órgão oficial do Círculo Enigmístico Carioca; Paraíba Enigmista, de Campina Grande; Norte Charadista, de Recife.

PALAVRAS-CRUZADAS

Solicitamos a nossos confrades cruzadistas que nos remetam colaborações. Os problemas devem oferecer o máximo de cruzamento e o maior número possível de sinônimos. Evitem-se as letras mortas. Os desenhos poderão vir em forma de simples diagramas a lápis; nosso desenhista se incumbirá do resto.

CASAMENTO

Na igreja de Santo Afonso, no Andaraí, realizou-se a 26 de maio p. passado o enlace matrimonial da prendada senhorita Berenice, filha de nosso ilustre confrade Álvaro de Carvalho (Ary Olm) e sua exma. espôsa d. Edith Nicoll Almeida Carvalho. com o sr. Jayme de Oliveira Lima Rocha. Ao ato compareceram inúmeras famílias e pessoas das relações dos pais dos noivos. Após a cerimônia foi oferecido por Álvaro de Carvalho, em sua residência, magnífico lanche aos convidados, entre os quais notamos os seguintes charadistas: Ueniri, Jotoledo, Agalves, Ronega, Lesli.

A festa transcorreu em ambiente de franca cordialidade. Aos confrades Ary Olm e Edith Nicoll renovamos nossos cumprimentos e desejamos aos nubentes perene felicidade.

DR. LAVRUD

O PRESENTE ESQUECIDO

(Continuação da página 8)

ela furiosamente. — Se você não quer que eu realize o meu trabalho normalmente, irei falar com o sr. Gordon para que êle decida. Como é? Suprime ou não suprime êste anúncio?

Jerry inclinou sua cadeira para trás e fitou sua desafiante. Aquêle era o momento de deixá-la cair no ridículo. Deveria permitir que ela fôsse falar com o sr. Gordon. Todos na loja saberiam disto, e certamente iriam rir muito dela.

— Bem; faça o que entender — disse êle. — O anúncio foi publicado enquanto você estêve de férias. Desde quinta-feira passada!

— Quinta-feira passada? — repetiu ela, surpreendida. — Eu..., eu examinei o livro de saída de mercadorias daquele dia e do resto da semana. Mas não tive tempo de verificar a razão porque aumentou tanto a venda. Foi... foi por causa dêste anúncio?

Jerry nunca se sentira numa posição tão vantajosa.

— Pode ter sido uma extravagância — disse êle. — Mas foi uma dessas coisas que impressionam profundamente o povo. A verdade é que muita gente veio aqui, comprar presentes.

— Agora é a sua vez de ir falar com o sr. Gordon — disse Fran, após refletir durante algum tempo. — Você esperou por uma oportunidade como esta, a fim de me tirar a "máscara"'. Meus parabêns, Jerry!

Êle se sentiu feliz por reconhecer de uma vez por tôdas que Fran era uma excelente garôta. E lembrou-se de que ela havia perguntado se o anúncio o levara a comprar o presente que êle havia esquecido de dar a uma pequena. E por uma dessas coincidências, tivera realmente o desejo de comprar um presente para ela! Mas ainda estava em tempo. E ela não precisaria perceber que se tratava de um presente.

— Desta vez você foi enganada — disse êle. — Mas não faça suposições erradas. Se eu não tivesse provocado a sua fúria, você teria aceitado êste anúncio sem quaisquer objeções.

Fran sorriu um tanto triste.

— Certamente você arranjou isto como um "presente" para mim, não foi, Jerry? Mas não posso aceitá-lo.

Jerry se levantou, aproximando-se de Fran.

— Mas isto não é um presente. É...

Beijou-a nos lábios e acrescentou:

— É amor, querida.

— Está bem, não é um presente — disse ela. — Porém, eu o recebo como se o fôsse. O que prova que o anúncio era mesmo excelente!



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS
(Ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches e refeições.

38 VIAGENS POR DIA cada meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:
SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)
RIO DE JANEIRO
Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912

VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO
VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-1

UMA INCURSÃO AOS PIRATAS DE PÉROLAS

(Cont. da página 18)

segurança de que quantos mais fôssem, mais rendosa seria a noite.

— Você observou êsse homem baixote, com cara de mexicano? — perguntou Nicolas, logo que nos deixaram. — É Barchi, do bando do "Sporting Life", e o tipo que o acompanhava é Skilling. Ambos estão, agora, em liberdade, graças a uma fiança de cinco mil dólares.

Já tinha ouvido falar do bando de "Sporting Life", um grupo de ladrões e salteadores, que aterrorizavam os bairros baixos de Oakland; porém muitos dos quais se encontravam nas prisões do Estado, por crimes que compreendiam desde o perjúrio e a fraude eleitoral, até o crime de assassinato.

— Não são vulgares ladrões de ostras — continuou Nicolas. — Vieram apenas para divertir-se e ganhar alguns dólares. Devemos ter cuidado com êles.

Sentamo-nos e discutimos os detalhes do nosso plano até depois de onze horas, quando ouvimos batidas de um remo, provenientes do "Ghost". Deitamos à água nosso próprio bote, jogamos para o seu interior algumas bôlsas e começamos a remar naquela direção. Ali encontramos todos os botes reunidos, com a intenção de invadir as águas de criação de uma só vez.

Para surprêsa minha, encontrei escassamente um pé d'água onde antes havíamos atirado a âncora. Era a saída da lua-cheia do mês de junho, e como a maré tardaria ainda uma hora e meia em baixar, sabia que nossa âncora tocaria em terra sêca antes da subida da maré.

Os criadores de Taft estavam a três milhas de distância, e durante longo tempo remamos silenciosamente na esteira dos outros barcos, detendo-nos de vez em quando com nossos remos tocando fundo constantemente. Finalmente chegamos a um lugar coberto por duas ou três polegadas de água, insuficientes para fazer o bote flutuar. Porém os piratas chegaram instantâneamente a um costado e, empurrando os botes de fundo chato, prosseguimos nosso caminho firmemente.

A lua-cheia estava parcialmente coberta por altas nuvens, mas os piratas seguiam seu caminho com familiaridade, nascida da longa prática. Depois de meia milha, chegamos a um canal profundo, pelo qual continuamos remando, com cardumes de ostras mortas encalhadas nas margens. Finalmente, alcançamos os **terrenos** de pesca. Dois homens, numa das margens, fizeram sinais, advertindo-nos que nos afastássemos dali. Porém o Chimpanzé, o Tainha, Barchi e Skilling se puseram a frente, logo seguidos por todos nós. Pelo menos trinta homens na metade dos botes remaram na direção dos dois guardas.

— Melhor será que vocês dêem o fora daqui — disse Barchi, ameaçadoramente. — Do contrário faremos em vocês tantos furos que não conseguirão flutuar nem sequer num lamaçal.

Os guardas se retiraram diante de uma fôrça tão superior, e remaram ao longo do canal, até a costa. Além do mais sua retirada estava incluída no plano.

Metemos a prôa do bote para um banco de areia, e tôdas as mãos providas de bôlsas, se separaram e começaram a recolher as ostras. Aqui e ali as nuvens iam desaparecendo da face da lua, e podíamos ver as ostras grandes muito claramente. Num segundo as bôlsas tinham ficado cheias, sendo colocadas novamente nos botes, de onde retiravam mais bôlsas vazias. Nicolas e eu voltávamos constantemente com nossas pequenas cargas, porém sempre encontrávamos algum dos piratas, indo e vindo.

— Não tem importância — disse eu. — Não há pressa. Como cada vez vão apanhá-las mais e mais distante, levará muito tempo transportá-las para os botes. Então deixarão as bôlsas no extremo das **águas de criação** e as apanharão quando a maré subir e os botes puderem flutuar sôbre elas.

TRANSCORREU meia hora, e a maré havia começado a subir quando isto aconteceu. Deixando os piratas ocupados em suas tarefas voltamos aos botes. Um por um, e sem fazer o menor ruído, afastamos os botes, que formaram uma desordenada flotilha. Justamente quando afastávamos o último barco, o nosso, um dos homens se aproximou de nós. Era Barchi. Com um simples olhar, compreendeu a situação, num instante, e se atirou contra nós, porém com um golpe bem assestado o deixamos estendido na água, com a bôca para baixo. Tão logo como pôde voltar ao cardume, levantou a voz e deu o alarma.

Remávamos com tôdas as nossas fôrças, porém a marcha era lenta devido a grande quantidade de botes rebocados.

Espoucou um tiro proveniente do banco de areia, um segundo e um terceiro; então começou um tiroteio regular. Os projéteis assobiavam em redor de nós; porém, grandes nuvens haviam novamente coberto a lua e na confusão da surprêsa e da escuridão, era apenas um tiroteio desordenado. Sòmente por acaso teriam podido ferir-nos.

— Como gostaria de ter uma pequena lancha! — exclamei, quase sem fôlego.

— E eu que a lua continuasse escondida! — disse, por sua vez, Nicolas.

Era um trabalho lento, porém cada remada nos afastava das águas perigosas e nos aproximava da costa, até que, por fim,

o tiroteio cessou, e quando a lua voltou a mostrar tôda a sua face, estávamos muito longe para correr perigo. Não havia transcorrido muito tempo quando respondemos a um sinal proveniente da ribeira, e pouco depois, dois botes Whitehall, cada um dêles impelidos por três pares de remos, precipitaram-se ao nosso encontro.

Ao dar-nos as boas-vindas, o rosto de Charley se inclinou para nós e nos tomou as mãos, enquanto gritava:

— Oh! São vocês! Que alegria!

Quando a flotilha foi levada para terra, Nicolas, eu, e um dos guardas, remamos de volta em um dos barcos Whitehall, da Polícia, com Charley na popa. Éramos seguidos por outras embarcações, com homens armados. Fàcilmente localizamos os piratas no solitário cardume. Quando nos aproximávamos, fomos recebidos com tiros repetidos e tratamos de retroceder para a costa.

— Temos muito tempo ainda — disse Charley. — A maré está subindo ràpidamente, e quando a água chegar ao pescoço êles perderão a vontade de lutar.

Deixamos descansar os remos e esperamos que a maré fizesse seu trabalho.

As águas subiam agora ràpidamente, e era impossível, mesmo para os nadadores mais capazes e ousados, vencer nadando as três milhas até alcançar as chalupas. Entre os piratas e a costa estávamos nós, impedindo a fuga nessa direção. Por outra parte, a água subia sôbre os cardumes, e era apenas questão de poucas horas, para que chegasse até a cabeça dos piratas.

Reinava uma calma belíssima, e sob o luar maravilhoso observávamos com os nossos binóculos noturnos, enquanto relatávamos a Charley nossa viagem no "Coat Tar Maggie". Deu a uma da madrugada e os piratas já se encarapitavam, acotovelando-se sôbre o cardume de fundo mais alto. Era apenas esperar que a água continuasse subindo.

— Isso ilustra o valor da imaginação — estava dizendo Charley. — Taft tratou de apanhar êsses ladrões durante anos, mas usava a fôrça apenas... E fracassou, sempre! Nós, ao contrário, usamos a cabeça... E aí está.

Justamente, nesse momento, ouvi um gorgulho quase inaudível e levantando a mão pedi silêncio. Depois, voltei-me e apontei para umas borbulhas de água dentro de um círculo que se alargava. Estava apenas a uns quinze metros de distância de nós. Mantivemo-nos no mais completo silêncio, e esperamos. Passado um minuto, a água pareceu abrir-se a dois metros de distância, e uma cabeça negra e um ombro branco apareceram à luz da lanterna elétrica manejada por Charley. Com um grito de surprêsa, cabeça e ombro afundaram. Remamos um pouco para adiante e depois vogamos com a correnteza.

Quatro pares de olhos percorreram a superfície da água, mas não vimos mais círculos borbulhantes nem tornamos a ver a cabeça negra do homem branco.

— É o Tainha! — disse Nicolas. — Precisaríamos da luz do dia para apanhá-lo.

Cêrca das três horas, os piratas deram o primeiro sinal de derrota. Ouvimos gritos e pedidos de socorro, na inconfundível voz do Chimpanzé, e desta vez, remando mais para perto, não fomos recebidos com tiros. O Chimpanzé estava numa situação verdadeiramente perigosa. Apenas as cabeças e os ombros dos companheiros eram visíveis sôbre a superfície da água, enquanto braceavam contra a correnteza, já que seus pés não mais tocavam o fundo.

— Muito bem, rapazes — disse Charley vivamente. — Apanhamos os piratas! Não podem mais fugir! Se se mostrarem dispostos a brigar, nós os deixaremos aí mesmo e a água acabará com todos êles. Mas se se portarem como é devido, recolheremos um por um e serão salvos. Que dizem?

— De acôrdo! — gritaram, batendo os dentes.

— Então venham, um por um. O homem baixote, antes dos demais!

Chimpanzé foi o primeiro a ser alçado para bordo e subiu por sua própria vontade, embora protestasse um pouco quando lhe puseram as algemas. Barchi foi o seguinte, bastante dócil e resignado com o banho. Quando tivemos dez no bote regressamos e o segundo Whitehall foi carregado. O terceiro barco da polícia recebeu nove prisioneiros. Uma **pesca** de vinte e nove ao **todo**.

— Mas não apanharam o Tainha — disse o Chimpanzé, com ar triunfante, como se essa fuga diminuísse materialmente nossa vitória.

Charley, porém, sorriu:

— Mas vimos quando ia resfolegando como um boi prestes a tombar na arena tentando inùtilmente chegar à costa.

Era um manso e trêmulo punhado de piratas que fazíamos marchar pela praia na direção do depósito de ostras. Em resposta a chamada de Charley, a porta foi aberta de par em par e um calor agradável saiu ao nosso encontro.

— Aqui vocês podem secar as roupas, rapazes. Podem tomar, também, um pouco de café quente — anunciou Charley, enquanto faziam fila.

E ali, sentado tristemente junto do fogo, com uma caneca fumegante na mão, estava o Tainha... Nicolas e eu olhamos ao mesmo tempo para Charley, que riu alegremente.

— Isso é coisa da imaginação — disse. — Quando se vê uma coisa, é preciso ver bem e completamente. Do contrário... de que serve ver? Eu vi a praia, de modo que deixei um par de homens para vigiá-la. Isso foi tudo.

FRANKLIN, UMA GLÓRIA TRANSCONTINENTAL

(Continuação da página 24)

avanço da eletricidade na teoria e nas suas aplicações. Selecionava os fenômenos de cargas e fluidos, condutores e transferências de correntes, reações dos corpos materiais e até humanos. Trabalhou com a garrafa de eletricidade estática inventada pelo físico holandês P. van Musschenbroek, cujos efeitos impressionaram os inventores e os teoristas do século XVIII. Além de pesquisas sôbre eletricidade positiva e negativa explicou as atrações e repulsões como conseqüência dos eflúvios emitidos no espaço envolvente. Provou a existência da eletricidade atmosférica em 1752 e inventou o pára-raio, de cuja utilidade a física e a engenharia modernas ainda se aproveita. Peter Collinson anunciou na Sociedade Real de Londres a descoberta de Benjâmin Franklin realizada longe do continente europeu, na selvagem América. Os inglêses ouviram com um motejo a leitura das cartas.

Os físicos de tôda a Europa leram as observações de eletricidade conhecidas com o nome de "Cartas de Franklin a Peter Collinson". O tipógrafo triunfava na ciência, demonstrando que a vida mental ignora as fronteiras das castas sociais. Refletiu com a paixão de um naturalista sôbre as tempestades e questões de matemática, a aurora boreal e os sismos do globo. A revolução introduzida no pensamento pelas descobertas de Isaac Newton repercutiram na sua mente. Previu a influência do laboratório no futuro do progresso quando tudo ainda ia ser descoberto na química, na física e na mecânica. Saudou o nascimento da energia como a potência transformatriz da sociedade. Familiarizou-se com os filósofos David Hume e Claude Helvetius, com Voltaire e Edmund Burk. Relacionou-se ainda com Joseph Priestley, cuja sagacidade expandiu a física dos gases na Inglaterra.

A insaciedade de Benjamin Franklin motivou paralelos com outros garimpeiros da inteligência. John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos e seu contemporâneo, julgou-o — mais universal do que o filósofo Gottfried Leibnitz e o matemático Isaac Newton, mais universal do que Frederico, o Grande, e o próprio Voltaire — superando a todos pela inconfundibilidade do seu interêsse humano no conjunto dos fenômenos sociais. Os americanos e os europeus de tôdas as latitudes descobriram nessa personalidade frugal o vanguardeiro de uma civilização diligente e genuìnamente humana.

UNIVERSALIDADE FRANKLINIANA — A frugalidade frankliniana excitou os europeus do século XVIII, em cujos salões imperava o pedantismo e as restrições de etiquêta. Contemporâneo do ciclo da juventude colonial dos Estados Unidos quando o sentido prático da vida esmaga o introspectivismo, conservou entre a estafa dos negócios um alto sentido de espiritualidade. Sua moderação nos hábitos e sua espontânea conduta de homem simples aproxima-o da linhagem estóica do filósofo holandês Benedictus de Spinoza contrastando com êsse livre e solitário pensador pela operosidade e seus contactos com a vida corrente. Redigiu um epitáfio para seu próprio túmulo, cuja filosofia espelha todo o seu caráter e sua otimista humildade.

"O corpo de Benjamin Franklin, tipógrafo, como a capa de um livro antigo despojado do seu conteúdo, título e dourados, jaz aqui repasto para os vermes. Mas a obra não se perdeu porque uma vez mais reaparecerá — como é sua crença — em nova e mais bonita edição, revista e corrigida pelo autor".

Subordinava o interêsse ao benefício social e olhou a ciência como um instrumento rejuvenescedor do homem. Orgulhava-se de haver sido tipógrafo em sua juventude e de exercer o jornalismo como uma missão social.

O dinamismo quotidiano não ofusca o estilo dórico da sua existência, impregnado de uma verticalidade espiritual e de uma comunicativa sobriedade. A Universidade de Saint-Andrews e a Universidade de Oxford conferiram-lhe honrarias especiais na Inglaterra. Jornalista e escritor, filósofo e inventor, estadista e moralista, editor e comentarista público, superou seus contemporâneos na Europa.

Os inglêses em 1757, os alemães em 1766, os franceses em 1767, os irlandeses e os escoceses em 1771, reconheceram-no espontâneamente como um dos primeiros espíritos do século XVIII quando Benjamin Franklin viajou pela Europa. Elegeram-no a 21 de março de 1775 para o cargo de delegado da Pensilvânia ao Congresso Continental. Ia pelos setenta anos quando viajou até Paris como representante dos Estados Unidos da América. Aí por 1784, em Passy, perto de Paris, concluiu das suas reflexões históricas que os partidos afetam e conduzem os grandes problemas do mundo, guerras e revoluções, sendo os pontos de vistas ditados pelos interêsses imediatos e gerais, o que coincide com o determinismo econômico dos historiadores modernos. E descobre porque a humanidade marcha tão morosamente.

"Enquanto um grupo executa um desígnio geral cada homem tem em vista seu próprio interêsse privado. Logo que um partido consegue realizar seu ponto de vista geral, cada membro se concentra em seus interêsses particulares — o que contrariando os outros, fraciona tal partido em divisões causando confusão."

E como se vivesse no século XX diagnostica o vício fundamental do politismo contemporâneo deformado por odiosas ganâncias financeiras. "Um número ainda menor de indivíduos, nos negócios públicos, age tendo em vista o bem da humanidade." E pensou que só o "Partido Unido Para Virtude" harmonizava os interêsses de todos os homens entre as nações. Participou Benjamin Franklin da comissão dos cinco norte-americanos escolhidos para redigir a Declaração da Independência dos Estados Unidos, sendo os outros quatro Thomas Jefferson e John Adams, Philip Livingston e Roger Sherman.

A comissão incumbiu Thomas Jefferson de redigir o texto original em 1776. Impressionou os europeus no século XVIII tão fortemente quanto Voltaire na França, Goethe na Alemanha e William Pitt na Inglaterra pela essencialidade do seu caráter e do seu espírito, mais ainda pela inconfundibilidade do seu interêsse humano no conjunto dos fenômenos sociais.

INFORMAÇÕES MÉDICAS

A angina do peito pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a angina de esfôrço e angina de decubitus. A de esfôrço sobrevém em qualquer momento do dia. As causas são tôdas as que provocam uma tensão ou um espasmo arteriais: marcha acelerada, esforços dos membros superiores, digestões penosas, emoções muito vivas ou fadiga cerebral.

Por ocasião de uma crise de angina do peito, o enfêrmo é aniquilado ao mesmo tempo pela dor e pela angústia. A dor se situa por trás do esterno dando a impressão de que o coração foi apanhado num alicate. O doente sente ao mesmo tempo uma angústia terrível, que lhe dá a sensação da morte iminente e que não é mais senão a repercussão mental da dor. Fica na posição em que foi surpreendido pelo ataque. O rosto pálido, os olhos fixos, não ousa falar e mal consegue respirar. Sua pele se cobre de suor. A crise, em geral, é breve. Termina bruscamente e a angústia é substituída por uma agradável sensação de retôrno à vida.

A angina "de decubitus" sobrevém à noite. O doente que se deitou bem disposto, é bruscamente despertado por uma dor violenta e pela angústia. Sente-se oprimido, tosse, escarra sangue. Em geral, a crise é mais longa e não desaparece espontâneamente apenas com a imobilidade.

Para abreviar a crise tanto da angina do esfôrço quanto da angina de decubitus, é necessário executar essas duas coisas elementares.

— Fazer o doente inalar nitrito de amila, depois de deitar 3 a 4 gôtas do mesmo preparado num lenço.

— Fazer o doente mastigar de uma a três drágeas de trinitrina. São ambos remédios de base. Dessa forma, todo anginoso deve ter sempre consigo, em casa ou na rua, uma ampola de nitrito de amila e drágeas de trinitrina.

Entre as crises, o doente seguirá um duplo tratamento: um visando melhoria do estado geral, outro destinado a combater as causas do mal. Em caso de fracasso do tratamento médico, pode o enfêrmo obter excelentes resultados por meio da cirurgia. Estas intervenções hoje correntemente praticadas, têm por objetivo regularizar os reflexos do coração.

Além dêsses tratamentos médicos o anginoso deve submeter-se às regras de uma higiene especial. Deve ter vida calma, evitar os esforços braçais, jamais apressar-se, vestir-se pausadamente, caminhar lentamente. Evitará o frio, os passeios quando o vento soprar fortemente. Seu lugar de estar, durante as férias, não será nem a montanha nem o mar, mas os bordos de um lago. Todo excesso intelectual e tôda emoção lhe farão mal e por isso estão proibidos. Jamais fumar charuto. No máximo três ou quatro cigarros por dia. Enfim, o anginoso vigiará atentamente o próprio pêso. Êste deverá ser ligeiramente inferior ao pêso normal de um indivíduo da mesma altura. A obesidade predispõe à degenerescência gordurosa e à hipertensão, que fatigam inùtilmente o coração.

UM FARAÓ REVOLUCIONÁRIO

(Continuação da página 49)

habituaram a ouvir essas frases. E é então que se impõe um problema delicado de influência... o mais secreto mistério dessa misteriosa história.

OS HEBREUS ESTAVAM NO EGITO

De onde vinha o monoteísmo dêsse Faraó revolucionário? Parece tão oposto a tôdas as tradições egípcias que não podemos compreender como tal idéia pode germinar, sòzinha, na consciência de um homem. Foi sustentado, recentemente, com numerosos argumentos, alguns impressionantes, que, desde a mais alta antiguidade, existiu no vale do Nilo uma corrente monoteísta, muito bem guardada em segrêdo pelos que eram os depositários. Uma religião esotérica, portanto, monoteísta, teria estado subjacente a todo o **bric-à-brac** de animais com corpos humanos e homens com cabeças de animais, que se apresentava como a religião oficial. Iniciado nessas doutrinas — que talvez ultrapassassem o quadro dos países do Nilo e se ligassem a outras análogas, essas religiões mitanianas — a rainha Tii fêz questão de formar, ela própria o seu filho nas mesmas. O nome de Aton, tomado ao panteon astral, teria tido, na realidade, um sentido misterioso.

Podemos sonhar longamente sôbre o assunto. De quais segredos e misturas de segredos era feita essa beberagem mística que embriagou a alma de Akh-en-Aton? Das florestas do Líbano e dos planaltos distantes do Taurus e da Pérsia, que heranças espirituais tinham chegado até êle? Aton, deus do Sol poente, que relações teria com o Adonis da Fenícia, também considerado um deus da vida, capaz de assegurar a felicidade dos homens? Um título que é constantemente dado a Nefertiti "aquela que faz Aton repousar com sua voz doce e suas belas mãos sustentando sistros" (instrum musical) faz irresistìvelmente pensar aos cânticos das sacerdotisas fenícias, em suas orações vesperais, voltadas para o sol poente.

Mas talvez haja maior mistério ainda. Aos que bem conhecem os textos da Bíblia sabem que na mesma há um salmo que recorda, de maneira espantosa, o grande hino de Aton. É o CIV ou CIII, segundo a Vulgata, um dos mais belos dos cento e cinqüenta, onde são cantadas, segundo uma ordem, ritmos e até mesmo expressões totalmente paralelas e muitas vêzes idênticas, como no poema místico do Egito, a glória do Criador e a beleza alegre do mundo nascido de suas mãos.

Qual dos dois salmos foi o primeiro, em data? Terá havido, para um e outro, a mesma origem, uma fonte comum, a qual dois grandes poetas recorreram, sucessivamente? Impossível dizer.. Os hebreus, quando Akh-en-Aton reinava, estavam sem dúvida em terra egípcia; sim, os mesmos hebreus que, seis ou sete séculos antes, Abrahão havia, numa teologia simples e sumária, mas de maneira definitiva e rica de futuro, chamado ao culto do Verdadeiro Deus, do Deus único. Estavam instalados no "país de Gessen", onde José, dois ou três séculos mais tarde, tinha instalado seus irmãos.

O caso de um semita chegar a primeiro ministro não era assim tão raro, pôsto que, além do testemunho da Bíblia, existe uma múmia, a de um vizir faraônico de características raciais acentuadas. Mais estranho ainda: fôra em Heliópolis que o rei revolucionário encontrara o velho culto do disco solar. E Heliópolis não é outra coisa senão essa cidade de On, na qual, segundo o livro do Êxodo, "Moisés foi sabedor de tôda a sabedoria dos egípcios".

Uma influência dupla e recíproca não pode, sequer, ser suspeitada? À corrente monoteísta, já existente no vale do Nilo, Israel, exilado, pode ter levado o impulso novo das suas já antigas certezas; ao mesmo tempo, os egípcios podem ter recebido um maior refôrço na sua fé num Deus único.

Mas quem, nesse jôgo sutil de influências, poderá jamais distinguir o que provém do rei revolucionário e o que provém da antiga mensagem de verdade que Abrahão, sete séculos antes, recebera do próprio Deus e da qual seu povo era o depositário?

Mas um ato de fé não é suficiente para que tôdas as coisas da terra caminhem como convém. Para isso seria necessário que a polícia, domínio impuro, escapasse à vontade dos homens puros. Na concepção do mundo que o rei místico havia planejado, não podia haver violência. Êle odiava a guerra, sonhava com a fraternidade universal, com uma humanidade reconciliada, sob o reinado de Aton todo-poderoso.

Porém a hora tinha sido mal escolhida para essa reforma de consciências. A Ásia se agitava, prêsa de vastas perturbações que nela começava a provocar a invasão ariana e que teve como um dos episódios destacados, cem anos mais tarde, a Guerra de Tróia. A Síria revoltada, a aliada Mitani em plena decadência, teria sido necessária, urgentemente, uma expedição militar, no gênero dos que Totmes III havia realizado. Akh-en-Aton recusou, preferindo renunciar às províncias a sacrificar

seus homens. De resto, perdido em seu êxtase, a que argumentos seria ainda acessível? A mãe, a enérgica Tii, ali não estava mais, para lhe sacudir o torpor..."

"Enfêrmo, o corpo magro e o rosto afilado — como o denunciam seus derradeiros retratos — parece um tuberculoso no último período da vida. Também sofre, aliás, as crises do mal sagrado. Em seu redor sente a traição em crescendo, a resistência. Os sacerdotes de Amon intrigam abertamente."

"Seu zêlo por Aton atinge a frenesia; não apenas ao deus dos adversários, mas também a todos os velhos deuses do Egito volta sua atenção, mandando apagar seus nomes. Que nem um só subsista! O neófito fanático não se contém mais. Sabe que vai morrer e que depois dêle sua obra estará encerrada. O exército está pronto para praticar as matanças que julga indispensáveis na Síria e na Palestina. Que restará, então, do sonho que êle tanto amou?"

Tinha trinta anos ao morrer. E logo após o embalsamamento do seu corpo, tôdas as medidas reformadoras que havia ousado foram destruídas. Seu próprio genro Tutankh-Amon, renunciou ao culto de Aton, submetendo-se com isso à tutela dos sacerdotes de Tebas, e gabando-se mesmo, numa inscrição, de haver "reerguido o que tinha sido arruinado, afastado a mentira e restabelecido a verdade".

Assim tudo voltou à ordem e o imóvel Egito continuou, por longos séculos ainda, o curso divino da sua eternidade. Quanto a êle, o rei poeta, objeto de execração, foi solenemente amaldiçoado pelo clero de Amon, novamente poderoso; sua múmia foi arrancada à paz do túmulo, levada para Tebas, atirada ao abandono, no túmulo de sua mãe, mesmo, parcialmente, queimada. Seu nome, por sua vez, foi implacàvelmente destruído, martelado em todos os monumentos.

— Assim findou essa nobre e misteriosa aventura — conclui.

"Mas nós que, trinta e três séculos mais tarde, meditamos o destino dêsse homem que se empolgou com a idéia de Deus, quase o consideramos como afeição fraternal. Porque êsse combate que êle travou por uma verdade tão próxima daquela que nos faz viver, quem sabe se não foi o nosso combate, o eterno combate dos homens, diante do mistério da vida e da morte e que só podem existir voltados para Deus?"

Comparação entre o Salmo de Akh-en-Aton e o Salmo 104 (103) da Bíblia

AKH-EN-ATON

O mundo está na escuridão, os leões saem de suas cavernas e as serpentes mordem.

Quando te ergues no horizonte, o duplo país egípcio fica em festa. Acordados e de pé, os homens apanham seus utensílios e começam a trabalhar.

Tôdas as árvores e plantas florescem para ti; os pássaros volteiam nos alagados e os carneirinhos saltam alegremente.

Os navios velejam subindo e descendo o rio. Os peixes saltam diante de ti e teus raios estão sôbre o vasto mar.

Como são múltiplas tuas obras! Por tua vontade foi criada a Terra e os homens, e as plantas e tudo o que nela existe.

No céu colocaste um Nilo, a fim de que êle tombe sôbre os homens, produzindo as torrentes das montanhas. O Nilo celeste é para todos, para os rebanhos de tôdas as nações.

Tu fizeste as estações para que cada coisa fôsse criada em seu tempo, que o inverno trouxesse o frio e o verão o calor.

Todos os sêres estão em tuas mãos, porque são tuas as criaturas. Tal como as fizeste, elas vivem; se desaparecesses, todos morreriam num instante. Tu és a duração da existência.

BÍBLIA

Tu espalhas as trevas e é noite; então os animais da floresta saem em ronda; os leões rugem atrás da prêsa.

Aos primeiros raios do sol, as feras recolhem a seus covis e é então que o homem sai, entregando-se ao trabalho e cuidando de suas obrigações.

As árvores do Senhor estão cheias de seiva... Todos os sêres esperam de ti o alimento. Tu abres a mão e todos se vêem cumulados de benefícios.

Eis o mar imenso, onde fervilham animais, grandes e pequenos. Os navios nêle navegam e também Leviathan, que criaste para brincar nas vagas.

Oh, Senhor! Como são múltiplas tuas obras! Tu fizeste com sabedoria. A Terra está cheia de tua criação.

Do alto de tua Casa, regas as montanhas; a Terra está revigorada e cheia dos frutos de tuas obras. Fazes a erva crescer para o rebanho e as plantas para o homem.

Tu fizeste a Lua para marcar o tempo e o Sol que sabe a hora do seu deitar.

Todos os sêres esperam de ti o alimento. Abres as mãos e êles se vêem cumulados de benfeitorias. Mas se teu Rosto se volta, êles expiram e Tu lhes retiras o hálito.

PRÓLOGO PARA UM ASSASSINATO

(Continuação da página 58)

Tinha um corpo pesado e vestia-se como se fôsse um homem de negócios. Soube, depois, que êle estava desempenhando as funções de perito até a chegada do novo médico-legista, que viria substituir o velho doutor morto alguns meses antes. Em redor dêsses dois homens estavam os hóspedes e administradores do Caribou Hotel, que formavam a pequena lista de possíveis assassinos e que eram Ellen Shaw e seu irmão Hal Shaw, o pequeno e silencioso major e Peggy, a criada. Havia ainda o cozinheiro, um velho chinês, Lin, e um homenzinho pálido, que se mantinha um pouco afastado e que era o sr. Phipps, contador do hotel.

Mas, além do pessoal do hotel, havia o sr. e a sra. Harvey Young, de Seattle, que me pareceram elegantes de mais para aquêle tipo de hotel. Harvey Young era alto, bem parecido, e tinha um rosto suave. Sua espôsa era mulher extraordinàriamente bela — sem dúvida alguma uma das mais belas que já tive a oportunidade de ver.

Mas até êste ponto ninguém havia mencionado a ausência de James Wellington Sykes.

Harvey Young parecia perceber que eu desconfiava das perguntas do delegado. E de repente tomou a palavra:

— Escute — começou êle. — Uma pessoa foi assassinada. Por que, então, não telefona para o continente pedindo algum detetive? Sei perfeitamente que o senhor é o delegado local, mas isto não estará fora da sua alçada?

O delegado Joe Wright sorriu.

— Pode ser que sim — reconheceu êle. — Mas até que esta cerração se dissipe e os detetives possam chegar até aqui, talvez já seja tarde de mais para resolver o caso. Assim, peço a todos vocês que não se afastem do hotel.

Alguns dos que ali se encontravam começaram a sair vagarosamente da sala. Mas George Brooks e Phipps ficaram juntamente com Ellen Shaw e seu irmão. Quanto a mim, resolvi ficar também, não porque ainda me sentisse abalado pela pancada que levara na cabeça, mas porque sabia que **qualquer coisa ia acontecer,** dentro de pouco tempo.

— Então, que acha disso tudo? — perguntou George Brooks ao delegado.

Joe Wright, depois de pigarrear prolongadamente, levantou-se e ficou de pé ao lado da mesa.

— George; temos um assassinato que requer um exame policial. Uma senhora de idade avançada foi assassinada com uma punhalada nas costas. Duvido que um médico, qualquer que seja a sua capacidade, venha dizer ao contrário. Não encontramos, ainda, a arma usada pelo criminoso, mas parece-me tratar-se de uma faca de lâmina muito alongada. Provàvelmente uma faca de cozinha. Porém, Lin — o cozinheiro — jura que nenhuma de suas facas desapareceu. Ouvindo Wright, notei que suas palavras se tornavam mais ríspidas, enquanto seu olhar assumia um aspecto terrível. Talvez por esta razão comecei a ficar nervoso e a sentir mêdo.

— Grace estava no quarto de Jim Sykes por qualquer motivo — continuou o delegado. — No soalho, havia uma fronha que, certamente, foi utilizada pelo assassino, a fim de silenciar a infeliz antes de desferir o golpe. Depois, antes de que êle pudesse sair foi surpreendido pelo sr. West, o pilôto. Foi quando apanhou o castiçal e com êle atacou o homem que assim podia atrapalhar sua fuga.

— Joe; você não acha que estamos perdendo tempo? — perguntou George Brook.

O delegado pareceu refletir, com ar aborrecido.

— Oh! Não pense em que estamos perdendo tempo? — perguntou George Brooks, retomando o seu tom de voz anterior. — A realidade é que Sykes não pode sair da ilha com esta cerração. E, depois, já notifiquei as autoridades do continente e das outras ilhas, pedindo a sua prisão, caso o encontrem.

Ouvindo-o, Ellen se ergueu, dirigindo-se ao delegado, e encarando a autoridade.

— O senhor está acusando o tio Jim?

Wright coçou a cabeça, num gesto de hesitação:

— Não estou acusando seu tio, nem outro qualquer, Ellen. Mas devo restringir-me aos fatos. Grace foi encontrada morta no quarto de seu tio Jim Sykes. E êle logo depois desapareceu! Como posso desprezar essas coisas?

Era exatamente isto o que faltava! Enfim, o delegado tocava no ponto principal — **o desaparecimento de James Wellington Sykes** — que parecia-me o "pivot" de tôda a história.

— Não espero que o senhor despreze isto ou aquilo — disse Ellen, com petulância. — Mas está acusando tio Jim de assassinato, antes mesmo de encontrá-lo, de falar com êle, de ouvir o que tem a dizer.

— Para ser franco, alimento suspeitas de que seja êle o assassino — disse Wright friamente. — Porém, não o estou acusando formalmente. Além disso, tenho alguns elementos contra êle. Eu só desejaria saber por que razão Jim Sykes voltou a esta ilha Caribou, assim repentinamente, depois de cinco anos de ausência?

— Êle só veio porque recebeu um telegrama.

— Não sei se isto é verdade. Grace afirmou que não tinha passado telegrama algum. Já entrei em contacto com os Correios e Telégrafos no continente, porém, até que tenha uma confirmação, não posso aceitar isto como um fato consumado e digno de crédito.

— Mas não se esqueça de uma coisa — interrompeu George Brooks.

— De quê?

— Você deve ter tido conhecimento do boato que correu pela ilha, quando se soube da vinda de Jim. Dizia-se que a finalidade da sua vísita era arranjar mais um escândalo para um outro livro.

Era a primeira vez que se fazia referência a James Wellington Sykes como autor literário. A possibilidade de um novo livro, que servisse de seqüência a "Ilha Secreta" começou a despertar o meu interêsse.

— Mas nada disto está confirmado, George! — disse o delegado, com enfado. — E não posso tirar conclusões baseadas em rumores! Por enquanto, devo encarar a situação como ela é na realidade. Jim Sykes retorna depois de cinco anos de ausência. Sua prima é assassinada, êle desaparece...

O delegado olhou para Ellen Shaw.

— Se você quiser — disse êle — posso concatenar todos êsses fatos e estabelecer um motivo lógico. Jim poderia ter assassinado Grace... por dinheiro! Esta suposição é baseada no que me disseram seu irmão e o sr. Phipps. Que pensa disto? — finalizou, dirigindo-se a Hal Shaw.

— Não sei... — disse êste último com relutância. — É verdade que ontem à noite ouvi uma discussão entre tia Grace e Jim. Jim estava tentando obter o consentimento de tia Grace para vender a propriedade que êles têm em condomínio na ilha Entrance. Mas ela não queria. A discussão estêve bastante acalorada. E nós — isto é, Ellen e eu — não sabemos a quantidade de terra que êles possuem; mas suponho que deve valer muito dinheiro, pois do contrário Jim não teria insistido tanto.

O delegado rodou ligeiramente nos calcanhares, a fim de interrogar o sr. Phipps, o contador do hotel. O tímido homem estremeceu quando o delegado pronunciou o seu nome.

— Vamos, sr. Phipps; fale! — disse Wright.

— Bem, senhor... Eu estava na cozinha, às dez horas da noite passada, quando miss Sykes veio reclamar a Lin o jantar que havia sido servido. E quando ela se retirou, encontrou Jim no corredor; então, ouvi êste dizer: "Grace, preciso do dinheiro". Ao que ela riu e respondeu que não concordaria com a venda da propriedade. Foi tudo o que ouvi — concluiu o homenzinho, que logo se encolheu todo, como se quisesse desaparecer da sala.

O delegado dirigiu-lhe um olhar firme.

— Não, Phipps; não foi só isto o que você ouviu.

O homem esfregou as mãos trêmulas.

— Bem... ouvi ainda miss Sykes dizer: — "Por que você não me mata, Jim? Só assim ficará com tôda a propriedade e poderá dar uma parte a Ellen e Hal."

— Que me diz, agora, Ellen? — perguntou, calmamente, o delegado.

— Muito bem — disse a moça — mas por que o senhor não me acusa de assassinato? Eu preciso muito de dinheiro, quase que o hotel abre falência, e tia Grace nunca ofereceu-me qualquer ajuda.

Uma coisa, porém, não tinha ficado esclarecida: **Ellen falara apenas por si e não por Hal, que, segundo me haviam dito, era o co-proprietário do hotel.**

— Jim Sykes é o herdeiro de Grace, não é verdade? — perguntou George Brooks, como se pretendesse auxiliar Ellen.

— Também sou herdeira do tio Jim!

O delegado Joe Wright deu uns três passos na sala. E num tom quase ríspido falou:

— Ellen; você sabe que sou seu amigo. Mas também sou o delegado; assim, julgo que não deve fazer declarações que possam servir de provas contra você. Ando a procura de Jim Sykes — afirmou. — E pretendo encontrá-lo! A verdade é que, durante a noite ou de manhã muito cedo, êle desapareceu inexplicàvelmente.

(Continua no próximo número)



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guarachca, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

O SUICIDA

(Cont. da pág. 74)

Tudo tinha começado naquele dia:

— Garanto a vocês que qualquer dêstes dias não me vêem mais; embarco como clandestino em qualquer barco que vá para a África.

— Você fala por falar... — dissera Lerena, um dos que agora velavam por trás da vidraça.

— É tão simples — assegurou Julião. — Logo que termine o científico sumirei!

— E não terás mêdo? E se te devolverem?

— Devolverem como? Apresentar-me-ei à polícia de Port Said, pois é para lá que pretendo ir, como aquêle protagonista do filme... Lá chegado, direi que não tenho pais, que não me recordo do país de onde venho, e outras respostas habilidosas... e deixarão que eu fique. Vocês vão ver!

— E vais negar teus pais?

— Depois de algum tempo, mando-lhes um aviso, sem dar minha direção, é claro. E quando chegar a chefe de uma tribo — disse com ar sonhador — mando buscar vocês.

— Quero ver isso! — comentou Benedito, saltando para as costas de Barden, como se quisesse viajar montado nêle. Assim se chamavam os três amigos, Lerena, Benedito e Barden. Os mesmos companheiros de Julião, que agora se achavam, mudos, por trás da vidraça.

Julião regressava para casa e se encerrava em seu quarto. Não apenas relia todos os anos "A Ilha do Tesouro", "Os Tigres da Malásia" e "Capitão Kid", como também escrevia sua própria versão dessas novelas.

Quando começou o científico já havia escrito cadernos com transcrições inteiras de capítulos das novelas que mais lhe haviam agradado. Além disso, cercara-se de lentes de aumento, cartas geográficas, itinerários velhíssimos, preparando-se para descobrir uma ilha, em qualquer mar ou oceano do planêta.

À saída do colégio, convidava a Lerena e Benedito, levava-os para o Jardim Botânico e lia para êles suas histórias ou os relatos que ia descobrindo ou inventando. Os outros cansavam de ouvi-lo e afastavam-se, para correr um pouco ou buscar ninhos de passarinhos.

— Mas, afinal, teu "velho" sabe que pretendes fugir? — perguntava um.

— E quando será **isso**? — queria o outro saber. — Há seis anos que vives anunciando. Sempre com a mesma história. Primeiro era para quando terminasse o ginasial... Agora já o ginásio ficou para longe e continuas a anunciar a viagem...

Julião os fitou, muito sério, e disse:

— Vai ser êste ano. Logo que termine o inverno...

Êles não acreditaram. No entanto, dias depois, Lerena perguntou a Julião:

— Vens conosco ao cinema, amanhã?

— Tenho que ir a uma agência... É que, agora vou mesmo, sabes?

— Mas, estás falando a sério mesmo? Vais dar o fora, assim, sem mais nem menos...? E se te prendem?

— Nada... É muito fácil; estive conversando com um marinheiro.

— Marinheiro? Onde?

— Num bar do cais...

— Mas... Estás louco? E que disse êle?

— Que também êle, na primeira viagem, foi como clandestino.

Barden, mais prático que os demais, observou:

— Mesmo como emigrante terás que levar algum dinheiro.

— Claro... — respondeu Julião.

— E quando vai ser?

Julião levantou o olhar do chão, depois disse:

— Lá para setembro... Você já esqueceu que é quando chega a Primavera à Argentina?

Falatvam dois meses. Êsses meses passaram reunindo-se infalìvelmente, à tarde, à saída do colégio, num bar próximo.

Barden e Lerena eram os encarregados de levar a Caixa de Empréstimos, para venda imediata, as coisas que sub-reptìciamente ia retirando de sua própria casa, o futuro clandestino. Um "abat-jour" antigo, de bronze, que não funcionava, um velho gramofone, um manequim de arame. Também êles contribuíam. Tinham chegado a juntar quinhentos pesos, quando Lerena disse:

— Por que não compras uma passagem?

— Não sabe que sou menor, idiota?

Agora faltava escolher o navio.

Foram à Mala Real Inglêsa e comprovaram que, com escala em Port Said, saía o "Royal Princess", em 16 de setembro. Era um misto, para carga e passageiros em quantidades iguais, segundo informara o marinheiro conhecido de Julião. E isso era o que convinha, pois facilitava o acesso à bordo.

Júlião passava as noites sem dormir, em seu quarto, "preparando os papéis", como dizia; tratava de coser entre o fôrro e a roupa que vestiria, o imprescindível para a viagem: o revólver do pai, a lente, um tubo de penicilina, uma adaga chinesa, uma pata de coelho, como a do capitão Blood, uma pequena Bíblia, para o caso do navio naufragar em uma ilha e êle poder catequisar os indígenas.

Barden averiguou que para subir ao navio como simples visitante, eram necessários cartões de visita; porém disso se ocuparia no dia anterior ao da partida.

— Espera um pouco mais... até que passem as festas do fim do ano. Já imaginaste tua mãe em dezembro, como estará? Que te custa ir um, dois meses depois? — rogava Lerena.

Os outros dois, Barden e Benedito, não faziam outra coisa senão incitá-lo a que partisse, quanto antes.

— Dêsse jeito não te vais decidir nunca! Já estou ficando enjoado com essa viagem que nunca se realiza!

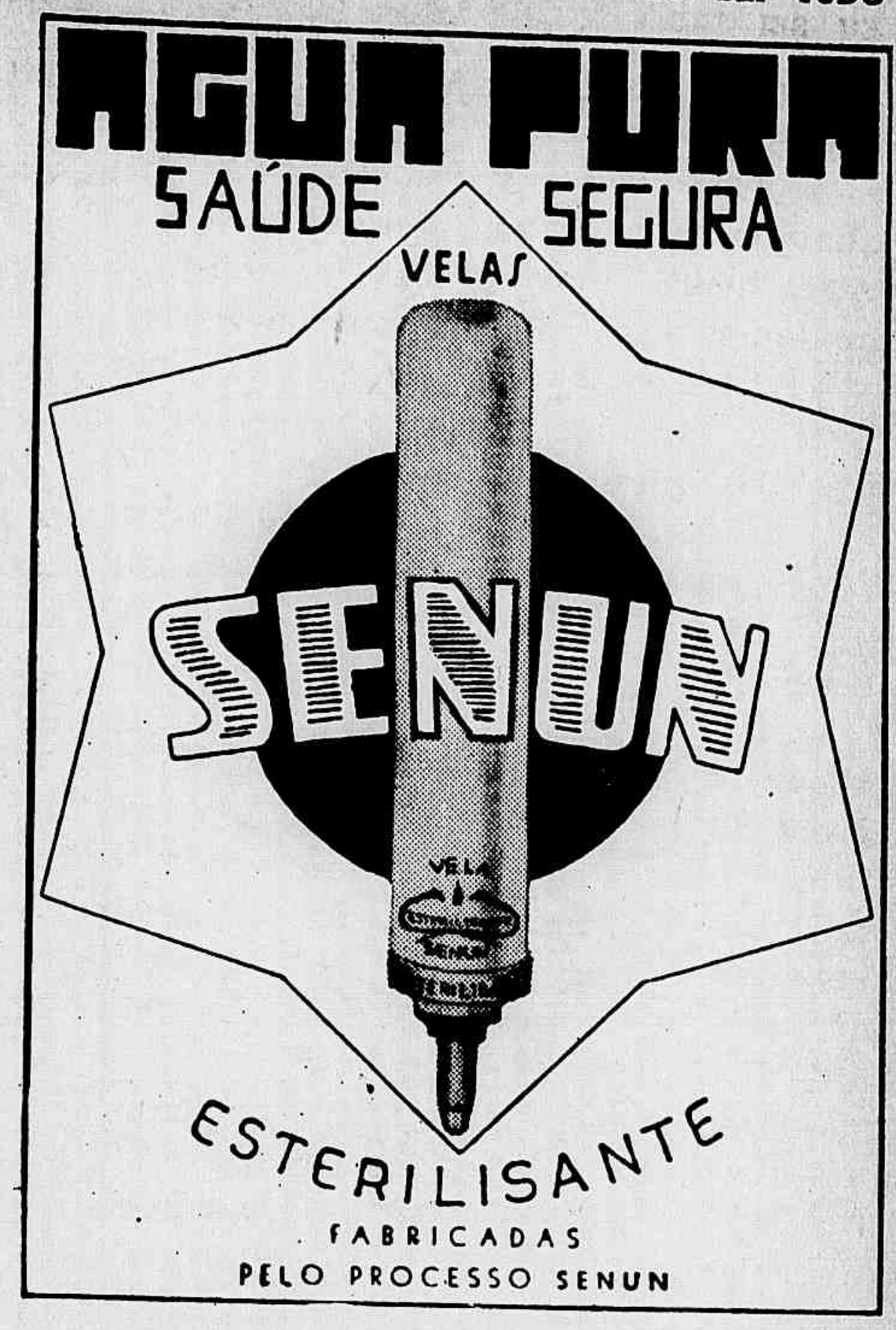
— Não deves ligar ao que te diz Lerena. Ainda ontem afirmava que você não vai embarcar coisa nenhuma!

Passou alguns dias com febre, fechado no próprio quarto. Os amigos o visitavam tôdas as tardes e informavam sôbre o que haviam planejado durante a noite; não dormiam, planejavam, uma e mil vêzes a forma como Julião deveria esconder-se no navio, até Montevidéu.

ESSA manhã Julião entrou no quarto de Laura e observou alguns instantes como dormia. Ela despertou sobressaltada e disse:

— Que quer você em meu quarto, a esta hora? Você me assustou!

— Nada. Procurava uma tesourinha — respondeu, abrindo a gaveta da mesinha de cabeceira.



A seguir, foi ao quarto de seus pais: abriu lentamente a porta e parou ali mesmo, sem ousar penetrar nem recuar. Depois retirou-se. Vestiu uma roupa grossa, que o agasalhasse bem, em caso de necessidade, e em cujo fôrro guardara os objetos variados que poderiam ter utilidade... e lentamente desceu a escada; sempre havia pensado que os degraus rangiam muito mais durante a noite ou pela madrugada do que durante o dia.

Abriu a porta, empurrou o portão e dirigiu-se para a estação do subterrâneo. Na praça Miserera, estavam os três, esperando-o: Benedito, Barden e Lerena. Comeram qualquer coisa num café e durante tôda a manhã passaram caminhando pelas docas norte. À tarde foram a um cinema da rua Corrientes ver um documentário sôbre os fumadores de ópio. Às seis da tarde desceram por Viamonte até o pôrto. Tinham decidido que fariam as despedidas antes da grade do cais, a fim de evitar suspeitas.

— Tens que ter cuidado... É preciso evitar brigas... Podem matar-te! Escreva-nos para a posta-restante, cada quinze dias

e, já sabe... manda-me chamar. Nada diremos, pode estar certo! Já juramos! — repetia Barden.

Quando chegaram a Viamonte e Buchardo e entraram na avenida do cais viŕam o gradil alto. Julião retirou do bôlso o cartão de visita a bordo e a seguir voltou-se para Lerena.

— Aqui vocês ficam — disse êle. — É melhor eu siga sòzinho.

Ficaram em silêncio. Julião se aproximou de Barden e disse, apertando-lhe um braço.

— Se me mandarem de volta, tentarei outra vez! Mil vêzes, se fôr preciso.

Depois, abraçou a Lerena; aos demais apenas apertou a mão. Caminhou apressado e sem voltar a cabeça, até a prancha. Quando começava a subir, foi detido por um marinheiro. Com êle trocou algumas palavras, exibiu o cartão e depois, já a meio caminho, subindo, olhou para baixo; lá estavam os três, muito juntos e absortos, sem atrever-se a chegar perto do grande navio.

Julião chegou até a primeira ponte, onde logo desapareceu, perdendo-se no vaivém de passageiros, visitantes e marinheiros.

As cabines estavam fechadas. Subiu ao andar superior, junto da ponte de comando. De uma cabine viu sair um marinheiro. A porta ficara aberta. Não pensou mais. Passou uma vez diante da cabine e observou que havia um espaço vazio sob o leito. A cabine não tornaria a ser limpa até o dia seguinte, e se tivesse sorte, o oficial (porque era, sem dúvida, a cabine de um oficial) não notaria a sua presença até Montevidéu, pelo menos. Penetrou na cabine e deslizou sob o leito, onde ficou estirado.

"Ninguém me descobrirá" — pensou.

Consultou a bússola que tinha pendurado por um cordel ao pescoço. Apoiou a cabeça sôbre um braço e, a seguir, ouviu a voz do marinheiro que vira sair da cabine.

— Já terminei com o cento e vinte. Agora posso descer.

O coração de Julião cessou de bater por meio segundo. Ouviu fechar a porta da cabine. "Estou prêso para sempre!" — pensou, alvoroçado. Porém a chave continuou a rodar em vão na fechadura.

— Esta fechadura está quebrada — anunciou o mesmo marinheiro.

"Graças a Deus!" — murmurou Julião, aliviado.

Não soube bem como transcorreram os minutos seguintes. Ouviu uma vez mais quando alguém entrava na cabine e tornava a sair, imediatamente, e quando começou a anoitecer, ouviu o primeiro silvo da sereia e uma voz que repetia sem cessar:

— Visitantes para terra... Visitantes para terra...

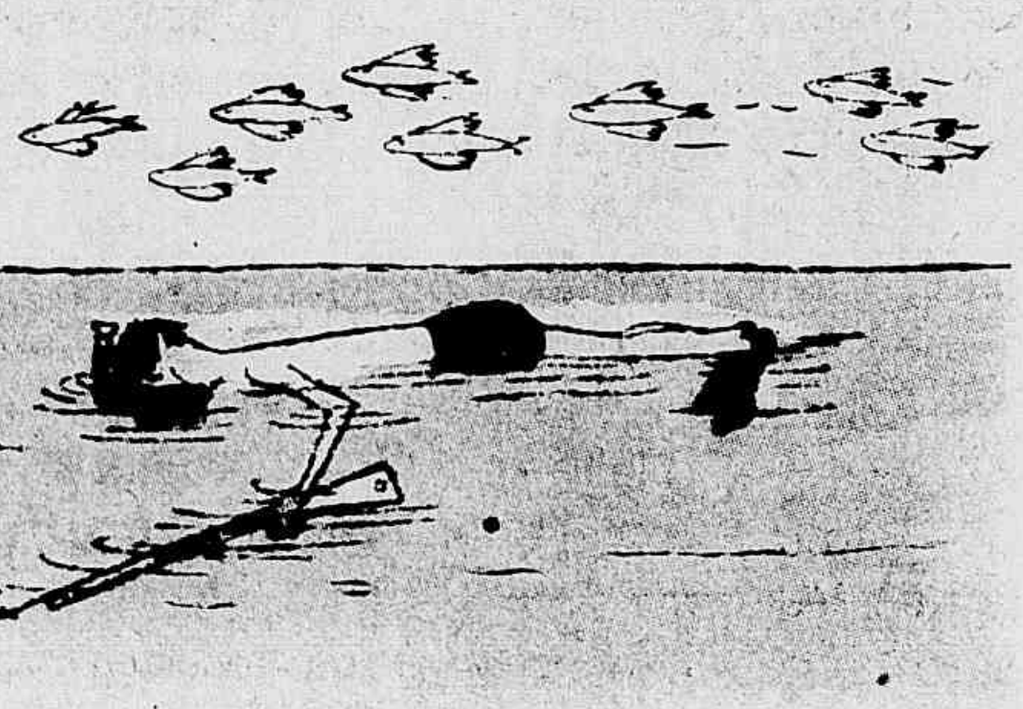
Entre a primeira e a segunda sereia de partida adormeceu. Foi, talvez, entre esta última e a terceira que seu coração começou a bater apressadamente e a faltar-lhe a respiração. Depois não podia mais saber se o que ouvia era o ruído das máquinas ou do seu próprio coração. Estirou as pernas para fora do leito e saiu de sob o mesmo. Depois... não pensou mais, não pôde pensar mais, abriu a porta e correu pelos corredores e no instante em que era dado o terceiro e último sinal de sereia, Julião descia, escondendo-se entre as demais pessoas que desciam pela escada do "Royal Princess".

Só queria estar em casa. O resto, veria depois.

Já estavam sentados à mesa. Ninguém censurou sua demora. Comeu, pausadamente, depois dobrou o guardanapo, aproximou o copo dos lábios e disse:

— Vou deitar cedo; estou muito cansado esta noite.

◆



PODE CRIAR-SE A VIDA?

(Continuação da página 62)

se integram, pura e simplesmente, ao material genético da célula que infecta.

NOVA FACE DO PROBLEMA — Esta é uma nova face do problema, sôbre o qual os trabalhos realizados pelo Instituto Pasteur, de Paris, lançam uma luz apaixonante. É difícil penetrar nos detalhes destas investigações. Digamos, para abreviar, que a presença do vírus nas células é muito mais freqüente do que se acredita. A infecção nem por isso ocorre, necessàriamente. O vírus de fato, está oculto ou permanece em estado latente. Integrado à célula, segue seu destino sem perturbá-la. Isto é: quando a célula se divide, ambas as partes conservam um vírus em estado oculto: nada, realmente, manifesta sua presença. Porém é bastante que uma influência exterior quebre repentinamente êsse equilíbrio, para que o vírus comece a multiplicar-se e a destruir células: então é a infecção.

E como procede o vírus, para fazer-se reproduzir? Em que consiste esta rutura de equilíbrio que faz que um vírus até então oculto comece a multiplicar-se? Eis o que se ignora, ainda.

O descobrimento do dr. Fraenkel Conrat lança sôbre isso alguma luz?

Não, diretamente. Porém abre às investigações uma direção extremamente fecunda. Os norte-americanos separaram no vírus o ácido nucleico da proteína e tornaram a uni-los.

Agora perguntamos: que sucederia se substituíssem, por exemplo, o ácido nucleico originário por outro? Ou a proteína? Ou se lograssem fazer a síntese de algum outro ácido nucleico e de alguma outra proteína, etc.

Resumindo, tentariam a hibridação do vírus, como é praticada sôbre os animais e as plantas. Assim se compreenderá, talvez, como se reproduzem... e talvez se venha a descobrir onde começa a vida.

◆

ESTATÍSTICA JUDIA

OS judeus que formam o Estado de Israel são um milhão e duzentos mil. Os que vivem espalhados pelo mundo inteiro somam doze milhões. A superfície de Israel é de vinte mil quilômetros quadrados e tem mil quilômetros de fronteira com quatro países árabes: Líbano, Síria, Jordânia e Egito.

OS dedos de uma datilógrafa percorrem diàriamente no teclado da máquina de escrever uma distância de vinte a trinta quilômetros; supondo-se que trabalhe duzentos e quarenta dias por ano, ao fim de cada ano terá coberto uma distância igual a de Paris a Washington.

DOIS meninos chamam a atenção dos especialistas por seu precoce desenvolvimento. Mohammed Ibrahim Sellin, do Cairo, tem seis anos e mede 1 metro e 50 centímetros de altura; possui uma voz de homem maduro e uma forte musculatura. Giuseppe Campo, de Siracusa, com apenas 5 anos de idade, tem 1 metro e 25 centímetros de tórax, come em cada refeição trezentas e cinqüenta gramas de pão e um quarto de quilo de massa italiana.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



CORRESPONDÊNCIA

Jean Eversong — (Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro) — Não foi ainda pôsto a venda no Brasil. Ignoramos a razão.

◆

Guilhermina Morais Costa (Marinhata do Vouga, Portugal) — Voltamos a afirmar a nossa boa-vontade de atender ao seu pedido, tudo dependendo de problemas técnicos, que esperamos resolver dentro de pouco tempo. Gratos por seu favor.

◆

Antônio M. Reys (Salvador, Bahia) — O pedido de junho foi atendido pelo nosso escritório. A segunda carta não foi recebida. Muito menos o material fotográfico. Aguardamos.

◆

Manuela Pereira de Paula (Poços de Caldas - Estado de Minas Gerais) — Logo que fôr possível, pois depende do material que nos chegar às mãos. O romance foi publicado em 1932. Deve aguardar um pouco mais.

EU SEI TUDO

N.º 470 — Ano XL **N.º 2 — Julho — 1956**

SUMÁRIO:

O presente esquecido (conto) ..... 5 a 8
O eterno dilema: Dar ou não dar gorjeta? ..... 9 a 11
Números fabulosos de hoje 12
Aonde foi que guardei? 12
Uma incursão entre os piratas de ostras (conto de Jack London) ..... 13 a 18
Modernidade dos que vivem além do presente: Franklin, uma glória transcontinental 19 a 24
Segredos de Scotland Yard: O assassino usava chapéu apertado ..... 25 a 27
Agora, vão domesticar a bomba-H .... 28 a 33
Assim vai o mundo 34
A morte com meias de sêda (romance, continuação) ..... 35 a 42
Um faraó revolucionário (policromia) 43 a 49
4 idéias para o seu "TV" ..... 50 a 51
S.O.S. para o seu lar 52
Prólogo para um assassinato (novela de John Rhodes Sturdy) ..... 53 a 58
É possível criar a vida? (O maior descobrimento dos últimos tempos) ..... 59 a 62
O mistério Rasputin ..... 63 a 70
A ciência ao alcance de todos 70
O suicida (conto de Beatriz Guido) .. 71 a 74
Os que procuram tesouros: O "Lusitânia" revelará um dia o seu pungente segrêdo? 75 a 81
Conselhos de uma quituteira 82
Páginas imortais: O passo da pátria 83
Um pedaço da lua... por cem dólares! 84
Até debaixo de neve! 84
Para maior segurança das estradas 84
A rainha do romance policial: (Agatha Christie ganhou com o crime mais dinheiro do que qualquer outra mulher, desde a sinistra Lucrécia Bórgia) ..... 85 a 90
Vamos pedalar? 90
Atenção! Atenção! Muito cuidado! 90
Não haverá mais bêbedos? 90
O regresso do "herói" 90
A pupila do rei (romance, continuação) 91 a 97
Memento EU SEI TUDO (maio de 1956) 97 a 102
Charadas, Quebra-Cabeças, etc. .... 103 a 108

A CAPA — **Obra-prima da arte armaniana, existente no Museu do Louvre, a famosa "Cabeça", pertencente a uma das filhas de Akh-en-Aton e da bela Nefertiti. (Ver artigo à página 43 desta edição.)**